

VIVA O VERDE SP

Produto 2.1

Avaliação Específica de Espaços Públicos
Parques Municipais da Região Leste de São Paulo





Edição 2025

Parques avaliados:

**Parque Linear Água Vermelha
Parque Vila do Rodeio
Parque Sapopemba
Parque Linear Zilda Arns**

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

Prefeito

Rodrigo Ashiuchi

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Wanderley de Abreu Soares

Secretário Adjunto do Verde e do Meio Ambiente

EQUIPE TÉCNICA DA PREFEITURA DE SÃO PAULO

Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA)

Tamires Oliveira

Chefe de Gabinete

Rodolfo Maiche

Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental

Felipe de Albuquerque

Assessoria Jurídica (AJ)

Cleide Cremonesi

Assessoria de Comunicação (ASCOM)

Tatiana Coelho

Coordenação de Administração e Finanças
(CAF)

Christiane Ferreira

Coordenação de Licenciamento Ambiental
(CLA)

Gabriela Chabbouh

Coordenação de Educação Ambiental (DEA)

Rodrigo dos Santos

Coordenação de Fiscalização Ambiental
(CFA)

Liliane Arruda

Coordenação de Gestão dos Colegiados
(CGC)

Juliana Summa

Coordenação de Gestão de Parques e
Biodiversidade Municipal (CGPABI)

Rosélia Ikeda

Coordenação de Planejamento Ambiental
(CPA)

Ana Lúcia de Jesus

Núcleo de Desenvolvimento de Tecnologia
da Informação e Comunicação (NDTIC)

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS (ONU-HABITAT)

Elkin Velásquez

Diretor Regional para a América Latina e o Caribe

Rayne Ferretti Moraes

Chefe do Escritório do Brasil

Ana Elisa Larrarte

Gerente de Desenvolvimento de
Programas, Monitoramento e Avaliação

Aléxia Saraiva

Gerente de Comunicação & Advocacy

Julia Caminha

Gerente de Gestão do Conhecimento

Daphne Besen

Gerente de Programas e Relações
Institucionais

Leta Vieira de Sousa

Especialista de Resiliência e Mudança
Climática

Maria Fernandes Caldas

Especialista em Desenvolvimento Urbano
Sustentável

Tássia Regino

Especialista em Urbanização de
Assentamentos Precários e Habitação
Social

Vanessa Tenuta de Freitas

Assessora Técnica de Desenvolvimento de
Programas

Fábio Donato | Julia Rabelo | Laura Collazos | Tiago Marques

Analistas de Programas

Giselle Mansur Batista | Gustavo Aires Tiago | Pedro Araújo Patrício | Vivian Silva

Analistas de Dados

Flávia Scholz

Analista de Comunicação

Camila Nogueira

Designer Gráfico

Gabriela Güllich

Designer Gráfico Júnior

Claudia Bastos de Mello

Coordenadora Financeira

Jessica Blanco

Assistente Administrativa

Adriana Carneiro

Coordenadora de Recursos Humanos

Carina Lucena | Carolina Oliveira

Analistas de Operações

Mariana Assad

Assistente de Operações

Severino Marcelino de Azevedo

Motorista

EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO

Jordi Sanchez-Cuenca

Coordenador de Programas

Bruna Leite
María Fernanda Godoy
Analistas de Programas

Julia Rocha
Laura Figueiredo
Assistentes de Programas

Guilherme Justino
Analista de Comunicação

Tiago Lourenzi
Assistente de Dados

REDAÇÃO
Bruna Leite
Julia Rocha
Laura Figueiredo
María Fernanda Godoy

REVISÃO FINAL
Julia Vilela Caminha

Agradecimentos

Com sua reconhecida estrutura urbana e 11,5 milhões de habitantes, São Paulo tem uma cobertura vegetal que abrange quase metade do seu território. A urbanização acelerada de São Paulo, como muitas outras cidades globais, demanda por espaços verdes públicos que garantam o exercício dos direitos humanos ao lazer, à saúde e ao meio ambiente para toda a população. Neste contexto, nos últimos anos, a capital paulista tem investido na ampliação dos parques, em formas de aprimorar os usos destes espaços e promover uma reaproximação da população com as áreas verdes.

A iniciativa Viva o Verde SP contribui para acelerar essa reaproximação do ponto de vista da população e da administração municipal ao aplicar ferramentas propostas pela Agenda 2030 e pela Nova Agenda Urbana, assim como ao trazer metodologias do Programa Global de Espaços Públicos.

O ONU-Habitat vem trabalhando com as secretarias da Prefeitura de São Paulo para promover aspectos como a governança compartilhada, a participação e o estreitamento das relações horizontais, que são fundamentais para garantir o alinhamento contínuo e a capacidade de resposta às demandas da população de São Paulo.

O Viva o Verde SP segue uma perspectiva interseccional, ou seja, orientada pela igualdade de gênero e promoção da diversidade, e visa elucidar a ação climática, valorizando a biodiversidade e os biomas locais e contribuindo com a melhoria do ambiente urbano e da saúde da população.

Este relatório nos aproxima da realidade local de dez parques municipais de São Paulo, permitindo que as ações nesses espaços respondam de forma precisa às particularidades do contexto e às necessidades da população vizinha e de visitantes, com ênfase nas mulheres e meninas, pessoas com deficiência e outros grupos vulnerabilizados. Esse enfoque é fundamental para implementar as políticas públicas de forma eficiente e sustentável.

Neste documento apresentamos os resultados da aplicação da ferramenta global Avaliações Específicas dos Espaços Públicos do ONU-Habitat em dez parques municipais de São Paulo, priorizados a partir de uma metodologia baseada em evidência, buscando fortalecer a

coesão social e a sustentabilidade ambiental dos bairros onde se inserem.

Desejamos uma boa leitura!

ONU-Habitat e Agendas Globais

O Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) foi criado em 1978 durante a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos, a Habitat I, com o principal objetivo de promover cidades socialmente, economicamente e ambientalmente sustentáveis. O ONU-Habitat trabalha em mais de 90 países para promover mudanças transformadoras através do conhecimento, assessoria em políticas públicas, assistência técnica e ação colaborativa. Realiza investigações inovadoras e capacitação, estabelece padrões, propõe normas e princípios, partilha boas práticas, monitora o progresso global e apoia a formulação de políticas relacionadas com cidades e assentamentos humanos sustentáveis.

O ONU-Habitat fornece assistência técnica a partir de sua experiência única em urbanização sustentável e resposta a crises. Implementa projetos para fornecer apoio personalizado e de valor agregado às parcerias locais e nacionais. Colabora com governos, agências intergovernamentais, agências da ONU, organizações da sociedade civil, fundações, instituições acadêmicas e o setor privado para alcançar resultados duradouros na abordagem dos desafios da urbanização.

Desde 2015, o trabalho do ONU-Habitat tem sido realizado a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos na Agenda 2030. Com 17 objetivos e 169 metas, os ODS são um plano de ação global criado para erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, e promover vida digna para todas as pessoas, dentro das condições que o planeta oferece e sem comprometer a qualidade de vida das próximas gerações.



Com o objetivo de acelerar a implementação dos ODS, em especial o ODS 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis), a Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e

Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III) estabeleceu a Nova Agenda Urbana, em 2016. O documento assessoria os países a lidar com os desafios da urbanização e sugere como devem orientar seus esforços em prol de um desenvolvimento urbano sustentável. Também serve de orientação para ações que visam padrões globais de desenvolvimento urbano sustentável, repensando a forma como construímos, gerenciamos e vivemos nas cidades. Além disso, representa uma visão compartilhada para um futuro urbano melhor, em que todas as pessoas tenham direitos e acessos iguais aos benefícios e às oportunidades.



O ONU-Habitat trabalha na implementação da Nova Agenda Urbana e, especialmente, do ODS 11, a partir do estabelecimento de parcerias que têm como objetivo o fortalecimento das capacidades técnicas das entidades governamentais, em especial as locais. Essas colaborações visam a formulação de políticas e estratégias de renovação urbana que possam contribuir com o desenvolvimento das cidades.

Sobre o Viva o Verde SP

A iniciativa Viva o Verde SP é uma parceria entre a Prefeitura Municipal de São Paulo e o ONU-Habitat, firmada com a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, que tem como objetivo melhorar o acesso, a inclusão e a sustentabilidade dos espaços públicos verdes na cidade de São Paulo.

O ONU-Habitat vem trabalhando com as secretarias da Prefeitura de São Paulo para promover aspectos como a governança compartilhada, a participação e o estreitamento das relações horizontais, que são fundamentais para garantir o alinhamento contínuo e a capacidade de resposta às demandas da população de São Paulo.

Uma das premissas é o processo participativo, garantindo que a tomada de decisão considere diferentes pontos de vista. Para tal, conta com uma equipe do ONU-Habitat atuando junto à

SVMA e com um Grupo de Referência consultivo, formado por representantes da sociedade civil, da academia e de especialistas técnicos. Além de capacitações, para que representantes do funcionalismo público e da sociedade civil possam contribuir, monitorar e replicar as metodologias da organização, as atividades do projeto também incluem diferentes níveis de avaliação dos parques, com equipes multidisciplinares e diversos grupos das comunidades do entorno, nos quais são realizados esforços para que grupos vulnerabilizados também participem das atividades.

O Viva o Verde SP adota uma perspectiva interseccional, orientada pela igualdade de gênero e promoção da diversidade, e visa fortalecer a ação climática, valorizando a biodiversidade e os biomas locais, e contribuindo com a melhoria do ambiente urbano e da saúde da população. A iniciativa se fundamenta em metodologias desenvolvidas pelo Programa Global de Espaços Públicos do ONU-Habitat.

Sobre este produto

Este relatório deve ser compreendido como uma continuidade à *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), uma vez que aprofunda em temas já diagnosticados na escala da cidade e desenvolve levantamentos específicos e complementares com foco na escala do parque e do bairro.

A *Avaliação Específica de Espaços Públicos* (UN-Habitat, 2020) é uma metodologia desenvolvida pelo Programa Global de Espaços Públicos do ONU-Habitat que consiste em uma série de atividades e ferramentas com o objetivo de compreender a qualidade dos espaços públicos e sua área de influência, tendo como premissa a incorporação da participação social durante todo o processo.

Neste relatório são apresentados os resultados da aplicação da metodologia de *Avaliação Específica de Espaços Públicos* para os parques Linear Água Vermelha, Vila do Rodeio, Sapopemba e Linear da Integração Zilda Arns. Espera-se que as informações qualitativas e quantitativas coletadas com a comunidade sirvam de suporte para a elaboração de recomendações de gestão, projeto e políticas públicas endereçadas a estes parques.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 CONTEXTO	13
2. PROPOSTA METODOLÓGICA	15
2.1 AVALIAÇÃO ESPECÍFICA DE ESPAÇOS PÚBLICOS	15
2.2 CIDADE DELAS	16
2.3 ESTRUTURA DA AVALIAÇÃO	17
2.4 PARTICIPAÇÃO DAS PARTES INTERESSADAS	19
3. REGIÃO LESTE	21
3.1 DIAGNÓSTICO REGIONAL- AVALIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE	21
O QUE SE ESPERA DOS PARQUES DA REGIÃO LESTE APÓS A APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO ESPECÍFICA DE ESPAÇOS PÚBLICOS?	22
4. AVALIAÇÃO ESPECÍFICA DE ESPAÇOS PÚBLICOS PARQUES MUNICIPAIS DA REGIÃO LESTE DE SÃO PAULO.....	23
PARQUE LINEAR ÁGUA VERMELHA	23
1. Sobre o Parque	26
2. Processo participativo	28
3. Avaliação	34
4. Diagnóstico das dimensões	66
5. Recomendações	68
PARQUE VILA DO RODEIO	76
1. Sobre o Parque	79
2. Processo participativo	81
3. Avaliação	87
4. Diagnóstico das dimensões	120
5. Recomendações	122
PARQUE SAPOPEMBA	130
1. Sobre o Parque	133
2. Processo participativo	135
3. Avaliação	141
4. Diagnóstico das dimensões	173
5. Recomendações	175
PARQUE LINEAR DA INTEGRAÇÃO ZILDA ARNS	183
1 Sobre o Parque	186
2 Processo participativo	189
3 Avaliação	194
4 Diagnóstico das dimensões	227
5 Recomendações	229
5 CONCLUSÃO	239
6 ETAPAS SEGUINTE	240
7. GLOSSÁRIO	241
8. ANEXOS	244
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	251

Figura 1: Caminhada exploratória no Parque Anhanguera



Fonte: Acervo ONU-Habitat

1. Introdução

O expressivo número de parques municipais na cidade de São Paulo é caracterizado por uma diversidade de tamanhos e formas, tipologias, contextos sociais e padrões urbanos entorno a estes locais. Essa diversidade pode ser benéfica, uma vez que permite aos parques atenderem a demandas específicas e cumprirem funções diversas, de acordo com cada contexto físico, social e ambiental no qual está inserido.

Contudo, para que estas demandas possam ser contempladas e a população possa ter suas necessidades atendidas, é necessária a condução de uma avaliação específica dos parques, que deve incluir levantamento técnico e escuta social. Isso permite o estabelecimento de prioridades para cada parque, otimizando recursos e orientando a formulação de políticas públicas, planos e projetos.

É nesse contexto que foi desenvolvida a **Avaliação Específica de Espaços Públicos**. Sucedendo a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), a presente Avaliação dá continuidade à anterior, aprofundando em temas já diagnosticados na escala da cidade e desenvolvendo levantamentos específicos para a escala do parque e do bairro.

A *Avaliação Específica de Espaços Públicos* (UN-Habitat, 2020) é uma metodologia desenvolvida pelo Programa Global de Espaços Públicos do ONU-Habitat que consiste em uma série de atividades e ferramentas com o objetivo de compreender a qualidade dos espaços públicos e sua área de influência, tendo como premissa a incorporação da participação social durante todo o processo.

O resultado da Avaliação é um conjunto de informações qualitativas e quantitativas coletadas com a comunidade e que servirão de suporte para a elaboração de recomendações de gestão dos parques municipais e para o desenvolvimento de projetos urbanísticos específicos, conforme necessidade. Nesse processo, os municípios recebem orientação sobre como e onde alocar recursos para a melhoria dos espaços públicos, contribuindo para o alcance do ODS 11.7:

“Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência”.

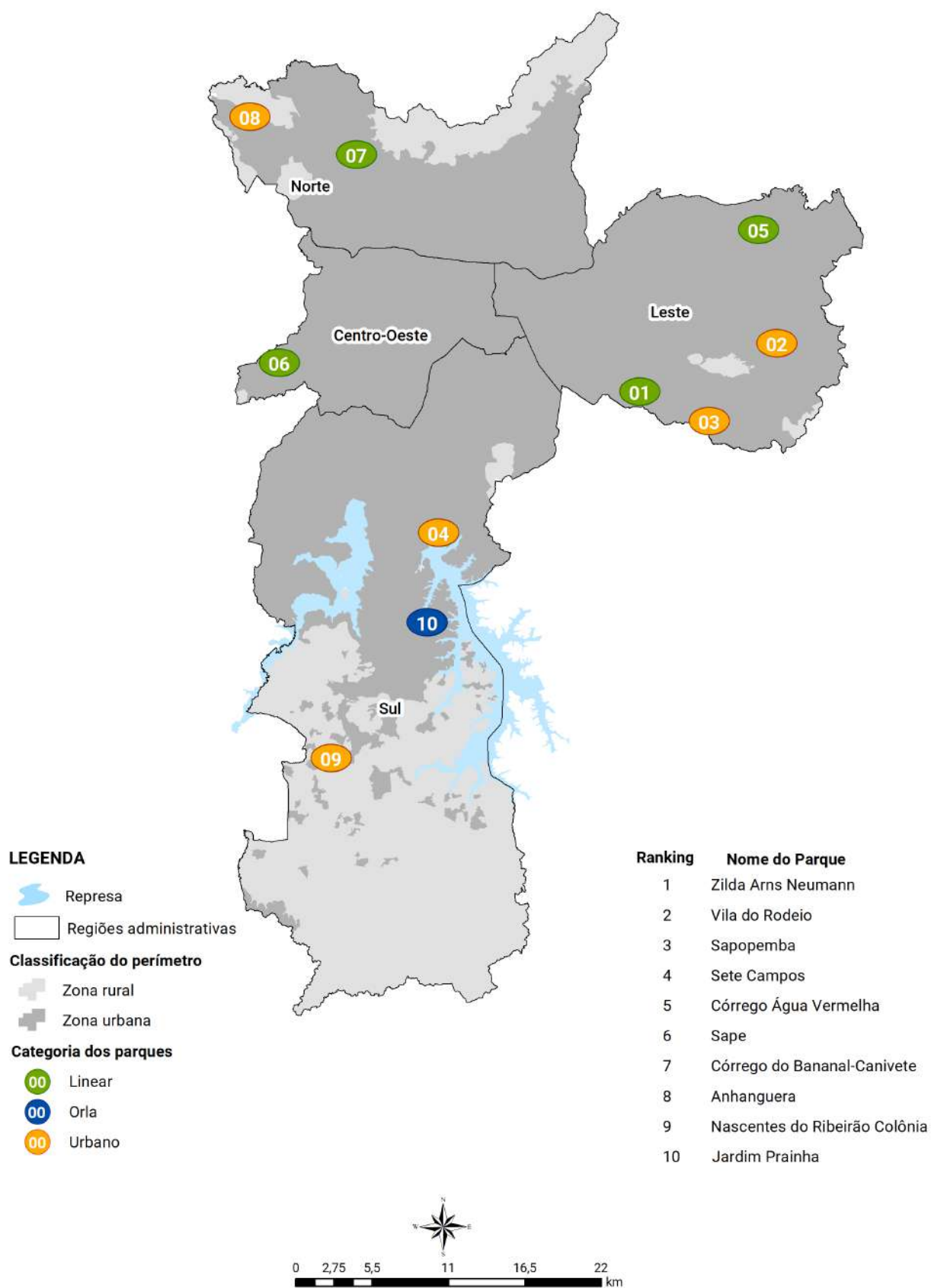
Este relatório apresenta os resultados obtidos com a aplicação da ferramenta de *Avaliação Específica de Espaços Públicos* (UN-Habitat, 2020). No total foram avaliados 10 parques municipais de São Paulo (Mapa 1), que estão divididos em quatro cadernos, de acordo com a região político-administrativa na qual o parque está situado: Norte, Sul, Leste e Centro-Oeste.

Cada caderno apresenta, em sua introdução, os principais elementos a serem priorizados por região de acordo com os resultados obtidos na *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024). Depois, são apresentados os resultados da aplicação da *Avaliação Específica de Espaços Públicos* dos parques selecionados.

Como resultado da Avaliação são apresentadas recomendações para os parques, de acordo com os elementos de diagnóstico identificados.

O que é?	Avaliação qualitativa e quantitativa de 10 parques municipais considerados como prioritários para realização de melhorias
Como?	A partir da aplicação da ferramenta de <i>Avaliação Específica de Espaços Públicos</i> , a qual considera o levantamento de dados primários e secundários, além da condução de processos participativos para o desenvolvimento do diagnóstico e elaboração de recomendações
Por quê?	Para orientar os processos de tomada de decisão nos parques municipais, sobretudo nos aspectos de gestão do espaço e desenvolvimento de projetos

Mapa 1: Localização dos parques objeto da Avaliação Específica de Espaços Públicos



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

1.1 Contexto

O relatório de *Avaliação Específica dos Espaços Públicos* sucede duas etapas importantes da iniciativa Viva o Verde SP: a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024) e a elaboração do Quadro de Priorização.

Ambos os relatórios foram desenvolvidos de forma a atender as diretrizes do Plano Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (PLANPAVEL) (São Paulo, 2022). Dentre os princípios incorporados, destaca-se a importância de uma distribuição homogênea de parques e áreas verdes pela cidade, e a priorização de intervenções em localidades de maior situação de vulnerabilidade socioeconômica e ambiental.

Avaliação dos Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo:

A análise realizada nesta etapa da iniciativa Viva o Verde SP teve como objetivo verificar a situação atual dos parques municipais, na escala da cidade e das regiões administrativas, considerando aspectos espaciais, sociais e ambientais. A Avaliação se deu de forma a agregar informações em caráter quantitativo e qualitativo para fornecer um diagnóstico regional com objetivo de promover melhorias nos parques municipais, construir uma base de dados para a tomada de decisão de locais prioritários para realização de intervenções, e apresentar diretrizes, estratégias e recomendações para estes espaços.

Dentre os principais resultados da Avaliação, observou-se uma associação entre aspectos de vulnerabilidade socioeconômica e qualificação dos parques, uma vez que as regiões com as maiores condições de vulnerabilidades (Leste e extremo Sul) são aquelas que demandam mais infraestruturas, equipamentos e serviços públicos, e mostraram ser as que possuem os parques com a menor classificação pelo Indicador de Parques (IP) (Fundação Aron Birmann, 2022). Além disso, foi observado um padrão socioespacial de periferização aplicado ao contexto dos parques, onde a região Centro-Oeste, de maior renda, apresentou melhores resultados gerais na avaliação quando comparada às regiões de menor renda, no Leste e extremo Sul.

Estes resultados reforçam a importância de priorizar intervenções em parques situados em regiões periféricas, algo que foi tido como prioridade para a seleção dos 10 parques objeto desta *Avaliação Específica de Espaços Públicos* a partir do Quadro de Priorização.

Os resultados regionais obtidos no relatório de *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024) serão apresentados de forma compilada na *Seção 3.1 Diagnóstico regional* e *Capítulo 5 Conclusão*.

Acesse a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* e o *Resumo Executivo*:

Figura 2: Acesso Avaliação Específica de Espaços Públicos: Parques Municipais de São Paulo



QR CODE PARA
ACESSO



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Quadro de Priorização:

A partir dos indicadores adotados na *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024) foram selecionados 12 indicadores representativos e desenvolvida uma metodologia para pontuação e classificação dos 95 parques avaliados – parques municipais urbanos, de orla e lineares administrados pela SVMA. O objetivo do Quadro é fornecer justificativas técnicas para possibilitar a tomada de decisão com base em evidências.

A lista de classificação dos parques está disponível no **Anexo 1**

Figura 3: Agente de coleta de dados fazendo a observação do Parque M'Boi Mirim para a Avaliação dos Espaços Públicos da Cidade



Fonte: Acervo ONU-Habitat

2. Proposta Metodológica

Para avaliar os parques priorizados, foram implementadas duas metodologias em 10 parques da cidade de São Paulo. A primeira é a *Avaliação Específica de Espaços Públicos*, desenvolvida pelo Programa Global de Espaços Públicos do ONU-Habitat (UN-Habitat, 2020). A segunda, o guia *Cidade Delas* (UN-Habitat, 2022), que resulta de uma iniciativa conjunta entre o ONU-Habitat e a *The Shared City Foundation*. Ambas as metodologias são detalhadas ao longo deste capítulo. Na sequência, são apresentadas a estrutura da Avaliação e a descrição das partes interessadas, que desempenharam um papel central nos processos participativos associados a essas abordagens.

2.1 Avaliação Específica de Espaços Públicos

A *Avaliação Específica de Espaços Públicos* (UN-Habitat, 2020) reúne um conjunto de ferramentas destinadas a avaliar a qualidade do espaço público e sua área de influência, estabelecendo recomendações de gestão e projeto para a melhoria desses espaços. O processo é estruturado em quatro fases, cada uma composta por atividades e ferramentas direcionados à análise de cinco dimensões e 20 indicadores.

Dependendo do contexto local, é possível adicionar e priorizar indicadores específicos. No caso da aplicação da Avaliação pelo Viva o Verde SP, foram analisadas sete dimensões e 25 indicadores apresentados sob a forma de texto, gráficos, tabelas, mapas e diagramas.

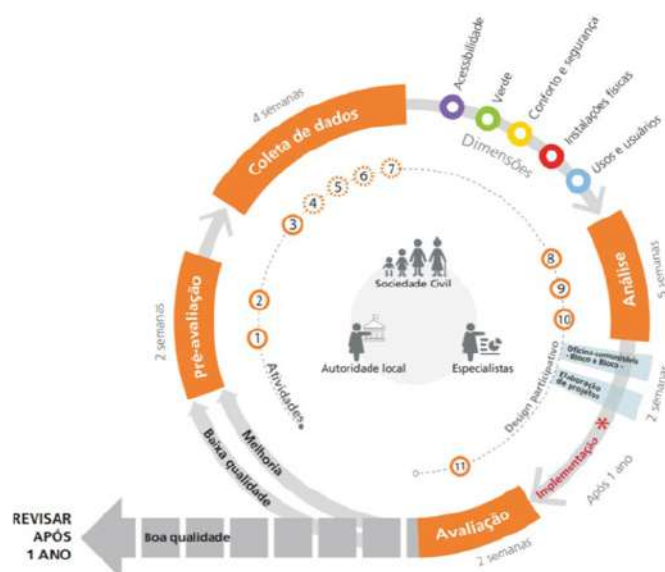
A primeira fase, chamada pré-avaliação, consiste na preparação do projeto e na pesquisa documental. Em seguida, ocorre a fase de coleta de informações, que envolve a obtenção de dados primários por meio de ferramentas como observações, entrevistas e caminhadas exploratórias, além de dados secundários obtidos por pesquisa digital e documental.

No Viva o Verde SP, ambas as fases foram iniciadas durante a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024). Algumas ferramentas, no entanto, foram aplicadas especificamente no âmbito da Avaliação Específica, durante oficinas participativas, que serão detalhadas em um relatório dedicado.

A terceira fase refere-se à análise dos dados coletados, que inclui a realização de oficinas participativas utilizando a metodologia Bloco a Bloco (*Block by Block*, título original em inglês) (UN-Habitat, 2021), cuja aplicação será explicada em um relatório específico.

Por fim, a quarta fase consiste na avaliação dos resultados, que é apresentada neste relatório.

Figura 4: Diagrama com descrição das fases da Avaliação Específica de Espaços Públicos



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

2.2 Cidade Delas

O guia *Cidade Delas* (*Her City*, título original em inglês) (UN-Habitat, 2022) é composto por ferramentas destinadas a integrar a participação de mulheres e meninas no planejamento urbano especificamente para a adoção da abordagem de gênero na aplicação dos guias do Programa Global de Espaços Públicos do ONU-Habitat.

O guia está estruturado em três fases: a primeira, de avaliação, inclui a Avaliação Específica como uma de suas atividades principais; a segunda, de desenho e projeção de ideias, utiliza a ferramenta participativa *Bloco a Bloco*; e a terceira, de implementação, tem como objetivo orientar o projeto elaborado. O guia é apresentado em um formato digital e acessível, promovendo a participação de mulheres e meninas em todas as fases de avaliação e implementação do projeto.

Parte-se do pressuposto de que mulheres e meninas pensam a cidade de forma integrada, considerando a diversidade de usos, perfis de pessoas usuárias e suas diferentes necessidades. Isso se relaciona ao papel de cuidado socialmente atribuído às mulheres, que frequentemente assumem responsabilidades como o cuidado de crianças e pessoas idosas, além das tarefas domésticas. Essas múltiplas jornadas de trabalho contribuem para a exclusão das mulheres dos espaços e esferas públicas da cidade (Ciocoletto *et al.*, 2019).

Nesse contexto, o guia *Cidade Delas* (UN-Habitat, 2022) oferece ferramentas para orientar o planejamento, o design e a implementação de projetos de desenvolvimento urbano participativo, promovendo a construção de uma cidade inclusiva, que atenda às necessidades de todas as pessoas.

Figura 5: Caminhada exploratória feita com meninas no Parque Nascentes do Ribeirão Colônia



Fonte: Acervo ONU-Habitat

2.3 Estrutura da Avaliação

Conforme descrito na introdução, este relatório de *Avaliação Específica de Espaços Públicos* está dividido em quatro cadernos, correspondentes às regiões avaliadas conforme a divisão adotada pela SVMA: Centro-Oeste, Leste, Norte e Sul. Em cada caderno, são avaliados os parques pertencentes à respectiva região.

Este caderno avalia a **Região Leste** e está estruturado em três partes: a primeira refere-se ao diagnóstico da região, apresentando os dados obtidos na *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024); a segunda corresponde à Avaliação Específica dos parques situados na Região Leste; e, por fim, a terceira parte apresenta as recomendações regionais baseadas na avaliação realizada, compondo a conclusão do documento.

A metodologia de avaliação utiliza três recortes espaciais para a análise: a área de influência do parque, que investiga o entorno imediato, a escala interna do parque, que avalia aspectos dentro de seu perímetro, e a bacia hidrográfica do parque, que avalia aspectos ecológicos. Na *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), a área de influência foi definida com base na mobilidade ativa do pedestre, considerando um critério temporal de até 15 minutos de caminhada.

Figura 6: Definição do perímetro da área de influência dos parques



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Já a avaliação territorial em escala de bacia hidrográfica é essencial para entender a

dinâmica ecológica, conectividade e impactos ambientais dos parques. Permite identificar cursos d'água, pressões sobre atributos hídricos, potencial de biodiversidade, integração com sistemas naturais e o papel do parque na mitigação de problemas ambientais e climáticos.

A segunda parte do relatório, referente à Avaliação, é composta por cinco seções:

1. Sobre o parque: apresenta informações gerais e o histórico do parque;
2. Processo participativo: descreve as iniciativas que envolveram a comunidade na Avaliação, bem como as contribuições de cada parte interessada;
3. Avaliação: análise do parque e área de influência, detalhada nas seguintes dimensões:
 - 3.1. **Pessoas no parque e área de influência:** caracterização urbana e demográfica da área de influência do parque, e investigação da diversidade de usos e perfis das pessoas usuárias do parque;
 - 3.2. **Acessibilidade:** descrição dos meios de deslocamento disponíveis e grau de utilização pelas pessoas frequentadoras, avaliação das infraestruturas de acesso e análise da distribuição de mecanismos que asseguram a acessibilidade universal em todo o parque;
 - 3.3. **Instalações e mobiliário:** avaliação da distribuição e da qualidade do mobiliário urbano, dos equipamentos e das infraestruturas disponíveis no parque;
 - 3.4. **Segurança:** análise da percepção de segurança das pessoas frequentadoras, com relação aos locais identificados como inseguros dentro do parque, aos registros criminais na área de influência e à disponibilidade de equipamentos de segurança no parque;
 - 3.5. **Conforto e ambiente:** avaliação da distribuição e qualidade dos elementos de conforto ambiental, bem como da reputação do parque na percepção das pessoas frequentadoras;
 - 3.6. **Ambiente verde e azul:** descrição do potencial de conectividade do parque, sua importância ecológica e os serviços ecossistêmicos que oferece, além da análise das medidas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas

adotadas pelo parque e pela comunidade;

- 3.7. **Governança:** investigação da presença de atividades e equipamentos externos promovidos por iniciativas públicas ou comunitárias, análise da atuação do conselho gestor do parque e avaliação da distribuição e aplicação dos investimentos públicos.
4. Diagnóstico: sistematização da avaliação dimensional;
5. Recomendações: elaboração de recomendações de gestão a partir do diagnóstico sistematizado.

As informações apresentadas no diagnóstico dos parques da região Leste foram baseadas em dados primários e secundários, coletados desde o início das atividades da equipe do Viva o Verde SP. Os dados primários foram obtidos por meio de:

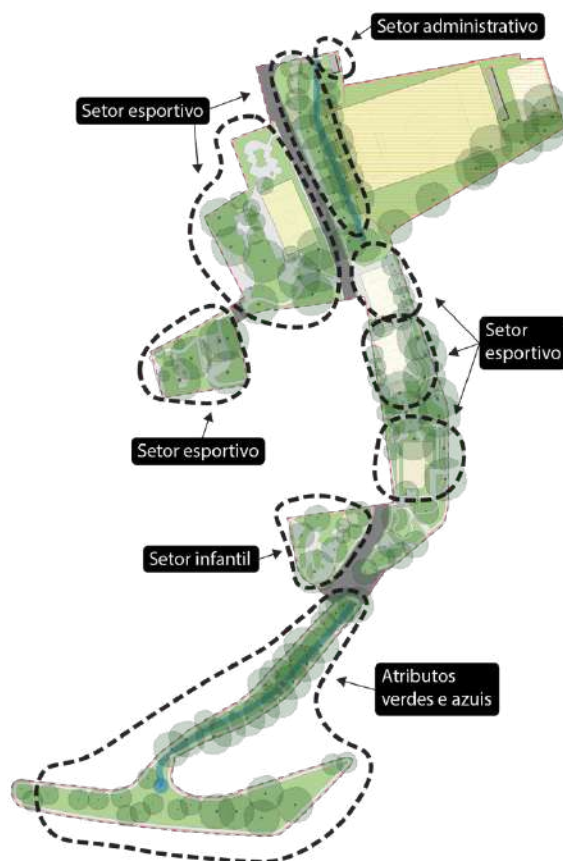
- Questionários de observação e entrevistas com pessoas gestoras, aplicados entre outubro e dezembro de 2023 na *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* ONU-Habitat, 2024);
- Questionários e consultas individuais com as pessoas gestoras dos 10 parques avaliados;
- Consultas específicas com representantes da SVMA;
- Entrevista estruturada aplicada às pessoas frequentadoras durante a **oficina aberta** realizada no parque, conforme descrito na *Seção 2.4: Participação das Partes Interessadas*.

Os dados secundários foram obtidos através da investigação de estudos presentes no acervo da SVMA, assim como bases de dados públicas.

A coleta de dados de observação das infraestruturas na escala do parque foi realizada por meio de sua divisão em setores (ver *Figura 7*). Cada setor representa um uso específico, agrupando equipamentos e infraestruturas com características semelhantes, como áreas infantis, esportivas, administrativas, sanitárias, entre outras. Essa abordagem possibilitou uma análise mais detalhada e segmentada do parque, considerando as diferentes formas de apropriação e equipamentos ofertados pelo espaço.

Dessa forma, ao abordar as dimensões de análise na escala do parque, é fundamental reconhecer que a organização interna é estruturada com base na separação desses setores.

Figura 7: Exemplo de representação dos setores no Parque Linear Sapé



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

2.4 Participação das Partes Interessadas

A metodologia de *Avaliação Específica de Espaços Públicos* tem como fio condutor de todas suas atividades a aplicação de ferramentas participativas junto a diversas **partes interessadas** do local selecionado. O intuito é consolidar um processo participativo ao longo da Avaliação, no qual as necessidades da comunidade sejam ouvidas e consideradas no diagnóstico e recomendações posteriores.

No caso dos 10 parques priorizados para receberem a Avaliação Específica, foi realizada uma convocatória não apenas para pessoas frequentadoras e atores-chaves que fazem vida nos parques municipais. Também, foram procurados outros grupos do entorno que poderiam se vincular com a área verde com maior frequência e qualidade.

Mas, por que é importante incorporar as comunidades nas avaliações específicas de espaços públicos? Essa pergunta foi respondida pelo grupo de mulheres lideranças da sociedade civil e pelo grupo de pessoas funcionárias que participaram da capacitação e Avaliação. Entre os seus depoimentos, destacamos que “mais que importante, é essencial” e entre as justificativas colocadas estavam: a necessidade de que as propostas do poder local contemplem as opiniões das pessoas moradoras, para que sejam adequadas às realidades locais; o lembrete de que é um direito das comunidades exercer essa participação e serem escutadas; e a importância de entender os lugares em função das atividades comunitárias existentes e potenciais. Todas as pessoas concordaram que a incorporação das comunidades nos processos participativos estimula a sensação de pertencimento, o cuidado do espaço público e a apropriação local.

O que significa “partes interessadas”?

São todas as pessoas, grupos ou organizações chaves que podem ser afetadas ou beneficiadas, diretamente ou indiretamente, por um projeto, ação ou intervenção.

A inclusão nos espaços de planejamento e avaliação de espaços públicos é também realizar esforços para superar a participação de forma genérica. A busca por diversidade e especificidades de agentes e dinâmicas é fundamental para o entendimento de cada território.

Com esse propósito, para acompanhar as Avaliações Específicas foram definidos quatro grupos alvos no planejamento do processo participativo:

Figura 8: Grupos alvos participantes da Avaliação Específica de Espaços Públicos			
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Mulheres Lideranças da Sociedade e Civil ¹	Pessoas Funcionárias da Prefeitura de São Paulo ¹	Meninas Adolescentes estudantes de Centros Educacionais Unificados (CEUs) ²	Pessoas Frequentadoras dos parques ²

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

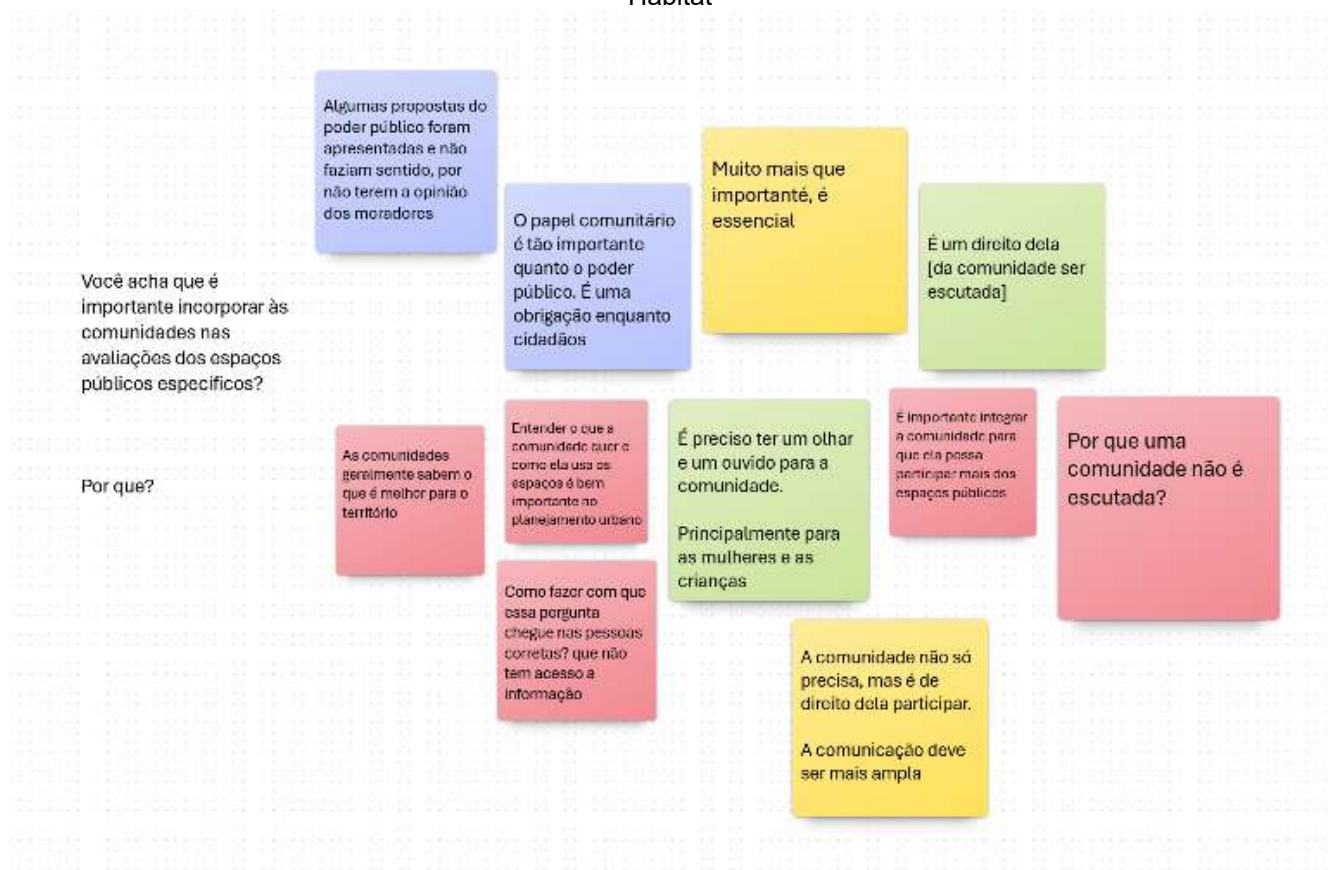
Estes grupos, de características diferentes, foram protagonistas das seguintes atividades participativas vinculadas a Avaliação Específica:

1. **Capacitação nas ferramentas do ONU-Habitat: Avaliação Específica de Espaços Públicos e Bloco a Bloco¹:** formação contínua dos grupos 1 e 2, envolvendo aulas teóricas e práticas, com participação na aplicação das ferramentas;
2. **Oficina bloco a bloco²:** aplicação da ferramenta Bloco a Bloco com o grupo 3;
3. **Oficina aberta²:** aplicação da ferramenta de matriz Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) e aplicação de entrevistas estruturadas com o grupo 4.

¹ O detalhamento metodológico da capacitação e do envolvimento dos grupos 1 e 2 se encontra no relatório *Capacitação nas ferramentas do ONU-Habitat: Avaliação Específica de Espaços Públicos e Bloco a Bloco* (ONU-Habitat, 2025).

² O detalhamento metodológico das oficinas bloco a bloco e aberta e o envolvimento dos grupos 3 e 4 se encontra no relatório *Oficinas participativas Bloco a Bloco e Abertas realizadas nos dez parques municipais priorizados de São Paulo* (ONU-Habitat, 2025).

Figura 9: Painel feito junto às mulheres lideranças que participaram da capacitação “Metodologias ONU-Habitat”



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3. Região Leste

A Região Leste é onde se estabeleceram as primeiras indústrias, inicialmente têxteis e alimentícias da cidade de São Paulo e, posteriormente, outros ramos como a de construção civil. Em virtude disso, é a região onde a classe operária começou a se instalar, sendo atualmente a mais populosa, com 4,3 milhões de habitantes em uma área que corresponde a 21% da área total do município, sendo também a região com maior densidade populacional.

3.1 Diagnóstico regional- Avaliação de Espaços Públicos da Cidade

No momento da realização da *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), a Região Leste contava com o maior número de parques na cidade, com 33 parques, dos quais 22 da categoria parque urbano e 11 da categoria parque linear.

É a região que concentra o maior número de parques lineares do município, com 11 dos 18 parques registrados no ano de 2023, durante o período de coleta de dados da Avaliação.

Conforme definição do Plano Diretor Estratégico (PDE) de São Paulo (São Paulo, 2024), o parque urbano é definido como um parque localizado na zona urbana, com a finalidade de conservar e recuperar atributos naturais, de prover serviços ecossistêmicos, e de oferecer equipamentos de lazer à população.

Já o parque linear é associado aos cursos d'água com a finalidade de conservar e recuperar atributos naturais, de prover serviços ecossistêmicos, de proteger e recuperar Áreas de Preservação Permanente, de promover a drenagem sustentável, de melhorar as condições de saneamento e de incentivar a fruição pública.

Dentre todas as regiões, a Leste é a que concentra a maior quantidade de parques com **baixas pontuações pelo Indicador de Parques**, fato que resulta em maiores urgências na realização de intervenções para melhorias, especialmente em locais associados à existência de população em alta situação de vulnerabilidade socioeconômica e expostas a riscos climáticos, com destaque para os riscos geológicos.

Assim como nas demais regiões, os elementos de sinalização dos parques desta região estão em falta ou apresentam problemas de

manutenção. É necessária a melhoria na oferta e qualidade de elementos como placas, mapas e quadros de aviso dentro dos setores dos parques.

Em relação à mobilidade urbana, é a região que apresenta as **menores larguras médias de calçada**, comprometendo a acessibilidade do pedestre, especialmente para pessoas com deficiência. Quanto à mobilidade do ciclista, apresenta **baixa oferta de estrutura cicloviária**, especialmente entorno aos parques do extremo leste.

Os indicadores associados à **apropriação social** apresentaram os **piores resultados** dentre às regiões, apontando para o baixo percentual de iniciativas comunitárias registradas pelas pessoas gestoras dos parques e os menores percentuais de parques com conselhos gestores eleitos em relação às demais regiões.

Junto com a Região Centro-Oeste, registra as **maiores taxas de ocorrências criminais**, sendo que apresenta a **menor porcentagem de presença de agentes de segurança**. Em 39% de parques há equipamentos para crianças e bebês com problemas de funcionamento em quase todos ou em todos os seus setores. Junto com a Região Sul, apresenta o menor percentual de pessoas praticando atividades físicas.

Os parques da região apresentam o maior percentual de parques com **ausência de elementos para proteção do sol**, sejam naturais ou artificiais, fato que pode comprometer a sua utilização para práticas esportivas. Em contrapartida, possui o maior percentual de pessoas que utilizam os parques para práticas contemplativas associadas ao convívio com a natureza.

A região apresenta os **piores índices regionalizados de biodiversidade** nativa e serviços ecossistêmicos prestados pela biodiversidade, além das menores taxas de fauna e flora, o que aponta para a necessidade de priorização de políticas para a promoção de biodiversidade, como por exemplo, o fortalecimento de conectividades ecológicas entre parques e áreas verdes, uma vez que a região apresentou potencial para a criação dessas conexões.

O que se espera dos parques da Região Leste após a aplicação da Avaliação Específica de Espaços Públicos?

-A pontuação dos parques da Região Leste no Indicador de parques aumenta progressivamente, ano a ano;

-Todos os parques possuem conselho gestor ativo e engajado nas atividades;

-As pessoas podem frequentar os parques e utilizar seus equipamentos mesmo com temperaturas elevadas, uma vez que a presença da vegetação oferece um microclima favorável, além dos setores dos parques serem sombreados;

-O investimento em biodiversidade nos parques eleva a pontuação regional no Índice de Biodiversidade;

-O incremento no número de agentes de segurança e a melhoria na manutenção dos equipamentos reduzem as ocorrências criminais nos parques.

4. Avaliação Específica de Espaços Públicos **Parques municipais da Região Leste de São Paulo**

Parque Linear Água Vermelha

Figura 10: Registro do Parque Água Vermelha



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Entrevista

Figura 11: Susicleide Cardoso de Aguiar, 54 anos, moradora do bairro há 40 anos



Fonte: Acervo ONU-Habitat

“Precisa ter uma revitalização onde as famílias possam se sentar, desfrutar com os seus filhos... Um crescimento bem amplo de ações para que as pessoas tenham esse espaço como um espaço de pertencimento. Que não precise sair daqui para ir tão longe se divertir e ter um momento de lazer”

Susicleide Cardoso de Aguiar, 54 anos, moradora do bairro há 40 anos

O Parque Linear Água Vermelha é uma área de lazer agradável, mas com pouca segurança, aponta Susicleide Cardoso, moradora da região há 40 anos. Ela indica que é possível realizar caminhadas no parque, sentar-se a descansar, ler um livro, conversar, mas a falta de iluminação e sensação de insegurança afastam pessoas e limitam seu uso.

Susicleide observa que a dinâmica do parque muda no final de semana: nos seis campos de futebol existentes são realizados campeonatos, onde a participação masculina é predominante e exclusivamente voltada ao futebol. Através da sua própria experiência como mãe, a moradora reflete sobre a importância de oferecer instalações onde seja possível realizar outros tipos de esporte. Seu filho, por exemplo, teve sempre preferência por basquete, mas o espaço e as atividades disponíveis o induziam a jogar apenas futebol: “seria interessante ter mais áreas de basquete, de vôlei, porque as crianças são mais ecléticas, então precisaria ter essa divisão de ações mesmo para poder atrair esses outros públicos”.

Fazer caminhadas no parque é a atividade mais realizada por Susicleide desde que conheceu o espaço. Já andar de bicicleta, ela considera que é inviável devido as más condições do calçamento. Consertar as irregularidades dos

pavimentos e a criação de ciclovias ou ciclofaixas, assim como a implantação de brinquedos, poderiam ser outro tipo de estratégias para atrair moradores do entorno imediato e de bairros mais distantes.

Ainda que a renovação integral do parque seja uma necessidade há vários anos, especialmente pelo crescimento e densificação do bairro, o Parque Linear Água Vermelha tem uma representatividade importante em termos de lazer para os moradores da região. Susicleide relata que o parque já teve muitas pessoas frequentando e as vizinhas sentem uma ligação com a área verde, ainda que não exista atualmente uma participação efetiva nos assuntos do parque e que a degradação das instalações tenha afastado os moradores com o passar do tempo.

Susicleide acredita que após uma requalificação do parque seria possível fazer um chamamento para recuperar a reputação do espaço público. Ela considera que essa renovação do parque deve ser pensada na perspectiva de oferecer conforto para famílias, crianças e animais de estimação, para andar de bicicleta, fazer piqueniques, com mesas para jogos, com espaço para rima e com quadras para diversos esportes, onde as pessoas possam recuperar a sensação de pertencimento com o parque.

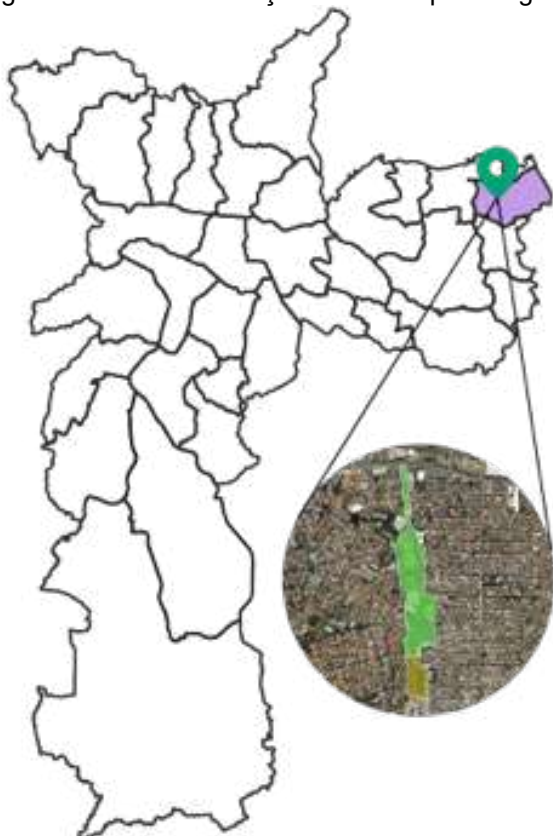
Além da necessidade de uma programação “multiatividades”, a Susicleide também aponta que iluminação, segurança e acessibilidade devem ser aprimorados: que o parque vire um local de encontro no final do dia, onde seja seguro de andar, e que um cadeirante ou pessoa com mobilidade reduzida possa participar das atividades oferecidas.

Por último, Susicleide explica que um outro desejo para o parque seria que tivesse a infraestrutura apropriada para que as mulheres possam se reunir num local coberto e realizar atividades comunitárias, onde exista uma administração, com sanitários e bebedouros, onde seja possível ficar algumas horas e sair do confinamento de casa: “é uma região carente de locais, que não tem esse tipo de parque. Então seria de grande importância para o território um espaço como aquele revitalizado”.

1. Sobre o Parque

O Parque Linear Água Vermelha está localizado no distrito Vila Curuçá, na subprefeitura Itaim Paulista. A região é caracterizada por níveis de vulnerabilidade muito baixa e média, com trechos de vulnerabilidade alta e muito alta nos setores sudeste e nordeste do parque, conforme o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) (São Paulo, 2025a).

Figura 12: Mapa de localização do Parque Linear Água Vermelha em relação ao município e região.



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A área do entorno do parque é caracterizada pela carência de equipamentos de lazer e cultura, mas acima da média do município em equipamentos públicos de esporte. Em termos de população, a região é majoritariamente composta por mulheres, pessoas pretas e pardas, e possui alta concentração de jovens (Rede Nossa São Paulo, 2023).

O parque se desenvolve ao longo do córrego Água Vermelha, majoritariamente do lado oeste do corpo d'água, a partir da Avenida Marechal Tito, no sentido norte, até a Rua José Cesarini, no sentido sudoeste, cujo limite é o conjunto habitacional Residencial Osorio. Existe uma ocupação de uso habitacional dentro do limite do parque, na região central, a partir da Rua Vitorio Capelaro, entre a Rua João de Mesquita e o córrego.

Tabela 1: Ficha introdutória do parque

Nome	Parque Linear Água Vermelha
Área total	116.180,65 m²
Ano de inauguração	2009
Categoria	Linear
IP 2022	0.95/5
Nota no Quadro de Priorização	2.47/10
Endereço	Av. Euclides Fonseca, perpendicular à Av. Marechal Tito, altura do nº 1200
Horário de funcionamento	Aberto 24 horas
Distrito	Vila Curuçá
Subprefeitura	Itaim Paulista

A declividade do parque é baixa no sentido longitudinal – com alguns desníveis específicos ao longo do terreno -- e praticamente plana no sentido transversal.

Os principais equipamentos que o parque oferece são seis campos de futebol, três quadras poliesportivas, pista de skate, aparelhos de ginástica, dois parquinhos infantis, anfiteatro, duas passarelas e seis módulos de vestiários. Por ser um parque linear, ele não é gradeado e, em consequência, não tem acessos definidos.

1.1 Histórico

Na Subprefeitura Itaim Paulista existem seis córregos que se desenvolvem sentido norte-sul e deságuam no rio Tietê, sendo o Água Vermelha um deles. Pela vasta rede hídrica que possui a região, sua alta densidade demográfica e impermeabilidade do solo, o local tem histórico de possuir altos volumes de chuva e ocorrências regulares de enchentes e alagamentos (Duarte, 2022).

A proposta do Parque Linear Água Vermelha surge com o intuito de melhorar a drenagem local, diminuir os alagamentos no entorno do córrego, intervindo em pontos sensíveis a enchentes e inundações, e oferecer áreas de lazer e esporte para a comunidade em volta (Duarte, 2022). O parque foi implantado pela SVMA e a primeira fase construída em parceria com a subprefeitura.

A implantação do parque nas margens requalificadas do córrego era uma demanda da população desde que começaram os primeiros assentamentos, narram moradores da região desde os anos 1970 (São Paulo, 2009).

A obra de contenção das margens e canalização do córrego Água Vermelha está sendo realizada pela Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB).

Figura 13: Imagem do Parque Linear Água Vermelha.



Fonte: Acervo ONU-Habitat.

2. Processo participativo

Na Avaliação Específica de cada parque, os quatro grupos-alvo mencionados na [Seção 2.4 Participação das Partes Interessadas](#) fizeram parte das diversas atividades participativas propostas. Estas ações foram baseadas nas metodologias ONU-Habitat *Bloco a Bloco* (UN-Habitat, 2021) e *Cidade Delas* (UN-Habitat, 2022), somadas às ferramentas disponíveis na guia de Avaliação Específica de Espaços Públicos, adaptadas ao contexto e características da cidade de São Paulo.

2.1 Partes interessadas envolvidas

No caso do Parque Linear Água Vermelha, a busca por grupos que fizessem vida no parque e lideranças da região para contribuir com a Avaliação foi articulada, no início, com o Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES) da Subprefeitura Itaim Paulista, com o gestor e trabalhadores do parque.

O **primeiro grupo** alcançado foram duas **lideranças femininas** convidadas a fazer parte do grupo de capacitação da sociedade civil sobre metodologias do ONU-Habitat, formado por apenas público do gênero feminino e com mais de 18 anos.

O **segundo grupo** alcançado foram **pessoas funcionárias** da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), principalmente da SVMA, que estivessem envolvidos com algum dos dez parques priorizados, seja na gestão dos parques ou na área de projetos e obras. No caso específico do Parque Linear Água Vermelha, participaram da Avaliação três pessoas: o gestor do parque, uma representante da Subprefeitura Itaim Paulista, também conselheira do CADES Regional, e um representante da Secretaria Municipal das Subprefeituras (SMSUB).

O **terceiro grupo** participante da Avaliação foram **seis meninas adolescentes, entre 13 e 15 anos de idade, e duas pessoas professoras** do CEU Vila Curuçá, as quais participaram na oficina bloco a bloco, dirigida exclusivamente a esse público escolar.

O último e **quarto grupo** convocado a participar foram **pessoas frequentadoras** que se aproximaram à oficina aberta no parque. Nessa atividade, foi aplicada a ferramenta de matriz Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) com mais de 14 pessoas de diferentes idades e gêneros, sendo quase todas elas moradoras do entorno imediato. Este grupo também participou de entrevistas estruturadas, outra atividade da oficina aberta, nas quais contribuíram 14 pessoas em total.

Figura 14. Pessoas participantes da oficina bloco a bloco no Parque Linear Água Vermelha realizando a caminhada exploratória.



Figura 15. Pessoa funcionária da PMSP no Parque Linear Água Vermelha utilizando a ferramenta de observação para a Avaliação.



Figura 16: Oficina bloco a bloco do Parque Linear Água Vermelha.



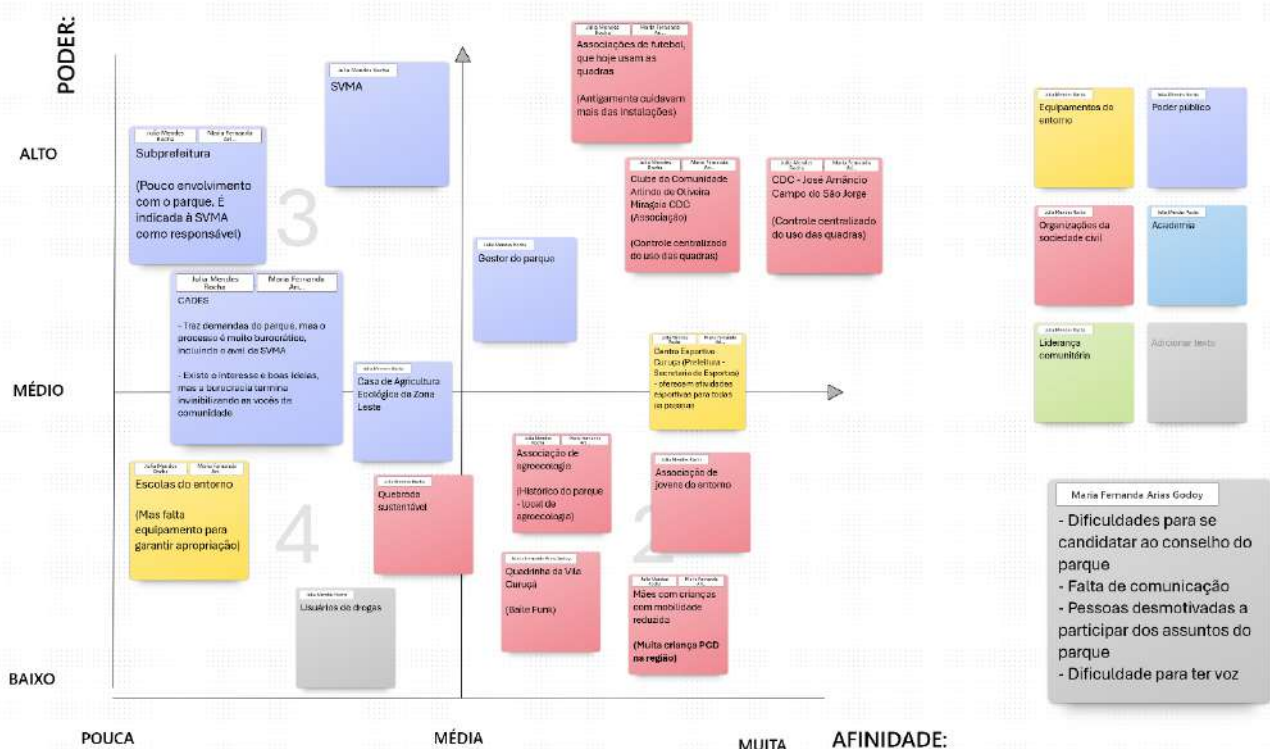
Fonte: Acervo ONU-Habitat

2.2 Principais contribuições

O primeiro grupo, constituído por lideranças femininas, contribuiu com a facilitação dos exercícios práticos e com a divulgação das atividades abertas ao público geral. Foram também estas lideranças que forneceram as informações para a construção do mapeamento das partes interessadas do parque, a partir do seu olhar comunitário e conhecimentos das redes e grupos existentes que fazem vida no

espaço público avaliado. Segundo as lideranças consultadas, os principais grupos afetados pelo deterioro ou que seriam beneficiados com a requalificação do parque são associações e clubes de futebol, associações de jovens do entorno e de agroecologia, e mulheres mães da região, muitas delas com crianças com mobilidade reduzida.

Figura 17. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Linear Água Vermelha, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O segundo grupo, o das pessoas funcionárias municipais, forneceu informações técnicas e de gestão do parque ao longo das atividades participativas da Avaliação. Elas apoiaram na recepção no parque das atividades com os diversos grupos participantes e validaram, preliminarmente, algumas das recomendações propostas no processo.

Dos últimos dois grupos (3 e 4), foram coletadas e sistematizadas contribuições de viés qualitativo, categorizadas em **sentimentos** suscitados pelo parque, **problemas**, **potencialidades**, **soluções** e **desejos** para ele. Também foram priorizadas as principais ações necessárias para sua requalificação e ativação em termos de usos e gestão.

Figura 18. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Insegurança, secura e cheiro ruim foram os principais sentimentos destacados pelas pessoas participantes das atividades de percepção no parque. Ainda que valorizada a amplitude do espaço e suas múltiplas possibilidades de requalificação, atualmente é visto como "um parque grande, mas não tem nada para fazer. Só futebol". Vários apontamentos foram feitos sobre a falta de oferta diversificada de equipamentos de lazer, para além dos campos.

O parque é reconhecido como uma área verde, arborizada, como um espaço de conexão e passagem, com comércios próximos, e intensamente utilizado no fim de semana, em função dos campos de futebol. Alguns dos potenciais que o parque poderia explorar mais, segundo as pessoas participantes, seria o anfiteatro, cujo uso poderia estar atrelado a atividades de projetos culturais do entorno; aproveitar que existem muitas pessoas idosas no bairro para oferecer atividades específicas para elas; e incentivar a apropriação e uso frequente do parque pelas escolas próximas.

Outros aspectos destacados nas percepções das pessoas participantes das dinâmicas da Avaliação foi a presença de muito lixo, de descarte irregular e de animais atraídos por esses dejetos. Pavimentos esburacados, fiações expostas, falta de árvores e sombra em alguns setores, locais abafados e córrego erodido e com deslizamentos, foram outros pontos negativos apontados.

Por outro lado, a falta de banheiro, bebedouro, mais brinquedos – e manutenção dos existentes, mais academias ao ar livre, iluminação,

churrasqueiras, quiosques, estrutura para a administração e acessibilidade para pessoas com deficiência (PcD) e mobilidade reduzida foi também colocado, assim como a necessidade de reformar e ativar a pista de skate existente.

A falta de segurança, especialmente para mulheres, é atribuída em parte à falta de policiamento e de uma estrutura para esse fim. A alta presença masculina no local, realizando atos desrespeitosos, pode também inibir o uso do parque por crianças e mulheres. Foi relatado que existem locais inseguros nos desníveis pontuais do terreno, presença de usuários de droga e tráfico no parque, passagem de motos em locais indevidos e pontos de queimada de fios de cobre. Por outro lado, o uso frequente de pipas, proibido nos parques municipais pelos impactos que podem causar na flora e fauna silvestre, dificulta outros usos no espaço.

Em termos de usos, muitos jovens do bairro jogam basquete e vôlei e o parque não acolhe essa demanda. Foi apontado a necessidade de oferecer uma programação permanente de atividades e eventos, para todos os públicos, e divulgar as ações que já acontecem. Ainda, é necessário melhorar a gestão e regulação dos eventos existentes, para evitar perturbações na vizinhança, como o lixo produzido, vandalismo e barulho excessivo de eventos.

Figura 19. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação.
Problemas – Pontos Negativos
• Falta infraestrutura para diversificar usos e esportes além do futebol (como basquete e vôlei) • Incidência de descarte irregular de resíduos sólidos e dejetos, no parque e no córrego • Faltam elementos que gerem sombra (como quiosques ou árvores) • Existe erosão no córrego • Faltam equipamentos como banheiros, bebedouros e lixeiras • Parquinho infantil, aparelhos de ginásticas e outros elementos quebrados, por falta de manutenção e vandalismo • Faltam mais espaços para brincar e com diversidade de elementos • Falta iluminação • Faltam atividades e equipamentos para pessoas idosas • Falta sede administrativa no parque, e apoio para visitantes • Existe dificuldade no acesso e na mobilidade entre os setores do parque por PcD • Perigo de queda no córrego • Pista de skate existente precisa ser reformada e ativada • Existem pontos de assalto no parque • Falta segurança e policiamento • Presença de usuários de drogas e tráfico no parque • Alta presença masculina realizando atos indevidos • Falta programação permanente de atividades e eventos, para todos os públicos • Pouca divulgação das atividades e eventos que acontecem no parque • Realização de eventos sem regulação causa problemas para a vizinhança • A gestão é percebida como ineficaz na manutenção do parque e resolução de conflitos

A partir desses sentimentos, problemas e potencialidades detectadas pelas pessoas participantes das atividades da Avaliação, foram propostos por elas mesmas **soluções e desejos para o Parque Linear Água Vermelha**.

Sobre a **conexão urbana** do parque com o seu entorno, foi apontada a necessidade de cuidar do córrego -- principalmente evitando o descarte de lixo e entulho, assim como a incorporação de espaços acessíveis dentro do parque e para chegar até ele. Foi solicitado a inclusão de uma ciclovia e pista de caminhada, tanto para lazer como para consolidar a vocação de conexão do parque.

Potencialidades – Pontos Positivos
• Muito espaço livre no parque • Espaço para atividades esportivas, que une as pessoas para uso dos campos aos finais de semana • Local de conexão e passagem • Anfiteatro tem potencial de se tornar espaço cultural • Projeto cultural do entorno poderia atuar no parque • Muitas pessoas idosas residentes do entorno • Existe demanda de atividades esportivas diversificadas como grupo de caminhada de mulheres, basquete e vôlei • Proximidade com equipamentos como escolas • Possibilidade de parcerias com a subprefeitura, para promover atividades culturais
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

E, por último, foi sugerida a implantação de mais árvores – incluindo frutíferas – e vegetação em geral, para amenizar a permanência no espaço, mas, também, para "as crianças se conectarem mais com a natureza".

Sobre a **infraestrutura do parque** foram propostos elementos de comunicação visual (especialmente avisos informativos), mobiliários e elementos lúdicos (parquinhos para todas as idades, parques naturalizados e integrados à topografia, brinquedos não estruturados e para PcD, e mesas de ping-pong) e locais para descanso (bancos, redários e outros lugares para sentar-se) e outras atividades de lazer (quiosque para eventos, churrasqueiras e palco coberto para apresentações). Foram solicitados equipamentos relacionados ao funcionamento do parque como bebedouros, banheiros, contentores e latas de lixo reciclável, cachorródromo, reforma dos vestiários existentes, iluminação (postes e de outro tipo de escala humana) e uma sede administrativa.

Ter vendas de alimentos no parque, com mesas e cadeiras, também foi um pedido, argumentando que isso ajudaria a promover a permanência no espaço. Um elemento de proteção contra quedas ao córrego foi também solicitado. Quadras de basquete e vôlei e a colocação de gramado sintético e arquibancadas nas laterais dos campos, foram também desejos que surgiram.

Sobre os **usos e a gestão** do parque, foi mencionado a importância de prever a manutenção e limpeza constante e garantir segurança no local, seja com policiamento 24 horas ou com monitoramento por câmera. Foi pedido que eventos como cinema ao ar livre, oficinas e piqueniques coletivos sejam

promovidos, mas que exista a infraestrutura adequada para acolher esses eventos. Finalmente, foi solicitado converter o Conselho Gestor do Parque num espaço deliberativo, e não apenas consultivo, com o intuito de consolidar a governança compartilhada.

Figura 20. Oficina no Parque Linear Água Vermelha.



Fonte: Acervo ONU-Habitat.

3. Avaliação

As Seções 3.1 a 3.7 apresentam os principais resultados obtidos com a aplicação da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*, sendo cada Seção correspondente a uma dimensão de análise.

3.1 Caracterização urbana da área de influência

Dentro da área de influência do Parque Linear Água Vermelha predomina o padrão residencial unifamiliar horizontal, caracterizado por moradias de um a dois pavimentos. O local é marcado por uma maior vulnerabilidade socioeconômica com a existência de favelas e núcleos urbanos informais. Conforme *Mapa 2*, é possível identificar uma área de favela contínua situada ao sul do parque.

Dentro do perímetro estabelecido do parque há um núcleo de ocupação, que será apresentado na *Seção 3.7 Governança*.

Ao lado da área sinalizada como favela, ao extremo sul do parque, há um conjunto habitacional multifamiliar vertical com 13 torres, implantado no ano de 2019. O elevado número de habitantes e a proximidade do empreendimento com o parque faz com que aumente o potencial de pessoas frequentadoras, além de exercer uma pressão por infraestrutura qualificada, diversa, inclusiva e segura.

Seguindo a tipologia urbana predominante da área de influência, os lotes que estão situados em frente ao parque são majoritariamente residenciais unifamiliares.

Figura 21: Tipologia urbana predominante



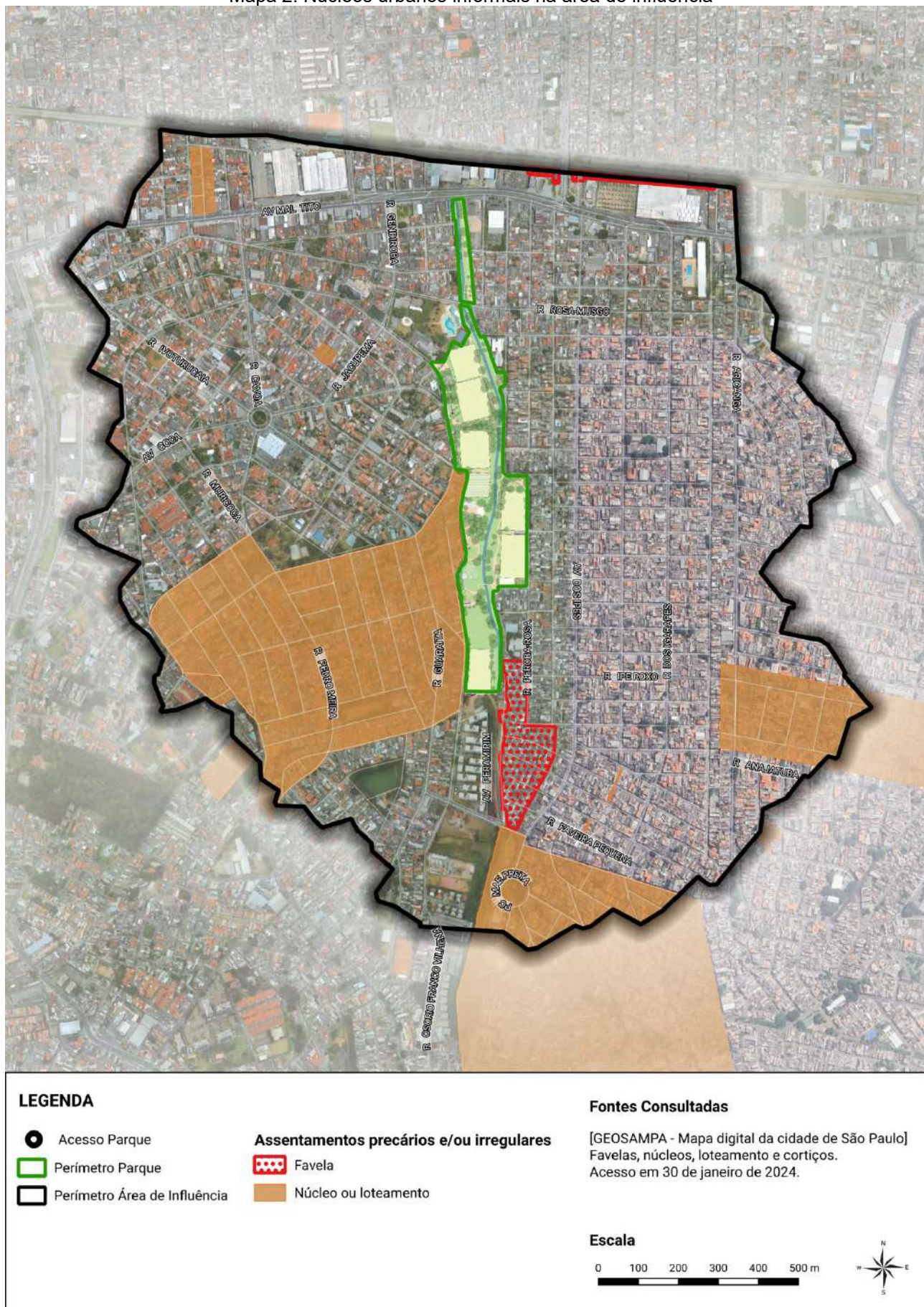
EM PRODUÇÃO

Figurinha representando um bairro com residências e lotes dando fundo para o parque.

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Não há atividades comerciais em frente ao parque, sendo que sua existência é considerada um elemento de promoção de vitalidade e segurança urbana, uma vez que aumenta a circulação de pessoas em diferentes horários do dia (Jacobs, 2011). Essa maior “vigilância” do espaço público é considerada fundamental para o aumento da sensação de segurança de mulheres e meninas (Safer Parks Consortium, 2023).

Mapa 2: Núcleos urbanos informais na área de influência



Fonte: Adaptado de GeoSampa, 2024. Elaboração própria, ONU-Habitat

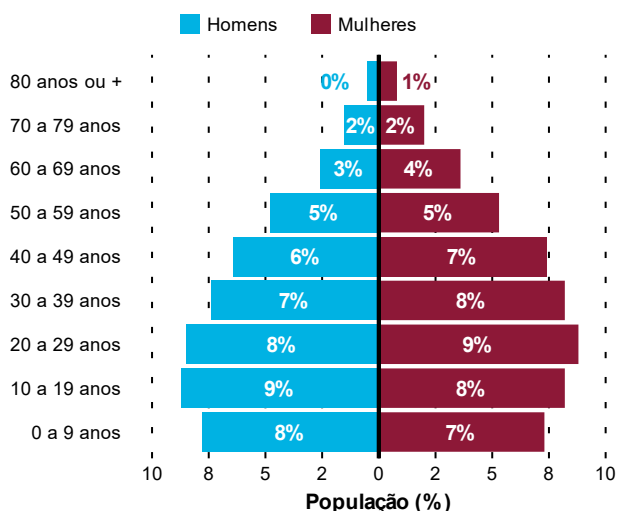
3.1.2 Pessoas no Parque Linear Água Vermelha e na sua área de influência

A caracterização das pessoas que vivem na área de influência e frequentam o parque é fundamental para compreender quais os perfis predominantes e como o parque pode atender às necessidades específicas destes grupos.

De acordo com dados do Censo 2010, a faixa etária predominante das pessoas na área de influência é de crianças entre 10 e 19 anos, seguido por jovens e adultas, nas faixas de 20 a 29 anos.

Gráfico 1: Faixa etária das pessoas na área de influência

Proporção de faixa etária das pessoas na área de influência

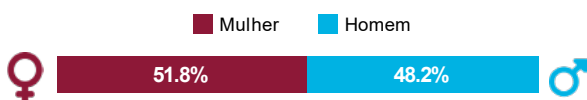


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Das 39.346 pessoas que vivem dentro da área de influência do parque, predominam as mulheres, com aproximadamente 52% de habitantes do sexo feminino e 48% masculino.

Gráfico 2: Gênero das pessoas na área de influência

Proporção de identificação de gênero das pessoas na área de influência

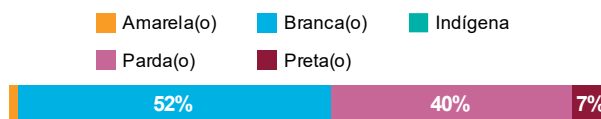


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça das pessoas que vivem na área de influência, 52% se declararam brancas e 40% pretas ou pardas.

Gráfico 3: Perfil de cor ou raça das pessoas na área de influência

Proporção de raça e cor na área de influência

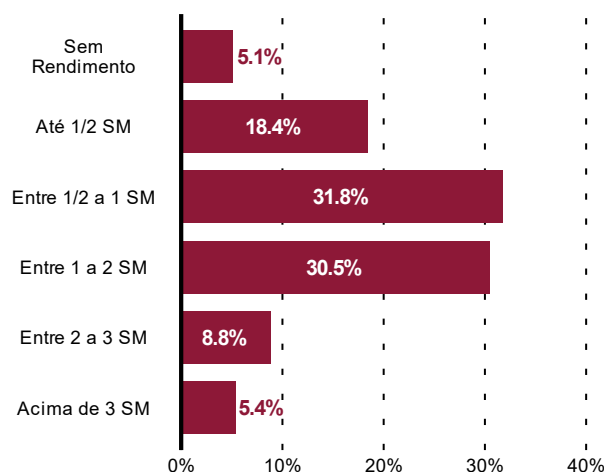


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O perfil socioeconômico da população que vive na área de influência é marcado por uma situação de alta vulnerabilidade, onde mais da metade (55,3%) da população vive em situação de pobreza, caracterizada por um rendimento per capita mensal de até 1 salário-mínimo (The World Bank, 2025).

Gráfico 4: Perfil de renda das pessoas na área de influência

Distribuição de domicílios por faixa de rendimento per capita em salários-mínimo (SM)

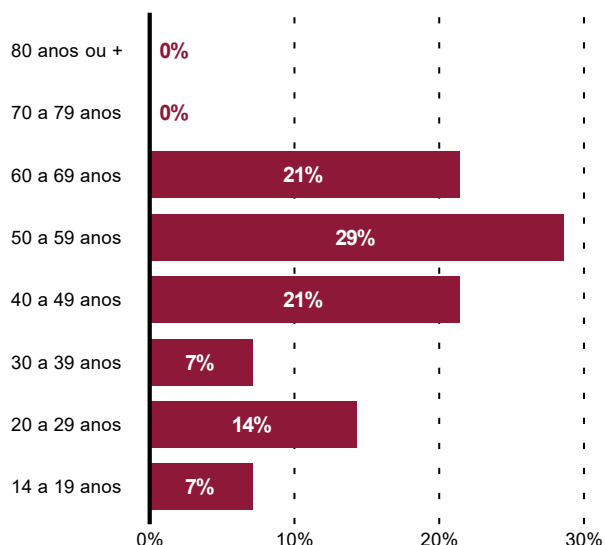


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Dentre as pessoas entrevistadas que frequentam o parque, houve predomínio de adultos de 50 a 59 anos representando 29% do total.

Gráfico 5: Faixa etária das pessoas que frequentam o parque

Proporção de faixa etária das pessoas entrevistadas



O Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Apesar da população na área de influência ser predominantemente feminina, no parque foram entrevistados mais homens.

Tal fato pode estar associado ao predomínio de equipamentos esportivos como quadras e campos de futebol, atividades que tendem a atrair um maior público masculino.

Gráfico 6: Gênero das pessoas que frequentam o parque

Proporção de identificação de gênero das pessoas entrevistadas

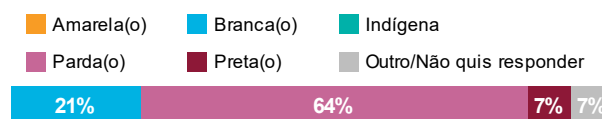


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça, 71% das pessoas entrevistadas se declararam pretas ou pardas, percentual superior ao perfil da população que vive na área de influência.

Gráfico 7: Perfil de cor ou raça das pessoas que frequentam o parque

Proporção de raça e cor na área de influência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Linear Água Vermelha se caracteriza por uma alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (55,3% da população);
2. A faixa etária predominante na área de influência do parque é de crianças e jovens entre 10 e 19 anos, sendo necessária a previsão de equipamentos e atividades para esse perfil;
3. Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 36%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 51,8%;
4. Empreendimento habitacional multifamiliar vertical extremo sul do parque aumenta a demanda por espaços públicos qualificados e diversificados.

3.2 Acessibilidade

O primeiro indicador analisado para avaliar a acessibilidade do Parque Linear Água Vermelha refere-se às infraestruturas de deslocamento existentes em sua área de influência. Esse indicador, representado no mapa ao lado (*Mapa 3*), inclui o levantamento do sistema cicloviário, bem como a cobertura do transporte público, considerando estações de metrô, terminais de trem e de ônibus, além de pontos de ônibus.

Com relação aos sistemas de transporte público citados, não há estações de metrô, terminais de trem ou terminais de ônibus dentro da área de influência do parque. Contudo, há uma quantidade significativa de pontos de ônibus nas ruas adjacentes ao parque, servidos por 40 linhas de ônibus.

Quanto ao sistema cicloviário, observou-se que a área de influência do parque conta com uma ciclofaixa ao longo da Avenida Coca, estendendo-se pela Rua Cavia e por grande parte da Rua Elias Monteiro Cardoso. No entanto, essa infraestrutura não se conecta diretamente ao parque, encerrando-se a dois quarteirões de seu perímetro.

Essa desconexão evidencia a falta de conectividade cicloviária da área de influência, além da ciclofaixa presente ser uma opção limitada para quem deseja acessar o parque de bicicleta.

Ainda no âmbito das infraestruturas de deslocamento, realizou-se uma análise das calçadas dentro do perímetro da área de influência, considerando a largura adequada para o deslocamento a pé. Considera-se como padrão uma largura mínima de 1,90 m, conforme a legislação, que prevê uma faixa livre de circulação de 1,20 m e uma faixa de serviço de 0,70 m, destinada à instalação de mobiliário urbano, como árvores e postes de iluminação.

A área de influência do parque possui 52% das suas calçadas com larguras adequadas à caminhabilidade.

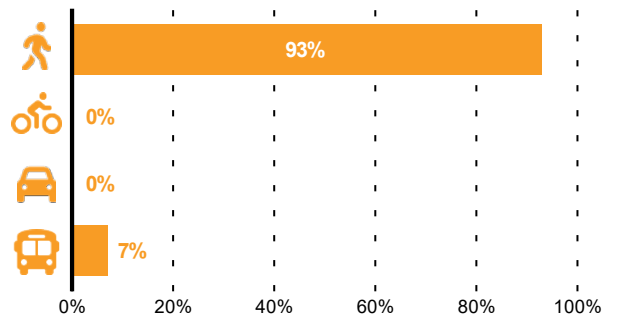
A análise de calçadas revela que quase metade (48%) das calçadas no entorno do parque não atendem à largura mínima exigida pela legislação, representando uma limitação significativa para o acesso seguro e inclusivo ao local. Essa deficiência impacta especialmente pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, que dependem de condições adequadas para se deslocar de maneira segura.

Analisar a qualidade da infraestrutura de deslocamento, especialmente aquelas relacionadas aos modos ativos, como caminhar e pedalar, é essencial devido aos múltiplos benefícios associados. Esses modos promovem melhorias na qualidade de vida urbana, tanto por meio de ganhos à saúde quanto pela redução de emissões de carbono (Sampapé, 2019).

Conforme levantado em entrevistas realizadas durante a *oficina aberta* em outubro de 2024, a grande maioria das pessoas que acessam o parque (93%) chegam a pé. Esse dado reforça a importância de calçadas adequadas para garantir condições de acesso seguras e confortáveis. Apenas 7% acessam o parque de transporte público, e nenhuma das pessoas entrevistadas acessam de carro ou bicicleta.

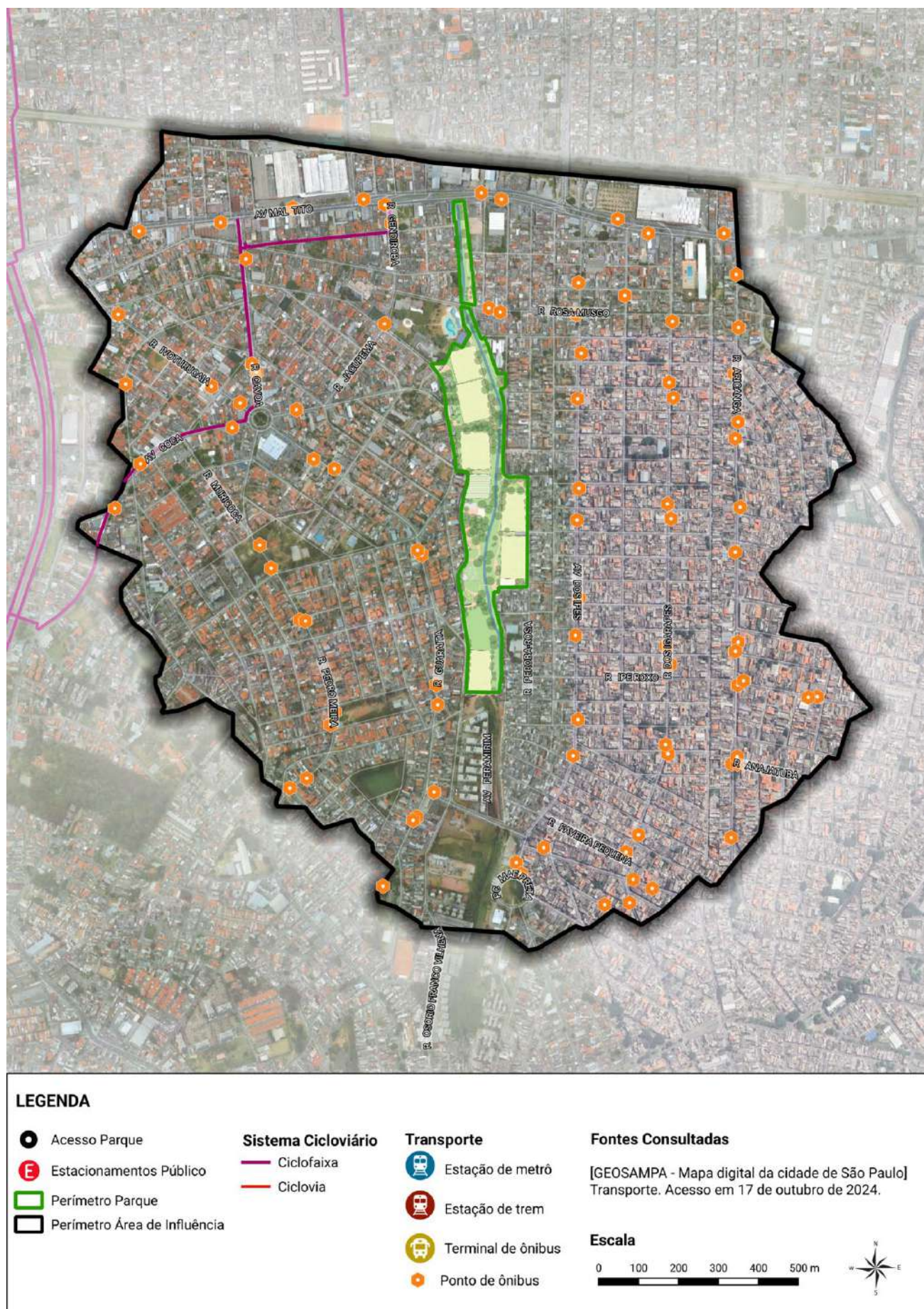
Gráfico 8: meio de locomoção das pessoas usuárias do parque

Proporção das respostas das pessoas entrevistada:



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Mapa 3: Mapa de identificação dos modelos de deslocamento



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A presença de equipamentos que incentivem meios de deslocamento específicos, como estacionamentos para bicicletas e veículos privados, é fundamental para compreender os incentivos e limitações ao uso desses modais.

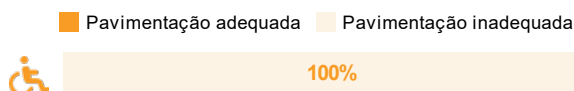
No caso do Parque Linear Água Vermelha, não há equipamentos para o estacionamento seguro de bicicletas, como paraciclos ou bicicletários, evidenciando a ausência de infraestrutura que promova o uso desse modal sustentável.

Já em relação ao estacionamento de veículos, por se tratar de um parque linear, não há uma entrada centralizada ou formal que concentre o acesso de pessoas, permitindo que estes estacionem ao longo de boa parte do perímetro. No entanto, conforme observado no *Gráfico 9*, o acesso por transporte individual motorizado não apresenta relevância significativa.

Outro aspecto essencial na análise de acessibilidade do Parque Linear Água Vermelha é sua adequação à acessibilidade universal no perímetro interno. Um parque acessível garante que pessoas com deficiência e mobilidade reduzida possam usufruir plenamente do espaço, promovendo a inclusão. Além disso, a acessibilidade impacta diretamente a apropriação por mulheres, que, devido ao papel de cuidadoras socialmente atribuído, frequentemente acompanham pessoas idosas e crianças (Sampapé, 2019). Esses grupos dependem de uma pavimentação segura e adequada, que permita também o uso de equipamentos como carrinhos de bebê.

Gráfico 9: Acessibilidade nos setores do parque

Setores por adequação de pavimentação e inclinação para pessoas com deficiência

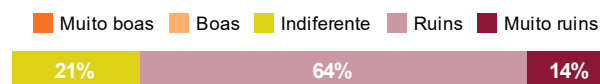


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Diante das observações realizadas no parque, verificou-se que 100% dos setores apresentam problemas de pavimentação e inclinação, comprometendo a acessibilidade universal. Esse dado explica a alta porcentagem de pessoas entrevistadas que avaliam a acessibilidade do parque como ruim (64%) ou muito ruim (14%), conforme demonstrado no *Gráfico 10*.

Gráfico 10: Percepção de acessibilidade pelo público

Percepção das pessoas entrevistadas sobre a acessibilidade do parque



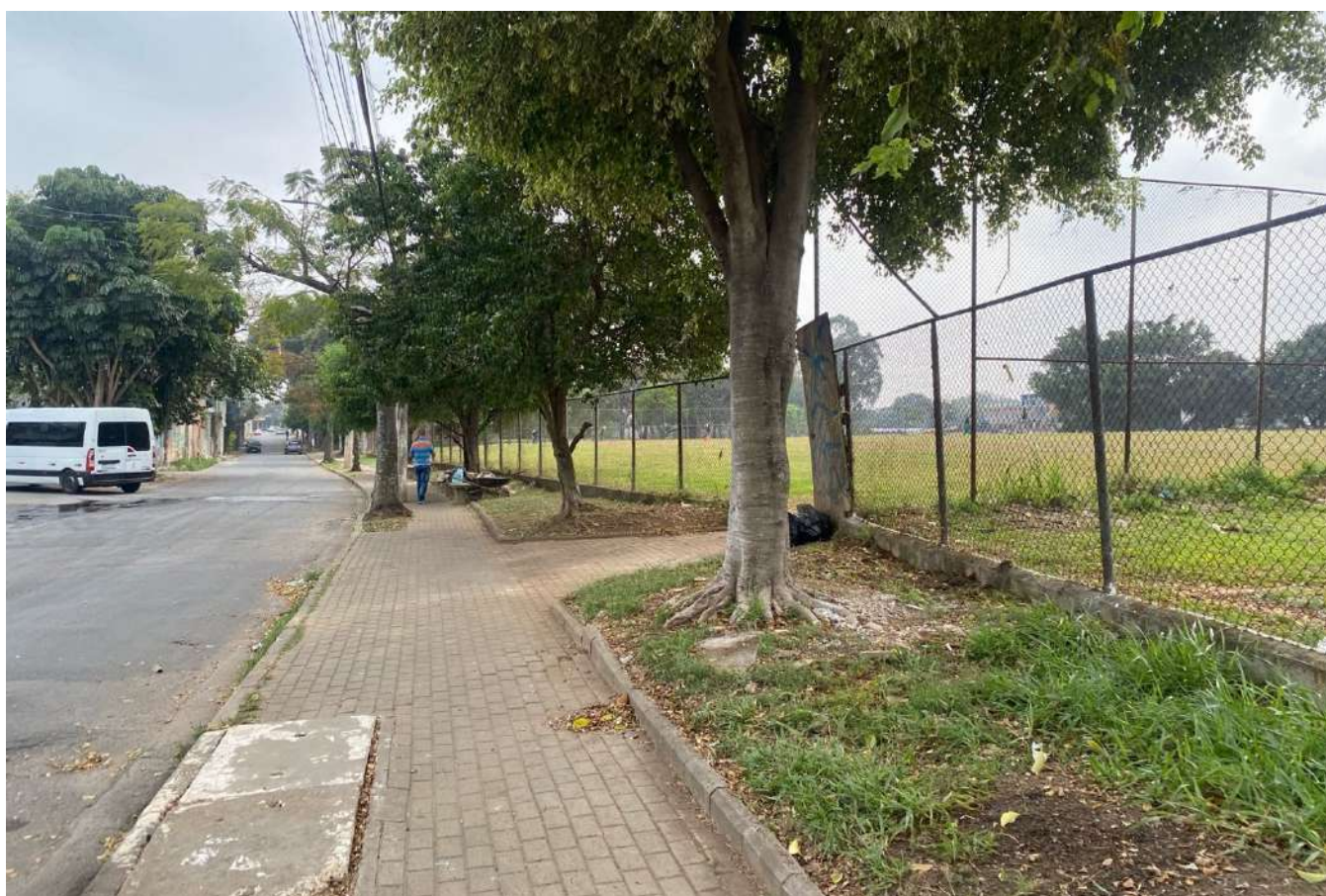
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além disso, 21% das pessoas entrevistadas consideram a acessibilidade indiferente, e nenhuma delas a classificou como boa ou muito boa. Esses resultados indicam a necessidade de adequação dos caminhos internos para garantir um espaço verdadeiramente acessível à todas as pessoas.

O que se descobriu?

1. Falta de conectividade cicloviária na área de influência e ausência de infraestrutura para ciclistas dentro do parque;
2. Deficiência nas calçadas do entorno, sendo que 48% não atendem à largura mínima exigida por lei;
3. Predominância do acesso a pé, com 93% das pessoas chegando ao parque caminhando;
4. Barreiras à acessibilidade universal, com problemas de pavimentação e inclinação em 100% dos setores. Como resultado, 78% das pessoas entrevistadas avaliam a acessibilidade como ruim ou muito ruim, e nenhuma a considera boa.

Figura 22: Registros do Parque Linear Água Vermelha do dia da visita técnica com servidores



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3.3 Instalações e mobiliário

Assim como as cidades podem convidar as pessoas para uma vida em seus espaços, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo (Gehl, 2010). Considerando esse potencial transformativo, foi realizado o levantamento em campo da condição dos principais elementos que compõem a infraestrutura do parque.

Conforme a *Tabela 2* e *Tabela 3*, o Parque Linear Água Vermelha conta com dez setores, dos quais seis são dedicados à prática esportiva, três a espaços para crianças e bebês e um sanitário. Em nenhum dos setores há equipamentos adaptados a pessoas com deficiência. O parque conta com outros setores, porém não serão apresentados nesta Avaliação por serem administrados por outras Secretarias externas à SVMA (ver *Seção 3.7: Governança*).

Assim como a maioria dos parques lineares, o Parque Linear Água Vermelha não dispõe de sede administrativa. A existência de uma portaria de vigilantes e de outros funcionários, oferecendo apoio aos visitantes, reforça a ideia de que a área protegida é um lugar seguro, favorecendo a sua frequência especialmente para famílias e crianças. (Semeia, 2021).

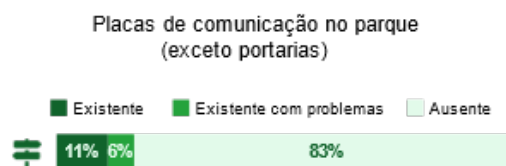
No levantamento de mobiliário urbano existente nos setores, foi observado que há maior carência de lixeiras, bebedouros e placas de comunicação nos setores.

A falta de lixeiras pode resultar em maiores ocorrências de descarte irregular de lixo, conforme será apresentado na dimensão 3.5: *Conforto e Ambiente*. Quanto aos bebedouros, o parque não conta com nenhuma unidade, o que pode resultar em desincentivos à frequência e permanência no local.

Em relação à sinalização, o Parque Linear Água Vermelha não conta com placas de indicações ou recomendação em seus setores, exceto no *Espaço de esporte e lazer 4*.

Há também, uma carência generalizada de outros elementos de sinalização, como identificação de nome do parque e sinalização nos passeios e áreas de circulação. No *Gráfico 11* é possível verificar que em 83% dos locais do parque não há sinalização, sendo que 6% da sinalização existente possui problemas de manutenção, o que inviabiliza sua correta visualização.

Gráfico 11: Caracterização da sinalização no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Tabela 2: Avaliação dos setores do parque- Equipamentos e mobiliário

Nome do setor	Equipamento	Necessita manutenção	Mobiliário				
1 Espaço de esporte e lazer 1	Campo de futebol	Sim					
2 Espaço de esporte e lazer 2	Quadra futebol	Sim					
3 Espaço de esporte e lazer 3	Pista de skate	Sim					
4 Espaço de esporte e lazer 4	Academia	Sim					
5 Espaço de esporte e lazer 5	Academia	Sim					
6 Espaço de esporte e lazer 6	Mesa de xadrez/damas	Não					
1 Espaço para crianças e bebês 1	Parquinho	Sim					
2 Espaço para crianças e bebês 2	Parquinho	Sim					
3 Espaço para crianças e bebês 3	Parquinho	Não					

Legenda:

Figura 23: Localização dos setores do Parque Linear Água Vermelha



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Os demais elementos de mobiliário, como bancos e postes de iluminação, estão presentes em todos os setores, exceto dois setores esportivos (*Espaço de esporte e lazer 1 e 6*) que estão sem iluminação. Considerando que se trata de um parque linear e, portanto, não há fechamento durante o período noturno, é fundamental que todos os setores e áreas de circulação contem com elementos de iluminação.

Em relação aos equipamentos presentes nos setores, foi identificada a necessidade de manutenção em sua maioria.

Os equipamentos esportivos, de forma geral, carecem de manutenção em alambrados e pintura. A quadra esportiva e o campo são de uso exclusivo da prática de futebol, sendo que uma das demandas trazidas durante o processo participativo (ver *Capítulo 2 Processo participativo*) foi de haver maior diversidade de usos nestes locais. Também foi reportado pelas pessoas que a pista de skate (*Espaço de Esporte e Lazer 3*) foi projetada de forma inadequada à prática do esporte, o que restringe sua

possibilidade utilização e aumenta os riscos de acidentes.

Os três setores de espaço para crianças e bebês contam com poucos brinquedos infantis, sendo que alguns deles não estavam em correto funcionamento no momento da vistoria.

O Parque Linear Água Vermelha não conta com um setor de sanitário público, apenas de uso exclusivo para as atividades de futebol, administrado por associações comunitárias locais (ver *Seção 3.7 Governança*). A falta dessa infraestrutura de apoio pode ser um obstáculo para muitas famílias. Banheiros limpos, acessíveis e com espaço adequado para troca de fraldas são estruturas que auxiliam na atração desse público e tendem a proporcionar uma experiência positiva nos parques (Safer Parks Consortium, 2023).

O parque não dispõe de elementos de combate a incêndio ou de equipamentos de primeiros socorros, uma vez que não possui sede administrativa para abrigar tais insumos.

O que se descobriu?

1. Assim como a maioria dos parques lineares, o Parque Linear Água Vermelha não possui sede administrativa e sanitários de uso público;
2. Alguns setores do parque não contam com iluminação, sendo um elemento fundamental sobretudo em parques lineares que não fecham durante o período noturno;
3. Não há sinalização de comunicação nos setores do parque ou distribuídos em outros pontos;
4. A maioria dos setores não conta com lixeiras;
5. O parque não possui bebedouros;
6. Além da necessidade de manutenção, há poucas opções de brinquedos nos parquinhos

Figura 24: Área infantil e edificação sem uso (antigo vestiário) no parque



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3.4 Segurança

Para garantir uma apropriação inclusiva e segura dos parques, especialmente por mulheres e crianças, é essencial analisar detalhadamente os aspectos relacionados à segurança. Nesse sentido, a dimensão de segurança avalia indicadores que conectam fatores como a distribuição de ocorrências criminais e os mecanismos de vigilância à percepção das pessoas usuárias sobre sua sensação de segurança nesses espaços públicos verdes.

Entre os fatores que influenciam a percepção de segurança, os índices de criminalidade no entorno destacam-se como um elemento de importante análise. Regiões com altos índices de ocorrências frequentemente estigmatizam o local como inseguro, o que reduz o uso do espaço e dificulta a implementação de programas e atividades (Caldeira, 2011). Esse ciclo perpetua a imagem de abandono e risco associada ao parque, reforçando a sensação de insegurança. Assim, ações de segurança pública combinadas com estratégias que ampliem os usos do espaço são essenciais para aumentar a vitalidade e a atratividade desses locais.

A análise da criminalidade do entorno foi realizada por meio de um indicador baseado no registro de ocorrências, desagregadas por tipo: roubos, furtos, outros crimes e violência física. O *Mapa 4* apresenta a localização e distribuição das classificações de ocorrências registradas em 2023, contribuindo para o entendimento das dinâmicas de segurança na área.

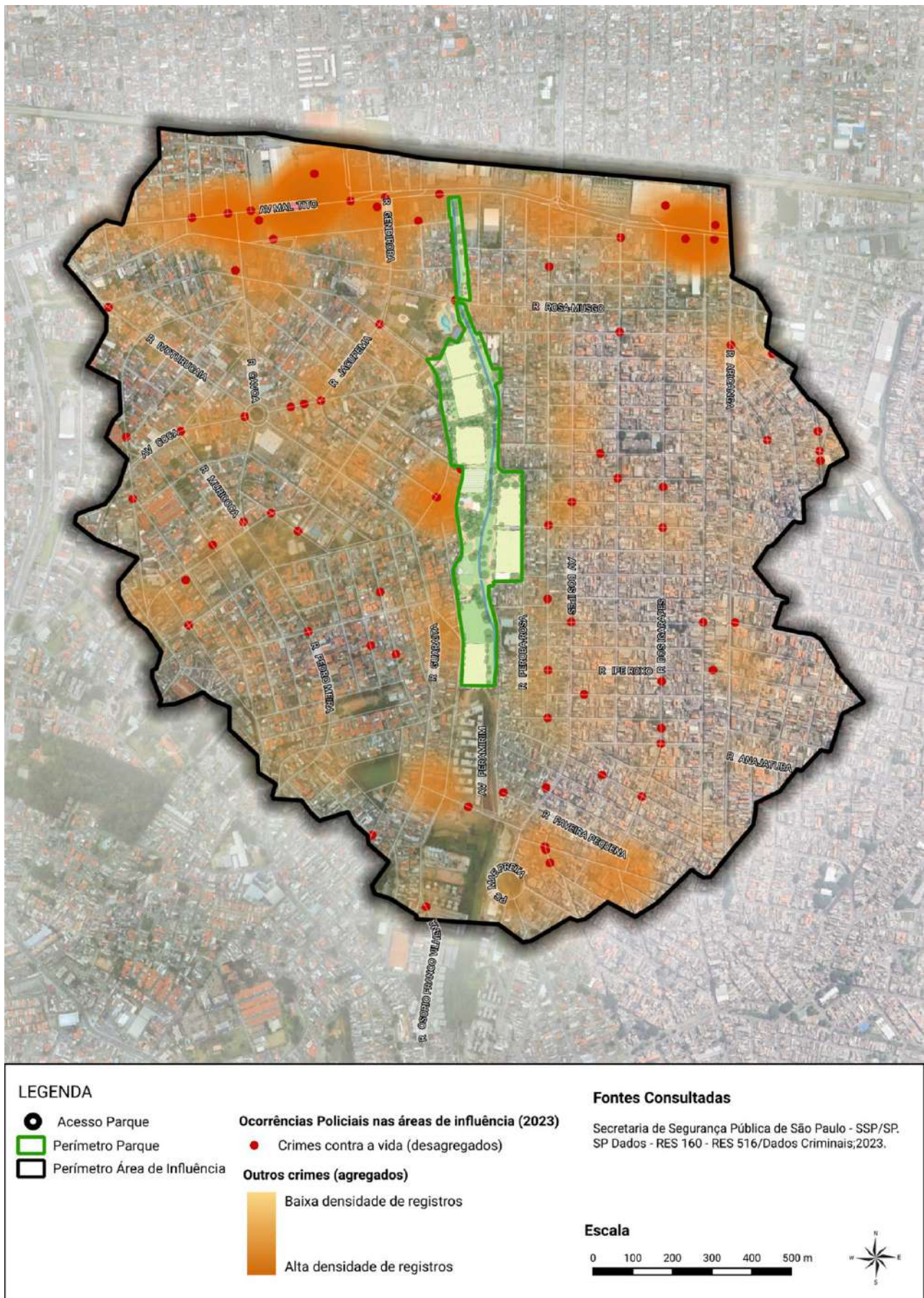
Ao longo do perímetro do parque, observa-se uma alta concentração de ocorrências criminais, principalmente em um ponto próximo à Rua João de Mesquita, e em um local ao sul do parque, próximo à Rua Guaraita.

A alta densidade de registros nesses pontos às bordas do parque indica a existência de áreas de insegurança para as pessoas frequentadoras, que podem atingir o interior do parque.

Essa hipótese é reforçada pelas principais contribuições incluídas no *Capítulo 2 Processo participativo*, que apontaram a ocorrência de assaltos no interior do parque. Diante disso, destaca-se a necessidade de implementar medidas de segurança, especialmente nas proximidades desses locais, para fortalecer a proteção das pessoas usuárias.

Além disso, há uma alta incidência de registros na Avenida Marechal Tito, ao norte da área de influência do parque, e em dois pontos ao sul. Essas concentrações na área de influência indicam áreas de maior risco para quem circula no entorno do parque, reforçando a necessidade de priorizar medidas de vigilância nesses locais.

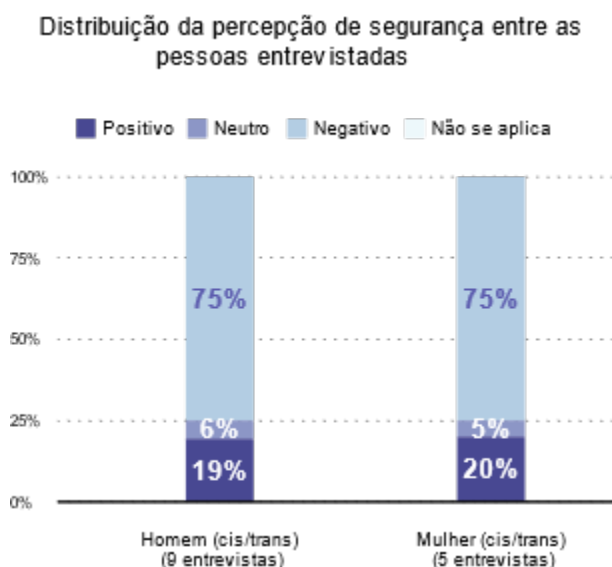
Mapa 4: Registro de ocorrências desagregado por tipo



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Ao abordar as pessoas frequentadoras do Parque Linear Água Vermelha sobre sua percepção de segurança em relação ao uso e permanência no espaço, a maioria indicou uma sensação negativa ao frequentar o parque, como é possível confirmar no gráfico abaixo:

Gráfico 12: Nível de segurança percebido pela comunidade por gênero



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A predominância da sensação de insegurança, observada em 75% das pessoas entrevistadas, pode ser explicada por diversos fatores. Um deles é a concentração de ocorrências criminais nos arredores do parque (Caldeira, 2011), conforme demonstrado no *Mapa 4*. Esse vínculo se torna ainda mais evidente ao analisarmos os locais dentro do perímetro do parque que foram considerados mais inseguros pelas pessoas entrevistadas, conforme indicado na *Figura 25*.

Tanto os homens (nove pessoas) quanto mulheres (cinco pessoas) entrevistadas apontaram a área central e a região sul do parque como as mais inseguras, coincidindo com os locais próximos ao perímetro onde se registram as maiores densidades de ocorrências criminais.

Outros pontos relevantes de insegurança é a área de travessia no córrego na porção sul do parque, a região próxima da ocupação na área central, além da região ao extremo norte do parque, identificada como insegura por alguns dos homens entrevistados.

Além das ocorrências criminais, outros dois aspectos adicionais influenciam significativamente a percepção de segurança: a presença de atos de vandalismo, como roubos e depredação de equipamentos, e a distribuição de elementos de segurança, como câmeras de

vigilância e vigilantes, que podem acontecer de forma bem distribuída pelo parque, ou com locais sem a presença de vigilância (Safer Parks Consortium, 2023).

A *Figura 25* detalha as áreas do parque afetadas por vandalismo e a distribuição de elementos de segurança.

Em relação à cobertura dos elementos de segurança, observou-se a ausência de câmeras de vigilância ao longo de todo o perímetro do parque.

Além disso, não foi identificada a presença de vigilantes em nenhum dos setores do parque no momento da coleta de dados.

De acordo com a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), a baixa circulação de visitantes e pessoas funcionárias é um dos principais fatores que contribuem para a sensação de insegurança em parques. Nesse sentido, a ausência de vigilância reforça a hipótese de que a falta de mecanismos de **vigilância ativa** pode estar relacionada ao alto índice de insegurança percebido pelas pessoas usuárias.

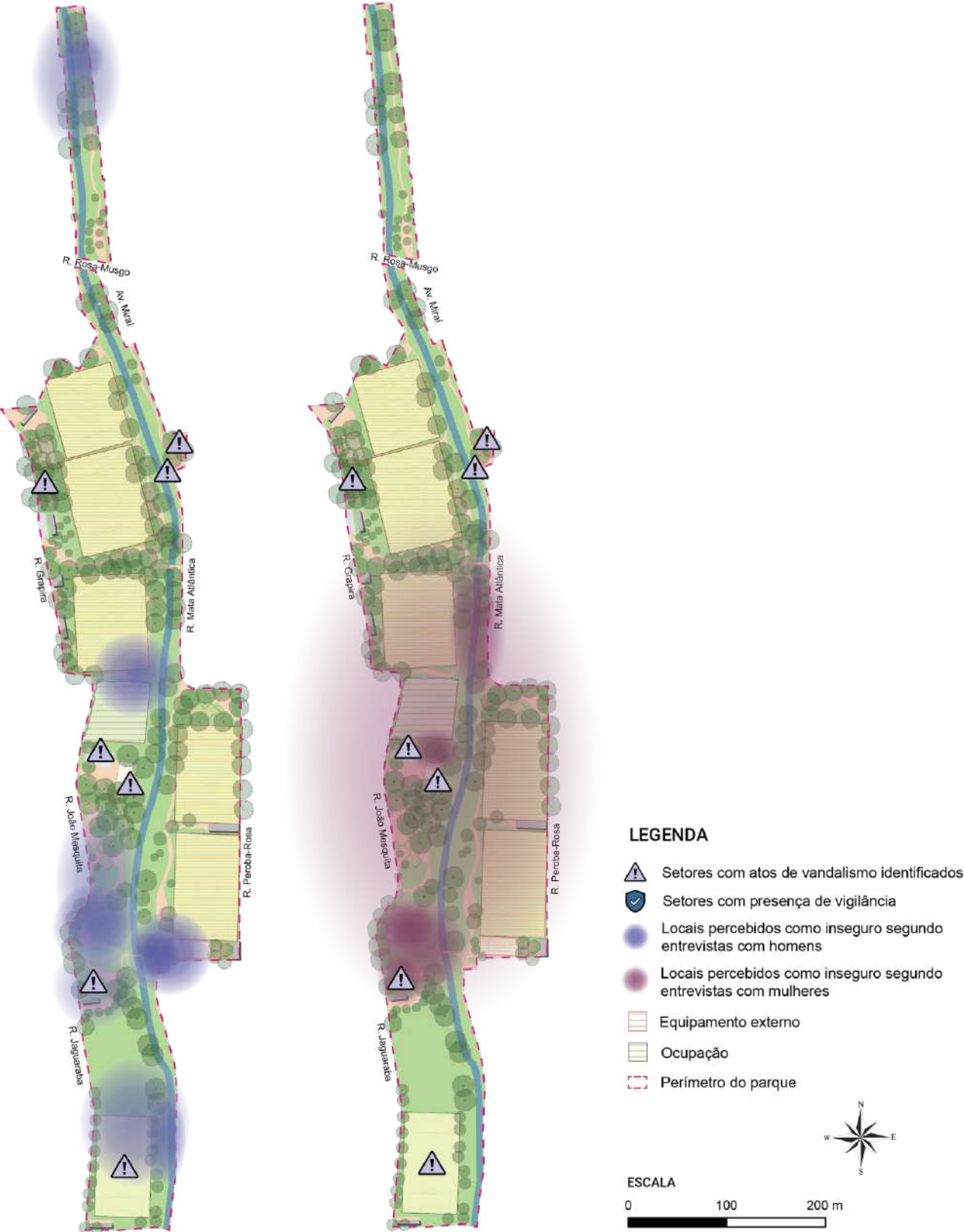
Quanto à distribuição de atos de vandalismo, uma grande área do parque foi mapeada como afetada por esse problema.

Novamente em relação aos pontos percebidos como inseguros, a região sul e central do parque coincide com alguns dos pontos de vandalismo identificados, o que pode contribuir para a sensação de insegurança nessas áreas.

O que se descobriu?

1. Há uma alta densidade de ocorrências criminais em dois pontos do perímetro do parque: um na região central e outro ao sul. Essas regiões também foram apontadas pelas pessoas entrevistadas como as mais inseguras dentro do parque;
2. Foi identificada uma alta incidência de registros na Avenida Marechal Tito, ao norte da área de influência do parque, além de dois pontos ao sul;
3. 75% das pessoas entrevistadas se sentem inseguras no parque;
4. No momento da coleta de dados, não foi observada a presença de vigilantes em nenhum dos setores do parque;
5. Uma grande área do parque foi mapeada com a incidência de atos de vandalismo.

Figura 25: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3.5 Conforto e ambiente

A sensação de bem-estar que as pessoas desfrutam dentro dos parques está associada a diversos fatores relacionados à qualidade do ambiente, tais como atenuação da sensação de calor, redução do ruído urbano excessivo e aproximação com a natureza (Semeia, 2021a). Dessa forma, o conceito de conforto ambiental relaciona como os aspectos, acústicos, térmicos e naturais interagem com as pessoas em determinado meio.

Com o objetivo de identificar os possíveis elementos que possam comprometer a sensação de bem-estar promovida pelo conforto ambiental, foram realizadas entrevistas para compreender a percepção que as pessoas possuem do Parque Linear Água Vermelha.

Os baixos níveis de ruído contribuem com a sensação de bem-estar no espaço público e ainda favorecem as interações sociais através de conversas (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque qual a percepção em relação à presença de sons agradáveis.

A maioria das pessoas (79%) afirmaram desfrutar de sons agradáveis no parque, enquanto 14% afirmam detectar a presença de ruídos no local.

Gráfico 13: Percepção da qualidade sonora pelas pessoas que frequentam o parque

Percepção de sons agradáveis e sem ruído no parque pelas pessoas entrevistadas



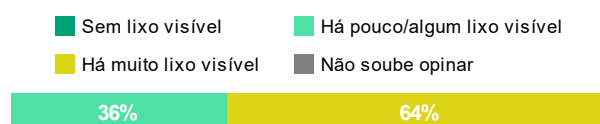
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A qualidade da limpeza do espaço também pode afetar a sensação de conforto ambiental, além de ser importante na preservação dos parques. Em levantamento técnico em campo, foram identificados oito pontos de descarte irregular de lixo (*Figura 26*), dentre os 10 setores existentes no parque (incluindo sanitário). Esse resultado se relaciona com a ausência de lixeiras nos setores identificada no *Seção 3.3 Instalações e Mobiliário*. Além dos setores, há pontos de descarte próximos ao córrego, inclusive em suas margens.

Em entrevista realizada com as pessoas frequentam o parque, todas afirmam perceber locais de descarte irregular de lixo, sendo que a maioria afirma haver muito lixo visível no local.

Gráfico 14: Percepção da existência de descarte irregular de lixo pelas pessoas que frequentam o parque

Proporção da percepção de lixo espalhado no parque pelos entrevistados



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Este resultado, junto aos pontos de descarte apresentados na *Figura 26* e a ausência de lixeiras na maior parte dos setores, apontam para uma urgência em medidas relacionadas à coleta de resíduos no parque.

Figura 26: Locais com descarte irregular de lixo identificado



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O conforto térmico foi avaliado pela presença de elementos de sombreamento, naturais ou artificiais, para proteção do calor extremo e da insolação.

A maioria dos setores não conta com elementos de sombreamento. Dois, dos três setores de *Espaço para crianças e bebês*, não possuem elementos para sombreamento, bem como a metade dos setores de *Espaço de esporte e lazer*.

Este fato foi reforçado no processo participativo, no qual as pessoas frequentadoras do parque apontaram a falta de elementos de sombreamento (ver *Capítulo 2 Processo participativo*).

Tabela 3: Presença de estruturas de sombreamento nos setores

Nome do setor	Sombras
 Espaço de esporte e lazer 1	
 Espaço de esporte e lazer 2	
 Espaço de esporte e lazer 3	
 Espaço de esporte e lazer 4	
 Espaço de esporte e lazer 5	
 Espaço de esporte e lazer 6	
 Espaço para crianças e bebês 1	
 Espaço para crianças e bebês 2	
 Espaço para crianças e bebês 3	
ausente  presente 	

Legenda:

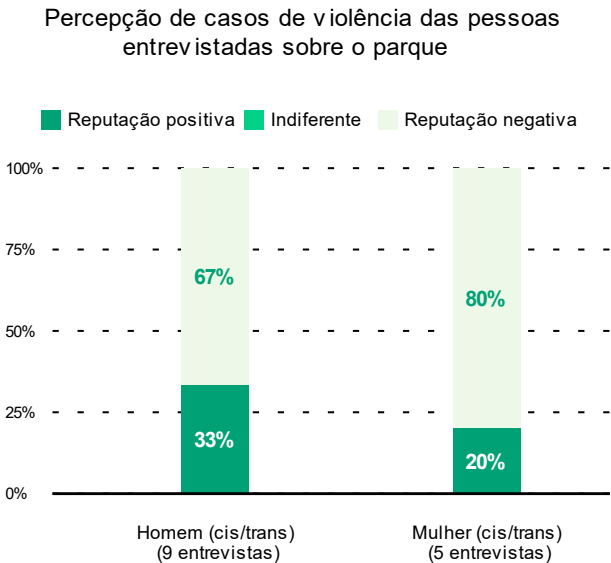
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos elementos físicos que podem aprimorar ou comprometer a sensação de bem-estar no parque, a reputação que o espaço possui na comunidade onde está inserido é fundamental para a garantia de uma devida apropriação social.

O conhecimento da percepção das pessoas sobre o espaço também permite ao poder público conhecer as diferentes visões de mundo em relação ao parque e aos territórios em questão, criando a oportunidade de considerar essas contribuições sempre que houver viabilidade para implementá-las (Semeia, 2023).

Dessa forma, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque se já ouviram notícias ou relatos de situações de insegurança que aconteceram no parque (*Gráfico 15*). Do total de pessoas entrevistadas, 67% dos homens relatam ter ouvido histórias relacionadas a casos de violência no parque. Esse percentual é maior quando relacionado à opinião das mulheres, uma vez que 80% das entrevistadas confirmam uma reputação negativa do parque associada a casos de violência.

Gráfico 15: Reputação do parque por gênero



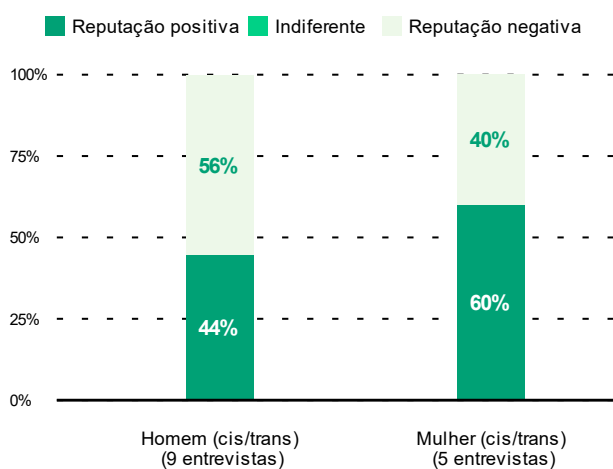
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Também foi perguntado às pessoas se elas recomendariam o parque enquanto opção de lazer do bairro. Das pessoas entrevistadas, a maioria dos homens (56%) afirmaram que não recomendariam o parque, enquanto 40% das mulheres também não fariam.

Ambos os resultados sugerem que ainda há necessidade de transformação da imagem do parque para melhorar sua reputação, e com isso fortalecer a apropriação social.

Gráfico 16: Recomendação do parque por gênero

Proporções de pessoas que recomendariam o parque como opção de lazer do bairro



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. A ausência de lixeiras no parque, a presença e percepção da população quanto à ocorrência de descarte irregular de lixo, apontam para a urgência em ações e na instalação de infraestrutura que promovam melhorias na gestão de resíduos;
2. Os espaços para crianças e bebês, além de problemas de infraestrutura, não dispõem de elementos de proteção solar em dois dos três locais existentes;
3. Há reputação negativa em relação ao parque por parte da comunidade entorno, sendo que metade das pessoas entrevistadas não recomendariam o parque como uma opção de lazer.

Figura 27: Registros do Parque Linear Água Vermelha do dia da visita técnica com servidores



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3.6 Verde e Azul

Conforme apresentado no *Capítulo 2 Proposta metodológica*, a avaliação na escala da bacia hidrográfica é fundamental para a compreensão da dinâmica ecológica e conectividade do parque com seu entorno. O Parque Linear Água Vermelha integra a bacia hidrográfica do Ribeirão Água Vermelha. Para fins de uma leitura integrada do território, a bacia é analisada em conjunto com as bacias do Ribeirão Lajeado e do Córrego São Martinho, as quais abrangem uma área de 11,1 km² e 1,8 km², respectivamente, enquanto a do Ribeirão Água Vermelha abrange uma área de 5,1 km². As três juntas correspondem a 1,2% da área total do município de São Paulo e são bacias afluentes da margem esquerda do Rio Tietê.

Os cadernos de bacia hidrográfica são documentos elaborados pela Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB), que fornecem subsídios à Prefeitura para o planejamento e gestão das bacias relacionado ao controle de cheias e permitem a observação de algumas informações importantes sobre o contexto do parque. Conforme já apontado, a região do parque possui histórico de enchentes e alagamentos. Segundo o Caderno de Bacia Hidrográfica dos ribeirões Água Vermelha e Lajeado e do Córrego São Martinho (São Paulo, 2024), a exemplo de outras áreas do município, o acelerado processo de urbanização transformou vários rios que cortam a cidade, impactando também em suas relações com o contexto urbano.

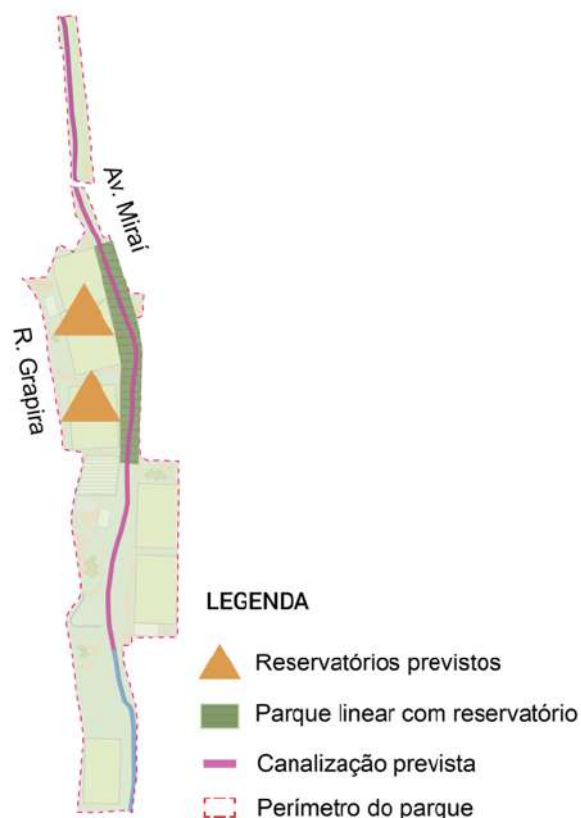
O *Mapa 5* apresenta a rede de drenagem principal das bacias, no qual é possível observar que a maior parte dos cursos d'água encontra-se a céu aberto, porém canalizados. O parque é atravessado pelo Ribeirão Água Vermelha, um dos principais cursos da bacia. Segundo o Caderno de Bacia Hidrográfica, a maior parte de seus trechos está enterrada, enquanto o trecho que percorre o parque encontra-se a céu aberto e foi identificado intenso descarte de resíduos nas margens, material flutuante e mau odor. A vegetação predominante ao longo da margem é composta por gramíneas e há pontos críticos de erosão.

Conforme mencionado na *Seção 1.2 Histórico do parque*, o parque foi criado visando, principalmente, a melhoria do sistema de drenagem da região e a oferta de espaços de lazer para a comunidade do entorno, diante da alta densidade demográfica e impermeabilidade do solo. O Caderno de Bacia Hidrográfica (São Paulo, 2024) apresenta que, do total de 40 sub-

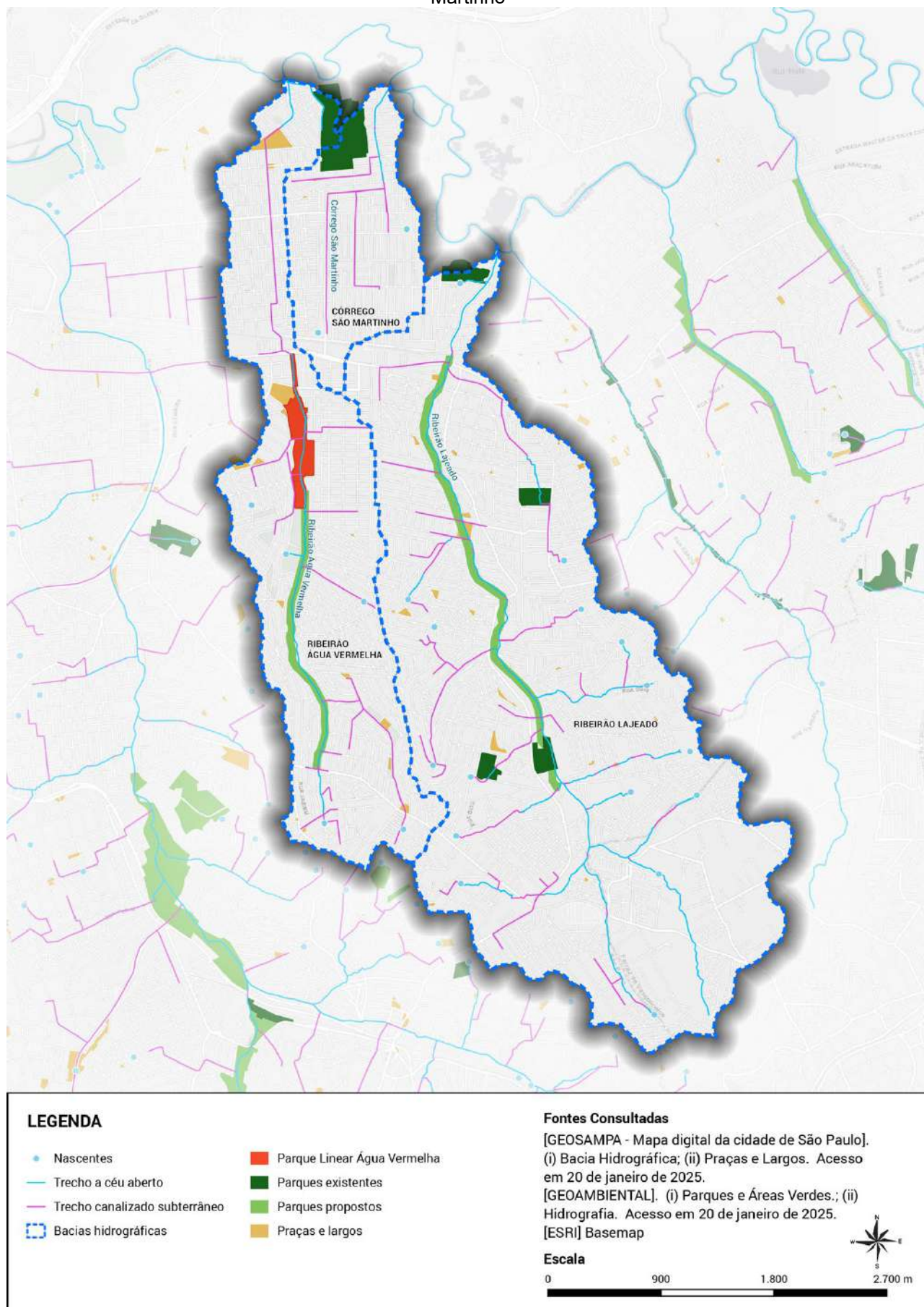
bacias, 12 delas apresentam taxa de impermeabilidade maior do que a máxima permitida, e 20 delas estão com valores muito próximos do valor máximo permitido.

Além do próprio parque ser um relevante equipamento para o sistema de drenagem, identificou-se estudos e projetos existentes para a bacia, bem como medidas para o controle de cheias, propostas no Caderno de Bacia Hidrográfica (São Paulo, 2024), as quais se relacionam com o parque. Uma delas é o projeto de implantação de dois reservatórios de retenção em trechos críticos de cheias do Ribeirão Água Vermelha, além da canalização de um dos trechos do mesmo, com 970 m de extensão. Sua localização está prevista na Praça do Galeão, próxima à Rua Árvore Celeste, onde estão hoje localizados dois campos, ao norte do parque. Também é proposto como uma das alternativas a implementação de um parque linear com reservatório, ao lado dos reservatórios propostos. A *Figura 28* indica a localização dos reservatórios e do trecho da canalização projetada.

Figura 28: Medidas previstas no Caderno de Bacia Hidrográfica



Mapa 5: Parques, áreas verdes e drenagem das bacias dos Ribeirões Água Vermelha, Lajeado e Córrego São Martinho



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O Programa Parque Várzeas do Tietê contempla a construção de um parque linear de 75 km de extensão, que visa restaurar a função das várzeas do Rio Tietê e amortecer as cheias, promovendo ações de preservação e recuperação do ecossistema natural (São Paulo, 2024). Sua implantação está prevista em três etapas e abrange municípios da Região Metropolitana de São Paulo e da Região do Alto Tietê. A primeira etapa do projeto está relacionada com a bacia em questão, uma vez que prevê obras em seus córregos e ribeirões, incluindo o ribeirão Água Vermelha em parte do trecho que atravessa o parque, ao norte.

O PDE, no seu Quadro 7 e Mapa 5 (São Paulo, 2023), inclui uma segunda fase do Parque Linear Água Vermelha (código PQ_IT_10) que busca recuperar o córrego até a proximidade das nascentes, afetando uma quantidade significativa de construções irregulares que atualmente se encontram ocupando as margens do córrego, sem esgoto sanitário.

O Parque Linear Água Vermelha também consta no Plano de Ação da Subprefeitura Itaim Paulista no Perímetro de Ação ID 336 – Córrego Água Vermelha, o qual aponta como uma das recomendações a implantação de fases futuras do parque, de forma a articular sistema de espaços livres e equipamentos públicos ao longo do córrego. O plano também indica a melhoria e o aumento do número das transposições sobre o córrego. Conforme pode ser observado no *Mapa 5* a região, bastante adensada, abriga poucos parques. Ao mesmo tempo, a proposta de implementação de novos parques, como o Parque Linear Lajeado e a continuação do próprio Parque Linear Água Vermelha aumenta o potencial de conexão entre as áreas verdes.

Já o *Mapa 6* apresenta o potencial de conectividade do parque, na escala das bacias hidrográficas em que está inserido. A avaliação pautou-se nos indicadores do BIOSAMPA (São Paulo, 2023), índice desenvolvido a partir da metodologia do “Índice de Biodiversidade da Cidade” - IBC (*City Biodiversity Index*, em inglês), também conhecida como *Singapore Index on Cities’ Biodiversity*, principal estudo de biodiversidade na cidade de São Paulo. Nota-se que todos os parques das bacias apresentam a classificação mais baixa de conectividade. Também é possível observar no mapa que a porção norte do parque está próxima de um

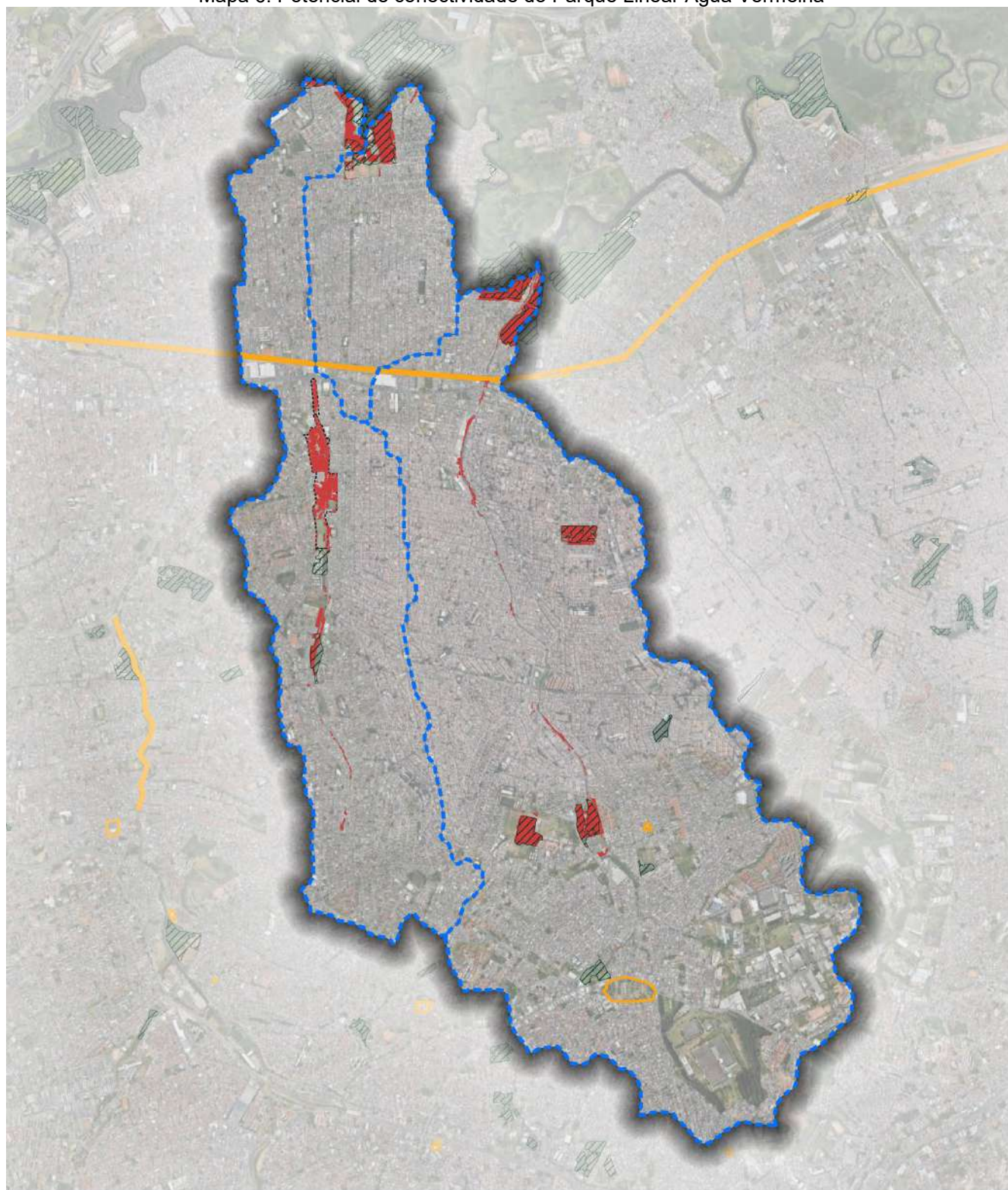
corredor verde previsto pelo PLANPAVEL (São Paulo, 2022c): o Corredor de Polinizadores: Linha 12 Safira-Tatuapé-Vila Itaim. A pouca oferta de parques e áreas verdes no entorno ressalta a necessidade de preservar a área do parque, bem como de implementar suas fases futuras. Da mesma forma, observa-se a necessidade de implementar estratégias no entorno desses espaços verdes que garantam recursos e conectividade e seu uso pela fauna silvestre.

Os registros de fauna nativa e a mudança no número de espécies de plantas vasculares são um dos indicadores principais do BIOSAMPA para avaliar a biodiversidade no território. Os dados da última publicação do índice são de 2023 e apresentam que o Parque Linear Água Vermelha possui 65 espécies vasculares de flora catalogadas, incluindo o jequitibá rosa (*Cariniana legalis*) e o pau-brasil (*Paubrasilia echinata*), ameaçados de extinção, correspondendo a 1,77% do total de espécies catalogadas em São Paulo (São Paulo, 2024). Já o Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo indica 19 espécies de fauna nativa autóctone / nativa do Brasil catalogadas, correspondendo a 1,48% do total catalogado no município, sendo 1 espécie endêmica da Mata Atlântica – o periquito-rico (*Brotogeris tirica*), dentre as 225 catalogadas no município (São Paulo, 2024).

Para que o índice se mantenha alto, é essencial o trabalho de controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação e do levantamento e registro das espécies no parque.

Outro importante aspecto de análise trazido pelo BIOSAMPA são os indicadores relacionados aos serviços ecossistêmicos. Áreas verdes, como o Parque Linear Água Vermelha, são prestadoras de inúmeros serviços ecossistêmicos, por vezes desconhecidos e subvalorizados. De acordo com a Avaliação Ecossistêmica do Milênio (MEA, 2005), são considerados fundamentais para o enfrentamento do impacto das mudanças climáticas. Dentre os benefícios estão a melhoria do clima, da qualidade do ar, controle das enchentes e oferta de lugares para lazer e contato com a natureza.

Mapa 6: Potencial de conectividade do Parque Linear Água Vermelha



LEGENDA

- ▬▬▬ Bacia hidrográfica
- ▬▬▬ Parque Linear Água Vermelha
- ▬▬▬ Corredores Verdes propostos (PLANPAVEL)
- ▨▨▨ Remanescentes de Mata Atlântica

Classes de Conectividade (ha)

- < 200
- 200 a 500
- 500 a 1000
- 1000 a 1500
- > 1500

Fontes Consultadas

[GEOSAMPA - Mapa digital da cidade de São Paulo].
 (i) Bacia Hidrográfica; (ii) Remanescentes de Biomas. Acesso em 20 de janeiro de 2025.
 [GEOAMBIENTAL]. (i) Corredores Verdes Propostos; (ii) Classes de Conectividade. Acesso em 20 de janeiro de 2025.

Escala

0 900 1.800 2.700 m



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Os indicadores de serviços ecossistêmicos providos pela biodiversidade avaliados pelo BIOSAMPA são: controle da água, impacto das plantas no clima e no frescor, além de atividades educativas e recreativas em parques naturais. Conforme o relatório de *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo*, a Região Leste apresenta o pior resultado referente aos serviços ecossistêmicos prestados pelos parques da região (ONU-Habitat, 2024).

Em entrevistas às pessoas frequentadoras do parque durante a *oficina aberta*, das 14 pessoas entrevistadas, 10 consideram o ar do parque limpo e agradável (71,4%), sendo citado como principal motivo o frescor (80%), seguido de sensação de menos poluição ou ar mais saudável (20%). Três pessoas (21,4%) não consideram o ar do parque limpo e agradável, cujo principal motivo considerado é a poluição (67%), seguida de mau cheiro (33%). Os dados indicam que o parque tem potencial para melhorar a percepção da qualidade do ar entre as pessoas frequentadoras e se consolidar como refúgio climático em áreas urbanas vulneráveis.

Ainda com relação ao processo participativo, foram apontadas algumas observações das pessoas frequentadoras acerca dos serviços ecossistêmicos, tais como pouca oferta e diversidade de equipamentos para lazer e ginástica, falta de programação de atividades e a presença de muitos dejetos e resíduos nos atributos verdes e azuis, dentre outros, como pode ser observado na *Capítulo 2 Processo participativo*. Em conjunto com as informações obtidas na análise da *Seção 3.5 Conforto e ambiente*, a qual indica a pouca oferta de áreas sombreadas e a baixa recomendação do parque como opção de lazer, os dados reforçam a necessidade de ações para melhoria dos serviços ecossistêmicos prestados pelo parque frente a seu potencial e demanda da população frequentadora.

Na escala de análise mais ampla, segundo dados do GeoSampa, é possível observar algumas áreas de risco geológico e hidrológico na área de influência do parque e dentro de seu perímetro, inclusive, conforme indicado no *Mapa 7*. Nota-se no mapa que há uma área de risco hidrológico R4 (muito alto) associada a alagamento, enchente e inundação próximo da porção sul do parque, ao longo do ribeirão Água Vermelha. Também na mesma região, é possível observar a presença de área de risco geológico R1(baixo), associada a solapamento (processo

erosivo ao longo das margens), sendo que uma parte está dentro do perímetro do parque. Recentemente, a SIURB canalizou este trecho marcado no mapa, eliminando os riscos hidrológico e geológico neste local.

Porém, pode observar-se que a canalização criou uma nova área de risco no ponto de encontro entre a ponta norte do canal e o córrego, na área central do parque, causando uma erosão significativa e comprometendo a estrutura da passarela que o atravessa.

É importante compreender estas dinâmicas e os pontos de fragilidade do entorno, demonstrando a necessidade de maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e com planos municipais. Essa coordenação é importante para consolidar o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana frente às mudanças do clima, além de garantir a oferta de um equipamento público qualificado para um entorno com alta vulnerabilidade socioambiental, conforme apresentado na *Seção 3.1.2 Pessoas no Parque Linear Água Vermelha e na sua área de influência*.

Já na escala do parque, existem estratégias que podem aumentar sua sustentabilidade e sua capacidade de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Foram mapeadas as seguintes medidas incorporadas nos espaços construídos do parque: presença de elementos de energia solar ou cêntrica (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, entre outros); presença de coleta seletiva; presença de compostagem; presença de coletor de água pluvial ou sistema de filtragem de água; presença de estratégias relacionadas à agricultura urbana (como banco de sementes, horta comunitária, viveiros, estufas, meliponia, aproveitamento de resíduos de poda). A *Figura 29* apresenta os resultados para o Parque Linear Água Vermelha, onde é possível verificar que, das medidas investigadas, o parque incorpora somente a composteira, a qual está ativa e é mantida pela equipe de gestão e manejo do parque. A *Figura 30* indica a localização da composteira no parque.

Figura 29 – Estratégias de mitigação no Parque Linear da Integração Zilda Arns

Tabela ilustrada indicando presença ou ausência das 5 medidas citadas acima



LEGENDA

- Perímetro Parque
- Perímetro Área de Influência

Risco Hidrológico

- Baixo (R1)
- Médio (R2)
- Alto (R3)
- Muito Alto (R4)

Risco Geológico

- Baixo (R1)
- Médio (R2)
- Alto (R3)
- Muito Alto (R4)

Fontes Consultadas

[GEOSAMPA - Mapa digital da cidade de São Paulo].
(i) Risco Geológico; (ii) Risco Hidrológico. Acesso em 20 de janeiro de 2025.

Escala

0 200 400 600 m



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 30: Localização das estratégias sustentáveis adotadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Adotar tecnologias sustentáveis pode reforçar a relevância do parque na mitigação dos riscos naturais e climáticos e fazer com que se tornem modelos de referência e ofereçam suporte às comunidades do entorno, servindo como exemplos de boas práticas e refúgios climáticos. Além disso, a adoção de práticas e estratégias sustentáveis podem dar suporte às medidas de conservação e manejo de seus atributos naturais.

Na *Figura 31* é possível verificar a relação entre as áreas impermeáveis ou sem vegetação significativa e as áreas verdes do parque, sobrepostas aos elementos hídricos (córrego). A taxa de cobertura verde do parque é de 78,71%, o que significa que a maior parte de seu território é ocupada por vegetação. No entanto, vale ressaltar que o índice é alto devido à presença dos campos gramados destinados às práticas esportivas, e a vegetação é, em sua maioria, de baixa cobertura arbórea, arbustiva ou arborescente. Nos processos participativos, o parque foi reconhecido como relevante área verde e espaço arborizado. Foi identificado que

a manutenção da vegetação é feita uma vez por mês.

O que se descobriu?

1. O parque é relevante no sistema de drenagem da região: além de obras de canalização do córrego, que hoje encontra-se poluído, há um parque com reservatório e dois reservatórios previstos na porção norte do território, além de uma Fase 2 do parque ao longo do córrego até as nascentes.
2. A escassez da oferta de parques e áreas verdes no território reforça a importância de preservação dos atributos verdes e azuis do parque, bem como a relevância de implementação das fases futuras para sua ampliação;
3. Há potencial para melhoria dos índices de biodiversidade do parque;
4. A maioria das pessoas entrevistadas (71,4%) considera o ar do parque limpo e agradável devido à sensação de frescor. Ao mesmo tempo, 21,4% considera ar poluído e com mau cheiro. Há potencial para melhoria da percepção das pessoas frequentadoras com relação à qualidade do ar e fortalecer o local como refúgio climático;
5. Há presença de área de risco geológico R1 (baixo) no perímetro do parque e em seu entorno, e área de risco hidrológico R4 (muito alto) no entorno próximo. A canalização recente do córrego criou uma nova área de risco na porção central do parque, comprometendo a passarela que atravessa o córrego;
6. Apesar de possuir uma composteira ativada, não foram identificadas outras estratégias direcionadas à mitigação e adaptação às mudanças climáticas;
7. Apesar de possuir alto índice de cobertura vegetal, foi identificada a escassez de áreas sombreadas no parque.

Figura 31: Vegetação significativa presente no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3.7 Governança

Dentro da análise de governança que compreende os usos parque e sua área de influência, a tabela abaixo sistematiza os dados obtidos através da investigação dos seus indicadores.

Usos do parque e área de influência	
Indicador	Dado
Distribuição dos equipamentos públicos na área de influência.	Assistência social: 4 Cultura: 1 Saúde: 1 Educação: 21 Esportes: 3
Presença de atividades inclusivas no espaço em parceria com o poder público	Campos de futebol – Secretaria do Esporte e Clube da Comunidade (CDC) José Amâncio – Campo do São Jorge; CDC Arlindo de Oliveira Miragaia.
Presença de atividades organizadas pela governança local e pela comunidade	Quadrinha da Vila Curuçá.
Presença de atividades econômicas formais e informais	Apenas existência de atividades informais – bar ao lado do campo sul

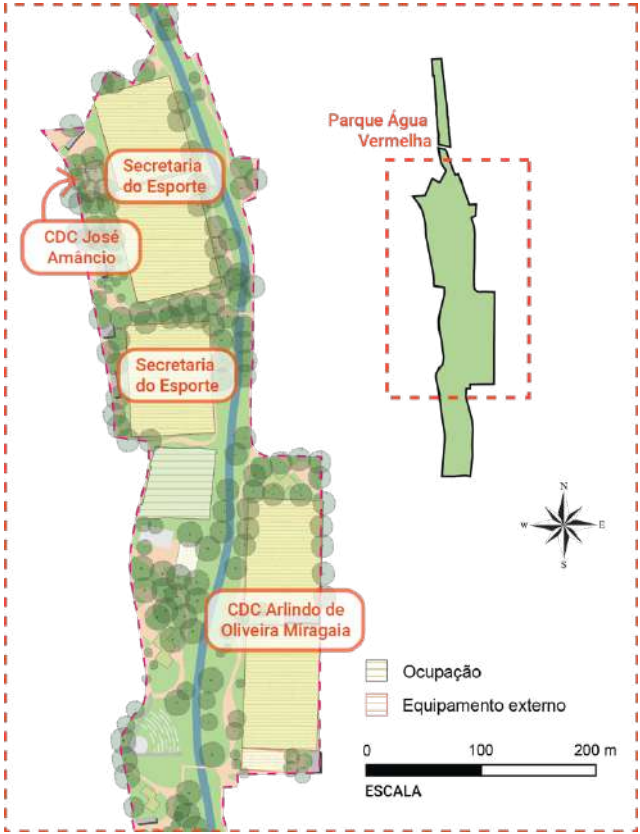
A distribuição de equipamentos públicos na área de influência do Parque Linear Água Vermelha apresenta uma boa oferta de equipamentos educacionais, com destaque para seis escolas públicas localizadas a menos de um quarteirão do parque, sendo a CEI Curuçá Velha e o Centro Esportivo Educacional Senador José Ermírio de Moraes localizados bem às margens do parque.

Essa proximidade com equipamentos educacionais e esportivos representa uma oportunidade estratégica para fomentar parcerias com o setor de educação e esportes, promovendo atividades educativas e esportivas no parque.

Por outro lado, a área de influência do parque carece de equipamentos de saúde e cultura, principalmente na área ao leste do parque.

De acordo com a gestão do Parque Linear Água Vermelha sobre a situação no período da Avaliação (outubro de 2024), não há atividades regulares oferecidas pelo poder público dentro do parque. Entretanto, grande parte dos campos localizados no perímetro do parque são mantidos pela Secretaria do Esportes, sendo alguns deles deles administrados por Clubes da Comunidade (CDC), como é o caso do José Armâncio e Arlindo Oliveira Miragaia.

Figura 32: Localização dos equipamentos externos

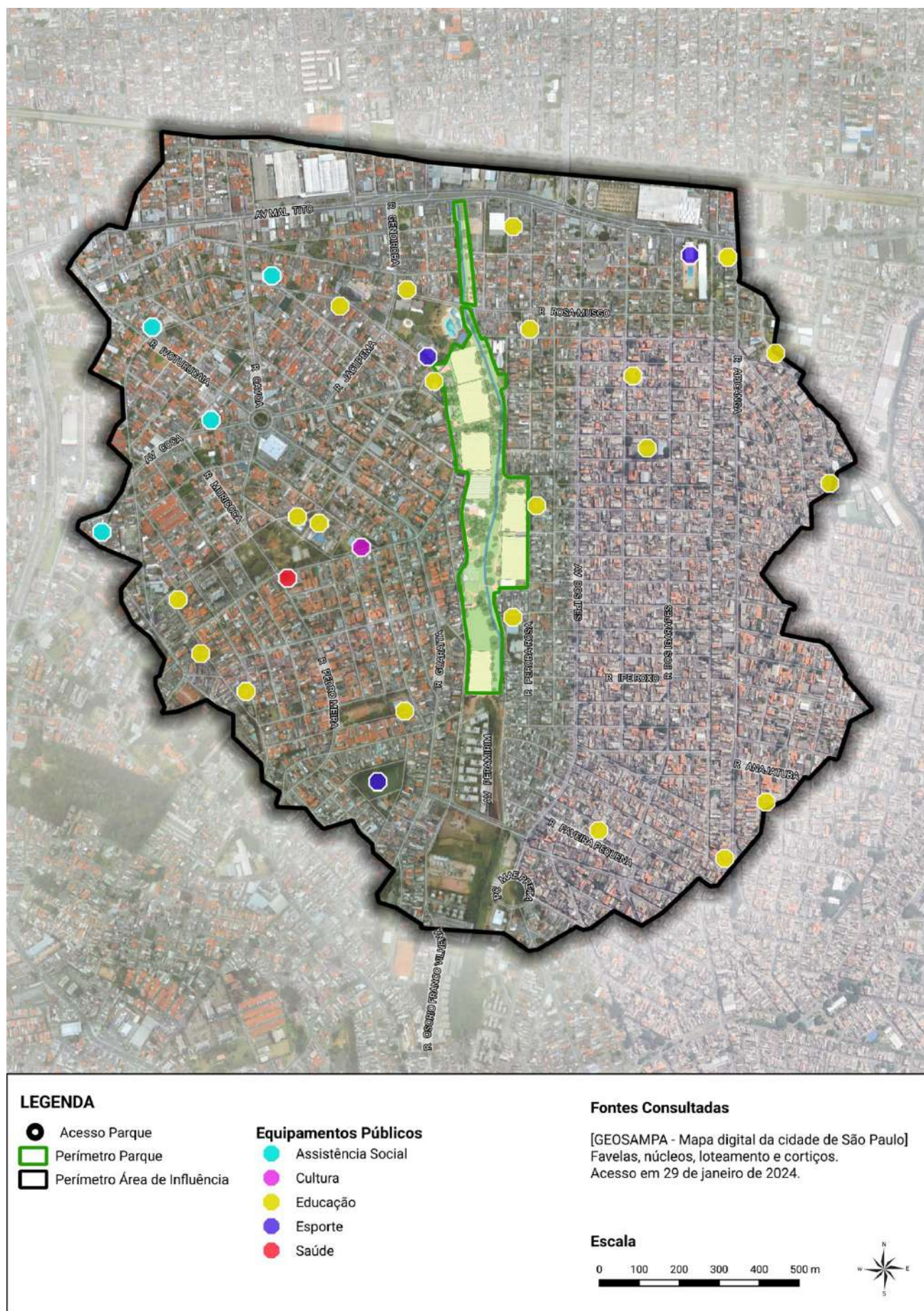


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat.

Quanto à presença de atividades comunitárias, identificou-se o uso regular do espaço pela “Quadrilha da Vila Curuçá”, um baile funk que ocorre na quadra próxima à pista de skate. Esse evento, realizado sem a participação da gestão do parque, gera impactos na vizinhança. De acordo com informações levantadas no *Capítulo 2 Processos participativos*, a realização de eventos sem regulação tem causado conflitos com moradores da região. Diante disso, é fundamental considerar formas de incorporar essa manifestação cultural – a única promovida pelas comunidades do entorno que incidem sobre o parque – de maneira regular e minimizando impactos à vizinhança.

Com relação à presença de atividades econômicas formais ou informais no parque, observa-se a presença de um ponto de venda informal próximo à quadra sul, que atende principalmente os jogdores e famílias aos finais de semana. Segundo liderança local, esse comércio é antigo – existe antes mesmo do parque -, e se consolidou com o apoio da comunidade.

Mapa 8: Equipamentos públicos da área de influência do Parque Sapé



A avaliação dos aspectos de governança do Parque Linear Água Vermelha incluiu a análise de indicadores relacionados à governança comunitária, com o objetivo de compreender se, e como os moradores do entorno se envolvem na gestão do parque, a existência de associações ou grupos representativos no bairro e região, e a realização de atividades promovidas pela comunidade no local.

A investigação da governança comunitária é fundamental para entender o nível de apropriação local, que, quando ocorre, contribui para que o parque seja utilizado de forma mais frequente e responsiva pela comunidade. Essa apropriação fortalece o cuidado e a vitalidade do espaço, além de auxiliar na gestão e na reivindicação de demandas e desejos coletivos (Laboratório Arq.futuro e Diagonal, 2023). Um parque apropriado de maneira inclusiva e responsável promove o bem-estar comunitário e reforça seu papel como um espaço público acessível a todas as pessoas (UNOPS e Semeia, 2019).

Governança comunitária	
Indicador	Dado
Mapeamento das associações e organizações do entorno	CDC Arlindo de Oliveira Miragaia; CDC José Amâncio Campo do São Jorge; Casa de Agricultura Ecológica da Zona Leste; Associação de agroecologia.
Existência e funcionamento do conselho gestor	Não há conselho gestor eleito.
Nível de conhecimento comunitário sobre o conselho gestor e mecanismos participativos.	57% das pessoas entrevistadas não sabem da existência do conselho gestor 93% das pessoas entrevistadas sentem falta de ter um canal para debater sobre o parque

De acordo com relatos das participantes do grupo de capacitação da sociedade civil que representam o parque, as organizações sociais mais atuantes no espaço estão ligadas principalmente à prática do futebol e ao uso dos campos. Além dos Clubes da Comunidade, outras associações costumavam se apropriar dos espaços e até mesmo cuidar das instalações. Contudo, segundo os relatos, essa prática tem se tornado menos frequente.

As representantes do grupo de capacitação também observaram que os Clubes da Comunidade controlam o uso das quadras em

que estão localizados, tornando esses espaços de uso exclusivo de seus membros e restringindo o acesso da comunidade do entorno.

Além das associações esportivas, foram mencionadas a Casa de Agricultura Ecológica da Zona Leste e a Associação de Agroecologia, que já atuavam no território antes mesmo da criação do parque, devido ao seu histórico como um espaço de agroecologia. Esse passado sugere que a agroecologia pode resgatar uma memória comunitária de apropriação do parque, servindo como um mecanismo para fortalecer as articulações sociais na região.

Atualmente, o Parque Linear Água Vermelha não possui um conselho gestor eleito.

Durante entrevistas realizadas com frequentadores do parque na oficina aberta (ver *Capítulo 2 Processo participativo*), 57% afirmaram não saber da existência do conselho, o que indica um baixo nível de conhecimento sobre esse canal participativo.

Entre os principais desafios apontados pelas representantes do grupo de capacitação para a adesão ao conselho gestor e o envolvimento comunitário, destacam-se a burocracia do processo e a falta de informação sobre como se candidatar. Essa dificuldade está diretamente relacionada à insuficiente comunicação com a comunidade sobre o papel do conselho, sua importância e os meios de participação. Além disso, foi relatada uma desmotivação popular para se envolver em questões do parque, pois a comunidade sente que suas demandas não são ouvidas.

A elevada porcentagem de entrevistados que gostariam de ter um canal para debater questões do parque (93%) demonstra um forte interesse comunitário em participar das decisões e contribuir com opiniões sobre a gestão da área verde.

No entanto, desafios acima mencionados como a falta de acesso a informações, o desconhecimento sobre a existência do conselho e a desmotivação popular dificultam o avanço da governança comunitária do parque.

Equipe operacional		
Indicador		Dado
Dados sobre o gestor	Perfil	Gênero: homem; Escolaridade: Ensino superior completo; Início de gestão: 11/1/2021
	Número de parques que administra	Água Vermelha e Parque Ecológico Chico Mendes
	Presença de administração no parque	Não tem.
Número de pessoas funcionárias dedicadas à segurança, desagregado por gênero.		Duas pessoas. Homens e que atuam apenas como moto-ronda.
Número de pessoas funcionárias de manutenção desagregado por gênero		Sete, todos homens.

Com relação à equipe operacional, o gestor do Parque Linear Água Vermelha também é responsável pelo Parque Ecológico Chico Mendes.

A administração simultânea de dois parques, aliada à ausência de uma sede administrativa no Parque Linear Água Vermelha, resulta em um acompanhamento mais distante, já que o gestor precisa dividir suas responsabilidades entre ambos os espaços.

Segundo a Coordenação de Gestão de Colegiados da SVMA (CGC), a pessoa gestora, por estar mais próxima das questões locais e cotidianas, deveria atuar na integração e divulgação comunitária das atividades do parque e do conselho gestor, além de promover espaços de debate público. No entanto, ao administrar mais de um parque, há o acúmulo de outras demandas urgentes, o que pode levar a um afastamento em relação às questões do Parque Linear Água Vermelha e limitar seu envolvimento com a comunidade.

A falta de comunicação com a população já foi identificada como um dos principais entraves à governança comunitária. Além disso, durante as oficinas participativas, a ausência de uma sede administrativa e de apoio para visitantes foi apontada como um aspecto negativo do parque.

Dessa forma, é possível observar que diversas limitações estão diretamente relacionadas à ausência de uma gestão mais próxima e exclusiva para o espaço.

A equipe de segurança do parque é composta por apenas dois agentes, homens, que realizam a vigilância por meio de moto-ronda, sem um patrulhamento fixo em nenhum dos setores do parque.

Como foi observado no item 3.4 *Segurança*, existem alguns setores do parque que trazem grande insegurança às pessoas frequentadoras, sendo alguns deles próximos a regiões com grande incidência de ocorrências criminais. Esses dados indicam a necessidade de novas medidas de segurança, com ênfase na implementação de uma vigilância ativa e contínua do espaço público.

Já com relação à equipe de manutenção, ela é composta por sete funcionários e não há presença feminina.

Esses dados demonstram uma baixa representatividade das mulheres no quadro de pessoas funcionárias.

O que se descobriu:

1. A proximidade com equipamentos educacionais e esportivos representa uma oportunidade para parcerias estratégicas, enquanto a região carece de serviços de saúde e cultura;
2. O parque não possui um conselho gestor eleito, e a falta de informação aliada à desmotivação da comunidade dificulta a participação popular;
3. A gestão compartilhada com outro parque e a ausência de uma sede administrativa reduzem a presença e o envolvimento da gestão com a comunidade;
4. Não há atividades regulares promovidas pelo poder público, mas eventos comunitários já ocorrem e precisam de regularização para minimizar impactos negativos na vizinhança;
5. A equipe de segurança conta com apenas dois agentes homens, que realizam moto-ronda sem patrulhamento fixo, deixando o parque sem vigilância uma parte do dia;
6. Há baixa representatividade feminina no quadro de funcionárias do parque.

4. Diagnóstico das dimensões

Com base na avaliação do Parque Linear Água Vermelha, realizada por meio da investigação de sete dimensões, o diagnóstico apresenta a sistematização das principais descobertas em cada dimensão. Esse processo visa:

Principais descobertas do Parque Linear Água Vermelha	
Pessoas no parque e área de influência	Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Linear Água Vermelha se caracteriza por alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (55,3% da população).
	A faixa etária predominante na área de influência do parque é de crianças e jovens entre 10 e 19 anos, sendo necessária a previsão de equipamentos e atividades para esse perfil.
	Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 36%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 51,8%.
Acessibilidade	Falta de conectividade cicloviária na área de influência e ausência de infraestrutura para ciclistas dentro do parque.
	Deficiência nas calçadas do entorno, sendo que 48% têm acessibilidade limitada, afetando principalmente as 93% das pessoas que acessam o parque a pé.
	Acessibilidade universal comprometida, com falhas em 100% dos setores e 78% de avaliações negativas.
Instalações e mobiliário	Assim como a maioria dos parques lineares, o Parque Linear Água Vermelha não possui sede administrativa.
	Alguns setores do parque não contam com iluminação, sendo um elemento fundamental sobretudo em parques lineares que não fecham durante o período noturno.
	Não há sinalização de comunicação nos setores do parque ou distribuídos em outros pontos.
	A maioria dos setores não conta com lixeiras.
	O parque não possui bebedouros.
	Além da necessidade de manutenção, há poucas opções de brinquedos nos parquinhos.
Segurança	Há alta densidade de crimes em dois pontos do perímetro do parque: região central e sul, consideradas também as regiões mais inseguras dentro do parque pelas pessoas entrevistadas.
	Foi identificada uma alta incidência de registros na Avenida Marechal Tito, ao norte da área de influência do parque, além de dois pontos ao sul.
	75% das pessoas entrevistadas se sentem inseguras no parque.
	Não foi observada a presença de vigilantes em nenhum dos setores do parque.
	Uma grande área do parque foi mapeada com a incidência de atos de vandalismo.
Conforto e ambiente	A ausência de lixeiras no parque, a presença e percepção da população quanto à ocorrência de descarte irregular de lixo, apontam para a urgência em ações e na instalação de infraestrutura que promovam melhorias na gestão de resíduos.
	Os Espaços para crianças e bebês, além de problemas de infraestrutura, não dispõem de elementos de proteção solar em dois dos três locais existentes.
	Há reputação negativa em relação ao parque por parte da comunidade entorno.
Ambiente verde e azul	O parque é relevante no sistema de drenagem da região: além de obras de canalização do córrego, que hoje encontra-se poluído, há um parque com reservatório e dois reservatórios previstos na porção norte do território, além de uma Fase 2 do parque ao longo do córrego até as nascentes.
	A escassez da oferta de parques e áreas verdes no território reforça a importância de preservação dos atributos verdes e azuis do parque, bem como a relevância de implementação das fases futuras para sua ampliação.
	Há potencial para melhoria dos índices de biodiversidade do parque.
	A maioria das pessoas entrevistadas (71,4%) considera o ar do parque limpo e agradável devido à sensação de frescor. Ao mesmo tempo, 21,4% considera ar poluído e com mau cheiro. Há potencial para melhoria da percepção das pessoas frequentadoras com relação à qualidade do ar e fortalecer o local como refúgio climático.
	Há presença de área de risco geológico R1 (baixo) no perímetro do parque e em seu entorno, e área de risco hidrológico R4 (muito alto) no entorno próximo. A canalização recente do córrego criou uma área de risco na porção central do parque, comprometendo a passarela que atravessa o córrego.

	Apesar de possuir uma composteira ativada, não foram identificadas outras estratégias direcionadas à mitigação e adaptação às mudanças climáticas.
	Apesar de possuir alto índice de cobertura vegetal, foi identificada a escassez de áreas sombreadas no parque.
Governança	A proximidade com equipamentos educacionais e esportivos representa uma oportunidade para parcerias estratégicas, enquanto a região carece de serviços de saúde e cultura.
	O parque não possui um conselho gestor eleito, e a falta de informação aliada à desmotivação da comunidade dificulta a participação popular.
	A gestão compartilhada com outro parque e a ausência de uma sede administrativa reduzem a presença e o envolvimento da gestão com a comunidade.
	Não há atividades regulares promovidas pelo poder público, mas eventos comunitários já ocorrem e precisam de regularização para minimizar impactos na vizinhança.
	A equipe de segurança conta com apenas dois agentes homens, que realizam moto-ronda sem patrulhamento fixo.
	Há baixa representatividade feminina no quadro de funcionárias do parque.

5 Recomendações

Para a definição das recomendações para o Parque Linear Água Vermelha, foram compilados todos os elementos de diagnóstico obtidos via processos participativos, incluindo os quatro grupos (ver *Capítulo 2: Processo participativo*), junto com o diagnóstico das dimensões (ver *Capítulo 4: Diagnóstico das dimensões*), resultado da aplicação dos indicadores da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*.

Em algumas das recomendações também foram inseridos os **desejos de futuro**, que se referem a ações, propostas ou aspirações advindas do processo participativo (ver *Seção 2.2 Principais Contribuições*) e que demandam um estudo de viabilidade. Os desejos de futuro também contemplam recomendações de projeto em parques que já estão em fase de execução de seus projetos e que não possuem previsão de novo investimento, implicando, portanto, em mudanças significativas no planejamento existente.

As recomendações foram organizadas em três eixos, relacionados à natureza da ação necessária: **gestão do parque, projeto de intervenção e articulação institucional**, definido da seguinte forma:

- **Gestão do parque:** apresenta os elementos de diagnóstico e recomendações específicas para o parque avaliado e que são de responsabilidade ou deverão ser articuladas pela pessoa gestora do parque. Estão relacionadas, sobretudo, ao manejo e atividades cotidianas do parque;
- **Projeto de intervenção:** relacionado ao diagnóstico e recomendações que demandam a adequação da infraestrutura existente ou a criação de novas instalações e que requerem, portanto, recursos para o desenvolvimento de projeto e implementação;
- **Articulação institucional:** engloba o diagnóstico e recomendações que demandam ações intersecretariais ou de responsabilidade de outro setor externo à SVMMA. Também apresenta recomendações na escala da cidade, **algumas das quais são aplicáveis a todos os parques**. As ações necessárias para implementação das recomendações do eixo de *Articulação Institucional* serão apresentadas em relatório específico de *Estratégias e Recomendações Políticas para a Cidade*.

Em cada eixo, os elementos do diagnóstico foram classificados dentro das sete dimensões da Avaliação e aborda tanto aspectos referentes ao interior do parque, quanto à área de influência e à bacia hidrográfica na qual o parque está inserido. É importante ressaltar que, tão importante quanto a realização de melhorias no interior do parque, é a adequação de sua área de influência, que deve ser entendida como uma extensão do parque e que é fundamental para a garantia de maior acessibilidade e vitalidade urbana no espaço público

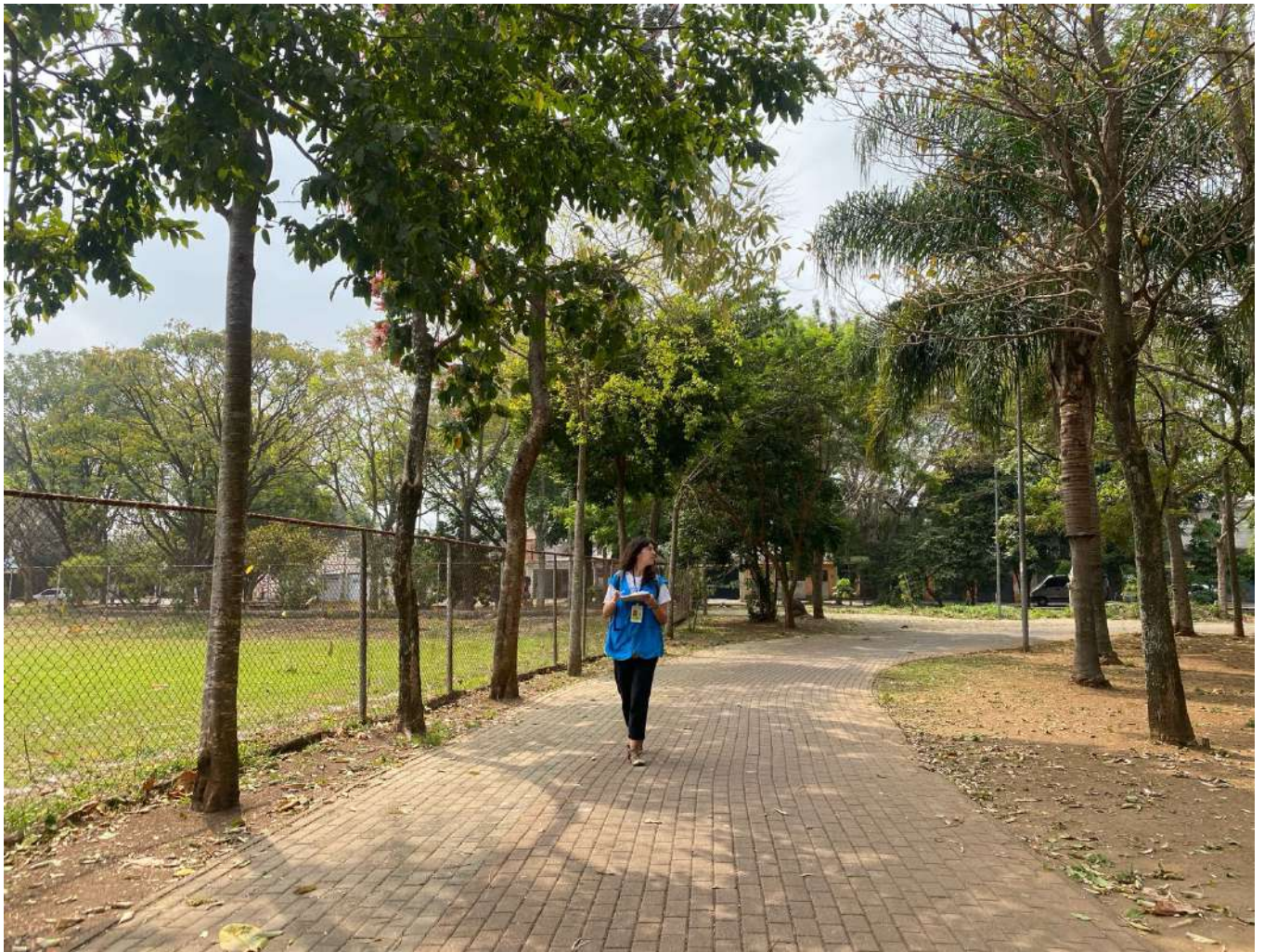
Descrição	Fonte	Recorte Espacial	Cód. rec.	Recomendação
GESTÃO DO PARQUE				
De acordo com as pessoas frequentadoras há alta presença masculina realizando atos indevidos.	Participativo	Perímetro do parque	R01	Estabelecer uma grade semanal de atividades regulares organizada pela gestão do parque, em conjunto com o conselho gestor, que inclua a contratação de profissionais qualificados e a articulação de parcerias com programas oferecidos por outras secretarias, garantindo a oferta de atividades voltadas para mulheres e meninas.
A faixa etária predominante na área de influência do parque é de crianças e jovens.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R02	Desenvolver atividades periódicas, em parceria com outras secretarias e organizações, com o objetivo de atender à diversidade de perfis no parque considerando pessoas idosas, mulheres, crianças e jovens, fomentando atividades já existentes e aproveitando a infraestrutura construída, bem como a vocação para o público infantil e para abrigar novas atividades.
Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 36%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 51,8%.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
De acordo com as pessoas frequentadoras, há muitos idosos na região.	Participativo	Perímetro do parque		
De acordo com as pessoas frequentadoras, o anfiteatro tem potencial de se tornar espaço cultural.	Participativo	Perímetro do parque		
Não há atividades regulares promovidas pelo poder público que inclua diferentes públicos, mas eventos comunitários já ocorrem e precisam de regularização para minimizar impactos na vizinhança.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	R03	Envolver a gestão do parque com os eventos que acontecem de forma irregular, para que se possam formalizar as manifestações culturais, minimizando impactos à vizinhança e ao parque.
Há alta densidade de crimes em dois pontos do perímetro do parque: região central e sul, considerados também as regiões mais inseguras dentro do parque pelas pessoas entrevistadas.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Área de influência	R04	Incentivar mecanismos de vigilância ativa, aumentando o número de pessoas na equipe de vigilância em pontos fixos pelo parque, principalmente nos locais próximos à identificação de ocorrências criminais. Promover atividades que estimulam a circulação constante de pessoas, e ofertar equipamentos inclusivos e espaços que favoreçam a visibilidade mútua.
Do total de pessoas entrevistadas, 75% afirmam sentirem-se inseguras no parque.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
Não foi observada a presença de vigilantes em nenhum dos setores do parque.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque		
Uma grande área do parque foi mapeada com a incidência de atos de vandalismo.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
A equipe de segurança conta com apenas dois agentes homens, que realizam moto-ronda sem patrulhamento fixo.	Diagnóstico técnico			
É necessário priorizar a integração do parque com o sistema de drenagem da região e outros projetos previstos.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R05	Acompanhar projeto da SIURB de reservatórios e do parque com reservação, com desenvolvimento de projeto de requalificação e cronograma junto à SIURB e SVMA, para incorporação das melhorias prioritárias reveladas no diagnóstico do parque.
			R06	Realizar atividades regulares de conservação, limpeza e manejo do córrego para o equilíbrio ambiental da região, incluindo a verificação da qualidade da água e medidas de educação ambiental junto à população.
É necessário melhorar os índices de biodiversidade para que o parque possa desempenhar plenamente seu papel como área de conservação ecológica.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	R07	Aumentar os índices de biodiversidade, através do controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação dos atributos naturais e do levantamento e registro das espécies no parque.

O parque não possui um conselho gestor eleito, e a falta de informação aliada à desmotivação da comunidade dificulta a participação popular.	Diagnóstico técnico	Área de influência	R08	Fortalecer o vínculo entre a gestão do parque e a comunidade por meio da implementação de estratégias de comunicação e integração comunitária. Essas ações incluem a organização de encontros, cursos e capacitações promovidos em parceria com a CGC e a gestão do parque, com o objetivo de incentivar a articulação comunitária, a formação de associações de bairro, a apropriação comunitária do espaço e a participação ativa no conselho gestor.
A gestão é compartilhada com outro parque, o que limita o envolvimento comunitário.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R09	Ter uma pessoa gestora para gerir o parque de forma exclusiva, mais próxima da comunidade e ativa no processo de articulação do conselho gestor com apoio da CGC.
A gestão é percebida pelas pessoas frequentadoras e entrevistadas como insatisfatória na manutenção do parque e resolução de conflitos.	Participativo	Perímetro do parque		
Há uma deficiência nos mecanismos de divulgação, tanto interna quanto externamente ao parque, no que se refere à comunicação dos eventos e atividades realizadas em seu interior.	Participativo	Área de influência	R10	Oferecer incentivos para grupos da sociedade civil e entidades que realizam atividades regulares no parque de segunda a sexta-feira, abrangendo todos os públicos. Esses incentivos podem incluir a participação em projetos remunerados da prefeitura, além de apoio financeiro e logístico para fortalecer e ampliar as iniciativas desenvolvidas.
Falta igualdade de gênero na composição do quadro de equipe de pessoas funcionárias.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R11	Implementar políticas de igualdade de gênero na composição dos quadros de pessoas funcionárias do parque.
PROJETO DE INTERVENÇÃO				
O parque é visto pelas pessoas frequentadoras como um local de circulação e passagem.	Participativo	Perímetro do parque	R12	Instalar paraciclos estrategicamente ao longo do parque e implementar uma via ciclável que percorra toda a extensão do parque, planejada de forma a garantir a integração com a malha cicloviária do bairro
É limitada a presença de infraestruturas para ciclistas no interior do parque, como paraciclos, via de bicicletas e/ou trilhas para ciclistas.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
Falta de acessibilidade aos setores do parque (incluindo banheiro) e na pavimentação dos locais de circulação.	Participativo	Perímetro do parque	R13	Requalificar os caminhos principais que conectam os diferentes setores do parque, garantindo sua integração ao longo de toda a extensão do parque e sua conformidade com as normas de acessibilidade universal.
A acessibilidade universal no parque é comprometida, com problemas estruturais em todos os setores e 78% de avaliações negativas de acordo com as pessoas frequentadoras.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
Faltam equipamentos para pessoas idosas.	Participativo	Perímetro do parque	R14	Desenvolver projetos esportivos e de lazer com foco na pessoa idosa.
De acordo com as pessoas frequentadoras, o anfiteatro tem potencial de se tornar espaço cultural.	Participativo	Perímetro do parque	R15	Desenvolver estudo técnico para reforma e/ou manutenção do anfiteatro para comportar novas atividades.
Muitos setores dos parques não possuem estruturas de sombreamento, sejam naturais ou artificiais.	Participativo	Perímetro do parque	R16	Diversificar infraestrutura de sombreamento em projeto, incluindo: incremento de arborização, sombreamento (natural ou artificial em todos os setores), instalação de estruturas artificiais de sombreamento em pontos estratégicos.
Os espaços para crianças e bebês, além de problemas de infraestrutura, não dispõem de elementos de proteção solar em dois dos três locais existentes.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
Há uma fragilidade nos procedimentos de manutenção preventiva e corretiva dos equipamentos do parque.	Participativo	Perímetro do parque	R17	Identificar em projeto quais equipamentos necessitam somente de manutenção e quais necessitam de incremento. Aproveitar as dimensões do parque para ampliação de locais para instalação de novos equipamentos.
A faixa etária predominante na área de influência do parque é de crianças e jovens.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R18	Elaborar projeto de parquinho, com novos brinquedos de forma a incluir pessoas com deficiência, crianças pequenas e pessoas de todas as idades. Estudar a

Os espaços de brincar necessitam manutenção e diversificação dos equipamentos, sobretudo para atender a todas as faixas etárias e promover acessibilidade universal.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque		viabilidade de implementação de fontes interativas e mesas de jogos.
A pista de skate existente precisa ser reformada e ativada.	Participativo	Perímetro do parque	R19	Incluir a reforma da pista de skate no projeto.
Assim como a maioria dos parques lineares, o Parque Linear Água Vermelha não possui sede administrativa.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R20	Implantar uma sede administrativa e infraestrutura de apoio no parque, destinada a abrigar a pessoa gestora responsável exclusivamente pela administração e operações do Parque Linear Água Vermelha, incluindo ambientes para a realização de cursos de educação ambiental, sala de reunião do conselho gestor e associações locais.
Alguns setores do parque não contam com iluminação, sendo um elemento fundamental sobretudo em parques lineares que não fecham durante o período noturno.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	R21	Incluir no projeto do parque o incremento de infraestrutura e mobiliário, garantindo iluminação e lixeiras de coleta seletiva em todos os setores e de bebedouros de acordo com viabilidade técnica.
A maioria dos setores não conta com lixeiras.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque		
O parque não possui bebedouro.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque		
Faltam elementos de sinalização e comunicação no parque, como placas de indicação dos acessos e setores, mapeamento e quadro de avisos, alertas e informações úteis.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R22	Desenvolver plano de comunicação visual para o parque, que deverá conter: sinalização nos setores, advertências e restrições de uso (Ex.: uso obrigatório de coleiras), sinalização de atributos naturais (Ex.: nascente existente no parque), informações de conscientização e educação ambiental (Ex.: identificação das árvores, alerta de descarte de lixo), alerta de risco de queda no córrego.
Foi reportado perigo de queda no córrego pelas pessoas frequentadoras do parque.	Participativo	Perímetro do parque	R23	Implementar medidas de segurança nas margens do córrego como a plantação de vegetação baixa na altura de um guarda corpo.
Há descarte irregular de lixo e dejetos de animais.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	R24	Aumentar o número de lixeiras de coleta seletiva e incluir placas de conscientização dentro do plano de comunicação visual. Desenvolver ações de educação e conscientização ambiental junto à comunidade.
Há processos erosivos nos corpos hídricos e áreas de visitação do parque.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	R25	Solicitar/acompanhar projeto para despoluição do córrego e contenção das erosões, e solicitar urgência para sua implementação. Se necessário, realizar plantio de enriquecimento com espécies nativas para contenção das margens e redução dos riscos de erosão, deslizamento e assoreamento, visando a conservação dos recursos hídricos.
O parque conta com poucas estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas relacionadas à sua infraestrutura.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	R26	Priorizar Soluções Baseadas na Natureza (SBN) na resolução de demandas e instalações no parque; além de manter a composteira ativa, implementar medidas para gestão hídrica (reaproveitamento de água da chuva, mecanismo de economia de água, reuso de águas, filtragem de água); eficiência energética (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, dentre outros mecanismos de economia de energia); gestão de resíduos (coleta seletiva, separação de resíduos orgânicos); agricultura urbana e drenagem (hortas educativas, viveiros, jardins de chuva, pavimentos permeáveis, etc).
ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL				
Consolidação do Território-Parque - área de influência como limite administrativo para governança compartilhada.	Diagnóstico técnico	Área de influência	R27	Elaborar e instituir, por meio de portaria intersecretarial da Prefeitura de São Paulo, o Território-Parque como escala operativa de governança para a articulação intersetorial entre equipamentos públicos e subprefeituras nas áreas de influência dos parques, integrando, inclusive, ações de segurança urbana, acessibilidade e mobilidade ativa, entre outras.
Uma grande parcela da população que vive na área de influência do	Diagnóstico técnico	Área de influência	R28	Realizar articulação com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social com o objetivo

Parque Linear Água Vermelha se caracteriza por alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (55,3% da população).				de identificar quais programas e projetos podem ser implementados no parque para atendimento à população em situação de vulnerabilidade.
Há presença de pessoas usuárias de drogas no interior do parque.	Participativo	Perímetro do parque	R29	Estabelecer parcerias com a Secretaria de Assistência Social para oferecer acolhimento e programas de apoio às pessoas usuárias de drogas.
Proximidade com equipamentos como escolas.	Participativo	Área de influência	R30	Instituir o Território-Parque (ver diretriz R27) e fomentar parcerias com escolas, equipamentos esportivos e a subprefeitura para incentivar a realização de atividades culturais e esportivas no parque, promovendo a integração desses equipamentos com o parque. Além disso, desenvolver programas de saúde e cultura em colaboração com a subprefeitura, atendendo as necessidades locais.
Possibilidade de parcerias com a subprefeitura, para promover atividades culturais.	Participativo	Área de influência		
Há pouco equipamentos de saúde e cultura dentro da área de influência.	Diagnóstico técnico	Área de influência		
A pista de skate existente precisa ser reformada e ativada.	Participativo	Perímetro do parque	R31	Procurar a Secretaria Municipal de Esportes e Lazer para incluir em sua programação aulas de skate no parque.
Faltam ciclovias ou ciclofaixas conectadas aos principais equipamentos e eixos de transporte na área de influência do parque.	Diagnóstico técnico	Área de influência	R32	Integrar e ampliar a malha ciclovária do bairro, priorizando os equipamentos de conexão com o parque, como escolas, praças, equipamentos esportivos e principais avenidas.
Há uma deficiência de infraestrutura adequada na extensão das calçadas do entorno, sendo que 48% têm acessibilidade universal limitada.	Diagnóstico técnico	Área de influência	R33	Promover a acessibilidade universal das calçadas no entorno do parque.
Foi identificada uma alta incidência de registros na Avenida Marechal Tito, ao norte da área de influência do parque, além de dois pontos ao sul.	Diagnóstico técnico	Área de influência	R34	Reforçar os mecanismos de vigilância e patrulhamento nas áreas adjacentes ao parque, principalmente nas que foram diagnosticadas com uma maior concentração de ocorrências criminais.
É necessário integrar o parque à infraestrutura verde do entorno, visando fortalecer sua função ambiental, conter a expansão urbana e aprimorar a rede de drenagem.	Diagnóstico técnico	Bacia hidrográfica	R35	Implementar estratégias no parque e entorno para garantir conectividade entre as áreas para circulação da fauna silvestre, tais como arborização urbana com espécies nativas, incentivo a iniciativas de reflorestamento, implantação de jardins polinizadores e jardins de chuva e infraestrutura amiga da fauna (como adequação da iluminação urbana, passagem de fauna, redução da emissão de ruídos, entre outros).
			R36	Acompanhar projeto de ampliação do parque junto à SVMMA e garantir sua integração ao parque existente. Averiguar possibilidade de parceria com Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras para execução do projeto de ampliação.
Há áreas de risco hidrológico muito alto e geológico baixo no parque e entorno próximo.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque / Área de influência	R37	No contexto do Território-Parque, promover maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e planos municipais, consolidando o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana. Apoiar políticas para fomentar educação climática em escolas do entorno.
De acordo com as pessoas frequentadoras, há um projeto cultural no entorno que poderia atuar no parque.	Participativo	Perímetro do parque	R38	Propor à Secretaria de Cultura a realização de projetos de intervenção artística no parque.

Figura 33: Registros de coleta de dados no Parque Linear Água Vermelha



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Dentre as recomendações de *Gestão do Parque*, destacam-se aquelas relacionadas à segurança, governança e ao ambiente verde e azul. Em relação à segurança, é necessário ampliar os locais de vigilância no parque, já que foi apontada a falta de circulação das equipes de segurança e há registros de atos de vandalismo em diversas partes do parque, além relatos de percepção de insegurança pelas pessoas que frequentam o parque.

Em relação ao ambiente verde e azul, as estratégias desse eixo estão relacionadas a maior frequência no manejo da vegetação e limpeza do córrego, além da valorização dos cursos hídricos em vistas ao fomento da biodiversidade no local.

A dimensão de governança aponta para a necessidade de fortalecer o engajamento comunitário, e que deve acontecer com a ativação do conselho gestor, a ampliação dos usos e atividades no parque para diversificar sua utilização por todas as pessoas e a divulgação das ações no parque nos meios comunitários mais efetivos. Outro elemento relacionado à gestão do parque é a necessidade de fortalecer a atuação da pessoa gestora do parque, uma vez que em parques lineares, comumente as pessoas gestoras administram outros parques além destes.

As recomendações para *Projeto de Intervenção* se relacionam a melhorias de manutenção geral dos setores do parque, incremento de mobiliário urbano, como bancos, lixeiras, sinalização, paraciclos, ampliação e diversificação dos espaços de brincar, provisão de mais áreas sombreadas (incluindo plantio arbóreo e estruturas artificiais), e a implantação de infraestruturas para sede administrativa, de apoio às atividades cobertas e sanitários.

Em relação à sinalização, é necessário o desenvolvimento de um plano de comunicação visual que possa contribuir com o fortalecimento de ações educativas e aumentar a sensação de segurança no parque.

Na dimensão acessibilidade foi colocada a importância de garantir a acessibilidade universal no parque e no seu entorno imediato e implantar rotas de pedestres e ciclovias que permita com que o parque sirva, também, como rota de passagem das pessoas.

Por último, as recomendações do eixo de *Articulação Institucional* apontam para diversas

ações que devem ser articuladas com outras Secretarias e Órgãos, sobretudo em intervenções dentro da área de influência do parque. Para isso, é necessário que a área de influência passe a ser também um limite administrativo, além de um limite físico. A exemplo dos Territórios CEUs - programa que visa articular intervenções urbanas baseadas na integração com demais equipamentos públicos de relevância local e regional, buscando a qualificação do espaço livre público no entorno dos CEUs ao formar uma rede de percursos entre os equipamentos- pode-se aplicar o conceito de "Território-Parque", sendo, portanto, uma unidade de governança compartilhada e planejamento territorial em escala local com o objetivo de estabelecer uma agenda comum de parcerias, atividades, ações e intervenções.

Outras demandas deste eixo no Parque Linear Água Vermelha estão relacionadas à inclusão da população em situação de vulnerabilidade socioeconômica do entorno, exacerbada pela presença de áreas de risco geológico e a existência de pessoas usuárias de drogas no parque e entorno. Há também a necessidade de promover melhorias de acessibilidade na área de influência. Dentre as ações que estão relacionadas também a outros parques e áreas verdes, é necessário criar mecanismos para promover as conectividades ecológicas da vegetação e dos cursos hídricos junto aos parques, revisar os requisitos dos contratos de segurança para exigir o mínimo de segurança mulheres, e aumentar a adesão e engajamento das pessoas junto aos conselhos gestores, uma vez que muitos parques da cidade não possuem conselho gestor eleito ou ativo.

A *Figura 34* apresenta algumas das recomendações espacializadas no território.

Figura 34: Mapa de recomendações do Parque Linear Água Vermelha



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Parque Vila do Rodeio

Figura 35: Registro do Parque Vila do Rodeio em dia de oficina bloco a bloco



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Entrevista

Figura 36: Francisca Ribeiro da Silva, 56 anos, Líder comunitária e Presidente da Associação Beneficente Comunitária Bem Querer



Fonte: Acervo ONU-Habitat

“Ele (o Parque Vila do Rodeio) representa muito para mim. Ele foi o primeiro parque daqui da Cidade Tiradentes. Foi o primeiro parque que veio para a gente da comunidade. Foi assim, um presente para a Cidade Tiradentes”

Francisca Ribeiro da Silva, 56 anos,
Líder comunitária e Presidente da
Associação Beneficente Comunitária
Bem Querer

Para Francisca – ou Dona Fran, como ela gosta de ser chamada –, o Parque Vila do Rodeio possui grande representatividade. Jovens, crianças, adultos e idosos utilizam com frequência as áreas esportivas e verdes do local, destacando-se especialmente a pista de caminhada.

Dona Fran descreve o local como “um parque grande, bonito, bem arborizado, cheio de quadras para futebol, para vôlei, um parque que tem vários quiosques... Um lugar gostoso para fazer piquenique também”. Em 2010, ela costumava levar as crianças da associação que trabalha para passar um dia no parque. Hoje, conhece professores de Educação Física que ainda promovem esse tipo de atividade.

Presidente da Associação Beneficente Comunitária Bem Querer e líder comunitária há 34 anos, Dona Fran conta que o parque é muito importante para a comunidade. Durante a criação do Vila do Rodeio, ela morava nas proximidades e participou, junto com vizinhos, entidades e outros líderes, das reuniões e encontros que estruturaram a luta pelo parque.

Na opinião da Dona Fran, o Parque Vila do Rodeio é muito representativo para as pessoas que moram na região por ser “um ótimo lugar para área de lazer, para as atividades e para o ecossistema. É uma preservação muito importante, preservação de um meio ambiente. Já que a Cidade Tiradentes é um lugar que está

sendo muito desmatado. O que ele representa aqui: um lugar maravilhoso sobre a preservação do meio ambiente”.

Olhar para o futuro do parque é buscar que ele seja melhor ainda do que já é – e expandir o seu significado para a comunidade. Para Francisca, assim como para as pessoas que se aproximam com pedidos diversos, por ela ser Conselheira do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, seria prioritário a retomada das atividades de ecologia e sustentabilidade, com profissionais capacitados que possam conduzir trilhas monitoradas. Além disso, ela aponta a necessidade dos bancos contemplarem diversos perfis, entendendo que pessoas idosas têm dificuldade para se sentar e levantar em assentos de baixa altura.

Para que o parque seja realmente acessível e inclusivo, Dona Fran explica a importância de atender a necessidade das mães com crianças pequenas, com instalação de brinquedos voltados para a primeira infância, que possam ser utilizados, por exemplo, depois do almoço ou aos domingos, e que existam mais locais para que essas mães e outras mulheres possam participar e realizar diferentes atividades.

1. Sobre o Parque

O Parque Vila do Rodeio está localizado no distrito Cidade Tiradentes, na subprefeitura do mesmo nome e âmbito territorial. A região é caracterizada por níveis de vulnerabilidade média e alta com setores pontuais de nível muito alta, conforme o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) (São Paulo, 2025).

Figura 37. Mapa de localização do Parque Vila do Rodeio em relação ao município e região



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A área do entorno ao parque é caracterizada pela carência de equipamentos de lazer e cultura e pouca presença de equipamentos públicos de esporte. Em termos de população, a região é majoritariamente composta por mulheres, pessoas pretas e pardas, e é o distrito na segunda posição do município em relação à concentração de jovens (Rede Nossa São Paulo, 2023).

O parque é limitado pelo Ribeirão Itaquera no setor sudoeste, onde existe uma ocupação de uso habitacional dentro do perímetro do parque. Os afluentes do ribeirão se adentram no parque em grande parte da sua extensão, onde existem nascentes nos encontros entre ladeiras, gerando uma topografia acidentada na maior parte do terreno. Na região nordeste do parque existem alguns platôs ou planícies onde está implantada a maioria das infraestruturas.

Tabela 4. Ficha introdutória do parque

Nome	Parque Vila do Rodeio
Área total	627.491,61 m ²
Ano de inauguração	2009
Categoria	Urbano
IP 2022	2.09/5
Nota no Quadro de Priorização	2.08/10
Endereço	R. Igarapé da Bela Aurora, 342
Horário de funcionamento	6h às 20h
Distrito	Cidade Tiradentes
Subprefeitura	Cidade Tiradentes

Os principais equipamentos que o parque oferece são um campo de futebol, três quadras poliesportivas, quadra de tênis, pista de skate, sede administrativa com sala de leitura, parquinho infantil, aparelhos de ginástica, pista de caminhada, onze quiosques e três módulos de vestiários e sanitários. Na área do terreno mais naturalizada, existem trilhas com caminhos de terra. O acesso ao parque é realizado por três portarias: do lado oeste pela Rua Cachoeira das Abelhas, do lado leste pela Rua Nova Guaianazes, e ao centro pela Rua Igarapé da Bela Aurora.

1.1 Histórico

O Parque Vila do Rodeio foi criado para preservar o córrego do mesmo nome e suas nascentes, assim como a mata em estágio de regeneração presente no mesmo terreno.

Antes de virar parque, o local estava abandonado e era considerado perigoso: “antigamente, ninguém se arriscava a passar neste lugar”, apontou um morador que viveu a transformação do local em parque (São Paulo, 2009).

Em 2024, o parque fez parte do Circuito Popular de corrida de rua da cidade de São Paulo com um trecho de 5km. Esta atividade é uma iniciativa esportiva da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) desde 2008, que atualmente contempla 22 etapas em diferentes regiões do município.

1.2 Projeto do parque

O projeto de requalificação do Parque Vila do Rodeio se desenvolve na área onde atualmente estão implantados os equipamentos.

Tabela 5. Situação do andamento do projeto ou obra para janeiro, 2025

Parque Vila do Rodeio	
Situação	* Projeto finalizado * Sem previsão de início de obras
Custo (valores estimados)	n/a
Responsável do Estudo Preliminar	Divisão de Implantação, Projetos e Obras (DIPO-SVMA)

Em termos de implantação, mantém as seguintes infraestruturas existentes: os três acessos, campo de futebol, três quadras poliesportivas, três módulos de vestiários e sanitários, onze quiosques, pista de skate e sede administrativa.

Por outro lado, acrescenta alguns equipamentos como estar, edificação de manejo, mirante e ciclovia, implantada do lado da pista de caminhada atual, e com retornos nas extremidades. São adicionados também mais dois parquinhos infantis, duas academias ao ar livre e uma quadra de tênis. As portarias são requalificadas, convertendo-as em pequenas edificações com área de descanso e sanitário para as pessoas funcionárias.

Figura 38. Imagem do Parque Vila do Rodeio.



Fonte: Acervo ONU-Habitat.

2. Processo participativo

Na Avaliação Específica de cada parque, os quatro grupos-alvo mencionados na [Seção 2.4 Participação das Partes Interessadas](#) fizeram parte das diversas atividades participativas propostas. Estas ações foram baseadas nas metodologias ONU-Habitat *Bloco a Bloco* (UN-Habitat, 2021) e *Cidade Delas* (UN-Habitat, 2022), somadas às ferramentas disponíveis na guia de Avaliação Específica de Espaços Públicos, adaptadas ao contexto e características da cidade de São Paulo.

2.1 Partes interessadas envolvidas

No caso do Parque Vila do Rodeio, a busca por grupos que fizessem vida no parque e lideranças da região para contribuir com a Avaliação foi articulada, no início, com o Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES) da Subprefeitura Cidade Tiradentes e com o gestor do parque.

O **primeiro grupo** alcançado foram duas **lideranças femininas** convidadas a fazer parte do grupo de capacitação da sociedade civil sobre metodologias do ONU-Habitat, formado por apenas público de gênero feminino e com mais de 18 anos.

O **segundo grupo** alcançado foram **pessoas funcionárias** da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), principalmente da SVMA, que estivessem envolvidos com algum dos 10 parques priorizados, seja na gestão dos parques ou na área de projetos e obras. No caso específico do Parque Vila do Rodeio, participaram da Avaliação o gestor do parque e uma representante da Subprefeitura Cidade Tiradentes, também conselheira do CADES Regional.

O **terceiro grupo** participante da Avaliação foram **nove meninas adolescentes, entre 12 e 15 anos de idade, e três pessoas professoras** do CEU Inácio Monteiro, os quais participaram na oficina bloco a bloco, dirigida exclusivamente a esse público escolar.

O último e **quarto grupo** convocado a participar foram **pessoas frequentadoras** que se aproximaram à oficina aberta no parque. Nessa atividade, foi aplicada a ferramenta de matriz Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) com mais de 20 pessoas de diferentes idades e gêneros, sendo a maioria delas membros de organizações que atuam na região. Este grupo também participou de entrevistas estruturadas, nas quais contribuíram 16 pessoas em total.

Figura 39. Oficina aberta no Parque Vila do Rodeio



Figura 40. Oficina bloco a bloco do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Figura 41: Pessoas participantes da oficina bloco a bloco no Parque Vila do Rodeio realizando a caminhada exploratória



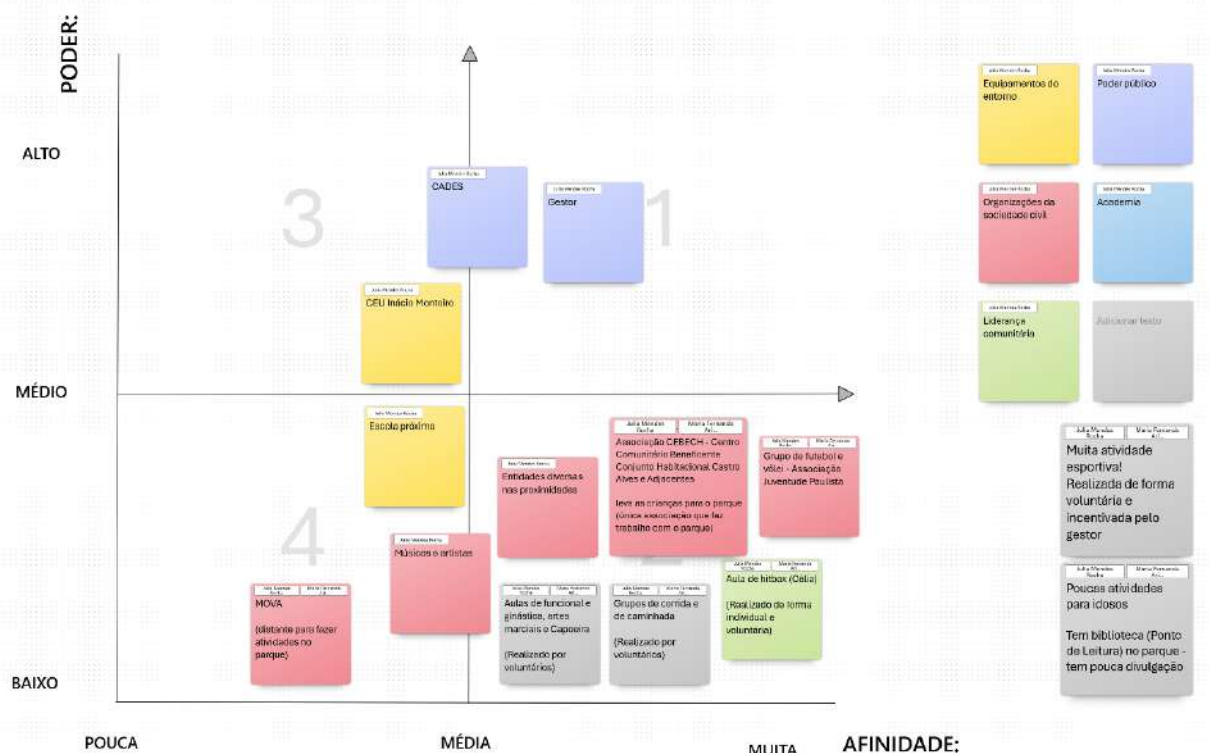
Fonte: Acervo ONU-Habitat

2.2 Principais contribuições

O primeiro grupo, constituído por lideranças femininas, participou das atividades práticas propostas e com a divulgação das atividades abertas ao público geral. Foram também estas lideranças que forneceram as informações para a construção do mapeamento das partes interessadas do parque, a partir do seu olhar comunitário e conhecimentos das redes e grupos

existentes que fazem vida no espaço público avaliado. Segundo as lideranças consultadas, os principais grupos afetados pelo deterioro ou que seriam beneficiados com a requalificação do parque são associações e grupos voluntários que fazem vida no parque, principalmente atividades esportivas.

Figura 42. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Vila do Rodeio, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação.



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O segundo grupo, o das pessoas funcionárias municipais, forneceu informações técnicas e de gestão do parque ao longo das atividades participativas da Avaliação. Elas apoiaram na recepção no parque das atividades com os diversos grupos participantes e validaram, preliminarmente, algumas das recomendações propostas no processo.

Dos últimos dois grupos (3 e 4), foram coletadas e sistematizadas contribuições de viés qualitativo, categorizadas em **sentimentos** suscitados pelo parque, **problemas**, **potencialidades**, **soluções** e **desejos** para ele. Também foram priorizadas as principais ações necessárias para sua requalificação e ativação em termos de usos e gestão.

Figura 43. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Calor, conforto e frescor foram os principais sentimentos destacados pelas pessoas participantes das atividades de percepção no parque. O espaço público é apreciado pela grande quantidade de árvores e preservação de natureza, pelas trilhas, pela bica d'água – que as crianças gostam tanto, pela limpeza, pela iluminação, pelas flores, pela sua oferta e variedade de equipamentos e pelo seu fácil acesso.

O parque é considerado um local de encontro das entidades do entorno e é valorizado que tenha muitos frequentadores e funcionários moradores da região. A oferta de atividades esportivas, de contação de histórias e a segurança do parque, mesmo que locais específicos sejam identificados como inseguros, são também destaques.

Os equipamentos vizinhos de assistência social para crianças e os produtores, artistas e artesãos locais, que tem o desejo de implementar feiras e exposições no parque, são vistos como potenciais parceiros.

Outros aspectos destacados nas percepções das pessoas participantes das dinâmicas da Avaliação foi a presença de cachorros soltos e dejetos de animais, roupas espalhadas no parque e lixo na área da bica. Foi também apontada a falta de acessibilidade no parque e nas calçadas do seu entorno, a falta de circulação dos seguranças, a presença de usuários de droga e a necessidade de melhoria da sinalização dentro do parque.

Foi apontado que falta manutenção nos equipamentos e mobiliários, que há necessidade de criar espaços para mães com bebês e de aumentar a quantidade e diversidade dos brinquedos e espaços para brincar. Para as pessoas participantes da Avaliação falta acrescentar aparelhos nas academias ao ar livre, uma ciclovia, cobertura numa das quadras e/ou um espaço coberto para atividades físicas em dias de climas extremos, banheiros próximos aos quiosques e mais bancos, bebedouros e lixeiras, espalhados pelo parque.

A falta de promoção de atividades programadas para diferentes públicos, a pouca divulgação dos eventos que são realizados e da própria existência do parque em canais de comunicação do bairro, foi também mencionado. Em relação ao poder público, na opinião das pessoas consultadas faltam medidas formais para resolução de conflitos com a ocupação dentro do perímetro do parque. Já em relação à governança, foi mencionado a importância de ter um conselho gestor ativo, solucionando as dificuldades para se candidatar e o desinteresse da comunidade em realizar voluntariado e participar de forma geral.

Figura 44. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação.

Problemas – Pontos Negativos

- Falta limpeza dos dejetos de animais e roupas jogadas no parque, e do lixo na bica
- Presença de cachorros soltos

- Falta acessibilidade nas calçadas do entorno e entre os setores do parque
- Existem pontos inseguros (como nas trilhas): falta maior circulação de seguranças e aumentar a equipe
- Há presença de usuários de droga
- Falta melhorar a sinalização do parque
- Falta de manutenção de diversos equipamentos e mobiliários (banheiros, bancos, churrasqueiras, quadras, quiosques e pista de skate)
- Buracos e obstáculos nas laterais (tampas e bueiros) comprometem a acessibilidade e segurança na pista de corrida
- Falta área para mães com bebês (fraldário e ambiente para amamentação, por exemplo)
- Faltam brinquedos acessíveis para PcD, para crianças menores e espaços para brincar para todas as idades
- Faltam aparelhos de ginástica
- Falta ciclovia
- Falta cobertura numa das quadras e/ou espaço coberto para fazer atividades em dias de muito sol ou chuva
- Faltam banheiros próximos aos quiosques
- Faltam mais bancos, bebedouros e lixeiras, espalhados pelo parque
- Faltam atividades para idosos, principalmente na parte da tarde
- Poucos projetos educativos existentes, falta articulação com outras secretarias
- Falta projeto de trilha monitoradas
- Falta melhor divulgação das atividades que acontecem no parque
- Faltam medidas para resolução de conflitos com limites do parque (ocupações)
- Falta reconhecimento ou resolução de acessos informais que já acontecem
- Conselho gestor inativo - dificuldade para se candidatar e desinteresse em realizar voluntariado

A partir desses sentimentos, problemas e potencialidades detectadas pelas pessoas participantes das atividades da Avaliação, foram propostos por elas mesmas **soluções e desejos para o Parque Vila do Rodeio**. Como o parque já tem um projeto finalizado, foi perguntado "**o que poderia acontecer no parque para ficar melhor**".

Potencialidades – Pontos Positivos

- Local com muita natureza e área verde
- Existência de trilhas
- Ter atividades esportivas (voluntariado)
- Contação de histórias para crianças
- Existir equipamentos como pista de corrida, pista de skate, quiosques, quadras e brinquedos.
- Tem limpeza e segurança do parque, tendo os funcionários moradores do entorno
- Ponto para encontros de associações e entidades do entorno
- Existem muitas entidades e equipamentos no entorno -- como o Centro de Convivência Intergeracional (CCInter) e Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) – que poderiam fazer atividades no parque
- Desejo de realizar apresentações, feiras e exposições com artistas, artesão e produtores locais
- Maior integração com a região sul possibilitaria maior alcance do parque

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Sobre o **ambiente** do parque, foi sugerido a implantação de mais árvores frutíferas, que inclusive possam atrair mais fauna diversificada, o que foi outro pedido das pessoas participantes. Ter um espaço para interação com a água "para molhar o pé" e a consolidação do uso das trilhas, com sinalização, segurança e monitoria, foi também indicado nas propostas.

Sobre a **infraestrutura do parque** foram propostos elementos de comunicação visual, sinalização acessível e interativa (como mapas do parque nos acessos), mobiliários e elementos lúdicos (fontes interativas, mesas de ping-pong, brinquedos para crianças PcD e para pessoas de todas as idades, parques naturalizados e hortas acessíveis), e locais para descanso (lugares para sentar que não sejam só bancos, como redes). Foram também solicitados outros equipamentos esportivos, como aparelhos de ginástica em espaço fechado, quadras de basquete, circuito de parkour e ciclovia.

Sobre os **usos e a gestão** do parque, foi mencionado a importância de oferecer oficinas, aulas e outras atividades programadas, de índole esportivo, cultural e educativo, tendo em consideração a monitoria para várias faixas etárias.

Figura 45. Oficina no Parque Vila do Rodeio



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3. Avaliação

As Seções 3.1 a 3.7 apresentam os principais resultados obtidos com a aplicação da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*, sendo cada seção correspondente a uma dimensão de análise.

3.1 Caracterização urbana da área de influência

Dentro da área de influência do Parque Vila do Rodeio há uma grande quantidade de conjuntos habitacionais de interesse social com cinco a seis pavimentos, porém, predomina o padrão residencial unifamiliar horizontal, caracterizado por moradias de um a dois pavimentos. O comércio é esparsos e de caráter local, ainda que conte com vias, como a Rua Inácio Monteiro, com maior oferta de comércio e serviços locais.

O perímetro é marcado pela vulnerabilidade socioeconômica, com a existência de favelas e núcleos urbanos informais contíguos ao limite do parque (ver *Mapa 9*). Dentro do perímetro estabelecido do parque há um núcleo de ocupação, que será apresentado na *Seção 3.4 Segurança*.

Figura 46: Tipologia urbana predominante



EM PRODUÇÃO

Figurinha representando um bairro com residências de até 2 pavimentos em autoconstrução, “núcleos” com habitação vertical e lotes dando fundo para o parque.

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

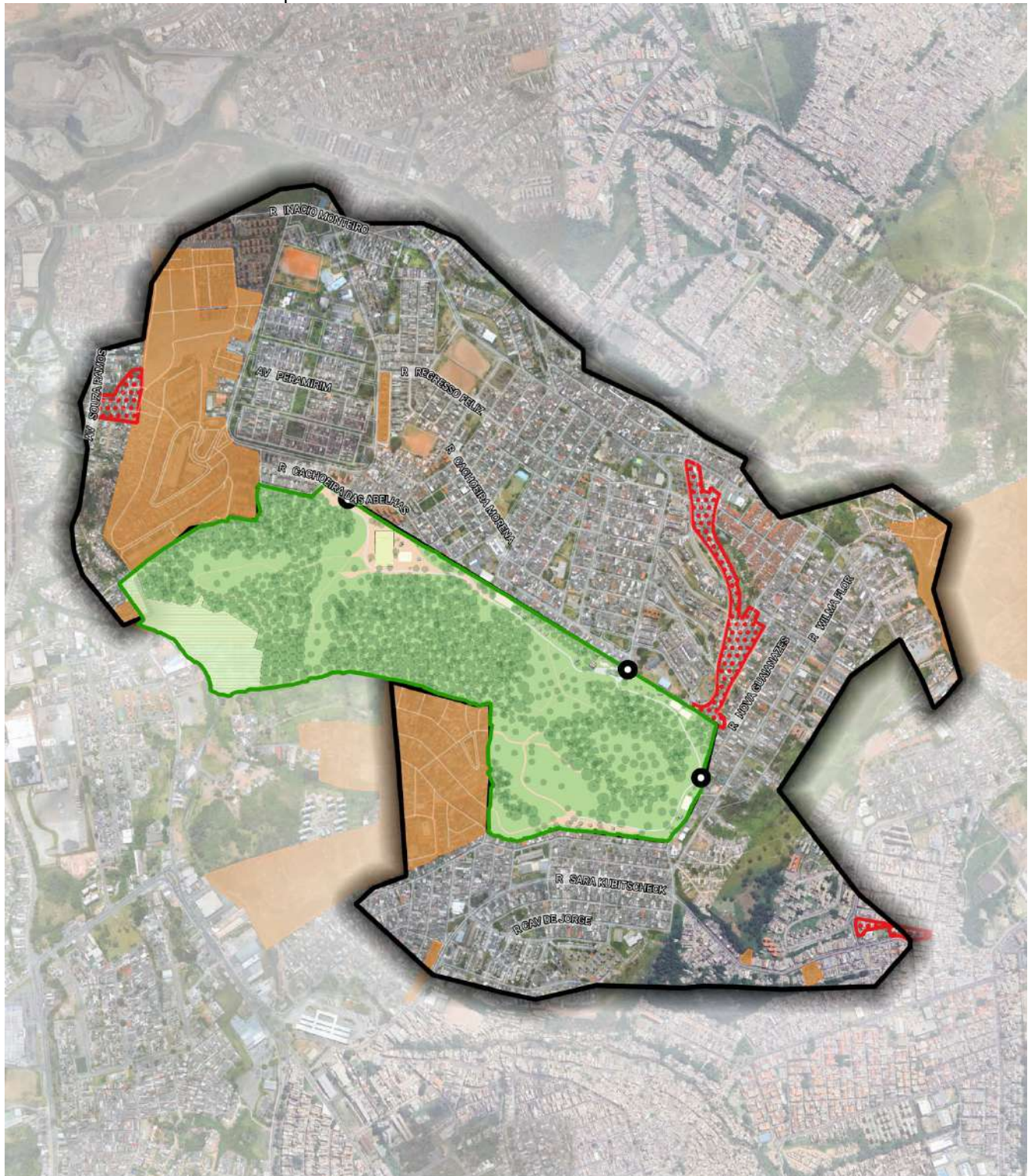
Seguindo a tipologia urbana predominante da área de influência, os lotes que estão situados em frente ao parque são majoritariamente residenciais unifamiliares. Há residências que possuem seus fundos voltados ao parque, o que resulta em grandes áreas muradas no interior do parque, e traz como consequência a diminuição de visibilidade entre o interior e exterior do parque. Essa redução da vigilância natural – ser visto por outras pessoas – é considerado um fator muito importante para promover a sensação de segurança (Safer Parks Consortium, 2023).

Figura 47: Muros das residências visualizados do parque



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Mapa 9: Núcleos urbanos informais na área de influência



LEGENDA

- Acesso Parque
- ▭ Perímetro Parque
- ▭ Perímetro Área de Influência

Assentamentos precários e/ou irregulares

- ▨ Favela
- ▨ Núcleo ou loteamento

Fontes Consultadas

[GEOSAMPA - Mapa digital da cidade de São Paulo]
Favelas, núcleos, loteamento e cortiços.
Acesso em 30 de janeiro de 2024.

Escala

0 120 240 360 480 600 m



Fonte: Adaptado de GeoSampa, 2024. Elaboração própria, ONU-Habitat

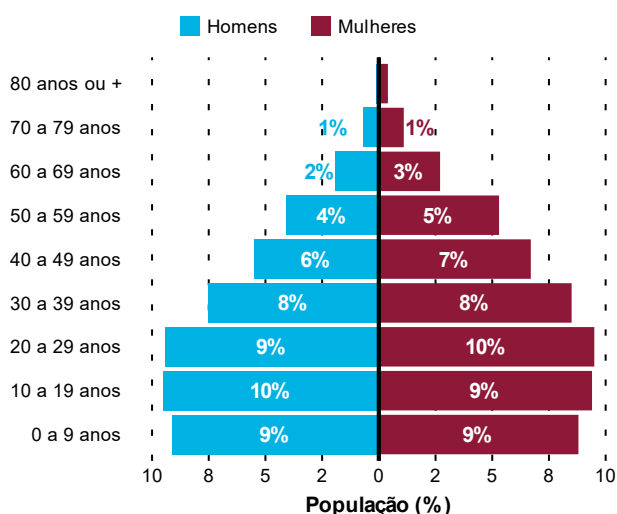
3.1.2 Pessoas no parque e área de influência

A caracterização das pessoas que vivem na área de influência e frequentam o parque é fundamental para compreender quais os perfis predominantes e como o parque pode atender às necessidades específicas destes grupos.

De acordo com dados do Censo 2010, a faixa etária predominante das pessoas na área de influência é de crianças entre 10 e 19 anos e jovens e adultos, nas faixas de 20 a 29 anos.

Gráfico 17: Faixa etária das pessoas na área de influência

Proporção de faixa etária das pessoas na área de influência

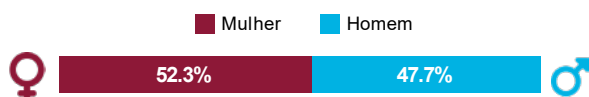


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Das 45.068 pessoas que vivem dentro da área de influência do parque, predominam as mulheres, com aproximadamente 52% do sexo feminino e 48% masculino.

Gráfico 18: Gênero das pessoas na área de influência

Proporção de identificação de gênero das pessoas na área de influência

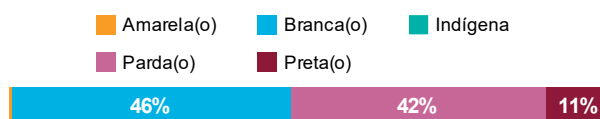


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça das pessoas que vivem na área de influência, mais da metade são pretas ou pardas (53%), enquanto 46% se autodeclararam brancas.

Gráfico 19: Perfil de cor ou raça das pessoas na área de influência

Proporção de raça e cor na área de influência



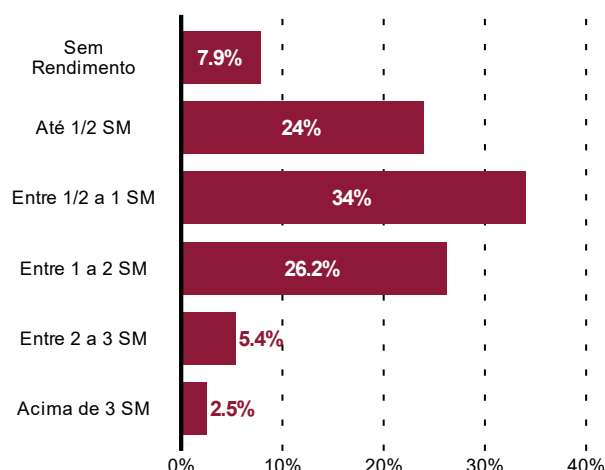
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos marcadores de vulnerabilidade socioeconômica apresentados, o rendimento per capita de 58% da população que vive na área de influência é inferior a um salário-mínimo, caracterizando situação de pobreza (The World Bank, 2025).

Somente 8% das pessoas possuem rendimentos superiores a dois salários-mínimos.

Gráfico 20: Perfil de renda das pessoas na área de influência

Distribuição de domicílios por faixa de rendimento per capita em salários-mínimo (SM)



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

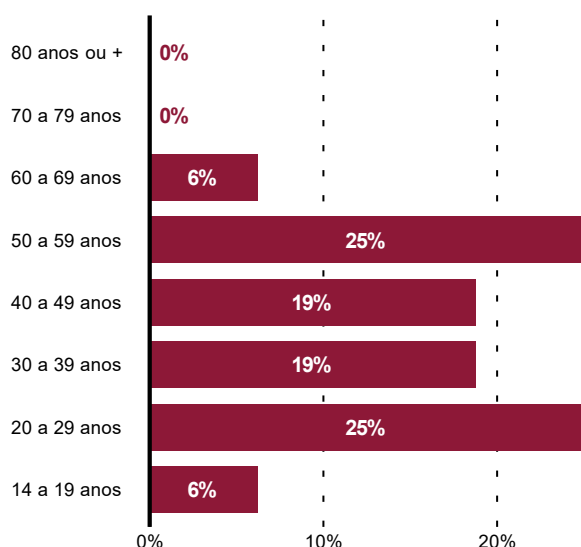
No ano de 2021, foram registradas 294.892 pessoas frequentando o Parque Vila do Rodeio.

Em 2022, foram registradas 455.970 pessoas

Dentre as pessoas entrevistadas que frequentam o parque, houve predomínio de crianças e jovens de 20 a 29 anos (coincidindo com o perfil predominante na área de influência), junto com adultos de 50 a 59 anos, cada grupo representando 25% do total.

Gráfico 21: Faixa etária das pessoas que frequentam o parque

Proporção de faixa etária das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Apesar da população na área de influência ser predominantemente feminina, no parque foram entrevistados mais homens.

Tal fato pode estar associado ao predomínio de equipamentos esportivos como quadras e campos de futebol, atividades que tendem a atrair um maior público masculino.

Gráfico 22: Gênero das pessoas que frequentam o parque

Proporção de identificação de gênero das pessoas entrevistadas

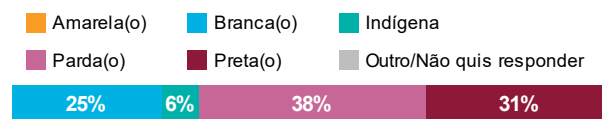


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça, 69% das pessoas entrevistadas se declararam pretas ou pardas, percentual superior ao perfil da população que vive na área de influência.

Gráfico 23: Perfil de cor ou raça das pessoas que frequentam o parque

Proporção de raça e cor das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Vila do Rodeio se caracteriza pela alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (58% da população);
2. Do total de pessoas entrevistadas no parque, 25% possuem entre 50 e 59 anos, apontando para uma frequência dessa faixa etária, sendo necessária a previsão de equipamentos e atividades para esse perfil;
3. Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 38%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 53%.

3.2 Acessibilidade

O primeiro indicador analisado para avaliar a acessibilidade do Parque Vila do Rodeio refere-se às infraestruturas de deslocamento em sua área de influência. Representado no *Mapa 10*, ele abrange o mapeamento do sistema cicloviário, a cobertura do transporte público (estações de metrô, terminais de trem e ônibus, além de pontos de parada) e as infraestruturas para transporte individual, como estacionamentos públicos.

No que se refere ao transporte público, não há estações de metrô, terminais de trem ou ônibus dentro da área de influência do parque. No entanto, há um número significativo de pontos de ônibus nas ruas adjacentes, atendendo 21 linhas. Ainda assim, algumas áreas exigem deslocamentos mais longos até o ponto de embarque mais próximo.

Para quem acessa o parque por transporte individual, a portaria próxima à Rua Igarapé dispõe de estacionamento gratuito.

Quanto ao sistema cicloviário, não há ciclovias ou ciclofaixas na área de influência do parque, limitando o acesso de ciclistas.

Ainda em relação aos modos ativos de deslocamento, foi analisada a qualidade das calçadas na área de influência e os possíveis impactos na acessibilidade do pedestre, considerando a largura mínima recomendada de 1,90 m, conforme a legislação (1,20 m de faixa livre de circulação e 0,70 m para mobiliário urbano, como árvores e postes de iluminação).

A área de influência do parque possui 23% das suas calçadas com larguras adequadas à caminhabilidade.

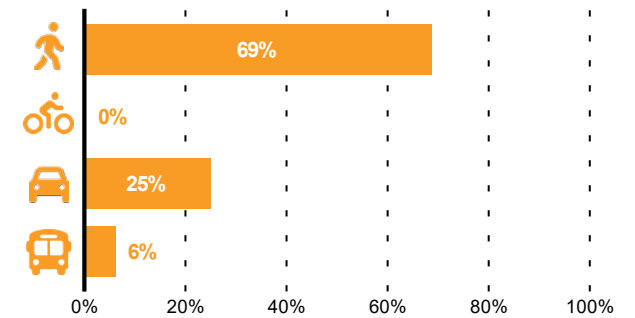
Os dados indicam que 77% das calçadas do entorno não atendem à legislação de acessibilidade, representando um obstáculo significativo para o acesso seguro e inclusivo, especialmente para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Conforme a oficina aberta realizada em outubro de 2024 (ver *Capítulo 2 Processo participativo*), 69% das pessoas que frequentam o parque chegam a pé (ver *Gráfico 24*).

Logo, as deficiências na infraestrutura de calçadas impactam diretamente a maioria das pessoas visitantes do Parque Vila do Rodeio.

Gráfico 24: meio de locomoção das pessoas usuárias do parque

Proporção das respostas das pessoas entrevistadas:



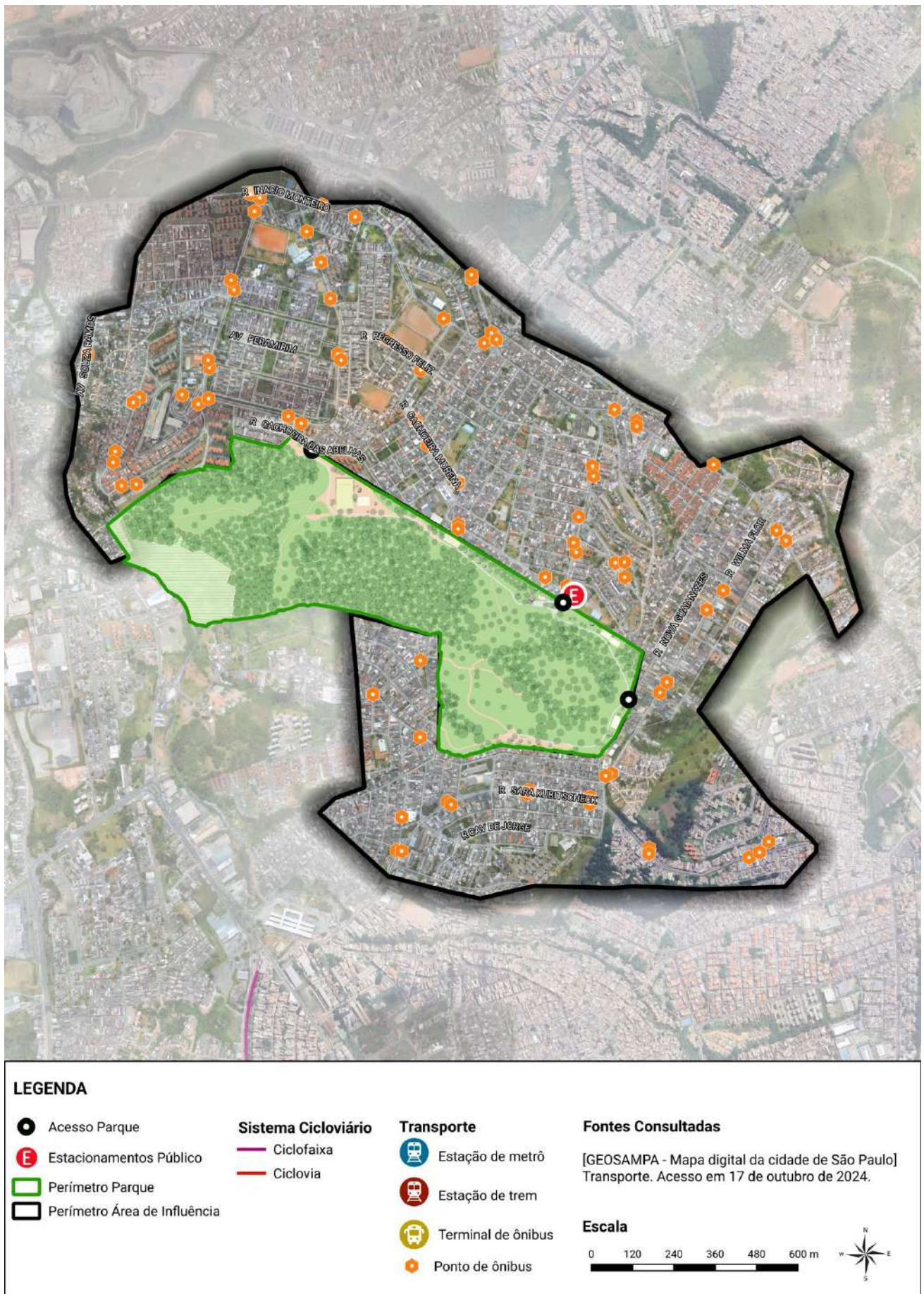
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Esse problema foi reforçado nos processos participativos, nos quais a falta de acessibilidade nas calçadas foi apontada como um dos principais desafios do acesso ao parque, evidenciando a necessidade de melhorias para garantir um acesso seguro e confortável.

O segundo meio de transporte mais utilizado é o veículo particular (25%), seguido pelo transporte público (6%), indicando uma preferência pelo transporte individual, possivelmente devido à oferta limitada de transporte público.

Nenhuma das pessoas entrevistadas afirmou acessar o parque de bicicleta, o que pode ser explicado pela ausência de ciclovias e ciclofaixas no entorno.

Mapa 10: Mapa de identificação dos modelos de deslocamento



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O Parque Vila do Rodeio, apesar de não ter uma rede cicloviária em seu entorno, apresenta 13% dos seus setores contendo estacionamento para bicicletas. Essa baixa porcentagem reforça a ausência de infraestruturas para ciclistas no parque.

Outro indicador que avalia a qualidade da acessibilidade universal no Parque Vila do Rodeio é a identificação de elementos de acessibilidade nas portarias de acesso ao parque. A *Figura 48* contém representações de todos os três acessos, com a indicação as infraestruturas presentes e ausentes em cada um deles.

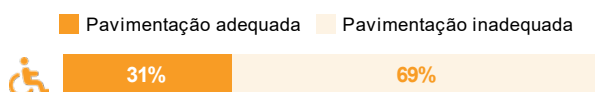
Os acessos 01, 02 e 03 apresentam características semelhantes em relação às infraestruturas de acessibilidade existentes e ausentes. Todos possuem pavimentação e largura adequada, porém, enfrentam limitações como obstruções que dificultam a passagem, além da ausência de piso tátil e rampas para acesso universal.

A falta de uma sinalização adequada para pedestres foi outro aspecto observado nos acessos, por comprometer a segurança na travessia. Nenhum dos acessos apresenta qualquer sinalização (incluindo sonora) ou piso tátil nas travessias. Contudo, foram observadas as presenças de faixa de pedestres ou lombofaixa em todos os acessos.

Outro aspecto essencial da acessibilidade do Parque Vila do Rodeio é sua adequação ao uso por pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Um parque acessível promove inclusão e impacta na apropriação das mulheres, que frequentemente acompanham crianças e idosos, demandando pavimentação segura para circulação e uso de equipamentos como carrinhos de bebê.

Gráfico 25: Acessibilidade nos setores do parque

Setores por adequação de pavimentação e inclinação para pessoas com deficiência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Diante do que foi observado no parque, em 69% dos setores existem problemas de pavimentação e inclinação que limitam a acessibilidade universal. Contudo, segundo o *Gráfico 26*, 62% das pessoas entrevistadas na oficina aberta percebem a acessibilidade no interior do parque como boa (50%) ou muito boa (12%), enquanto 31% são indiferentes e apenas 6% consideram ruim.

Gráfico 26: Percepção de acessibilidade pelo público

Percepção das pessoas entrevistadas sobre a acessibilidade do parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Apesar da percepção majoritariamente positiva sobre a acessibilidade do parque, os processos participativos (*Capítulo 2 Processo Participativo*) destacaram a presença de buracos e obstáculos nas pistas de corrida como fatores que comprometem a acessibilidade e a segurança das pessoas frequentadoras.

O que se descobriu?

1. Não há ciclovias ou ciclofaixas na área de influência, dificultando o acesso de ciclistas;
2. A oferta de transporte público na região é limitada, restringindo as opções de deslocamento;
3. 77% das calçadas do entorno não atendem à legislação de acessibilidade, impactando diretamente a maioria das pessoas visitantes, que acessam o parque a pé;
4. Os três acessos do parque apresentam barreiras à acessibilidade universal, como obstruções que dificultam a passagem, além da ausência de piso tátil e rampas;
5. 69% dos setores do parque possuem problemas de pavimentação e inclinação, restringindo a circulação de pessoas com mobilidade reduzida.

Figura 48: Ilustração dos acessos do Parque Vila do Rodeio

(ILUSTRAÇÕES DESIGN)

Infraestruturas do acesso 01

- ☐ Presença de sinal de pedestre;
- ☒ Presença de faixa de pedestre ou lombofaixa;
- ☐ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de semáforos com som funcional;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☒ Largura de calçada adequada;
- ☒ Calçada pavimentada;
- ☐ Calçada desobstruída.

Infraestruturas do acesso 02

- ☐ Presença de sinal de pedestre;
- ☒ Presença de faixa de pedestre ou lombofaixa;
- ☐ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de semáforos com som funcional;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☐ Largura de calçada adequada;
- ☒ Calçada pavimentada;
- ☐ Calçada desobstruída.

Infraestruturas do acesso 03

- ☐ Presença de sinal de pedestre
- ☒ Presença de faixa de pedestre ou lombofaixa;
- ☐ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de semáforos com som funcional;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☒ Largura de calçada adequada;
- ☒ Calçada pavimentada;
- ☐ Calçada desobstruída.

3.3 Instalações e mobiliário

Assim como espaços urbanos podem convidar as pessoas para uma vida na cidade, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi realizado o levantamento em campo para analisar a condição dos principais elementos que compõem a infraestrutura do parque.

Conforme a *Tabela 7* e *Tabela 8*, o Parque Vila do Rodeio conta com 14 setores, dos quais nove são dedicados à prática esportiva, um para crianças e bebês, um espaço para refeições e três sanitários. Em nenhum dos setores há equipamentos adaptados a pessoas com deficiência.

O parque possui projeto que prevê a inclusão de novos setores e a manutenção daqueles existentes, além da extensão da pista de caminhada (ver *Seção 1.3 Projeto do parque*).

Durante a observação dos setores do parque, realizada entre outubro e dezembro de 2023, foi constatado que o parque conta com lixeiras e postes de iluminação em todos os setores, enquanto aproximadamente metade deles possuem bebedouros e bancos.

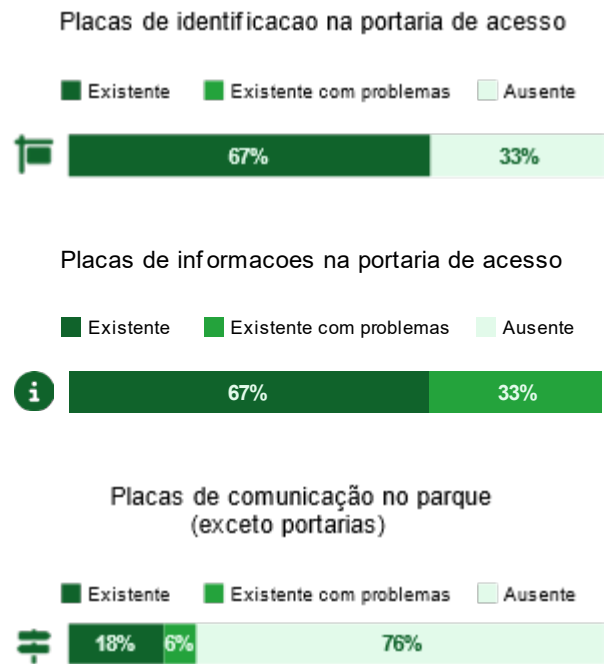
Essas instalações são um fator importante para atrair pessoas ao parque, e a oferta de comodidades adicionais que aumentem a atratividade e diversidade fará com que o parque pareça mais seguro (Safer Parks Consortium, 2023).

Dado que a maior oferta de infraestrutura e mobiliário está concentrada em dois pontos, os

setores situados fora destes locais (*Espaço de esporte e lazer 1, 2 e 7*) possuem uma dotação menor de elementos de mobiliário, destacando a ausência de bancos e bebedouros (ver *Figura 49*). Além dos setores mencionados, outros dois setores não possuem bancos.

Assim como a maioria dos parques municipais, os elementos de sinalização estão pouco presentes no Parque Vila do Rodeio. Conforme o *Gráfico 27* abaixo, é possível identificar que há acessos do parque que não contam com placas de identificação e de informações gerais do parque.

Gráfico 27: Caracterização da sinalização no parque



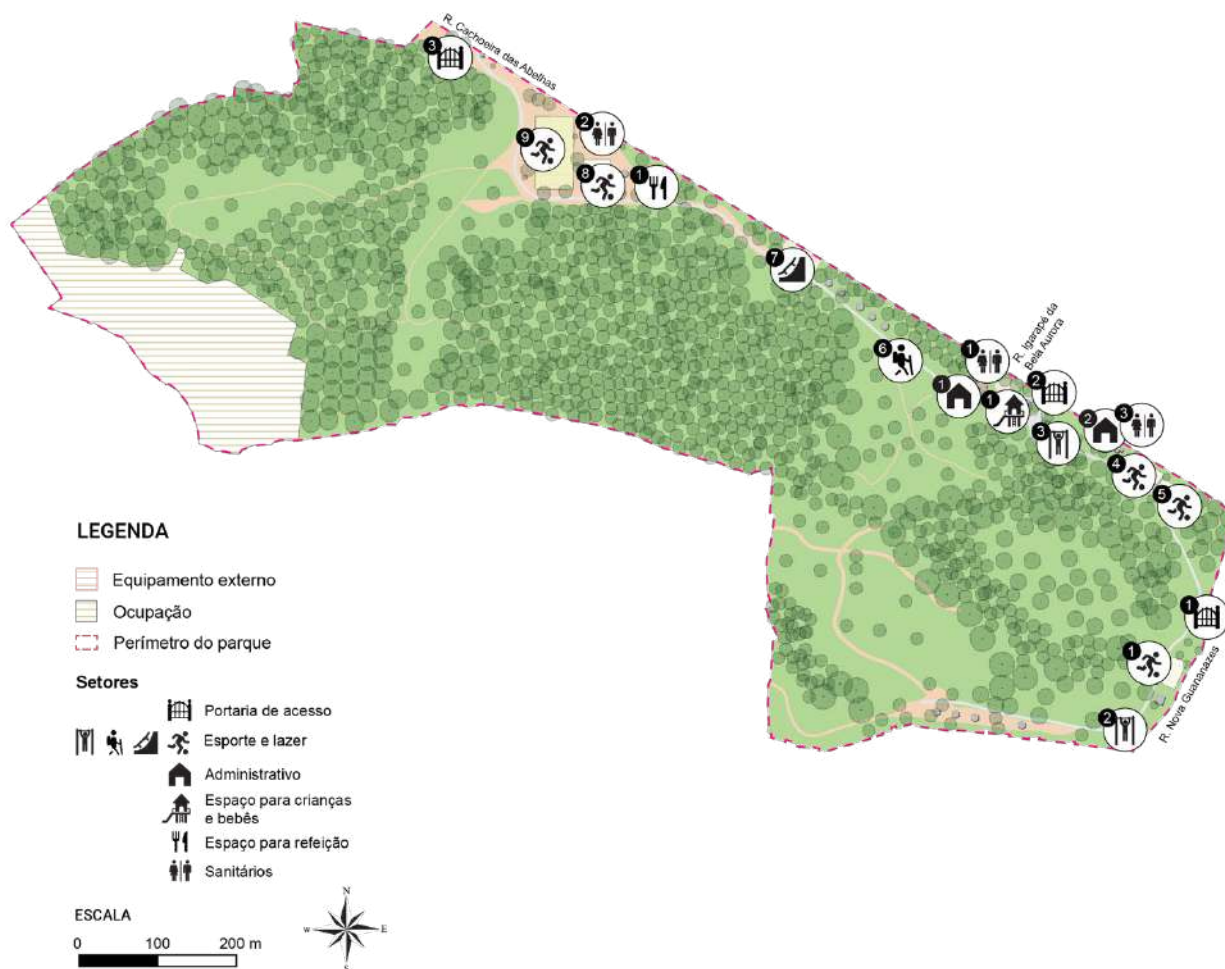
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Tabela 6: Avaliação dos setores do parque- Equipamentos e mobiliário

Nome do setor	Equipamento	Necessita manutenção	Mobiliário				
 Espaço de esporte e lazer 1	Quadra de futebol	Sim					
 Espaço de esporte e lazer 2	Academia	Sim					
 Espaço de esporte e lazer 3	Academia e mesa de jogos	Não					
 Espaço de esporte e lazer 4	Quadra de tênis	Sim					
 Espaço de esporte e lazer 5	Quadra poliesportiva	Sim					
 Espaço de esporte e lazer 6	Pista de caminhada	Não					
 Espaço de esporte e lazer 7	Pista de skate	Sim					
 Espaço de esporte e lazer 8	Campo de futebol	Sim					

	Espaço de esporte e lazer 9	Campo de futebol	Sim							
	Espaço para crianças e bebês 1	Parquinho	Sim							
	Espaço para refeição 1	Mesas e churrasqueiras	Não							
Legenda:				Iluminação	Banco	Lixeira	Bebedouro	Sinalização	Presente Ausente	 
										

Figura 49: Localização dos setores do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

De forma geral, os equipamentos existentes nos setores do parque necessitam manutenção relacionada à pintura, substituição de alambrados e recuperação de pisos e gramados nas quadras e campos de futebol.

Considerando que a faixa etária predominante das pessoas que vivem na área de influência é de crianças e jovens de 10 a 19 anos, os equipamentos devem contemplar esse perfil, especialmente os parquinhos, que muitas vezes são projetados para crianças de até 10 anos.

Além dos setores de equipamentos listados na Tabela 8, o parque conta com três setores de

sanitários, situados próximo aos locais de maior concentração de setores (ver Figura 49). Contudo, assim como no caso da distribuição de bebedouros, há setores mais afastados que não possuem esse equipamento, o que pode limitar a circulação de pessoas nestes locais e restringir a utilização do espaço a alguns trechos do parque.

A necessidade de melhorar a distribuição de sanitários foi um dos temas de demanda da população durante as atividades de participação social, onde foi sugerido implantar um novo conjunto de sanitários próximo aos setores de *Espaço de esporte e lazer 1 e 2* (ver Capítulo 2 *Processo participativo*).

Tabela 7: Avaliação dos sanitários do parque

Nome do setor	Acessibilidade 	Diferenciação de gênero 	Chuveiro 	Vestiário público 	Sinalização 	Trocador infantil 
 Sanitário 1						
 Sanitário 2						
 Sanitário 3						

Legenda: Presente  Ausente 

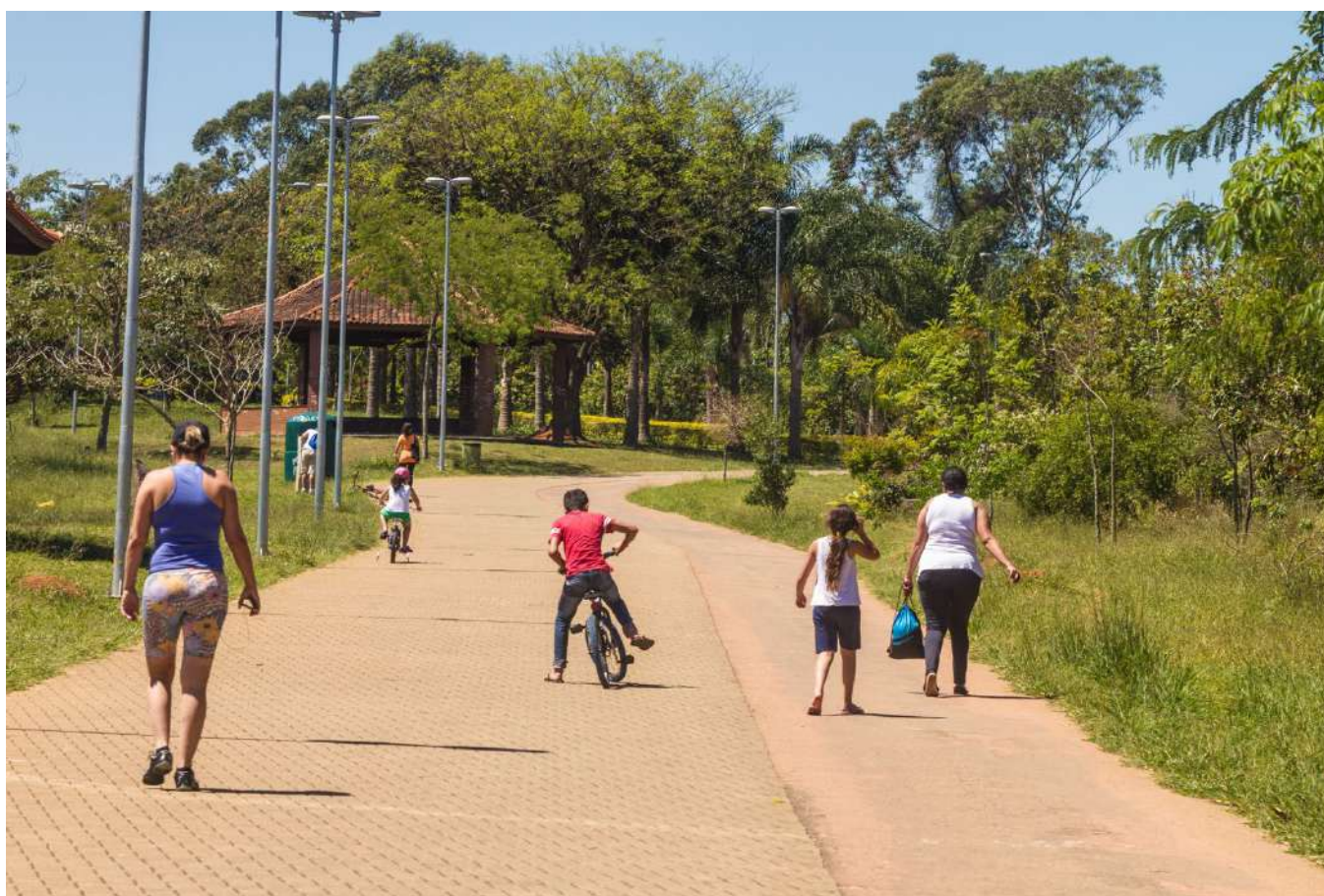
Conforme informações da Tabela 8, nenhum dos sanitários possuem acessibilidade universal. Eles também não contam com chuveiros e vestiários, elementos que podem incentivar o deslocamento ativo de pessoas ao parque. Não foram identificados trocadores infantis nos sanitários, o que fragiliza a inclusão e o incentivo para que pessoas com crianças possam frequentar o parque. A carência de infraestrutura para pessoas com bebês foi trazida como uma demanda da população durante as atividades do processo participativo (ver Capítulo 2 *Processo participativo*).

O parque não dispõe de elementos de combate a incêndio, porém conta com equipamentos de primeiros socorros.

O que se descobriu?

1. Os sanitários não possuem acessibilidade, trocador infantil, chuveiros e vestiários. Além disso, não estão distribuídos de forma homogênea pelo parque;
2. Há necessidade de manutenção relacionada à pintura, substituição de alambrado e melhoria de pisos e gramados nos setores do parque;
3. Há falta de sinalização para indicação do parque em um ou mais acessos;
4. Os setores situados mais afastados da alta concentração de instalações, mobiliário e equipamentos (*Espaço de esporte e lazer 1, 2 e 7*), não contam com bancos e bebedouros;
5. Há somente um setor de parquinho, sendo que necessita manutenção e diversificação de equipamentos para ampliar a faixa etária atendida.

Figura 50: Registros do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Acervo da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

3.4 Segurança

Para garantir que os parques sejam espaços inclusivos e seguros, especialmente para mulheres e crianças, é fundamental analisar aspectos relacionados à segurança. Nesse contexto, a dimensão de segurança considera indicadores que relacionam a distribuição de ocorrências criminais e os mecanismos de vigilância à percepção das pessoas usuárias sobre sua sensação de segurança nesses ambientes.

Entre os fatores que influenciam essa percepção, os índices de criminalidade no entorno são um elemento central de análise. Áreas com altos registros de ocorrências tendem a ser estigmatizadas como inseguras, reduzindo a frequência de uso e dificultando a implementação de atividades e programas (Caldeira, 2011).

A análise da criminalidade no entorno foi realizada com base em registros de ocorrências, classificadas por tipo: roubos, furtos, outros crimes e violência física. O *Mapa 11* apresenta a localização e distribuição dessas ocorrências registradas em 2023, contribuindo para a compreensão das dinâmicas de segurança na área.

De modo geral, a área de influência do Parque Vila do Rodeio apresenta alta incidência de registros criminais. Três regiões se destacam pela elevada densidade de ocorrências: a área próxima ao acesso pela Rua Cachoeira das Abelhas e sua extensão a leste, a região em frente ao acesso da Rua Nova Guaianazes e, ao sul da área de influência, a região que abrange a Rua Sara Kubitscheck.

Em dois desses pontos, as ocorrências estão concentradas na frente dos acessos ao parque, sugerindo um possível risco para quem utiliza essas entradas ou transita pela região ao acessar o parque.

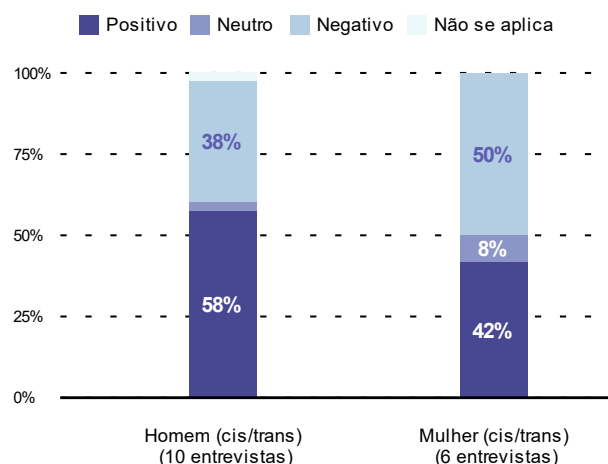
Além dessas áreas próximas aos acessos, outros pontos dentro da área de influência também apresentam índices elevados de criminalidade.

Conforme apontado na *Seção 3.2 Acessibilidade*, muitas pessoas chegam ao parque a pé. Dessa forma, a alta incidência de ocorrências na área de influência pode representar um risco significativo para esses pedestres.

Ao abordar as pessoas frequentadoras do Parque Vila do Rodeio sobre sua percepção de segurança em relação ao uso e permanência no espaço, houve uma certa diferença entre os respondentes declarados como homens e as mulheres, como pode-se observar no *Gráfico 28*.

Gráfico 28: Nível de segurança percebido pela comunidade por gênero

Distribuição da percepção de segurança entre as pessoas entrevistadas

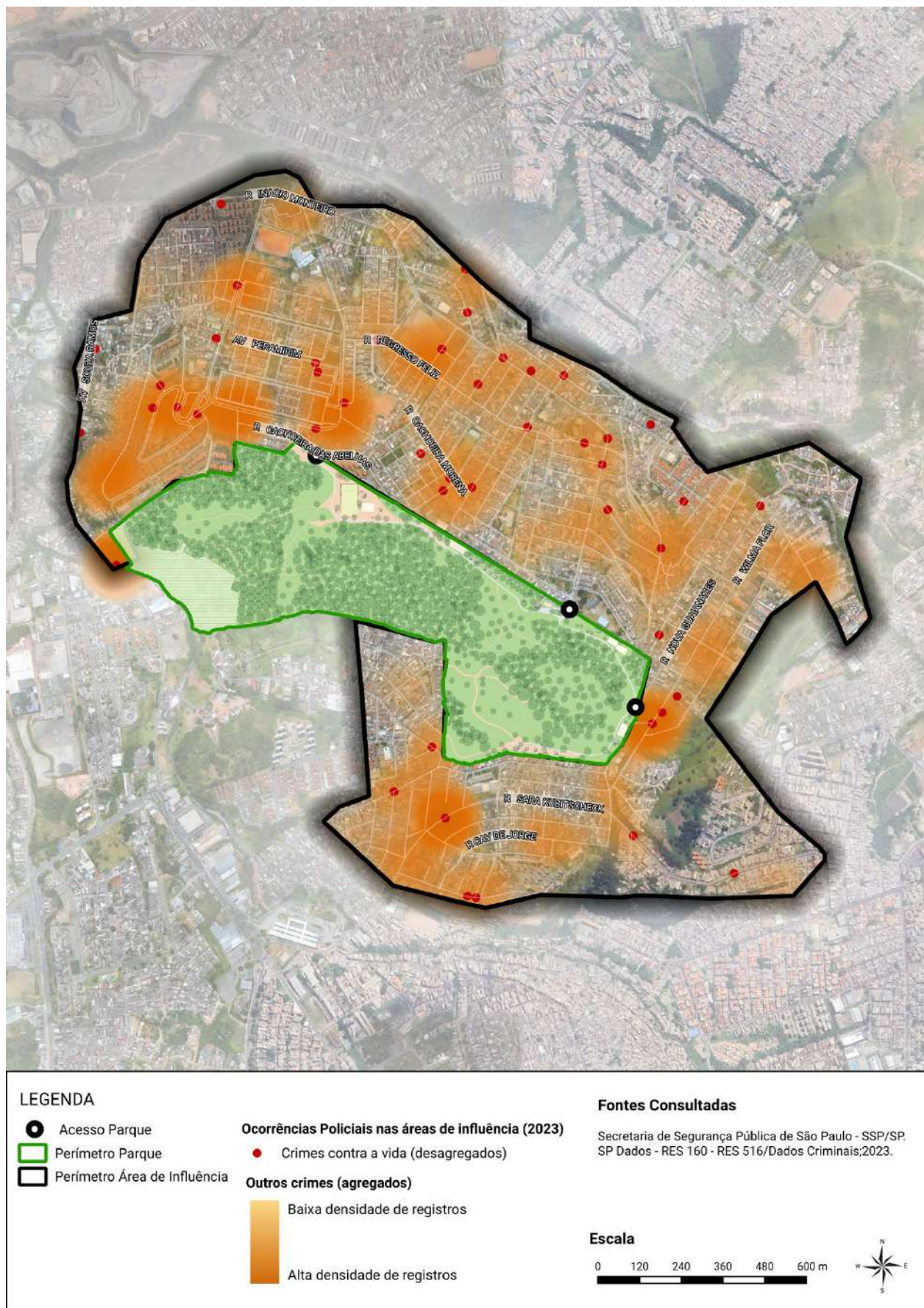


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Enquanto a maior porcentagem dos homens (58%) tem uma sensação de segurança positiva no parque, apenas 42% das mulheres têm a percepção positiva.

Esse dado indica que os homens se sentem mais seguros no parque em comparação às mulheres.

Mapa 11: Registro de ocorrências desagregado por tipo



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A predominância da sensação de insegurança, observada principalmente entre as mulheres, pode ser explicada por diversos fatores. Um deles é a alta concentração de ocorrências criminais próximas aos acessos do parque (Caldeira, 2011), conforme demonstrado no *Mapa 11*. Essa relação torna-se ainda mais evidente ao analisar os locais dentro do perímetro do parque considerados mais inseguros pelas mulheres entrevistadas, conforme indicado na *Figura 51*.

As mulheres identificaram como áreas de maior insegurança os pontos próximos aos dois acessos situados em regiões com alta incidência criminal na área de influência.

Já os homens entrevistados apontaram as trilhas no interior do parque como os locais mais inseguros, segundo sua percepção.

Além da criminalidade, outros dois fatores impactam significativamente a sensação de segurança: a presença de atos de vandalismo, como roubos e depredação de equipamentos, e a distribuição irregular de elementos de segurança, como câmeras de vigilância e vigilantes (Safer Parks Consortium, 2023).

De acordo com a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), a baixa circulação de visitantes e pessoas funcionárias é um dos principais fatores que contribuem para a sensação de insegurança em parques. Nesse sentido, a ausência de vigilância em alguns pontos do parque reforça a hipótese de que a falta de mecanismos de vigilância ativa pode estar relacionada à sensação de segurança.

Contudo, de acordo com a *Figura 51* que detalha a localização dos elementos de segurança, os locais cuja presença de vigilância foi identificada coincide com as áreas apontadas pelas mulheres entrevistadas como inseguras.

Esse dado sugere que a presença de vigias nesses locais não é suficiente para transmitir segurança, implicando pensar em quais elementos e práticas devem ser incentivados para que as mulheres se sintam mais seguras nesses espaços.

Além disso, segundo a *Figura 51*, a presença de vandalismo foi observada até mesmo em áreas com vigilância e maior concentração de equipamentos.

Outro aspecto que também influencia a segurança dos parques urbanos é a presença de acessos informais. Entre as principais contribuições das atividades participativas descritas na *Capítulo 2 Processo Participativo*, destaca-se a preocupação com a falta de reconhecimento desses acessos e as ameaças de ocupação indevida ao longo dos limites do parque.

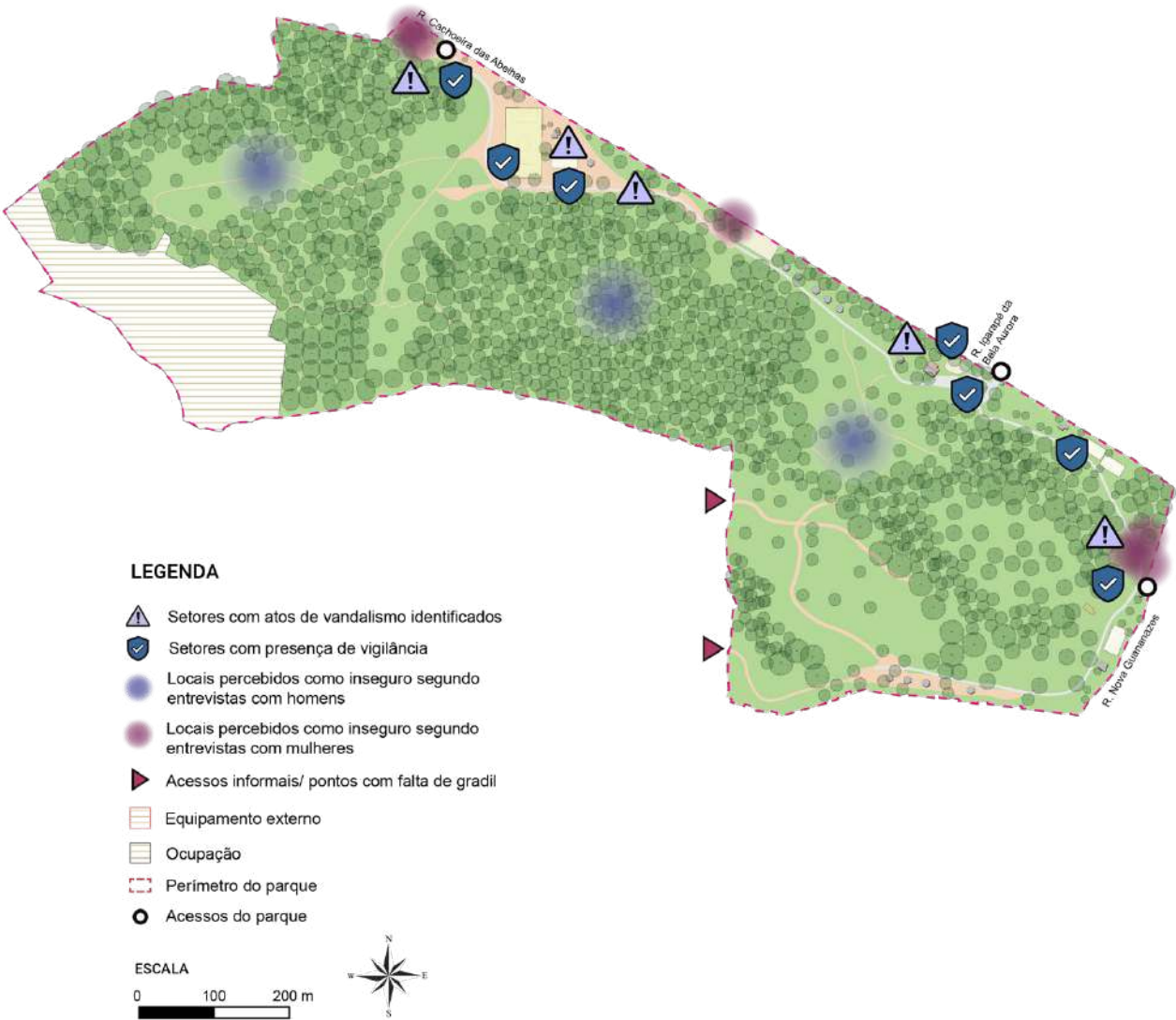
A **Figura 51** identifica dois pontos de acesso informal, que podem representar riscos à segurança das pessoas que frequentam o parque pois permitem a entrada em áreas sem vigilância e sem infraestrutura planejada como pavimentação adequada, segura e sinalizada.

Diante desse cenário, é fundamental avaliar a necessidade de regularizar e integrar esses acessos ao parque, caso atendam a uma demanda real da comunidade, ou considerar sua restrição. Durante as atividades participativas, foi sugerido que uma maior integração com a região sul do parque, onde esses acessos informais estão localizados, poderia ampliar seu alcance e fortalecer a conexão com o entorno.

O que se descobriu?

1. A área de influência do Parque Vila do Rodeio apresenta alta incidência de registros criminais, com duas regiões de destaque próximas aos acessos identificados pelas mulheres como os locais de maior insegurança no parque;
2. Os homens relataram sentir-se mais seguros no parque em comparação às mulheres;
3. A equipe de vigilância está concentrada nos acessos, sem presença no interior do parque, incluindo as trilhas;
4. Atos de vandalismo foram observados mesmo em áreas com vigilância e maior concentração de equipamentos;
5. Existem dois pontos de acesso informal, que podem representar riscos à segurança das pessoas frequentadoras do parque, e devem ser avaliados se serão formalizados.

Figura 51: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

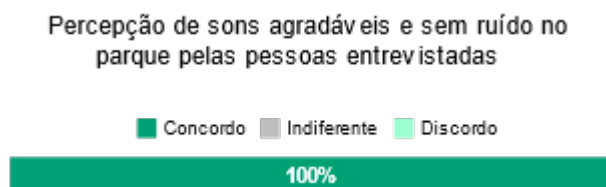
3.5 Conforto e ambiente

A sensação de bem-estar que as pessoas desfrutam dentro dos parques está associada a diversos fatores relacionados à qualidade do ambiente, tais como atenuação da sensação de calor, redução do ruído urbano excessivo e aproximação com a natureza (Semeia, 2021a). Dessa forma, o conceito de conforto ambiental relaciona como os aspectos, acústicos, térmicos e naturais interagem com as pessoas em determinado meio.

Com o objetivo de identificar os possíveis elementos que possam comprometer a sensação de bem-estar promovida pelo conforto ambiental, foram realizadas entrevistas para compreender a percepção que as pessoas possuem do Parque Vila do Rodeio.

Os baixos níveis de ruído contribuem com a sensação de bem-estar no espaço público e ainda favorecem as interações sociais através de conversas (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque qual a percepção em relação à presença de sons agradáveis. Todas as pessoas entrevistadas afirmam que o parque é um local livre de ruídos e com sons agradáveis, o que pode estar relacionado à presença de uma ampla cobertura vegetal, uma vez que de 91,49% da área do parque é ocupada por vegetação (ver Seção 3.6 Verde e Azul).

Gráfico 29: Percepção da qualidade sonora pelas pessoas que frequentam o parque



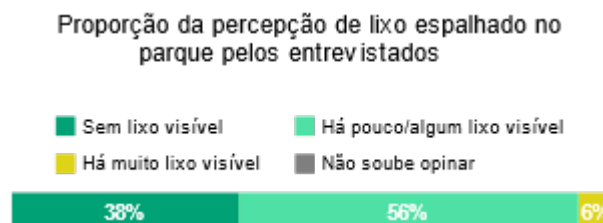
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A qualidade da limpeza do espaço também pode afetar a sensação de conforto ambiental, além de ser importante na preservação dos parques. Em levantamento técnico em campo, foram identificados dois pontos de descarte irregular de lixo (Figura 52). O descarte acontece nos locais onde há menor concentração de setores e equipamentos, que resultam ter menor circulação de pessoas.

Em entrevista realizada com as pessoas frequentam o parque, mais da metade (62%) afirma identificar a presença de descarte irregular de lixo visível, em pouca ou muita quantidade. Considerando que todos os setores

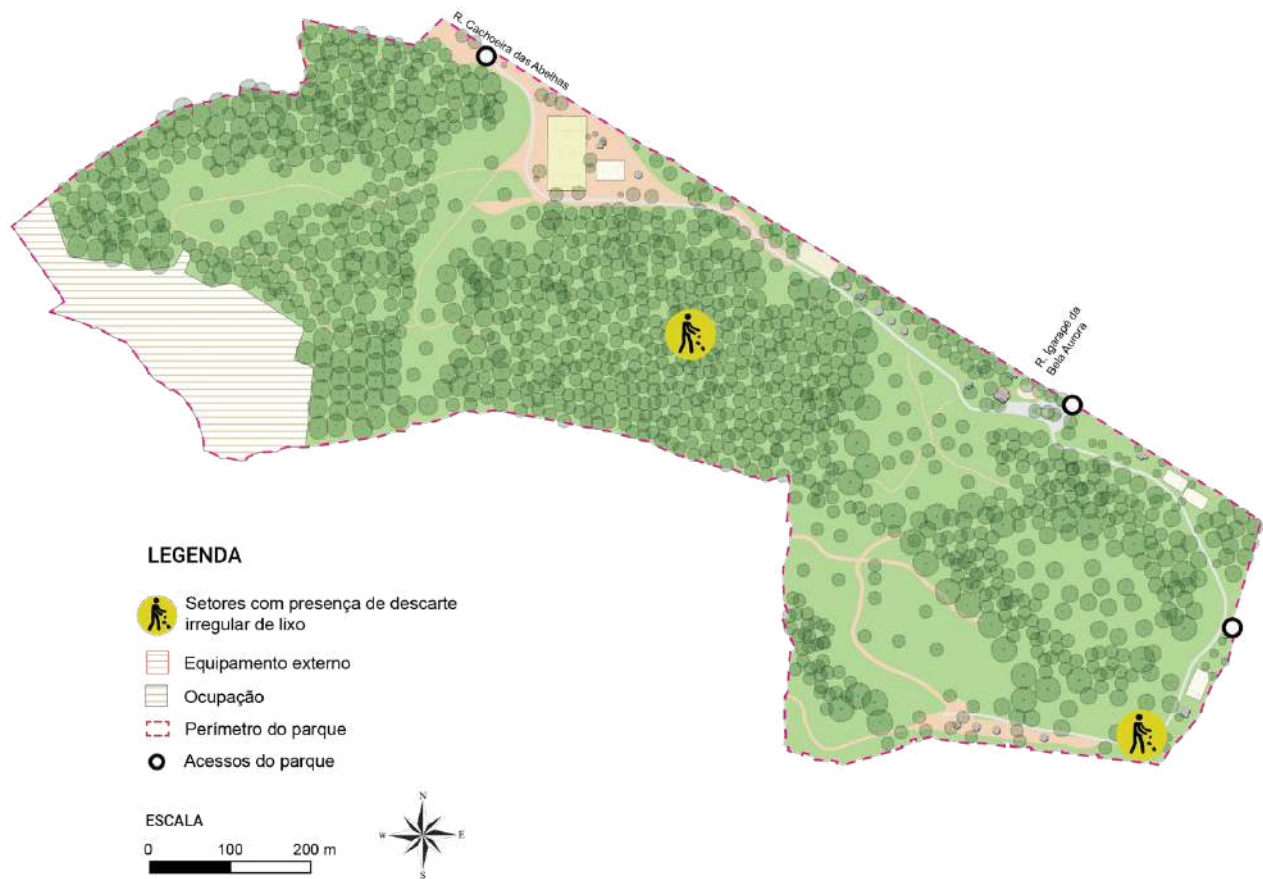
do parque contam com lixeiras, e que são poucos os pontos de descarte irregular de lixo mapeados, é necessário aprofundar o entendimento qualitativo de qual natureza de descarte e os locais predominantes que justifiquem a percepção das pessoas frequentadoras.

Gráfico 30: Percepção da existência de descarte irregular de lixo pelas pessoas que frequentam o parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 52: Locais com descarte irregular de lixo identificado



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O conforto térmico foi avaliado pela presença de elementos de sombreamento, naturais ou artificiais, para proteção do calor extremo e da insolação.

Conforme tabela abaixo, a maioria dos setores não conta com elementos de sombreamento. Dos nove setores de espaço de esportes e lazer, apenas um conta com estrutura para sombreamento.

Dentre as demandas por melhorias no parque coletadas no processo participativo (ver *Capítulo 2 Processo Participativo*), foi sugerido que ao menos uma das quadras fosse coberta.

Tabela 8: Presença de estruturas de sombreamento nos setores

Nome do setor		Sombras
	Espaço de esporte e lazer 1	
	Espaço de esporte e lazer 2	
	Espaço de esporte e lazer 3	
	Espaço de esporte e lazer 4	
	Espaço de esporte e lazer 5	
	Espaço de esporte e lazer 6	
	Espaço de esporte e lazer 7	
	Espaço de esporte e lazer 8	
	Espaço de esporte e lazer 9	
	Espaço para crianças e bebês 1	
	Espaço para refeição 1	
ausente		
presente		

Legenda :

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos elementos físicos que possam comprometer a sensação de bem-estar no parque, a reputação que o espaço possui na comunidade onde está inserido é fundamental

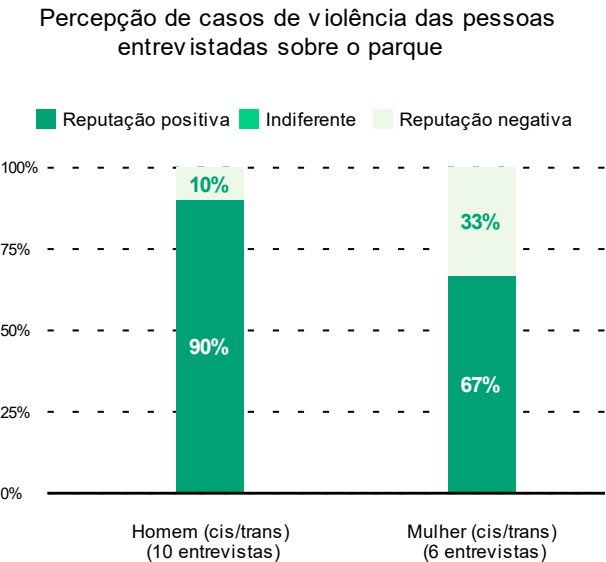
para a garantia de uma devida apropriação social.

O conhecimento da percepção das pessoas sobre o espaço também permite ao poder público conhecer as diferentes visões de mundo em relação ao parque e aos territórios em questão, criando a oportunidade de considerar essas contribuições sempre que houver viabilidade para implementá-las (Semeia, 2023).

Dessa forma, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque se já ouviram notícias ou relatos de situações de insegurança que aconteceram no parque (*Gráfico 31*).

Das pessoas entrevistadas, a maioria dos homens (90%) reporta uma reputação positiva do parque em sua comunidade, enquanto as mulheres reportam maiores índices associados à reputação negativa (33%) do parque.

Gráfico 31: Reputação do parque por gênero



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Também foi perguntado às pessoas se elas recomendariam o parque enquanto opção de lazer do bairro. Das 16 pessoas entrevistadas, apenas um homem afirma que não recomendaria o parque em sua comunidade.

O resultado sugere que há uma reputação positiva em relação à experiência das pessoas que frequentam o Parque Vila do Rodeio.

Gráfico 32: Recomendação do parque por gênero

Proporções de pessoas que recomendariam o parque como opção de lazer do bairro

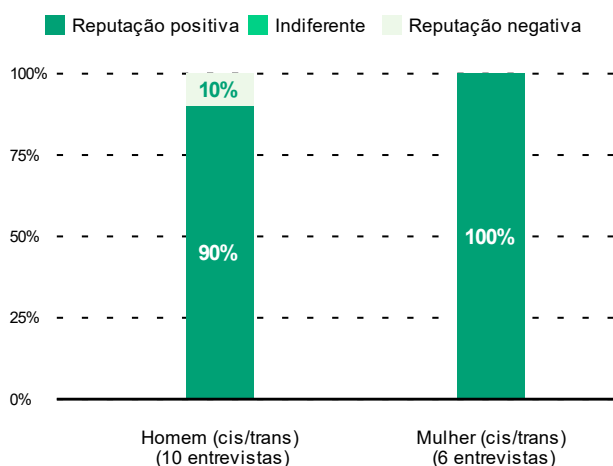
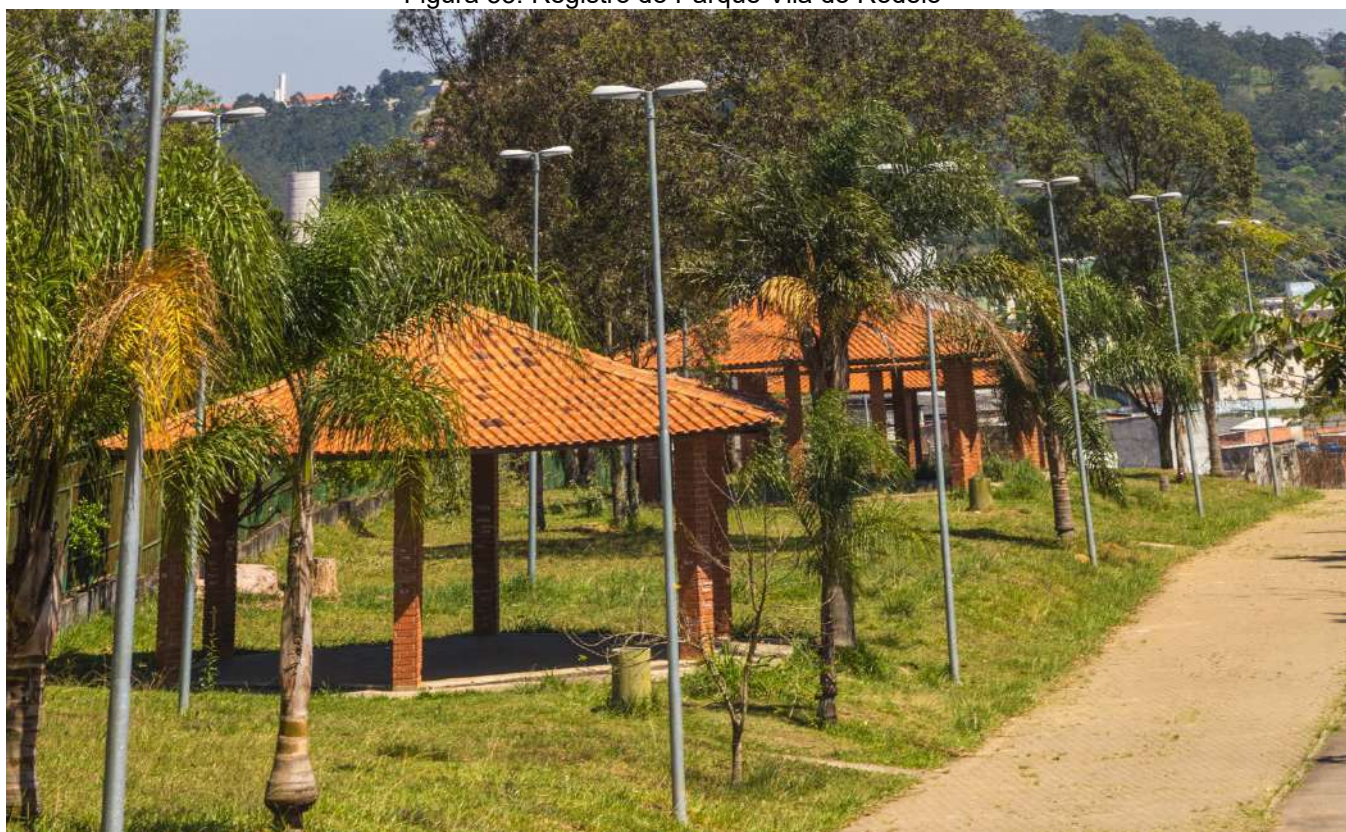


Figura 53: Registro do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Acervo Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. Os locais mais afastados de onde estão concentrados a maior parte de setores e equipamentos, possuem menor oferta de elementos de mobiliário urbano, tais como bancos e bebedouros;
2. Muitos setores do parque não possuem infraestrutura de sombreamento, sendo uma demanda da sociedade o sombreamento dos equipamentos;
3. A maioria das pessoas entrevistadas percebem a existência de descarte irregular de lixo no parque, apesar do parque ser provido de lixeiras em todos os setores e ter poucos pontos de descarte irregular identificados.

3.6 Verde e Azul

Conforme apresentado na *Capítulo 2 Proposta metodológica*, a avaliação na escala da bacia hidrográfica é fundamental para a compreensão da dinâmica ecológica e conectividade do parque com seu entorno. O Parque Vila do Rodeio está inserido na bacia do Ribeirão Itaquera, a qual abrange uma área de 49,1 km², que corresponde a 3% da área total da cidade de São Paulo.

Os cadernos de bacia hidrográfica são documentos elaborados pela Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB), que fornecem subsídios à Prefeitura para o planejamento e gestão das bacias relacionado ao controle de cheias e permitem a observação de algumas informações importantes sobre o contexto do parque.

Segundo o Caderno de Bacia Hidrográfica do Ribeirão Itaquera (São Paulo, 2022b), o Ribeirão Itaquera é afluente do Rio Tietê e delimita o perímetro sudoeste do parque, sendo que seus afluentes delimitam parte de seu perímetro sul, cujas nascentes estão abrigadas dentro do parque. Conforme pode ser observado no *Mapa 12*, há 15 nascentes no parque e todos os cursos d'água encontram-se a céu aberto.

Foi possível identificar em campo a situação das proximidades de uma das nascentes, onde havia descarte de resíduos, inclusive na água. A trilha que leva ao local não possui sinalização. Conforme mencionado no *Capítulo 2 Processo participativo*, as crianças e adolescentes que participaram da oficina chamam o local de “trilha da bica”.

É importante destacar o histórico da bacia, a qual passou por um processo de ocupação desordenada devido à intensa urbanização que não foi acompanhada do planejamento habitacional e de sistemas de serviços. Essa insuficiência de planejamento territorial na bacia dificulta a conexão e integração do território devido às poucas travessias sobre o Ribeirão Itaquera em sua extensão, bem como a existência de outras barreiras físico-territoriais, como a ferrovia e a Pedreira de Guaianases. Assim, os problemas relacionados às inundações na bacia estão diretamente associados ao seu histórico de ocupação.

Dessa forma, o Caderno de Bacia Hidrográfica (São Paulo, 2022b) indica que as propostas de mitigação dos problemas de inundação devem estar associadas a melhorias integradas e que não atuem somente no controle de cheias. Ao mesmo tempo, com relação à impermeabilização da bacia, o caderno apresenta que, do total de 20

sub-bacias, apenas uma apresenta taxa de impermeabilidade maior que a máxima permitida.

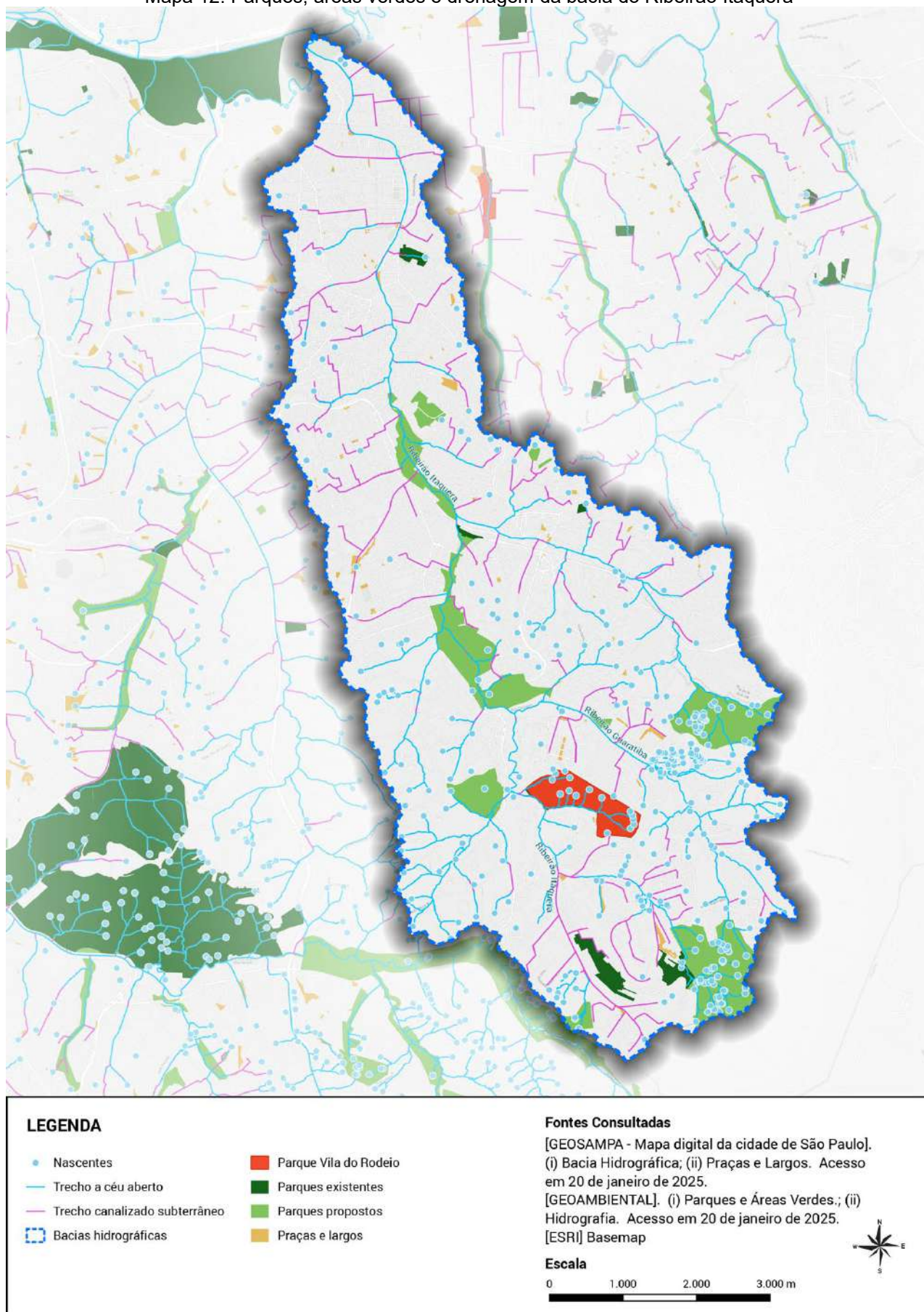
Embora o Parque Vila do Rodeio não conste diretamente nos projetos e alternativas propostas no Caderno de Bacia Hidrográfica, observa-se a previsão de construção de um reservatório próximo de seu perímetro sudoeste, além de um parque linear ao longo de seu perímetro leste, seguindo o Ribeirão Itaquera.

Além do próprio parque ser relevante para aumentar a capacidade de infiltração das águas pluviais no solo, nota-se sua importância para preservação dos cursos d'água e nascentes, como parte essencial do sistema de drenagem, contribuindo para a biodiversidade, o abastecimento de água e a conexão com outros cursos d'água.

Por isso, é vital adotar medidas de proteção e manejo dos cursos hídricos e nascentes dentro do parque, garantindo a saúde e o equilíbrio ambiental da região.

No *Mapa 12* é possível observar a proximidade com os parques Ciência e Consciência Negra, ao sul da bacia. Em direção ao norte da bacia há três parques existentes: Linear Guaratiba, Lajeado e Chico Mendes. É possível observar outros parques propostos, próximos ao Vila do Rodeio, como a APA Mata do Iguatemi e os parques Guaianases Cohab Juscelino, Mata Sete Cruzes, Antônio Colaço e outras fases de implementação do Linear Guaratiba.

Mapa 12: Parques, áreas verdes e drenagem da bacia do Ribeirão Itaquera



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

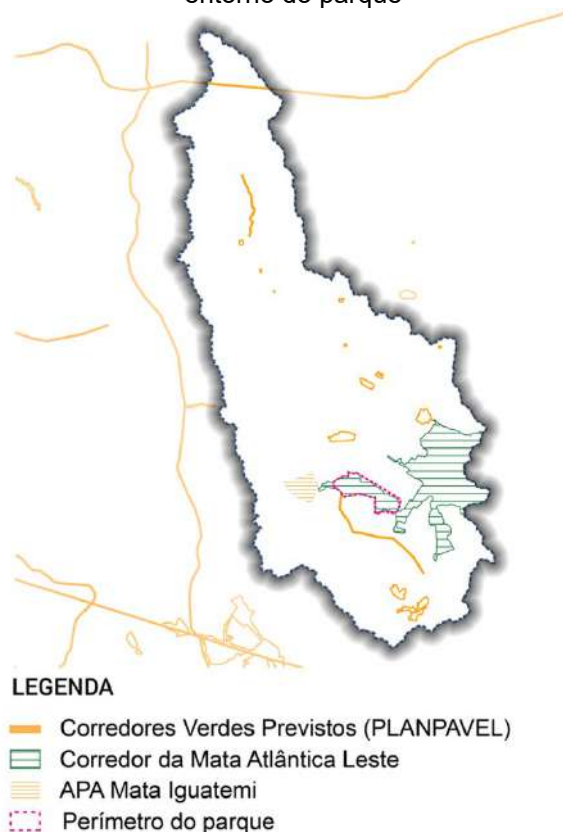
Já o *Mapa 13* apresenta o potencial de conectividade do parque, na escala da bacia hidrográfica. A avaliação pautou-se nos indicadores do BIOSAMPA (São Paulo, 2023), índice desenvolvido a partir da metodologia do “Índice de Biodiversidade da Cidade” - IBC (*City Biodiversity Index*, em inglês), também conhecida como *Singapore Index on Cities' Biodiversity*, principal estudo de biodiversidade na cidade de São Paulo. Nota-se que o parque apresenta a classificação mais baixa de conectividade, assim como a maioria dos parques e áreas verdes da bacia. No entanto, na porção sudeste da bacia é possível observar uma concentração de parques com um grau médio de conectividade (em laranja).

Portanto, há potencial para, por meio de projetos específicos, fomentar a biodiversidade a partir da rede de conexão entre os parques e áreas verdes.

O parque está próximo de dois corredores verdes previstos pelo PLANPAVEL (São Paulo, 2022c): o Corredor Verde Córrego Itaquera - Parque do Rodeio – Consciência Negra, a sul de seu perímetro e o Corredor Verde CDHU, a norte do parque. Além disso, o parque está inserido no perímetro do Corredor Ecológico da Mata Atlântica Leste, Trecho 2, e observa-se a presença de remanescentes de Mata Atlântica em seu entorno e dentro de seu perímetro. Também a oeste do parque, observa-se a Área de Proteção Ambiental (APA) Mata do Iguatemi.

A proximidade com parques vizinhos e corredores verdes, o grau de conectividade dos parques do entorno, a proximidade com remanescentes de Mata Atlântica e a inserção no perímetro do corredor ecológico, permite constatar o papel fundamental do Parque Vila do Rodeio para promover a conexão dos diferentes componentes do Sistema de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (SAPAVEL), configurando um equipamento relevante dessa rede. Dessa forma, observa-se a necessidade de implementar estratégias no entorno desses espaços verdes que garantam recursos e conectividade e seu uso pela fauna silvestre.

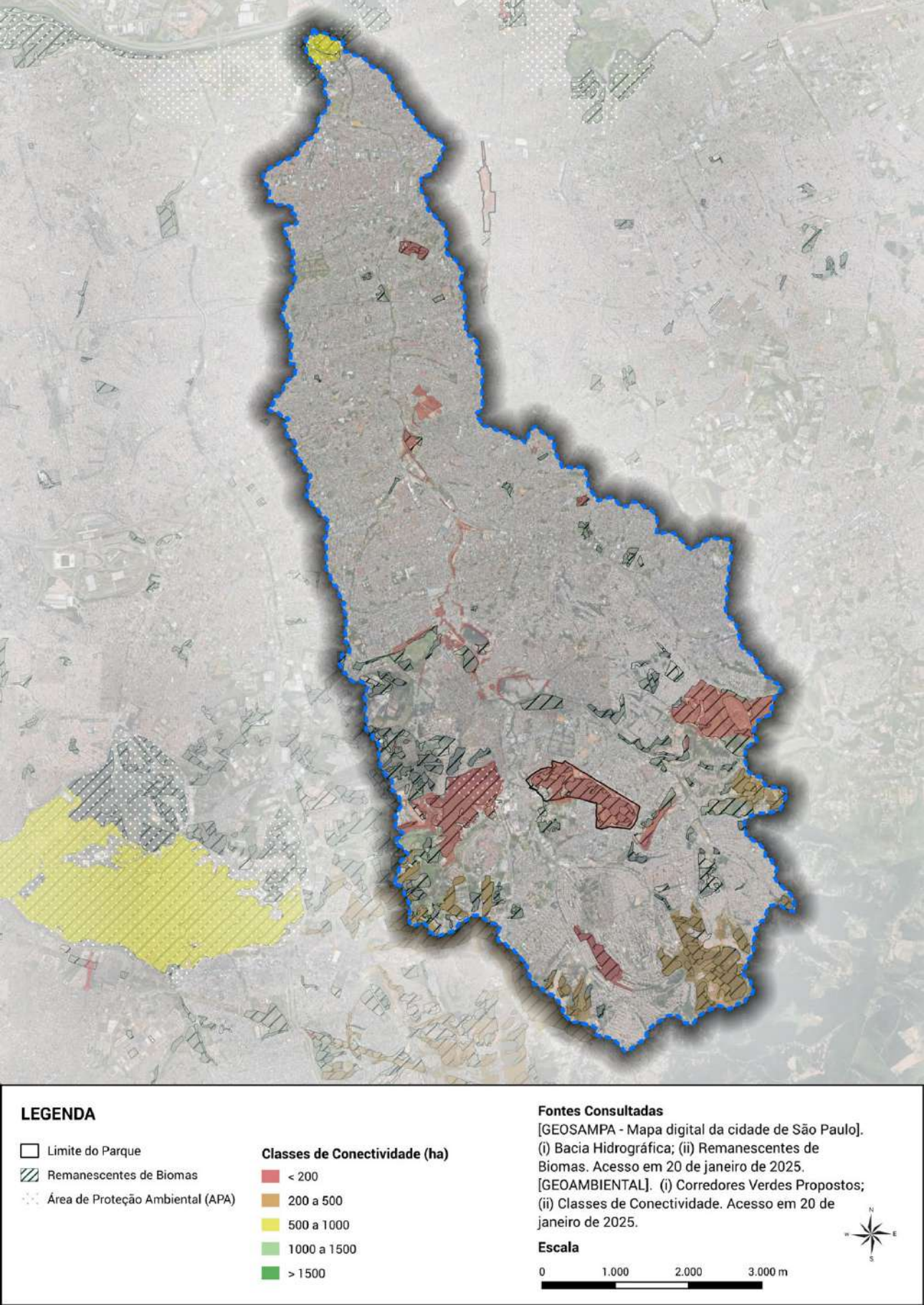
Figura 54: Corredores verdes e ecológicos no entorno do parque



Fonte: Adaptado de GeoSampa, 2025. Elaboração própria, ONU-Habitat

Os registros de fauna nativa e a mudança no número de espécies de plantas vasculares são um dos indicadores principais do BIOSAMPA para avaliar a biodiversidade no território. Os dados da última publicação do índice são de 2023 e apresentam que o Parque Vila do Rodeio possui 163 espécies vasculares de flora catalogadas, correspondendo a 4,44% do total de espécies catalogadas em São Paulo (São Paulo, 2024). Das espécies catalogadas no parque, estão ameaçadas de extinção: açafraão-do-campo (*Escobedia grandiflora*), escalônia (*Escallonia chlorophylla*) – a qual não era registrada no município há mais de 50 anos -, pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) e pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) (São Paulo, 2020). Já o Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo indica 108 espécies de fauna nativa autóctone / nativa do Brasil catalogadas, correspondendo a 8,39% do total catalogado no município (São Paulo, 2024). Das 108 espécies de fauna catalogadas no parque, 10 são endêmicas da Mata Atlântica – dentre as 225 já catalogadas no município de São Paulo. Para que o índice se mantenha alto, é essencial o trabalho de controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação e do levantamento e registro das espécies no parque.

Mapa 13: Potencial de conectividade do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Outro importante aspecto de análise trazido pelo BIOSAMPA são os indicadores relacionados aos serviços ecossistêmicos. Áreas verdes, como o Parque Vila do Rodeio, são prestadoras de inúmeros serviços ecossistêmicos, por vezes desconhecidos e subvalorizados. De acordo com a Avaliação Ecossistêmica do Milênio (MEA, 2005), são considerados fundamentais para o enfrentamento do impacto das mudanças climáticas. Dentre os benefícios estão a melhoria do clima, da qualidade do ar, controle das enchentes e oferta de lugares para lazer e contato com a natureza.

Os indicadores de serviços ecossistêmicos providos pela biodiversidade avaliados pelo BIOSAMPA são: controle da água, impacto das plantas no clima e no frescor, além de atividades educativas e recreativas em parques naturais. Conforme o relatório de *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo*, a região Leste apresenta o pior resultado referente aos serviços ecossistêmicos prestados pelos parques da região (ONU-Habitat, 2024).

Em entrevistas às pessoas frequentadoras do parque durante a oficina aberta, das 16 pessoas entrevistadas, 15 consideram o ar do parque limpo e agradável (93,75%), sendo citado como principal motivo a sensação de menos poluição ou ar mais saudável (73%), seguido de frescor (27%). Os dados indicam que o parque tem potencial para melhorar a percepção da qualidade do ar entre as pessoas frequentadoras e se consolidar como refúgio climático em áreas urbanas vulneráveis.

Na escala de análise mais ampla, segundo dados do GeoSampa, é possível observar algumas áreas de risco geológico e hidrológico na área de influência do parque, conforme indicado no *Mapa 14*. Nota-se que há áreas de risco hidrológico R1, R2 e R3 (baixo, médio e alto), associadas a enchente/inundação, próximo do perímetro nordeste do parque, às margens de um dos afluentes do Ribeirão Guaratiba. Também na mesma região, encontra-se áreas de risco geológico R1, R2 e R3 (baixo, médio e alto,

respectivamente), associadas a escorregamento e solapamento (processo erosivo ao longo das margens). Em demais regiões da área de influência é possível observar áreas de risco geológico R1, R2 e R3 associadas aos cursos d'água.

É importante compreender estas dinâmicas e os pontos de fragilidade do entorno, demonstrando a necessidade de maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e com planos municipais. Essa coordenação é importante para consolidar o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana frente às mudanças do clima, além de garantir a oferta de um equipamento público qualificado para o entorno.

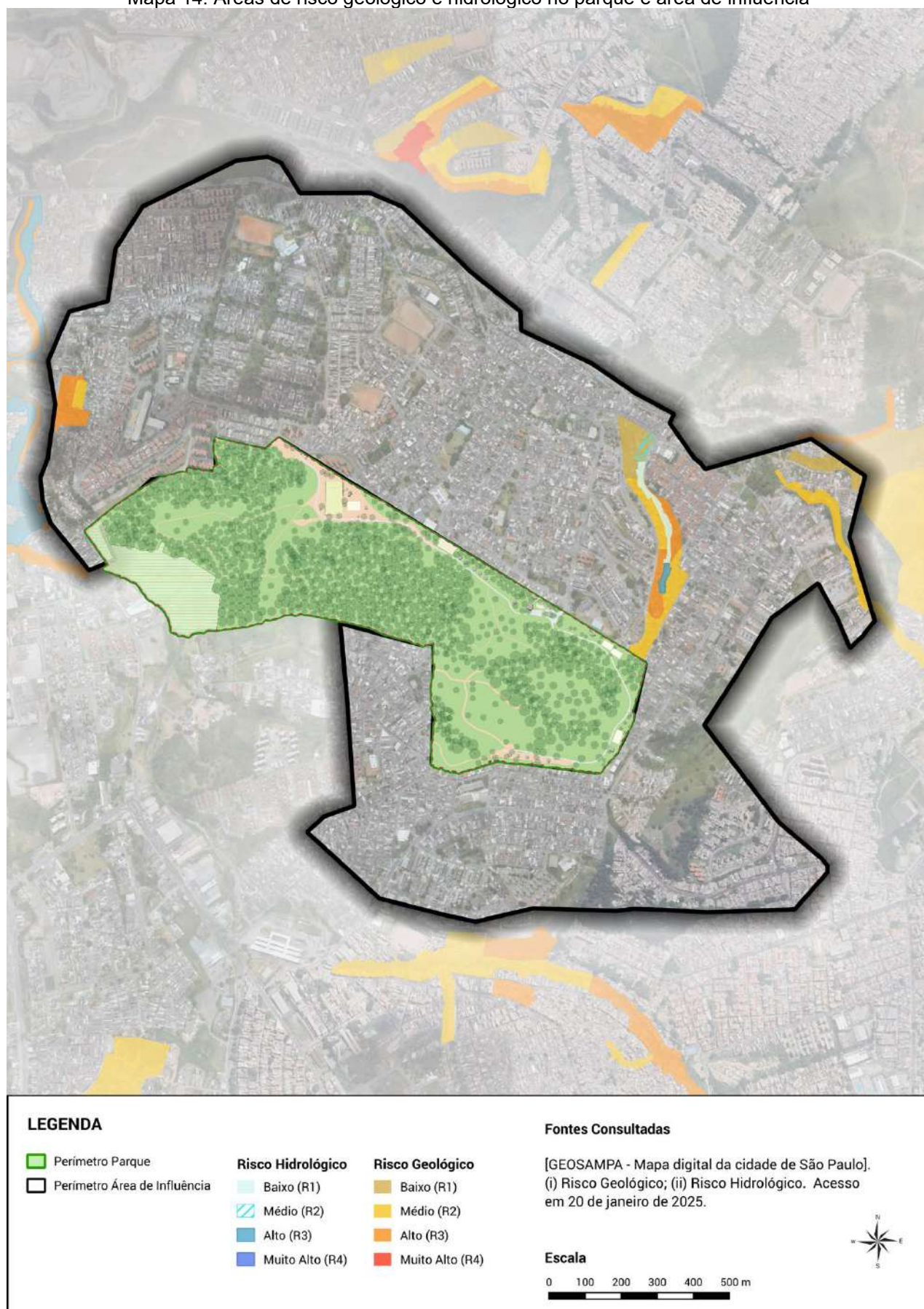
Já na escala do parque, existem estratégias que podem aumentar sua sustentabilidade e sua capacidade de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Foram mapeadas as seguintes medidas incorporadas nos espaços construídos do parque: presença de elementos de energia solar ou censória (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, entre outros); presença de coleta seletiva; presença de compostagem; presença de coletor de água pluvial ou sistema de filtragem de água; presença de estratégias relacionadas à agricultura urbana (como banco de sementes, horta comunitária, viveiros, estufas, meliponia, aproveitamento de resíduos de poda).

A *Figura 55* apresenta os resultados para o Parque Vila do Rodeio, onde é possível verificar que o mesmo possui coleta seletiva e faz uso dos resíduos de poda.

Figura 55: Estratégias de mitigação no Parque Vila do Rodeio

Tabela ilustrada indicando presença ou ausência das 5 medidas citadas acima

Mapa 14: Áreas de risco geológico e hidrológico no parque e área de influência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Adotar tecnologias sustentáveis pode reforçar a relevância do parque na mitigação dos riscos naturais e climáticos e fazer com que se tornem modelos de referência e ofereçam suporte às comunidades do entorno, servindo como exemplos de boas práticas e refúgios climáticos. Além disso, a adoção de práticas e estratégias sustentáveis podem dar suporte às medidas de conservação e manejo de seus atributos naturais.

Na *Figura 56* é possível verificar a relação entre as áreas impermeáveis ou sem vegetação significativa e as áreas verdes do parque, sobrepostas aos elementos hídricos (córregos e nascentes). A taxa de cobertura verde do parque é de 91,49%, o que significa que a maior parte de sua área é ocupada por vegetação, em sua maioria composta por maciços florestais heterogêneos/bosques urbanos e floresta ombrófila densa secundária em estágio inicial. Esse índice é considerável, especialmente diante de um entorno imediato adensado e reforça a importância do parque como local de preservação e conservação dos atributos verdes e azuis.

Nos processos participativos, foi valorizada a quantidade de árvores e flores existentes no parque, a presença de trilhas, a proximidade com a água (por meio da trilha da bica d'água) e áreas verdes. Foi sugerido a implantação de árvores frutíferas que possam atrair fauna diversificada, mais espaços de interação com a água e a estruturação das trilhas com sinalização, segurança e monitoria. Foi identificado que a manutenção da vegetação é realizada todos os dias da semana.

O que se descobriu?

1. O parque abriga córregos afluentes do Ribeirão Itaquera e diversas nascentes, configurando parte essencial do sistema de drenagem;
2. O parque tem potencial para melhorar a conectividade do entorno e reforçar seu papel na integração de corredores verdes e fomento da biodiversidade;
3. O parque possui consideráveis índices de fauna e flora catalogadas, com potencial para incremento dos registros e aumento da biodiversidade;
4. É necessário ampliar o potencial de serviços ecossistêmicos prestados pelo parque e potencializar o local como refúgio climático;
5. Há presença de áreas de risco geológico e risco hidrológico (R1, R2 e R3) na área de influência;
6. O parque já adota medidas como aproveitamento de resíduos de poda e coleta seletiva e há potencial para implementar outras estratégias;
7. O parque tem potencial para estruturar trilhas monitoradas e inserir em sua programação atividades relacionadas à ecologia e sustentabilidade;
8. O parque tem potencial para estruturar espaços de maior contato com a natureza, com plantio de árvores frutíferas e estruturas para aproximação dos elementos hídricos.

Figura 56: Vegetação significativa presente no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3.7 Governança

Dentro da análise de governança que compreende os usos parque e sua área de influência, a tabela abaixo sistematiza os dados obtidos através da investigação dos seus indicadores.

Usos do parque e área de influência	
Indicador	Dado
Distribuição dos equipamentos públicos na área de influência.	Assistência social: 5 Cultura: 0 Saúde: 2 Educação: 38 Esportes: 1
Presença de atividades inclusivas no espaço em parceria com o poder público	Secretaria de Cultura: ponto de leitura
Presença de atividades organizadas pela governança local e pela comunidade	Treino de e vôlei futebol organizado pela associação Juventude Paulista; Jiu-jítsu professor Cadu; Ginástica professor Paulinho; Capoeira;
Presença de atividades econômicas formais e informais	Não tem.

A distribuição de equipamentos públicos na área de influência do Parque Vila do Rodeio (ver *Mapa 15*) apresenta uma ampla oferta de equipamentos educacionais, incluindo algumas unidades localizadas bem próximas aos acessos do parque. Além disso, a região conta com dois equipamentos de assistência social de grande relevância: o Centro de Convivência Intergeracional (CCInter) e o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). Ambos foram mencionados pela comunidade durante as atividades participativas (ver *Capítulo 2 Processo Participativo*) como possíveis parceiros para o desenvolvimento integrado de ações no parque.

Dessa forma, há uma oportunidade de fortalecer parcerias com equipamentos educacionais e de assistência social, promovendo atividades conjuntas no espaço do parque.

Por outro lado, observa-se uma carência de equipamentos culturais e esportivos na área de influência do parque. Nesse contexto, o parque surge como um espaço estratégico para fomentar essas atividades, podendo sediar eventos e programas culturais e esportivos em colaboração com as secretarias responsáveis.

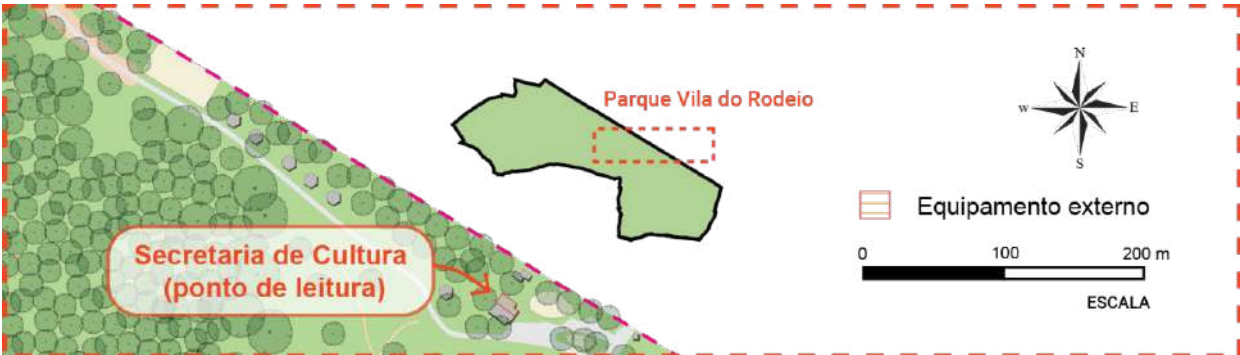
De acordo com a gestão do Parque Vila do Rodeio, no período da Avaliação (outubro de 2024), há apenas uma atividade em parceria com outra secretaria: o Ponto de Leitura, administrado pela Secretaria de Cultura que promove eventos de contação de histórias (ver *Figura 57*).

Foram identificadas algumas atividades comunitárias no parque, como treinos de futebol e vôlei da Associação Juventude Paulista e aulas voluntárias de jiu-jitsu, ginástica e capoeira ministradas por professores da região.

Apesar dessas iniciativas, a comunidade considera a oferta de atividades limitada, especialmente para pessoas idosas. Embora existam diversas entidades nas redondezas, como grupos de capoeira, músicos, artistas e coletivos esportivos, sua participação na programação do parque ainda é reduzida.

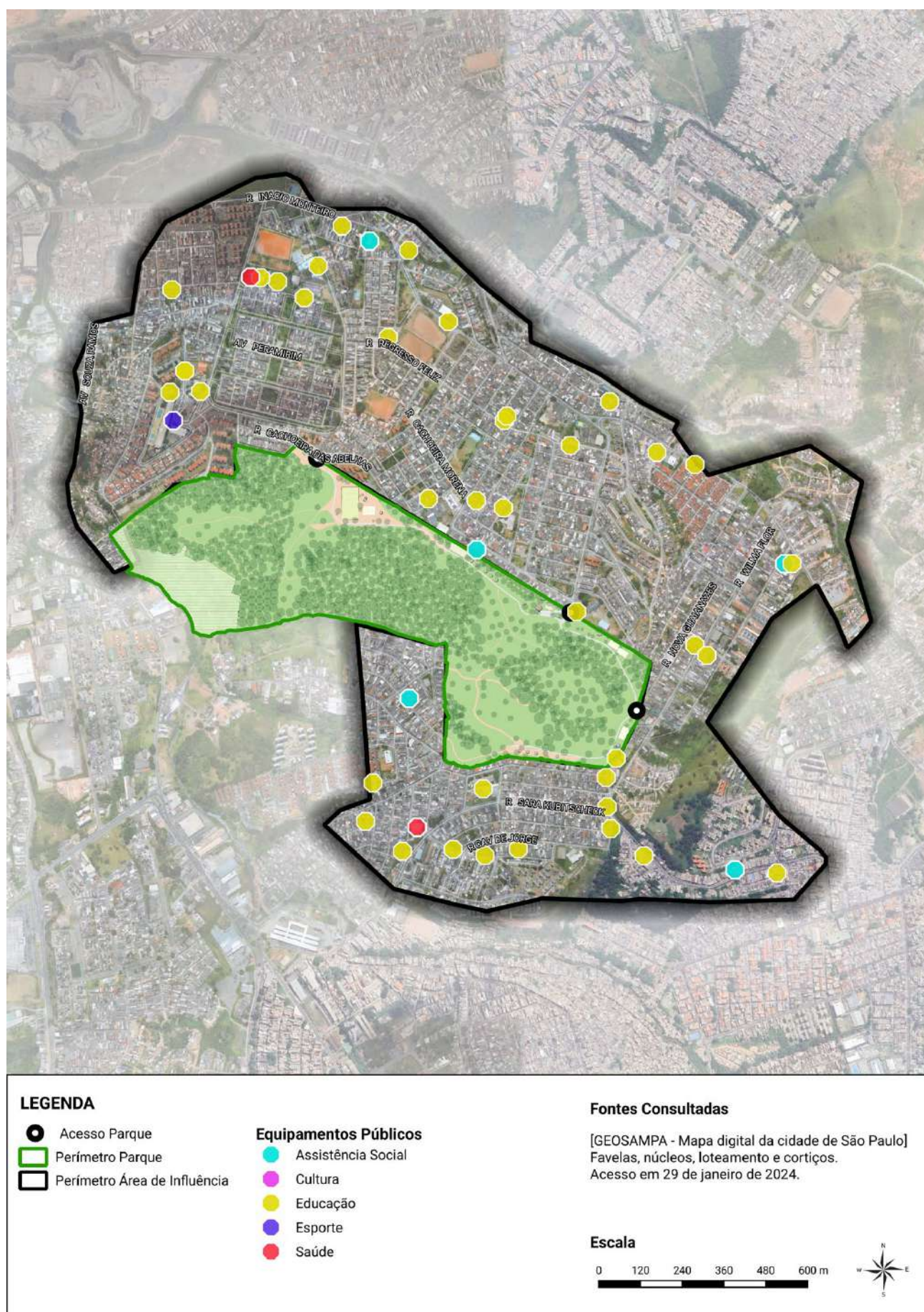
Na oficina aberta, foram apontados dois fatores que podem explicar essa baixa articulação: a pouca divulgação das atividades existentes e a falta de informações sobre como solicitar novos projetos esportivos, educativos e culturais, especialmente em parceria com entidades e equipamentos locais.

Figura 57: Localização do ponto de leitura no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Mapa 15: Equipamentos públicos da área de influência do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A avaliação dos aspectos de governança do Parque Vila do Rodeio incluiu a análise de indicadores relacionados à governança comunitária, com o objetivo de compreender se e como as pessoas que vivem no entorno se envolvem na gestão do parque, a existência de associações ou grupos representativos no bairro e região, e a realização de atividades promovidas pela comunidade no local.

Governança comunitária	
Indicador	Dado
Mapeamento das associações e organizações do entorno	Associação CEBECH; associação Juventude Paulista; Organização MOVA; Associação Beneficente Comunitária Bem Querer; Entidades diversas
Existência e funcionamento do conselho gestor	Não há conselho gestor eleito.
Nível de conhecimento comunitário sobre o conselho gestor e mecanismos participativos.	63% das pessoas entrevistadas não sabem da existência do conselho gestor 75% das pessoas entrevistadas sentem falta de ter um canal para debater sobre o parque

Conforme apontado na oficina aberta, a comunidade destacou a presença de diversas entidades e associações no entorno, sugerindo que o parque é um potencial local articulador de encontros comunitários.

Representantes da sociedade civil também mencionaram a Associação CEBECH (Centro Comunitário Beneficente Conjunto Habitacional Castro Alves e Adjacentes) como uma entidade relevante na região, especialmente pelo trabalho com crianças no parque.

Apesar do interesse dessas entidades em se envolver mais, a dificuldade de acesso à informação é um fator limitante.

O conselho gestor poderia facilitar essa articulação comunitária, mas atualmente não há um conselho eleito.

Segundo a gestão do parque, os principais desafios para sua ativação são a baixa adesão comunitária e a burocracia na inscrição das entidades. No entanto, a falta de comunicação

sobre o papel do conselho e sua importância pode estar contribuindo para essa inatividade.

A maioria das pessoas entrevistadas na oficina aberta (63%) desconhece a existência do conselho gestor, e 75% afirmaram sentir falta de um canal participativo para discutir o parque, sugerindo um interesse na gestão do espaço. No entanto, a baixa adesão reflete o modelo atual de funcionamento do conselho e a articulação comunitária vigente.

Em consulta à equipe da CGC da SVMA, foi informado que a gestão do parque, por estar mais próxima das questões locais, deveria ser responsável pela divulgação do conselho e pela promoção de espaços de debate público. No entanto, gestores locais respondem à Divisão de Gestão e não diretamente à equipe de colegiados, o que, somado a outras demandas urgentes, dificulta essa atuação.

Diante da alta demanda gerada por todos os parques de São Paulo, a CGC também enfrenta desafios para absorver essa função, apesar de ser uma de suas atribuições legais.

Esses dados indicam uma lacuna na comunicação entre comunidade, entidades e gestão, o que pode estar impactando o engajamento na governança do parque

.

Equipe operacional		
Indicador		Dado
Dados sobre o gestor	Perfil	Gênero: Masculino; Escolaridade: Ensino superior completo; Início de gestão: 20/04/2022
	Número de parques que administra	Apenas o Vila do Rodeio
	Presença de administração no parque	Sim
Número de pessoas funcionárias dedicadas à segurança, desagregado por gênero.		40, sendo 2 moto-ronda e 5 mulheres
Número de pessoas funcionárias de manutenção desagregado por gênero		17, nenhuma mulher

Com relação à equipe operacional, o gestor é apenas administrador do Parque Vila do Rodeio, e o parque contém uma sede administrativa.

No que se refere à equipe de segurança, das 40 pessoas, apenas cinco são mulheres. Nessa equipe, duas pessoas trabalham com moto-ronda. Já na equipe de manutenção, composta por 17 pessoas, não há presença feminina.

Esses dados demonstram uma baixa representatividade das mulheres no quadro de pessoas funcionárias.

Apesar da baixa representatividade de mulheres, foi identificado pelas pessoas frequentadoras no *Capítulo 2 Processo participativo* que grande parte da equipe trabalhadora do parque é moradora da região, um aspecto interessante de ser oficializado como requisito de contratação e replicado em outros parques.

O que se descobriu?

1. O parque tem potencial para fortalecer parcerias com equipamentos educacionais e de assistência social, ampliando as atividades oferecidas;
2. A ausência de equipamentos culturais e esportivos no entorno reforça o papel do parque como espaço estratégico para essas atividades;
3. A comunidade considera a oferta de atividades limitada, especialmente para pessoas idosas, e enfrenta dificuldades de acesso à informação sobre novos projetos;
4. A falta de um conselho gestor eleito compromete a participação social e a comunicação com a governança do parque;
5. Há uma lacuna na comunicação entre comunidade, entidades e gestão, dificultando o engajamento nas decisões e iniciativas do parque;
6. Mulheres estão sub-representadas no quadro de pessoas funcionárias do parque, evidenciando um desafio de equidade na equipe.

4. Diagnóstico das dimensões

Com base na avaliação do Parque Linear Água Vermelha, realizada por meio da investigação de sete dimensões, o diagnóstico apresenta a sistematização das principais descobertas em cada dimensão. Esse processo visa:

Principais descobertas do Parque Vila do Rodeio	
Pessoas no parque e área de influência	Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Vila do Rodeio se caracteriza por alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (58% da população).
	Do total de pessoas entrevistadas no parque, 25% possuem entre 50 e 59 anos, apontando para uma frequência dessa faixa etária, sendo necessária a previsão de equipamentos e atividades para esse perfil.
	Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 38%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 53%.
Acessibilidade	Não há ciclovias ou ciclofaixas na área de influência, dificultando o acesso de ciclistas.
	A oferta de transporte público na região é limitada, restringindo as opções de deslocamento.
	77% das calçadas do entorno não atendem à legislação de acessibilidade, impactando diretamente a maioria das pessoas visitantes, que acessam o parque a pé.
	Os três acessos do parque apresentam barreiras à acessibilidade universal, como obstruções que dificultam a passagem, além da ausência de piso tátil e rampas.
	69% dos setores do parque possuem problemas de pavimentação e inclinação, restringindo a circulação de pessoas com mobilidade reduzida.
Instalações e mobiliário	Os sanitários não possuem acessibilidade, trocador infantil, chuveiros e vestiários. Além disso, não estão distribuídos de forma homogênea pelo parque.
	Há necessidade de manutenção relacionada à pintura, substituição de alambrado e melhoria de pisos e gramados nos setores do parque.
	Há falta de sinalização para indicação do parque em um ou mais acessos.
	Os setores situados mais afastados da alta concentração de instalações, mobiliário e equipamentos (<i>Espaço de esporte e lazer 1, 2 e 7</i>), não contam com bancos e bebedouros.
	Há somente um setor de parquinho, sendo que necessita manutenção e diversificação de equipamentos para ampliar a faixa etária atendida.
Segurança	A área de influência do Parque Vila do Rodeio apresenta alta incidência de registros criminais, com duas regiões de destaque próximas aos acessos identificados pelas mulheres como os locais de maior insegurança no parque.
	Os homens relataram sentir-se mais seguros no parque em comparação às mulheres.
	A equipe de vigilância está concentrada nos acessos, sem presença no interior do parque, incluindo as trilhas.
	Atos de vandalismo foram observados mesmo em áreas com vigilância e maior concentração de equipamentos.
	Existem dois pontos de acesso informal, que podem representar riscos à segurança das pessoas frequentadoras do parque.
Conforto e ambiente	Os locais mais afastados de onde estão concentrados a maior parte de setores e equipamentos, possuem menor oferta de elementos de mobiliário urbano, tais como bancos e bebedouros.
	Muitos setores do parque não possuem infraestrutura de sombreamento, sendo uma demanda da sociedade o sombreamento dos equipamentos.
	A maioria das pessoas entrevistadas possuem a percepção acerca da existência de descarte irregular de lixo no parque, apesar do parque ser provido de lixeiras em todos os setores e ter poucos pontos de descarte irregular identificados.
Ambiente verde e azul	O parque abriga córregos afluentes do Ribeirão Itaquera e diversas nascentes, configurando parte essencial do sistema de drenagem.
	O parque tem potencial para melhorar a conectividade do entorno e reforçar seu papel na integração de corredores verdes e fomento da biodiversidade.
	O parque possui consideráveis índices de fauna e flora catalogadas, com potencial para incremento dos registros e aumento da biodiversidade.
	É necessário ampliar o potencial de serviços ecossistêmicos prestados pelo parque e potencializar o local como refúgio climático.
	Há presença de áreas de risco geológico e risco hidrológico (R1, R2 e R3) na área de influência.

	O parque já adota medidas como aproveitamento de resíduos de poda e coleta seletiva e há potencial para implementar outras estratégias.
	O parque tem potencial para estruturar trilhas monitoradas e inserir em sua programação atividades relacionadas à ecologia e sustentabilidade.
	O parque tem potencial para estruturar espaços de maior contato com a natureza, com plantio de árvores frutíferas e estruturas para aproximação dos elementos hídricos.
Governança	O parque tem potencial para fortalecer parcerias com equipamentos educacionais e de assistência social, ampliando as atividades oferecidas.
	A ausência de equipamentos culturais e esportivos no entorno reforça o papel do parque como espaço estratégico para essas atividades.
	A comunidade considera a oferta de atividades limitada, especialmente para pessoas idosas, e enfrenta dificuldades de acesso à informação sobre novos projetos.
	A falta de um conselho gestor eleito compromete a participação social e a comunicação com a governança do parque.
	Há uma lacuna na comunicação entre comunidade, entidades e gestão, dificultando o engajamento nas decisões e iniciativas do parque.
	Mulheres estão sub-representadas no quadro de pessoas funcionárias do parque, evidenciando um desafio de equidade na equipe.

5. Recomendações

Para a definição das recomendações para o Parque Vila do Rodeio, foram compilados todos os elementos de diagnóstico obtidos via processos participativos, incluindo os quatro grupos (ver *Capítulo 2: Processo participativo*), junto com o diagnóstico das dimensões (ver *Capítulo 4: Diagnóstico das dimensões*), resultado da aplicação dos indicadores da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*.

Em algumas das recomendações também foram inseridos os **desejos de futuro**, que se referem a ações, propostas ou aspirações advindas do processo participativo (ver *Seção 2.2 Principais Contribuições*) e que demandam um estudo de viabilidade. Os desejos de futuro também contemplam recomendações de projeto em parques que já estão em fase de execução de seus projetos e que não possuem previsão de novo investimento, implicando, portanto, em mudanças significativas no planejamento existente.

As recomendações foram organizadas em três eixos, relacionados à natureza da ação necessária: **gestão do parque, projeto de intervenção e articulação institucional**, definido da seguinte forma:

- **Gestão do parque:** apresenta os elementos de diagnóstico e recomendações específicas para o parque avaliado e que são de responsabilidade ou deverão ser articuladas pela pessoa gestora do parque. Estão relacionadas, sobretudo, ao manejo e atividades cotidianas do parque;

- **Projeto de intervenção:** relacionado ao diagnóstico e recomendações que demandam a adequação da infraestrutura existente ou a criação de novas instalações e que requerem, portanto, recursos para o desenvolvimento de projeto e implementação;
- **Articulação institucional:** engloba o diagnóstico e recomendações que demandam ações intersecretariais ou de responsabilidade de outro setor externo à SVMA. Também apresenta recomendações na escala da cidade, **algumas das quais são aplicáveis a todos os parques**. As ações necessárias para implementação das recomendações do eixo de *Articulação Institucional* serão apresentadas em relatório específico de *Estratégias e Recomendações Políticas para a Cidade*.

Em cada eixo, os elementos do diagnóstico foram classificados dentro das sete dimensões da Avaliação e aborda tanto aspectos referentes ao interior do parque, quanto à área de influência e à bacia hidrográfica na qual o parque está inserido. É importante ressaltar que, tão importante quanto a realização de melhorias no interior do parque, é a adequação de sua área de influência, que deve ser entendida como uma extensão do parque e que é fundamental para a garantia de maior acessibilidade e vitalidade urbana no espaço público.

Descrição	Fonte	Recorte Espacial	Atendido no projeto existente ? sim/não/parc.	Cód. rec.	Recomendações
GESTÃO DO PARQUE					
Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 38%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 53%.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R01	Estabelecer uma grade semanal de atividades regulares organizada pela gestão do parque, em conjunto com o conselho gestor, que inclua a contratação de profissionais qualificados e a articulação de parcerias com programas oferecidos por outras secretarias, garantindo a oferta de atividades voltadas para mulheres e meninas. Estudar a viabilidade de promover eventos no parque como feiras de artesanato e outras atividades similares, compatíveis com o parque. Aproveitar o potencial do parque de ser um ponto de encontro para associações e entidades do entorno.
As entrevistas apontaram para o perfil predominante de pessoas adultas frequentando o parque.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R02	Desenvolver atividades periódicas, em parcerias com outras secretarias e organizações, com o objetivo de atender à diversidade de perfis no parque, fomentando atividades já existentes e aproveitando a infraestrutura construída para abrigar novas atividades.
A equipe de vigilância está concentrada nos acessos, sem presença no interior do parque, incluindo as trilhas.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	N/a	R03	Avaliar e implementar estratégias de monitoramento das trilhas, podendo incluir rondas periódicas de moto, controle de entrada e saída, e instalação de pontos de apoio e câmeras de vigilância em locais estratégicos.
Foram observados atos de vandalismo mesmo em áreas com vigilância e maior concentração de equipamentos.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R04	Envolver grupos comunitários em atividades regulares nos equipamentos do parque, incentivando uma ocupação constante e promovendo um ambiente de vigilância, respeito e manutenção coletiva.
As mulheres relatam se sentir mais inseguras no parque em comparação aos homens.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R05	Implementar políticas de igualdade de gênero na composição dos quadros de pessoas funcionárias do parque, e capacitar o pessoal para promover um ambiente seguro e acolhedor para as mulheres
				R06	Incentivar igualdade de gênero nos espaços oficiais de governança, possibilitando que as mulheres que identifiquem e informem os aspectos que tornam o espaço mais inseguro.
De acordo com as pessoas frequentadoras, falta limpeza dos dejetos de animais e roupas descartadas no parque, além de haver lixo na bica (nascente).	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R07	Estabelecer cronograma de limpeza fixo, implementar ações de educação ambiental e elementos de sinalização para conscientização. Conscientizar a população sobre a importância da despoluição do córrego e outros temas ambientais.
O parque possui importância estratégica no sistema de drenagem da região, por abrigar diversas nascentes e cursos d'água inseridos na Bacia Hidrográfica do Ribeirão Itaquera.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R08	Monitorar os corpos hídricos, incluso subterrâneos, com relação à qualidade de suas águas, seja para aproveitamento, seja para indicação de medidas mitigatórias visando sua recuperação. Se necessário, realizar plantio de enriquecimento com espécies nativas na área da nascente para contenção das margens e redução dos riscos de erosão, deslizamento e assoreamento, visando a conservação dos recursos hídricos.
			N/a	R09	Realizar atividades regulares de conservação, limpeza e manejo dos córregos e nascentes para o equilíbrio ambiental da região, incluindo

					a verificação da qualidade da água e medidas de educação ambiental junto à população.
			N/a	R10	Implementar recomendação R23, visando a delimitação e sinalização das nascentes presentes no parque.
É necessário melhorar os índices de biodiversidade para que o parque possa desempenhar plenamente seu papel como área de conservação ecológica.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	N/a	R11	Aumentar os índices de biodiversidade, através do controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação dos atributos naturais e do levantamento e registro das espécies no parque.
Há poucas atividades regulares no parque, especialmente direcionadas a grupos específicos, como idosos, crianças e mulheres. Além disso, há desafios no acesso à informação das atividades em desenvolvimento.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	N/a	R12	Estabelecer uma grade semanal de atividades regulares organizada pela gestão do parque, em conjunto com o conselho gestor, que inclua a contratação de profissionais qualificados (priorizando os que são das comunidades vizinhas) e a articulação de parcerias com programas oferecidos por outras secretarias, garantindo a oferta de atividades para todas as idades.
A falta de um conselho gestor eleito compromete a participação social e a comunicação com a governança do parque.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R13	Fortalecer o vínculo entre a gestão do parque e a comunidade por meio da implementação de estratégias de comunicação e integração comunitária. Essas ações incluem a organização de encontros, cursos e capacitações promovidos em parceria com a CGC e a gestão do parque, com o objetivo de incentivar a articulação comunitária e formação de associações de bairro, apropriação comunitária do espaço e a participação ativa no conselho gestor.
Faltam estratégias de gestão voltadas ao engajamento da comunidade do entorno do parque, o que compromete o fortalecimento comunitário e enfraquece a governança participativa.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
Falta igualdade de gênero na composição do quadro de equipe de pessoas funcionárias.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R14	Implementar políticas de igualdade de gênero na composição dos quadros de pessoas funcionárias do parque.
É um fator positivo que a equipe de pessoas funcionárias seja composta por pessoas moradoras do entorno.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R15	Incorporar requisitos de perfil de contratação para que o procedimento possa ser replicado a outros parques.
PROJETO DE INTERVENÇÃO					
Os três acessos do parque apresentam barreiras à acessibilidade universal, como obstruções que dificultam a passagem, além da ausência de piso tátil e rampas.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R16	Requalificar todos os acessos do parque e seu perímetro adjacente, para que atendam as normas de acessibilidade universal.
Do total de setores do parque, 69% possuem problemas de pavimentação e inclinação, restringindo a circulação de pessoas com mobilidade reduzida.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Sim	R17	Requalificar os caminhos principais que conectam os diferentes setores do parque, garantindo sua integração ao longo de toda a extensão do parque e sua conformidade com as normas de acessibilidade universal.
É limitada a presença de infraestruturas para ciclistas no interior do parque, como paraciclos, via de bicicletas e/ou trilhas para ciclistas.	Participativo	Perímetro do parque	Sim	R18	Implementar uma via ciclável que percorra o parque, planejada de forma a garantir a integração com a malha cicloviária do bairro.
De acordo com as pessoas entrevistadas e frequentadoras do parque, há buracos e obstáculos que comprometem a acessibilidade e segurança na pista de corrida.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R19	Requalificar a pista de caminhada para que cumpra as normas de acessibilidade universal.
Há pouca diversidade de equipamentos e instalações esportivas e de saúde.	Participativo	Perímetro do parque	Sim	R20	Implantar novos setores de academia ao ar livre no parque.
Os sanitários não possuem acessibilidade, trocador infantil, chuveiros e vestiários. Além disso,	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Parcialmente	R21	Realizar reforma dos sanitários existentes para incluir: vestiários, chuveiros, acessibilidade universal e infraestrutura de suporte a pessoas

não estão distribuídos de forma homogênea pelo parque (ex. próximo aos quiosques).					com bebês. Desenvolver estudo de viabilidade para implantação de novo setor de sanitários.
Há necessidade de manutenção relacionada à pintura, substituição de alambrado e melhoria de pisos e gramados nos setores do parque.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Sim	R22	Realizar manutenção e revitalização dos equipamentos existentes.
Faltam elementos de sinalização e comunicação no parque, como placas de indicação dos acessos e setores, mapeamento e quadro de avisos, alertas e informações úteis.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Não	R23	Desenvolver plano de comunicação visual para o parque, que deverá conter: sinalização nos setores, advertências e restrições de uso (Ex.: uso obrigatório de coleiras), sinalização de atributos naturais (Ex.: nascente existente no parque), informações de conscientização e educação ambiental (Ex.: identificação das árvores alerta de descarte de lixo), alerta de risco de queda no córrego.
Os setores situados mais afastados da alta concentração de instalações, mobiliário e equipamentos (<i>Espaço de esporte e lazer 1, 2 e 7</i>), não contam com bancos e bebedouros.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Sim	R24	Garantir que todos os setores contem com mobiliário urbano entre bancos, lixeiras de coleta seletiva e postes de iluminação, além de uma distribuição homogênea de bebedouros.
Há somente um setor de parquinho, sendo que necessita manutenção e diversificação de equipamentos para ampliar a faixa etária atendida, além de promover a acessibilidade universal.	Diagnóstico técnico/ Participativo		Sim	R25	Aumentar o número de equipamentos no parquinho existente e desenvolver estudo de viabilidade para a criação de novo setor.
Faltam medidas de fiscalização e comunicação para impedir a presença de animais soltos no parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R26	Avaliar a viabilidade técnica para implementação de cachorródromo no parque e implementar recomendação R23.
Existem dois pontos de acesso informal, que podem representar riscos à segurança das pessoas frequentadoras do parque.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R27	Avaliar a regularização e integração do acesso informal ao parque, garantindo acessibilidade universal e vigilância adequada, caso atendam a uma demanda real da comunidade.
Faltam espaços cobertos para a realização de atividades nos dias de sol intenso ou chuvas.	Participativo	Perímetro do parque	Parcialmente	R28	Garantir a proteção solar em todos os setores com arborização ou elementos artificiais para sombreamento. Estudar a viabilidade de instalação de cobertura em uma das quadras poliesportivas.
Muitos setores do parque não possuem infraestrutura de sombreamento, sendo uma demanda da sociedade o sombreamento dos equipamentos.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente		
O parque conta com poucas estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas relacionadas à sua infraestrutura.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R29	Adotar Soluções Baseadas na Natureza (SBN) na resolução de demandas e instalações no parque; além de manter a coleta seletiva e o aproveitamento de resíduos de poda, implementar medidas para gestão hídrica (reaproveitamento de água da chuva, mecanismo de economia de água, reuso de águas, filtragem de água); eficiência energética (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, dentre outros mecanismos de economia de energia); gestão de resíduos (separação de resíduos orgânicos); agricultura urbana e drenagem (hortas educativas, viveiros, jardins de chuva, pavimentos permeáveis, etc).
As trilhas existentes não são estruturadas com infraestrutura de suporte como sinalização e monitores para garantia de	Diagnóstico técnico / participativo	Perímetro do parque	Não	R30	Realizar o manejo da trilha existente até a bica d'água (uma das nascentes); verificar a possibilidade de estruturação de outras trilhas para visitação monitorada.

segurança e preservação da fauna e flora.				R31	Inserir atividades relacionadas à ecologia e sustentabilidade, incorporando as trilhas monitoradas. Ver recomendação R1.
				R23	Implementar recomendação R23.
Faltam espaços de contemplação e aproximação com os atributos naturais do parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R32	Elaborar estudo para realização de plantio de árvores com espécies nativas e frutíferas, em áreas destinadas ao estar e atividades.
			Sim	R33	Além dos espaços previstos no projeto de requalificação, incorporar, se possível, mais espaços de interação com a água e elementos hídricos do parque.
ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL					
Consolidação do Território-Parque - área de influência como limite administrativo para governança compartilhada.	Diagnóstico técnico	Área de influência		R34	Elaborar e instituir, por meio de portaria intersecretarial da Prefeitura de São Paulo, o Território-Parque como escala operativa de governança para a articulação intersetorial entre equipamentos públicos e subprefeituras nas áreas de influência dos parques, integrando, inclusive, ações de segurança urbana, acessibilidade e mobilidade ativa, entre outras.
Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Vila do Rodeio se caracteriza por alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (58% da população).	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R35	Articular com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social com o objetivo de identificar quais programas e projetos podem ser implementados no parque para atendimento à população em situação de vulnerabilidade.
De acordo com as pessoas frequentadoras, há presença de pessoas usuárias de drogas no interior do parque.	Participativo	Área de influência	N/a		Estabelecer parcerias com a Secretaria de Assistência Social para oferecer acolhimento e programas de apoio às pessoas usuárias de drogas
Faltam medidas para resolução de conflitos para estabelecimento dos limites do parque em face a existência de ocupações informais.	Participativo	Área de influência	N/a	R36	Verificar processos e solicitações protocoladas relacionadas ao tema e identificar o status dessas solicitações. Realizar articulações com a Secretaria Municipal de Habitação para avançar nas tratativas.
Faltam ciclovias ou ciclofaixas conectadas aos principais equipamentos e eixos de transporte na área de influência do parque.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R37	Integrar e ampliar a malha cicloviária do bairro, priorizando os equipamentos de conexão com o parque como escolas, praças, equipamentos esportivos e principais avenidas.
A oferta de transporte público ao parque é limitada.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R38	Promover ampliação da oferta de transporte público na área de influência do parque, conectando as regiões que não possuem paradas de ônibus.
Da extensão total das calçadas situadas entorno ao parque, 77% não atendem à legislação de acessibilidade, impactando diretamente a maioria das pessoas visitantes, que acessam o parque a pé.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Área de influência	N/a	R39	Promover a acessibilidade universal das calçadas no entorno do parque.
A área de influência do Parque Vila do Rodeio apresenta alta incidência de registros criminais, com duas regiões de destaque próximas aos acessos identificados pelas mulheres como os locais de maior insegurança no parque.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R40	Reforçar os mecanismos de vigilância e patrulhamento nas áreas adjacentes ao parque, principalmente nas que foram diagnosticadas com uma maior concentração de ocorrências criminais.

É necessário integrar o parque à infraestrutura verde do entorno, visando fortalecer sua função ambiental, conter a expansão urbana e aprimorar a rede de drenagem.	Diagnóstico técnico	Bacia hidrográfica	N/a	R41	Implementar estratégias no parque e entorno para garantir conectividade entre as áreas para circulação da fauna silvestre, tais como arborização urbana com espécies nativas, incentivo a iniciativas de reflorestamento, implantação de jardins polinizadores e jardins de chuva e infraestrutura amigável da fauna (como adequação da iluminação urbana, passagem de fauna, redução da emissão de ruídos, entre outros).
Há áreas de risco hidrológico baixo, médio e alto, e risco geológico baixo, médio e alto, respectivamente, no entorno próximo.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R42	Promover maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e com planos municipais, consolidando o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana. Apoiar políticas para fomentar educação climática em escolas do entorno.
O parque tem potencial para fortalecer parcerias com equipamentos educacionais e de assistência social, ampliando as atividades oferecidas.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R43	Regulamentar o Território-Parque (ver recomendação R34) e fomentar parcerias com escolas, equipamentos de assistência social e a subprefeitura para incentivar a realização de atividades educativas no parque, promovendo a integração desses equipamentos com a área verde.
Existem muitas entidades e equipamentos no entorno -- como o Centro de Convivência Intergeracional (CCInter) e Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) -- que poderiam fazer atividades no parque	Participativo	Área de influência	N/a		
De acordo com as pessoas frequentadoras, há poucos projetos voltados à educação no interior do parque.	Participativo	Área de influência	N/a		
A ausência de equipamentos culturais e esportivos no entorno reforça o papel do parque como espaço estratégico para essas atividades.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R44	A partir de parcerias com a Secretaria de Cultura e de Esporte, desenvolver atividades e programas no parque para que ele se torne um centro de referência cultural e esportivo no bairro, envolvendo artistas e produtores locais em eventos e atividades.
As pessoas frequentadoras identificam como potencial a realização de apresentações, feiras e exposições com artistas, artesão e produtores locais.	Participativo	Área de influência	N/a		

Dentre as diretrizes de **gestão do parque**, destacam-se aquelas relacionadas à governança, segurança, e conforto e ambiente. Para fortalecimento da governança, é necessário fomentar o vínculo entre a gestão do parque e a comunidade por meio da implementação de estratégias de comunicação e integração comunitária.

Em relação à segurança, é necessário ampliar os locais de vigilância no parque, já que foi apontada a falta de circulação das equipes de segurança e há registros de atos de vandalismo, além de relatos de percepção de insegurança onde estão os acessos informais. Também foi atribuída à sensação de insegurança a existência de animais domésticos soltos.

Os dejetos dos animais foi um dos elementos apontados que comprometem a sensação de conforto no parque. Nesse sentido, é necessário implementar ações de educação ambiental e elementos de sinalização para conscientização das pessoas tutoras. Quanto à presença de descarte irregular de resíduos, é necessário ampliar o número de lixeiras nas áreas de circulação e garantir uma maior apropriação das trilhas do parque, uma vez que são locais apontados com presença de resíduo, além da sensação de insegurança.

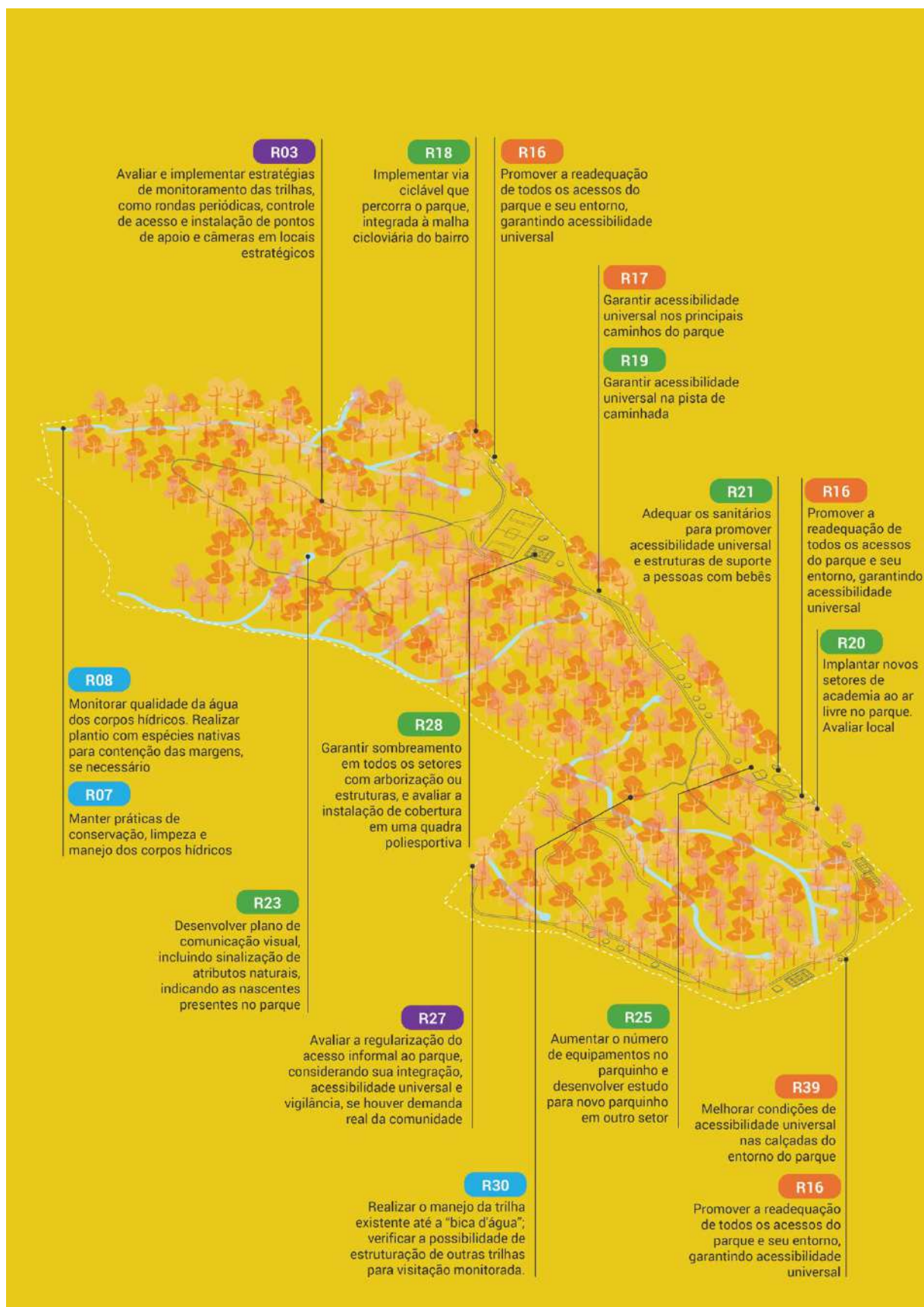
As recomendações para Projeto de Intervenção se relacionam a melhorias de manutenção, incremento de mobiliário urbano, como bancos, lixeiras, sinalização, paraciclos, ampliação e diversificação dos espaços de brincar, e instalação de elementos de sombreamento, sobretudo próximo aos setores. Em projeto desenvolvido para o parque, está prevista a

instalação de novos equipamentos de parquinho e esportivos, além da provisão de estruturas de sombreamento em alguns setores. Ainda assim, é necessário garantir que todos os setores tenham proteção solar, além de realizar estudo de viabilidade técnica para a cobertura de uma quadra ou criação de espaço multiuso protegido de intempéries.

Por último, as recomendações do eixo de Articulação Institucional apontam para diversas ações que devem ser articuladas com outras Secretarias e Órgãos, sobretudo em intervenções dentro da área de influência do parque. Para isso, é necessário que a área de influência passe a ser também um limite administrativo, além de um limite físico. A exemplo dos Territórios CEUs - programa que visa articular intervenções urbanas baseadas na integração com demais equipamentos públicos de relevância local e regional, buscando a qualificação do espaço livre público no entorno dos CEUs ao formar uma rede de percursos entre os equipamentos- pode-se aplicar o conceito de "Território-Parque", sendo, portanto, uma unidade de governança compartilhada e planejamento territorial em escala local com o objetivo de estabelecer uma agenda comum de parcerias, atividades, ações e intervenções.

A criação do território possibilitará o desenvolvimento de recomendações para melhoria da segurança e da percepção de segurança no trajeto ao parque, além da promoção de acessibilidade, sobretudo à pedestres e ciclistas.

Figura 58: Mapeamento das recomendações do Parque Vila do Rodeio



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Parque Sapopemba

Figura 59: Registro do Parque Sapopemba



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Entrevista

Figura 60: Fátima Magalhães, 56 anos, Professora e diretora do Instituto Magalhães



Fonte: Acervo ONU-Habitat

**“O parque
(Sapopemba) me faz
lembrar a
adolescência, [...] tenho na memória que
ia com os colegas de
escola buscar argila
para fazer atividade de
artes”**

Fátima Magalhães, 56 anos,
professora e diretora do Instituto
Magalhães.

Para Fátima, que mora há 56 anos no bairro (São Mateus), o Parque Sapopemba é parte de sua história. Ela relembra a adolescência, quando ia com colegas de escola buscar argila branca em uma área úmida do terreno para atividades de artes, quando o local ainda nem era parque. No entanto, o local passou por um período difícil, sendo transformado em um aterro sanitário, e chegou a abrigar um incinerador que gerava fumaça tóxica, provocando a indignação da comunidade. "A população realizou várias manifestações para protestar, foi uma luta importante para nós", conta Fátima sobre a mudança do terreno que, com muita pressão popular, se transformou em parque.

Hoje, ela enxerga o valor dessa resistência ao participar de algumas atividades no Parque Sapopemba, como a primeira Virada Sustentável em parceria com o Rotary Club São Paulo São Mateus, e alguns outros eventos comunitários. "Quando os bairros Jardim Santo André e Jardim São Francisco completaram 50 anos, realizamos até uma caminhada e uma corrida no parque", recorda.

Segundo Fátima, o Parque Sapopemba é um espaço importante de lazer e convivência para a comunidade, um local que marca o encontro das pessoas com a natureza. "Na entrada, há uma placa com um desenho de uma coruja, representando uma ave que encontrou ali o seu habitat", destaca Fátima, que se encanta com a presença de corujas pelo parque. Ela menciona que, durante as manhãs, muitas pessoas utilizam o parque para caminhadas, e que há também áreas para piqueniques, proporcionando um ambiente onde famílias podem descansar e desfrutar a natureza.

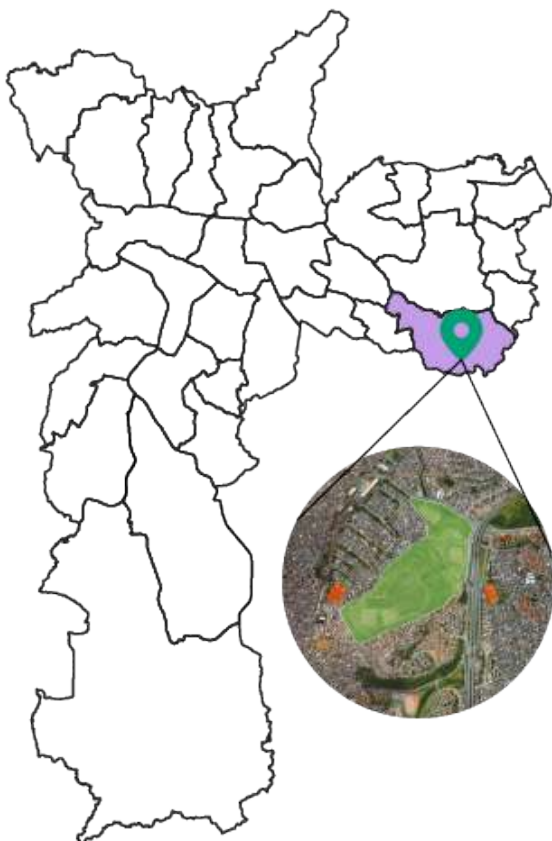
Fátima tem grandes sonhos para o futuro do Parque Sapopemba. "Meu desejo é que o parque

tenha toda a infraestrutura de qualidade para a comunidade usar em suas horas vagas, com paz e segurança", afirma. Ela sugere melhorias como iluminação adequada, a criação de um jardim sensorial, um playground acessível para todas as crianças, inclusive aquelas com mobilidade reduzida, além de oficinas comunitárias com foco no meio ambiente e atividades culturais e de lazer. "Espero que o parque continue sendo um espaço acolhedor e inspirador para todos", conclui.

1. Sobre o Parque

O Parque Sapopemba está localizado no distrito São Rafael, na subprefeitura São Mateus. A região está classificada com vulnerabilidade alta e muito alta – especialmente na região sul do parque, conforme o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) (São Paulo, 2025).

Figura 61: Mapa de localização do Parque Sapopemba em relação ao município e região



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A área do entorno ao parque é caracterizada pela carência de equipamentos de lazer e cultura e de equipamentos públicos de esporte. Em termos de população, a região é majoritariamente composta por mulheres – mas com porcentagem próxima à de homens, quase metade de pessoas pretas e pardas e possui altíssima concentração de jovens -- mais de 45% (Rede Nossa São Paulo, 2023).

O parque se localiza ao sul do córrego Caguaçu, do lado oeste da Avenida Vice-Presidente José Alencar Gomes da Silva, importante eixo viário que atravessa a zona leste em sentido norte-sul. O relevo do terreno é configurado em dois platôs ou planícies de declividade baixa, com um desnível entre elas de aproximadamente 30 m.

Tabela 9: Ficha introdutória do parque

Nome	Parque Sapopemba
Área total	272.376,93 m ²
Ano de inauguração	2013
Categoria	Urbano
IP 2022	2.05/5
Nota no Quadro de Priorização	2.14/10
Endereço	Estrada do Rio Claro
Horário de funcionamento	6h às 18h
Distrito	São Rafael
Subprefeitura	São Mateus

Os principais equipamentos que o parque oferece são dois campos de futebol, duas quadras poliesportivas, duas quadras de vôlei, campo de areia, teatro de arena, pista de bicicross, caminhos sem pavimentação, áreas de descanso, parquinhos infantis, aparelhos de ginástica, módulo sanitário, sede administrativa e estacionamento. O acesso ao parque é realizado por quatro portarias: três para visitantes e uma de acesso restrito, localizadas na Rua Setenta, Rua Cinira Polônio e na Avenida Vice-Presidente José Alencar Gomes da Silva, respectivamente.

1.1 Histórico

No terreno que atualmente dá lugar ao parque funcionou o Aterro Sanitário Sapopemba, desativado em 1986. A definição do uso recreativo para o espaço foi determinada pela apropriação da população, que já utilizava o local para práticas esportivas, antes da sua inauguração oficial (São Paulo, 2024d).

O aterro iniciou seu funcionamento no ano 1980 aproximadamente, e foi fechado em menos de uma década devido à pressão das comunidades em volta. O terreno original era uma configuração de fundo de vale, na qual o depósito de lixo em camadas atingiu aproximadamente 70 m de altura (Volpe-Filik *et al.*, 2007).

A região sul do entorno imediato do parque teve uma rápida e recente ocupação habitacional. Em 2007, o terreno vizinho do parque ainda tinha quase 4 ha de fragmentos florestais (Volpe-Filik *et al.*, 2007). Em imagens de satélite antigas (Google Earth, 2025) é possível identificar que a ocupação habitacional que limita com o lado sul do parque se iniciou em 2017, diminuindo consideravelmente os fragmentos de mata existentes nessa área.

1.2 Projeto do parque

O projeto de requalificação do Parque Sapopemba se desenvolve na área onde atualmente estão implantados os equipamentos, e em mais uma área sem estruturas formais, no setor noroeste do parque e próxima ao córrego. O projeto mantém os quatro acessos existentes e acrescenta mais um, na Avenida Sapopemba.

Tabela 5. Situação do andamento do projeto ou obra para janeiro, 2025.

Parque Sapopemba	
Situação	* Projeto finalizado * Obra em execução * Finalização das obras: Agosto de 2025
Custo (valores estimados)	R\$ 15.516.714,41
Responsável do Estudo Preliminar	Divisão de Implantação, Projetos e Obras (DIPO-SVMA)

Em termos de implantação, o projeto reaproveita muitas infraestruturas existentes, mas também prevê a demolição de outras pontuais. Estes equipamentos são requalificados e alguns acrescentados:

- É implantado mais um campo de futebol, e nesse e os dois existentes, são construídas arquibancadas;

- Nas quadras poliesportivas são incorporados bancos de concreto e é renovada a instalação de traves e aros de basquete;
- Nas quadras de vôlei é recuperado o traçado original e executada a demarcação e instalação de postes e redes;
- No teatro de arena é realizada uma manutenção das plataformas de concreto;
- Os caminhos da parte superior são mantidos com terra batida, recuperando seu traçado e incorporando novos trechos complementários. Os da parte de baixo são pavimentados com concreto;
- As áreas de descanso são renomeadas como “estar” e nelas são acrescentados bancos de concreto com encosto e assento em madeira;
- Os parquinhos infantis são relocados, e acrescentados mais brinquedos e piso de borracha;
- Na sede administrativa está contemplada uma requalificação geral.

De forma geral, está prevista a renovação dos elementos de drenagem, muretas, alambrados, portões e trechos do gradil perimetral. Também está prevista a adição de outros equipamentos como vestiários, aparelhos de ginástica, pergolados, espreguiçadeiras e área de churrasqueiras.

Figura 62: Imagem do Parque Sapopemba



Fonte: Acervo ONU-Habitat

2. Processo participativo

Na Avaliação Específica de cada parque, os quatro grupos-alvo mencionados na [Seção 2.4 Participação das partes interessadas](#) fizeram parte das diversas atividades participativas propostas. Estas ações foram baseadas nas metodologias ONU-Habitat *Bloco a Bloco* (UN-Habitat, 2021) e *Cidade Delas* (UN-Habitat, 2022), somadas às ferramentas disponíveis na guia de Avaliação Específica de Espaços Públicos, adaptadas ao contexto e características da cidade de São Paulo.

2.1 Partes interessadas envolvidas

No caso do Parque Sapopemba, a busca por grupos que fizessem vida no parque e lideranças da região para contribuir com a Avaliação foi articulada, no início, com o Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES) e o gestor do parque.

O **primeiro grupo** alcançado foram duas **lideranças femininas** convidadas a fazer parte do grupo de capacitação da sociedade civil sobre metodologias do ONU-Habitat, formado por apenas público do gênero feminino e com mais de 18 anos.

O **segundo grupo** alcançado foram **pessoas funcionárias** da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), principalmente da SVMA, que estivessem envolvidas com algum dos 10 parques priorizados, seja na gestão dos parques ou na área de projetos e obras. No caso específico do Parque Sapopemba, participaram da Avaliação duas pessoas da Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU): o gestor do parque e o coordenador da Região Leste.

O **terceiro grupo** participante da Avaliação foram **29 meninas adolescentes, entre 13 e 15 anos de idade**, estudantes do CEU São Rafael, as quais participaram na oficina bloco a bloco, dirigida exclusivamente a esse público escolar.

O último e **quarto grupo** convocado a participar foram **pessoas frequentadoras** que se aproximaram à oficina aberta realizada no parque. Nessa atividade, foi aplicada a ferramenta de matriz Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) com mais de 16 pessoas de diferentes idades e gêneros, sendo quase todas elas moradoras do entorno imediato. Este grupo também participou de entrevistas estruturadas, nas quais contribuíram 16 pessoas no total.

Figura 63. Mulheres lideranças e Conselheiras na oficina bloco a bloco do Parque Sapopemba.



Figura 64. Oficina aberta no Parque Sapopemba



Figura 65. Oficina bloco a bloco do Parque Sapopemba



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Figura 66: Oficina técnica com pessoas funcionárias da SVMA no Parque Sapopemba



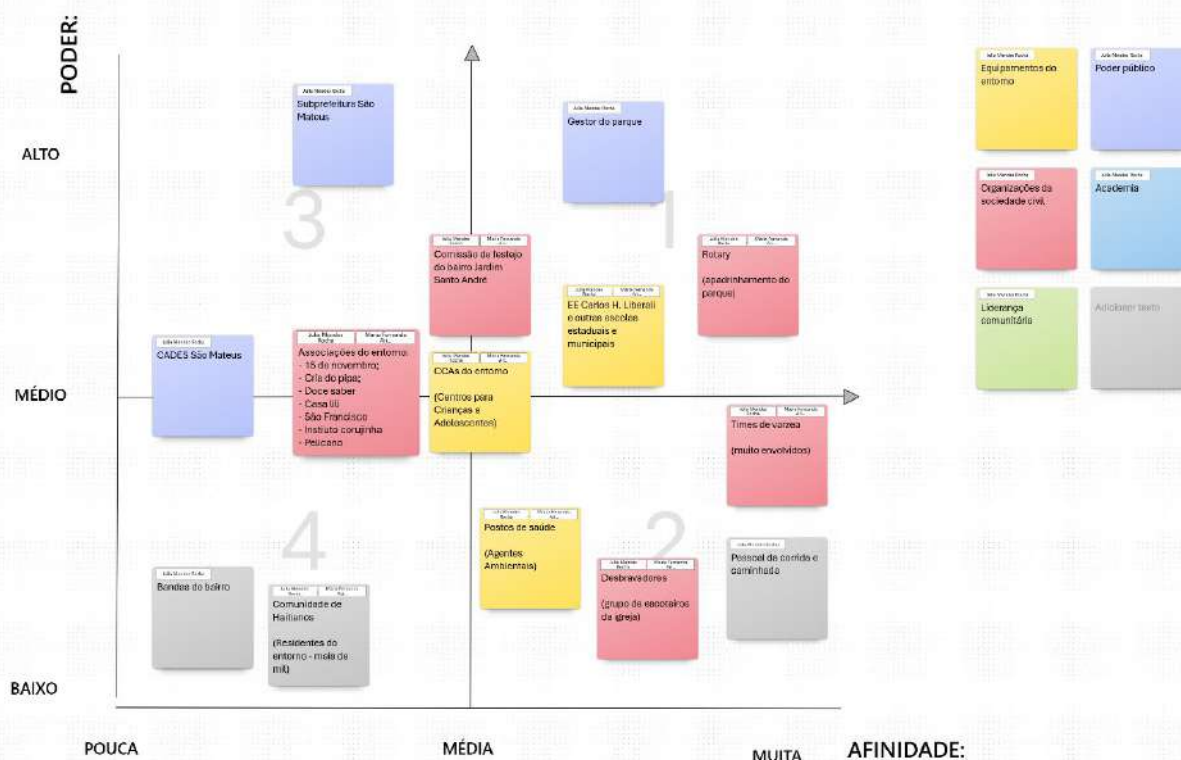
Fonte: Acervo ONU-Habitat

2.2 Principais contribuições

O primeiro grupo, constituído por lideranças femininas, contribuiu com a facilitação dos exercícios práticos e com a divulgação das atividades abertas ao público geral. Foram também estas lideranças que forneceram as informações para a construção do mapeamento das partes interessadas do parque, a partir do seu olhar comunitário e conhecimentos das

redes e grupos existentes que fazem vida no espaço público avaliado. Segundo as lideranças consultadas, os principais grupos afetados pelo deterioro ou que seriam beneficiados com a requalificação do parque são os usuários dos equipamentos públicos de educação e grupos e associações que fazem vida no parque.

Figura 67. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Sapopemba, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O segundo grupo, o das pessoas funcionárias municipais, forneceu informações técnicas e de gestão do parque ao longo das atividades participativas da Avaliação. Elas apoiaram na recepção no parque das atividades com os diversos grupos participantes e validaram, preliminarmente, algumas das recomendações propostas no processo.

Dos últimos dois grupos, foram coletadas e sistematizadas contribuições de viés qualitativo, categorizadas em **sentimentos** suscitados pelo parque, **problemas**, **potencialidades**, **soluções** e **desejos** para ele. Também foram priorizadas as principais ações necessárias para sua requalificação e ativação em termos de usos e gestão.

Figura 68. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Frescor, insegurança e tristeza foram os principais sentimentos destacados pelas pessoas participantes das atividades de percepção no parque. Elas também valorizaram a sensação de alívio e conforto embaixo das árvores existentes, a presença de flores, pássaros e da extensa área verde.

O parque é percebido como um espaço amplo, no qual muitas pessoas fazem caminhada, e nele é destacada a existência da composteira, das quadras e campos de futebol, dos brinquedos e aparelhos de ginástica. A segurança do parque foi elogiada por algumas pessoas participantes e foi observado que a maior presença de pessoas interagindo acontece próxima à administração.

Existem grupos e pessoas específicas da comunidade engajadas com o parque, principalmente aqueles envolvidos com o futebol, que promovem uma escolinha para crianças. Vários atletas da região utilizam o parque e contribuem para o sentimento de pertencimento com o local, buscando retirar a repercussão negativa da sua antiga função como aterro sanitário.

Também existem muitas escolas próximas e crianças na área de influência que poderiam se apropriar mais intensamente do parque. As parcerias com associações do bairro e com a secretarias de saúde e esportes são vínculos destacados como positivos para o parque.

Outros sentimentos destacados nas percepções das pessoas participantes das dinâmicas da Avaliação, em alguns dos trechos visitados foram: raiva, nojo, abandono e vergonha. A presença de pessoas usuárias e descarte de uso de drogas, depredação dos equipamentos por vandalismo, baixa circulação e número de guardas e a inexistência de câmeras foram também questões levantadas.

Foi apontado que as regras para o uso do parque não estão claras nem visíveis, questão que poderia contribuir a controlar o uso de pipas, proibido nos parques municipais pelos impactos que podem causar na flora e fauna silvestre, e que é necessária a consolidação do limite do parque em relação às ocupações habitacionais vizinhas.

Por outro lado, a falta de pavimentação na pista de caminhada – que dificulta seu uso quando a terra vira lama –, de bebedouros, lixeiras, iluminação, bancos, aparelhos de ginástica, brinquedos, cachorródromo, sinalização e de manutenção do banheiro foram também questões levantadas. Elementos de proteção contra quedas no córrego, palco ao ar livre, museu da história do parque, jardim no entorno da composteira e cobertura nas quadras, foram outras ausências detectadas pelas pessoas participantes.

Figura 69. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação

Problemas – Pontos Negativos
• Presença de usuários e descarte de uso de droga • Depredação por atos de vandalismo • Poucos guardas circulando pelo parque • Falta de regras claras e visíveis. Regulação do uso de pipas, por exemplo • Falta consolidar limite do parque em relação a ocupações habitacionais do entorno • A pista de caminhada precisa de pavimentação • Faltam bebedouros e lixeiras, e melhor distribuídos • Falta iluminação, bancos e banheiros e manutenção dos existentes • O local é árido, seco e quente. Faltam espaços com sombra natural (Arborização) • Falta espaços cobertos (quiosques, por exemplo), para promover maior permanência, prática de piqueniques e realização de eventos e cursos • Falta palco para incentivar atividades culturais • Faltam lugares onde se valorize a história, fauna e flora do parque (museu/área de exposição, por exemplo) • Faltam brinquedos e aparelhos de ginástica e manutenção dos existentes • Existem muitos pontos de água parada • Pouca acessibilidade para pessoas cadeirantes • Existe muita diferença de manutenção e qualidade entre os acessos do parque • Falta sinalização no parque e acessos • Grade perimetral baixa em alguns trechos. Tem entrada informal de pessoas. • Faltam elementos de proteção contra quedas no córrego • Não tem Conselho Gestor • Falta divulgação das atividades e comunicação sobre o local como parque, e não aterro • Recorrente troca de funcionários e gestão • Presença de animais abandonados e soltos. Causa insegurança nas crianças, principalmente • Presença de descarte irregular de resíduos sólidos • Faltam atividades de educação ambiental, para maior engajamento comunitário • Faltam atividades para pessoas idosas • Falta jardim no entorno da composteira • Falta cobertura nas quadras • O parque é pouco frequentado por mulheres
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A partir desses sentimentos, problemas e potencialidades detectadas pelas pessoas participantes das atividades da Avaliação Específica, foram propostos por elas mesmas **soluções e desejos para o Parque Sapopemba**. Como o parque já tem uma obra em andamento, foi perguntado "**o que poderia acontecer no parque para ficar melhor**".

Potencialidades – Pontos Positivos
• Presença de árvores, área verde, flores e pássaros • Ter pista de caminhada e quadras em reforma • Ter aparelhos de ginástica e brinquedos, mesmo precisando de manutenção • Amplitude do parque, bom para crianças correrem e brincarem • Ter composteira • Existência de escolas próximas e grupos culturais como bandas que poderiam ser agregados ao parque, através de oficinas e eventos • Existência da Comissão de Festejo do Jardim Santo André e São Francisco • População engajada com o parque, principalmente pessoas e grupos envolvidos com futebol. Inclusive, cuidam dos campos • Uso frequente para fazer corridas e caminhadas • Vários atletas utilizam o parque contribuem para divulgação e sentimento de pertencimento do local (repercussão negativa do nome "aterro") • Quadras muito utilizadas • Muitas crianças na área de influencia • Existe articulação para atividades de plantio com grupos/equipamentos externos ao parque • Escolinha de futebol para crianças aos sábados • Articulação com outras secretarias, como a de cultura e esportes (campanhas de vacinação, por exemplo) • Articulação com programa "Sampa em Movimento" • Muitas escolas próximas

Sobre o **ambiente** do parque, foi sugerido ter um espaço para interação com a água, locais com vegetação mais abundante para fazer trilhas, jardins sensoriais e a implantação de jardins de chuva, não só para contribuir com a drenagem do parque, mas, também, para renaturalizar ainda mais o local.

Sobre a **infraestrutura do parque** foram propostos elementos de comunicação visual (painéis informativos, interativos e acessíveis, como o mapa do parque e quadro de atividades nos acessos), mobiliários e elementos lúdicos (fontes interativas, mesas de ping-pong, brinquedos não estruturados e interativos para pessoas de todas as idades, parques naturalizados e em consonância com o relevo do terreno), e locais para descanso (como redários) e outras atividades de lazer (área de piquenique, quiosques e churrasqueiras). Foram também solicitados equipamentos relacionados ao funcionamento do parque como contentores e latas de lixo reciclável e a implantação de quadras de basquete, locais para contemplação da paisagem e hortas acessíveis para cadeirantes.

Sobre os **usos e a gestão** do parque, foram solicitadas aulas de yoga, capoeira, dança, vôlei, basquete e futebol e outras atividades grupais, culturais e educativas, como sessões de cinema

ao ar livre e piqueniques coletivos. A promoção de grupos de corrida, de ciclismo e outras atividades esportivas foram também pedidos das pessoas participantes.

Figura 70: Oficina no Parque Sapopemba



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3. Avaliação

As Seções 3.1 a 3.7 apresentam os principais resultados obtidos com a aplicação da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*, sendo cada Seção correspondente a uma dimensão de análise.

3.1 Caracterização urbana da área de influência

Dentro da área de influência do Parque Sapopemba predomina o padrão residencial unifamiliar horizontal, caracterizado por moradias de um a dois pavimentos, com incidência de autoconstrução, marcado por vias locais estreitas. Há uma grande quantidade de núcleos urbanos informais e favelas (ver *Mapa 15*), com alguns conjuntos habitacionais de interesse social verticais, especialmente a leste do parque. O comércio é esparsos e de caráter local.

Seguindo a tipologia urbana predominante da área de influência, os lotes que estão situados em frente ao parque são majoritariamente residenciais unifamiliares e há áreas de favelas contíguas ao parque, caracterizadas por autoconstrução, vias estreitas e de terra.

Há residências que possuem seus fundos voltados ao parque, o que resulta em grandes áreas muradas no interior do parque, e traz como consequência a diminuição de visibilidade entre o interior e exterior do parque, que é entendida como um elemento de suporte à “vigilância” do espaço público para maior segurança (Jacobs, 2011).

Figura 71: Tipologia urbana predominante

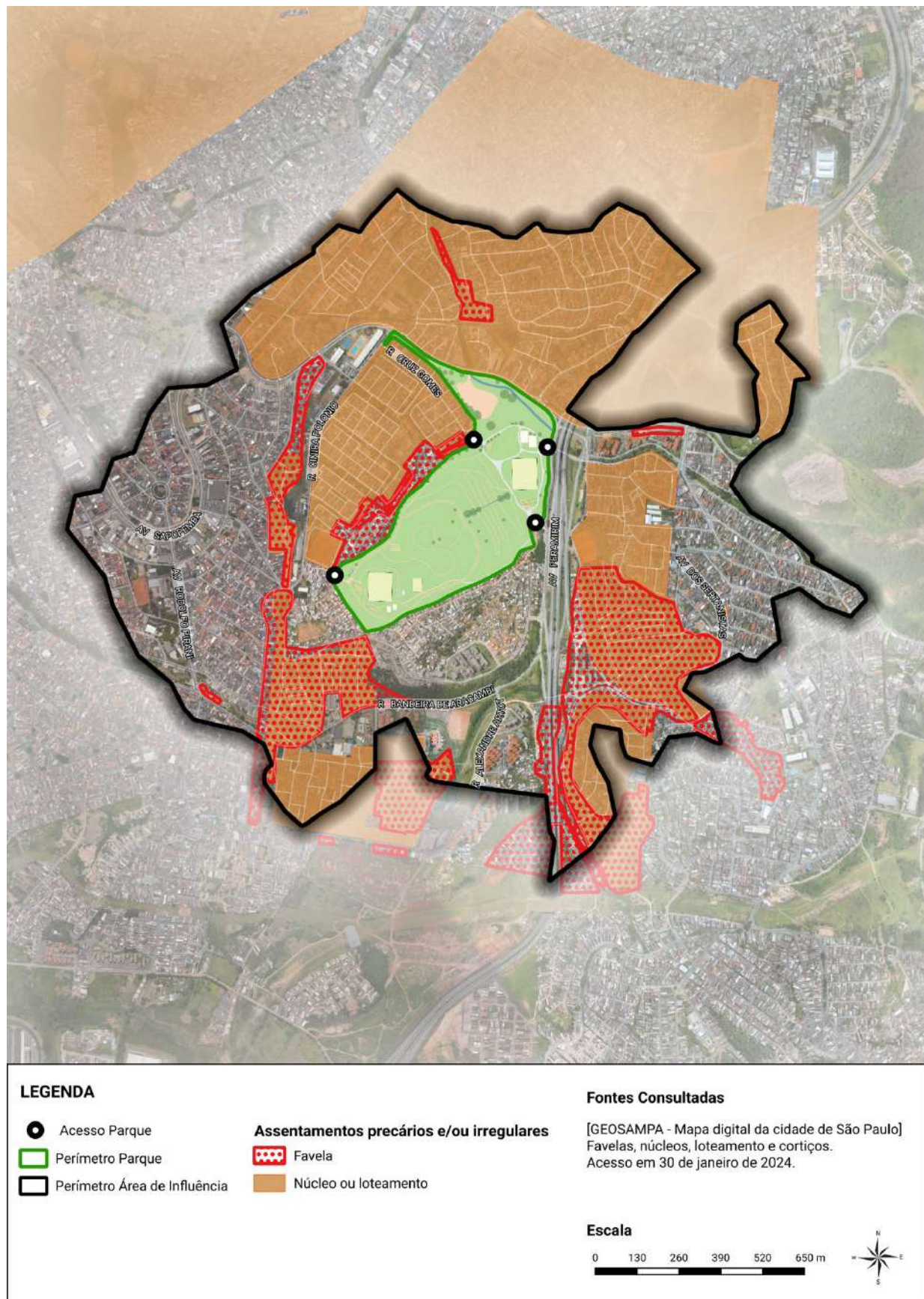


EM PRODUÇÃO

Figurinha representando um bairro com residências de até 2 pavimentos em autoconstrução, vias estreitas e lotes dando fundo para o parque.

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 72: Núcleos urbanos informais na área de influência.



Fonte: Adaptado de GeoSampa, 2024. Elaboração própria, ONU-Habitat

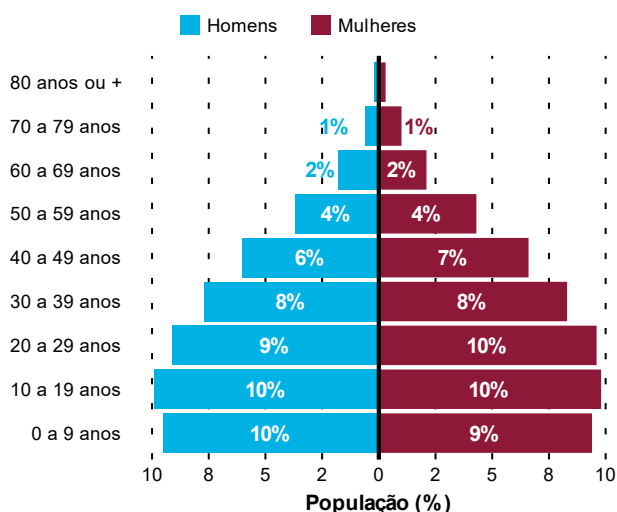
3.1.2 Pessoas no parque e área de influência

A caracterização das pessoas que vivem na área de influência e frequentam o parque é fundamental para compreender quais os perfis predominantes e como o parque pode atender às necessidades específicas destes grupos.

De acordo com dados do Censo 2010, a faixa etária predominante das pessoas na área de influência é de crianças entre 10 e 19 anos.

Gráfico 33: Faixa etária das pessoas na área de influência

Proporção de faixa etária das pessoas na área de influência

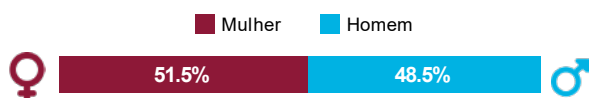


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Das 34.990 pessoas que vivem dentro da área de influência do parque, predominam as mulheres, com aproximadamente 51,5% do sexo feminino e 48,5% masculino.

Gráfico 34: Gênero das pessoas na área de influência

Proporção de identificação de gênero das pessoas na área de influência

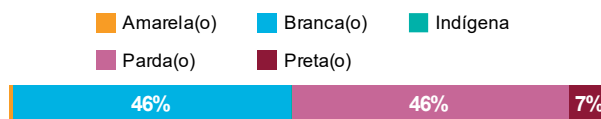


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça das pessoas que vivem na área de influência, mais da metade são pretas ou pardas (53%), enquanto 46% se autodeclararam brancas.

Gráfico 35: Perfil de cor ou raça das pessoas na área de influência

Proporção de raça e cor na área de influência



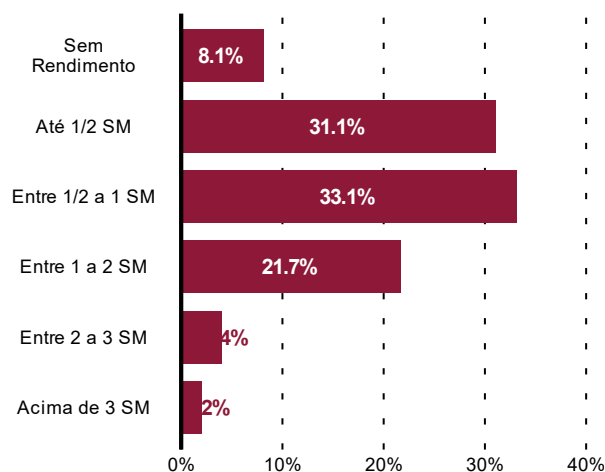
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos marcadores de vulnerabilidade socioeconômica apresentados anteriormente, o rendimento per capita de mais de 72% da população que vive na área de influência é inferior a um salário-mínimo, caracterizando situação de pobreza (The World Bank, 2025).

Somente 6% das pessoas possuem rendimentos superiores a dois salários-mínimos.

Gráfico 36: Perfil de renda das pessoas na área de influência

Distribuição de domicílios por faixa de rendimento per capita em salários-mínimo (SM)



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

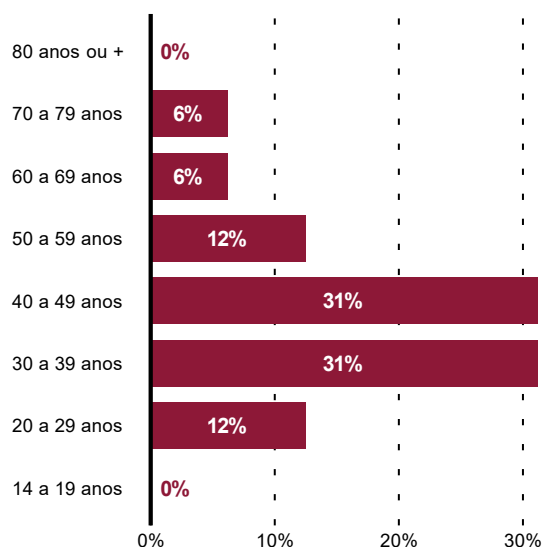
No ano de 2021, foram registradas 160.196 pessoas frequentando o Parque Sapopemba. Em 2022, foram registradas 271.550 pessoas.

O aumento expressivo no número de visitantes no parque no ano de 2022 pode ser justificado pelas restrições de uso durante o período de pandemia.

Já em relação ao perfil das pessoas que frequentam o parque, dentre as pessoas entrevistadas, houve predomínio de adultos de 30 a 39 anos junto com adultos de 40 a 49 anos, cada grupo representando 31% do total.

Gráfico 37: Faixa etária das pessoas que frequentam o parque

Proporção de faixa etária das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Dentre as pessoas entrevistadas, houve uma paridade de gênero, ainda que o percentual de mulheres que vivem na área de influência (51,5%) seja ligeiramente superior ao de homens (48,5%).

Gráfico 38: Gênero das pessoas que frequentam o parque

Proporção de identificação de gênero das pessoas entrevistadas

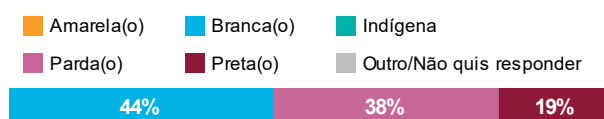


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça, 57% das pessoas entrevistadas se declararam pretas ou pardas, percentual similar ao perfil da população que vive na área de influência (53%).

Gráfico 39: Perfil de cor ou raça das pessoas que frequentam o parque

Proporção de raça e cor das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

1. Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Sapopemba se caracteriza pela situação de alta vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (72% da população);
2. Do total de pessoas entrevistadas no parque, houve predomínio de adultos entre 30 e 49 anos;
3. Predominam crianças e jovens entre 0 e 29 anos vivendo na área de influência do parque.

O que se descobriu?

3.2 Acessibilidade

O primeiro indicador analisado para avaliar a acessibilidade do Parque Sapopemba refere-se às infraestruturas de deslocamento em sua área de influência. Representado no *Mapa 16*, ele abrange o mapeamento do sistema cicloviário, a cobertura do transporte público (estações de metrô, terminais de trem e ônibus, além de pontos de parada) e as infraestruturas para transporte individual, como estacionamentos públicos.

Em relação ao transporte público, a área de influência do parque não conta com estações de metrô, terminais de trem ou ônibus. Há, no entanto, alguns pontos de ônibus, servidos por apenas 16 linhas que passam pela região. Apesar disso, algumas áreas ao sudeste, sudoeste, norte e oeste do parque carecem de acesso ao transporte público.

De maneira geral, a área de influência do parque possui opções limitadas de transporte público.

Para aqueles que optam pelo transporte individual, o acesso ao parque pode ser feito pela portaria próxima à Rua Bandeira de Aracambi, ao lado da Avenida Peramirim, que oferece estacionamento gratuito.

Em relação ao sistema cicloviário, não existem ciclovias ou ciclofaixas na área de influência, o que limita o acesso de ciclistas ao parque.

Quanto aos modos ativos de deslocamento, foi analisada a qualidade das calçadas na área de influência e seus impactos na acessibilidade dos pedestres, considerando a largura mínima recomendada de 1,90 m, conforme a legislação (sendo 1,20 m para faixa livre de circulação e 0,70 m para mobiliário urbano, como árvores e postes de iluminação).

A área de influência do parque possui 38% das suas calçadas com larguras adequadas à caminhabilidade.

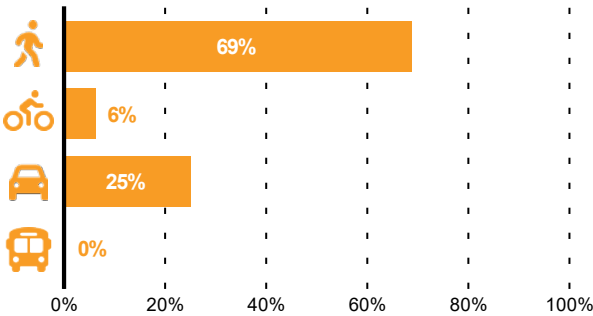
Observou-se que 62% das calçadas no entorno não atendem à legislação de acessibilidade, representando um obstáculo significativo para o

acesso seguro e inclusivo, especialmente para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Considerando que a maioria das pessoas que frequentam o parque o acessa a pé (ver *Gráfico 40*), segundo entrevistas realizadas na oficina aberta de outubro de 2024 (ver *Capítulo 2 Processo Participativo*), a qualidade das calçadas compromete a acessibilidade de muitas das pessoas que acessam o parque.

Gráfico 40: meio de locomoção das pessoas usuárias do parque

Proporção das respostas das pessoas entrevistadas:



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

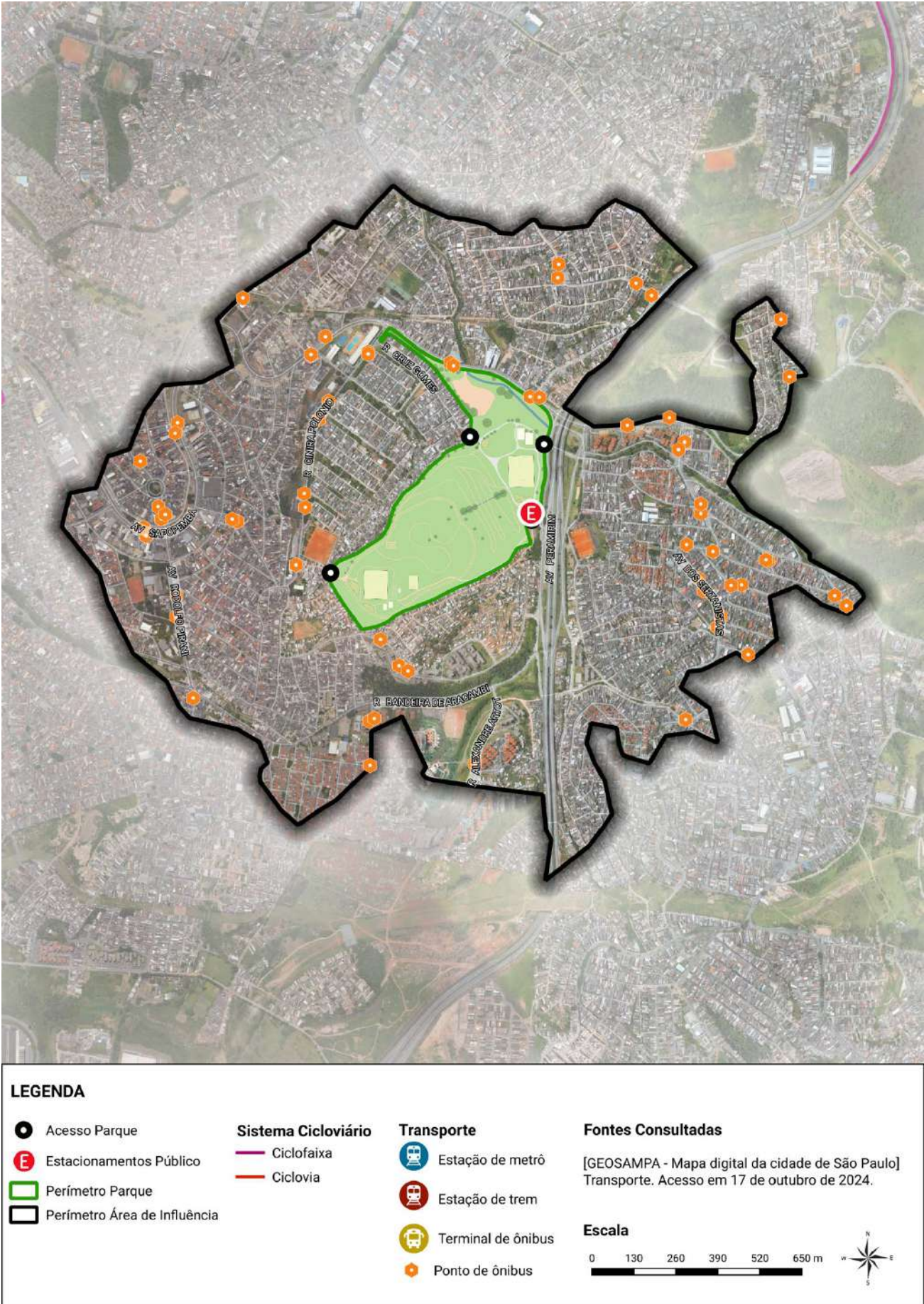
O segundo meio de locomoção mais utilizado para chegar ao parque é o transporte individual, o que pode ser influenciado pela presença de estacionamento gratuito em um dos acessos.

Embora a rede cicloviária não exista na região, 6% das pessoas que frequentam o parque chegam de bicicleta, o que sugere um risco devido à falta de infraestrutura adequada.

Além da falta de uma rede cicloviária no entorno, o Parque Sapopemba, não possui equipamentos para o estacionamento seguro de bicicletas, como paraciclos ou bicicletários, evidenciando a ausência de infraestrutura que promova o uso desse modal sustentável.

Ainda segundo o *Gráfico 40*, nenhuma das pessoas entrevistadas acessam o parque através do transporte público, o que pode ser justificável diante da baixa oferta observada.

Mapa 16: Mapa de identificação dos modelos de deslocamento



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Outro indicador que avalia a qualidade da acessibilidade universal no Parque Sapopemba é a identificação de elementos de acessibilidade nas portarias de acesso ao parque. A *Figura 73* contém representações de todos os quatro acessos, com a indicação as infraestruturas presentes e ausentes em cada um deles.

O **acesso 01**, localizado na Rua Bandeira de Aracambi, ao norte do parque, possui calçamento adequado, atendendo aos parâmetros de inclinação e largura. No entanto, carece de sinalização para a travessia de pedestres, o que compromete a segurança ao atravessar a Rua Bandeira.

O **acesso 02** não conta com nenhuma infraestrutura de acessibilidade, tornando-se completamente inadequado para a passagem segura e inclusiva de pedestres.

O **acesso 03**, onde se localiza o estacionamento gratuito, intui-se que é predominantemente utilizado por quem chega de carro. Isso porque a análise do *Mapa 16* revela a ausência de pontos de ônibus próximos e de qualquer infraestrutura que facilite a chegada ou a travessia de pedestres, tanto para moradores ao sul do parque quanto para aqueles do outro lado da Avenida Peramirim.

Por fim, o **acesso 04**, localizado no final da Rua Cinira Polônio, não exige travessias de vias, mas também não dispõe de nenhuma infraestrutura que garanta a acessibilidade adequada da calçada.

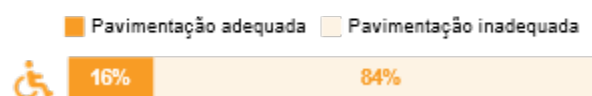
Assim, percebe-se que a maioria dos acessos ao Parque Sapopemba apresenta desafios em termos de acessibilidade e segurança para pedestres, tornando o acesso ao parque menos inclusivo.

As diferenças na qualidade e na presença de equipamentos de acessibilidade nos acessos refletem percepções levantadas no *Capítulo 2 Processos participativos*. De acordo com relatos das pessoas participantes, há uma grande disparidade na manutenção e qualidade dos acessos ao parque, o que impacta diretamente a experiência de quem o frequenta.

Outro aspecto essencial da acessibilidade do Parque Sapopemba é sua adequação entre os setores internos ao uso por pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Gráfico 41: Acessibilidade nos setores do parque

Setores por adequação de pavimentação e inclinação para pessoas com deficiência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A análise do parque revelou que 84% dos setores apresentam problemas de pavimentação e inclinação, dificultando a acessibilidade universal. Essa limitação foi reforçada nos processos participativos, onde a comunidade destacou que o espaço é pouco acessível para pessoas cadeirantes.

Por outro lado, o *Gráfico 42* mostra que 44% das pessoas entrevistadas na oficina aberta percebem a acessibilidade interna do parque como boa (38%) ou muito boa (7%), enquanto 25% são indiferentes. Esse percentual supera os 25% que consideram a acessibilidade ruim e os 6% que a avaliam como muito ruim.

Gráfico 42: Percepção de acessibilidade pelo público

Percepção das pessoas entrevistadas sobre a acessibilidade do parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. A área de influência do parque tem opções limitadas de transporte público.
2. Não há ciclovias ou ciclofaixas na região, restringindo o acesso de ciclistas.
3. 62% das calçadas no entorno não atendiam à legislação de acessibilidade, impactando a maioria das pessoas que acessam o parque a pé.
4. A maioria das portarias de acesso do Parque Sapopemba apresentava desafios de acessibilidade e segurança para pedestres, tornando o acesso menos inclusivo.
5. 84% dos setores possuem problemas de pavimentação e inclinação, dificultando a acessibilidade universal.

Figura 73: Ilustrações dos acessos do Parque Sapopemba

(ILUSTRAÇÕES DESIGN)

Infraestruturas do acesso 01

- ☐ Presença de sinal de pedestre;
- ☐ Presença de faixa de pedestre;
- ☒ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de semáforos com som funcional;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☒ Largura de calçada adequada;
- ☒ Calçada pavimentada;
- ☒ Calçada desobstruída.

Infraestruturas do acesso 02

- ☐ Presença de sinal de pedestre;
- ☐ Presença de faixa de pedestre;
- ☐ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de semáforos com som funcional;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☐ Largura de calçada adequada;
- ☐ Calçada pavimentada;
- ☐ Calçada desobstruída.

Infraestruturas do acesso 03

- ☐ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☐ Largura de calçada adequada;
- ☐ Calçada pavimentada;
- ☐ Calçada desobstruída.

Infraestruturas do acesso 04

- ☐ Presença de rampas para cadeira de rodas com design e inclinação corretas;
- ☐ Presença de piso tátil;
- ☐ Largura de calçada adequada;
- ☐ Calçada pavimentada;
- ☐ Calçada desobstruída.

3.3 Instalações e mobiliário

Assim como espaços urbanos podem convidar as pessoas para uma vida na cidade, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi realizado o levantamento em campo para analisar a condição dos principais elementos que compõem a infraestrutura do parque.

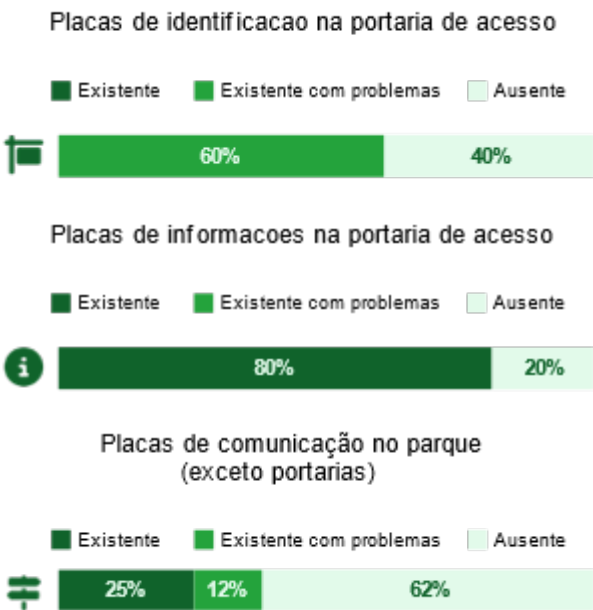
Conforme a *Tabela 10*, o Parque Sapopemba conta com 13 setores, dos quais nove são dedicados à prática esportiva e quatro para crianças e bebês. Em nenhum dos setores há equipamentos adaptados a pessoas com deficiência. Conforme mencionado no *Capítulo 1 Sobre o parque*, foram iniciadas reformas no Parque Sapopemba no ano de 2024, com previsão de conclusão em agosto de 2025. Assim, algumas informações referentes à infraestrutura estão de acordo com a situação anterior à reforma. No *Capítulo 4 Diagnóstico das dimensões* serão tratadas as alterações previstas após a conclusão da reforma.

A **Tabela 10** aponta para uma carência generalizada na existência de mobiliário urbano nos setores do parque.

Não foram identificados postes de iluminação e bebedouros, e muitos dos setores não possuem bancos e lixeiras, sendo que este último resulta em reflexos no descarte irregular de lixo, como será demonstrado na *Seção 3.5 Conforto e Ambiente*.

Assim como a maioria dos parques municipais, os elementos de sinalização estão pouco presentes no Parque Sapopemba. Conforme o *Gráfico 43*, é possível observar que há acessos do parque que não contam com placas de identificação, sendo aquelas existentes com problemas de manutenção. Há acessos com ausência de placas de informações gerais do parque, tratando-se inclusive de um apontamento da população durante as atividades de participação social (ver *Capítulo 2 Processo participativo*). Quanto à distribuição de placas de comunicação pelo parque, somente 25% dos setores e áreas de circulação possuem placas em condições adequadas de manutenção.

Gráfico 43: Caracterização da sinalização no parque



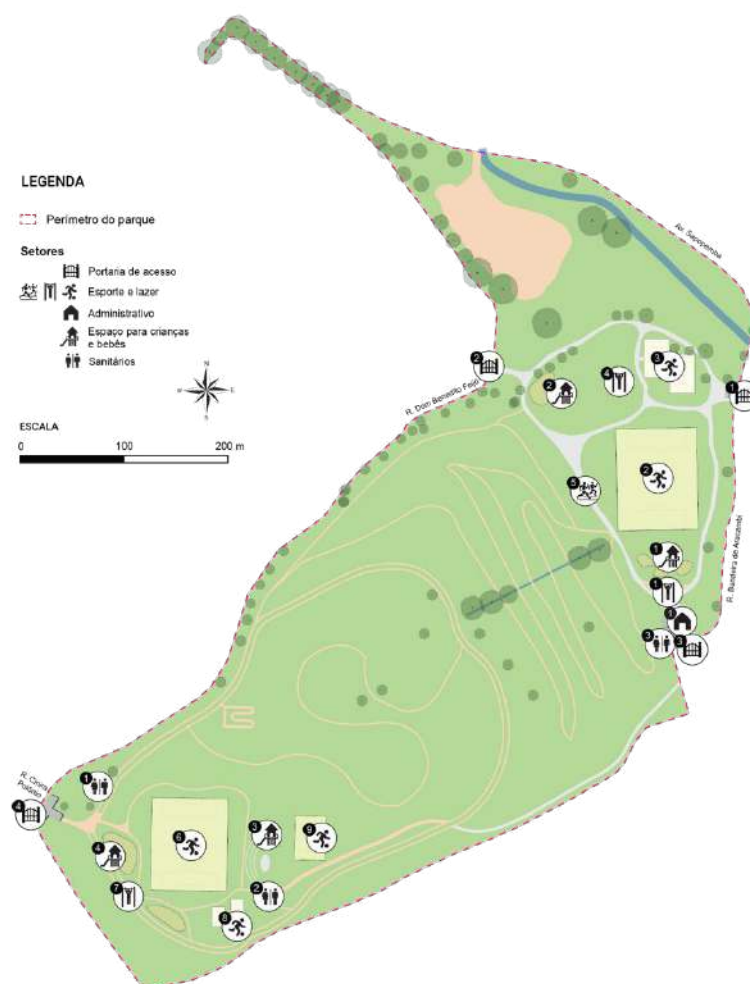
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Tabela 10: Avaliação dos setores do parque- Equipamentos e mobiliário

Nome do setor	Equipamento	Necessita manutenção	Mobiliário				
Espaço de esporte e lazer 1	Academia	Não					
Espaço de esporte e lazer 2	Campo de futebol	Sim					
Espaço de esporte e lazer 3	Quadra poliesportiva	Sim					
Espaço de esporte e lazer 4	Academia	Sim					
Espaço de esporte e lazer 5	Pista de caminhada	Não					
Espaço de esporte e lazer 6	Campo de futebol e mesa de jogos	Sim					
Espaço de esporte e lazer 7	Academia	Não					

	Espaço de esporte e lazer 8	Quadras poliesportivas	Sim							
	Espaço de esporte e lazer 9	Campo de futebol	Sim							
	Espaço para crianças e bebês 1	Parquinho	Sim							
	Espaço para crianças e bebês 2	Parquinho	Sim							
	Espaço para crianças e bebês 3	Parquinho	Sim							
	Espaço para crianças e bebês 4	Parquinho	Sim							
Legenda:				Iluminação	Banco	Lixeira	Bebedouro	Sinalização	Presente	Ausente
										

Figura 74: Localização dos setores do Parque Sapopemba



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação aos equipamentos presentes nos setores, foi identificada a necessidade de

manutenção em sua maioria. Durante as atividades de participação social (ver *Capítulo 2 Processo participativo*), a população levantou a

necessidade de incremento dos equipamentos de esportes, lazer e infantis, manutenção dos existentes, além da melhoria do incremento de fiscalização para a redução dos atos de vandalismo e depredação dos equipamentos e mobiliários (ver *Seção 3.4 Segurança*).

Os setores do espaço para crianças e bebês estão bem distribuídos pelo parque, apesar de alguns setores contarem com baixa diversidade de brinquedos, sendo que alguns deles não estavam em correto funcionamento no momento da vistoria.

O Parque Sapopemba conta com três setores de sanitários. Conforme *Tabela 11*, nenhum sanitário conta com acessibilidade universal e trocador infantil. Os *Sanitários 2 e 3* não possuem chuveiro, vestiário público ou sinalização, enquanto o *Sanitário 1* não conta com sinalização para identificação de gênero. Todos estes elementos são tidos como importantes para a promoção de inclusão e segurança nos espaços públicos.

Também dispõe de elementos de combate a incêndio, porém não possui equipamentos de primeiros socorros.

Tabela 11: Avaliação dos sanitários do parque

Nome do setor	Acessibilidade	Diferenciação de gênero	Chuveiro	Vestiário público	Sinalização	Trocador infantil
 Sanitário 1						
 Sanitário 2						
 Sanitário 3						

Legenda: Presente  Ausente 

O que se descobriu?

1. No momento do levantamento, havia uma carência generalizada de mobiliário urbano nos setores do parque e inexistência de bebedouros;

2. Foram identifica diferenças acentuadas na qualidade da sinalização de comunicação e informações gerais nos diferentes acessos do parque;
3. Há uma carência generalizada de mobiliário urbano nos setores do parque e inexistência de bebedouros;

4. Há necessidade de incremento e manutenção em equipamentos de esporte, lazer e infantis;

5. Nenhum dos três conjuntos de sanitários possuem acessibilidade universal e trocador infantil.

Figura 75: Oficina bloco a bloco no Parque Sapopemba



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3.4 Segurança

Para que os parques sejam inclusivos e seguros, especialmente para mulheres e crianças, é essencial avaliar aspectos de segurança, considerando ocorrências criminais do parque e entorno, vigilância e a percepção das pessoas usuárias.

Os índices de criminalidade no entorno são um fator central na percepção de segurança. Áreas com altos registros de ocorrências tendem a ser estigmatizadas como inseguras, reduzindo a frequência de uso e dificultando a implementação de atividades e programas (Caldeira, 2011).

A análise da criminalidade no entorno do parque foi baseada nos registros de ocorrências, categorizados em roubos, furtos, outros crimes e violência física. O *Mapa 17* apresenta a localização e distribuição desses incidentes ao longo de 2023, contribuindo para a compreensão das dinâmicas de segurança na região.

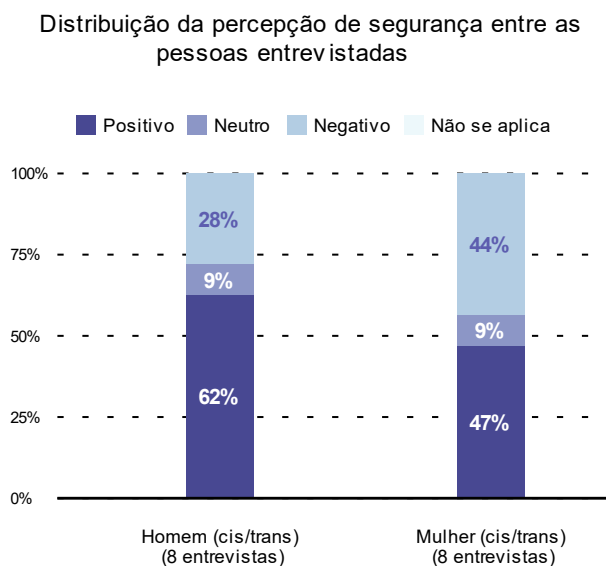
De modo geral, a área de influência do parque possui diversos pontos de concentração de ocorrências, especialmente ao leste e oeste. Destaca-se ainda um ponto no limite norte, próximo ao acesso pela Rua Bandeira de Aracambi, onde há uma alta densidade de registros. Além disso, algumas áreas ao sul também apresentam uma concentração significativa de ocorrências.

Dessa forma, a proximidade de registros criminais a dois dos acessos ao parque pode representar um risco para quem utiliza essas entradas ou transita pela região.

Como apontado na *Seção 3.2 Acessibilidade*, muitas pessoas chegam ao parque a pé, o que torna a alta incidência de ocorrências na área de influência um fator de preocupação para a segurança dos pedestres.

Ao abordar as pessoas frequentadoras do Parque Sapopemba sobre sua percepção de segurança em relação ao uso e permanência no espaço, houve uma certa diferença entre os respondentes declarados como homens e as mulheres, como pode-se observar no *Gráfico 44*.

Gráfico 44: Nível de segurança percebido pela comunidade por gênero

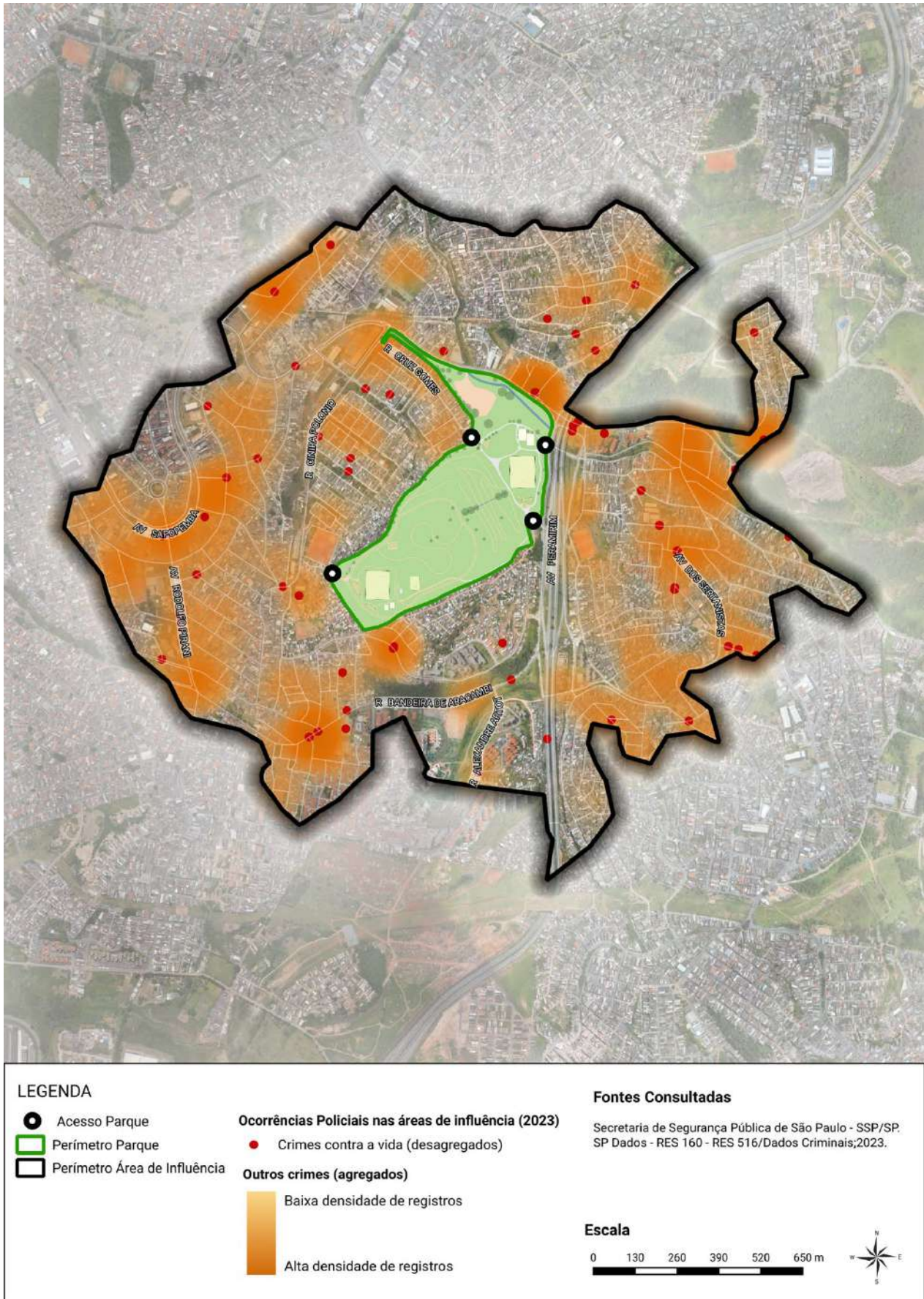


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Enquanto a maior porcentagem dos homens (62%) tem uma sensação de segurança positiva no parque, apenas 47% das mulheres têm a percepção positiva.

Esse dado indica que os homens se sentem mais seguros no parque em comparação às mulheres.

Mapa 17: Registro de ocorrências desagregado por tipo



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A sensação de insegurança, predominante entre as mulheres, pode ser explicada por diversos fatores. Um deles é a alta concentração de ocorrências criminais, especialmente ao norte do parque, onde os registros de crimes coincidem com uma das áreas consideradas mais inseguras pelas mulheres entrevistadas, conforme indicado na *Figura 76*.

As mulheres também apontaram a região central do parque como um espaço de insegurança, região que não conta com a presença de equipamentos ou infraestrutura (observação realizada em outubro de 2024). Já os homens indicaram locais pontuais no centro e no sul do parque como os mais inseguros, segundo sua percepção.

Além da criminalidade, outros fatores influenciam a sensação de segurança, como atos de vandalismo, incluindo furtos e depredação de equipamentos, e a distribuição irregular de elementos de vigilância, como câmeras e seguranças (Safer Parks Consortium, 2023). A *Figura 76* detalha as áreas afetadas por vandalismo e a localização desses recursos.

De acordo com a *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo* (ONU-Habitat, 2024), a baixa circulação de visitantes e pessoas funcionárias é um dos principais fatores que contribuem para a sensação de insegurança em parques. Nesse sentido, a ausência de vigilância em alguns pontos do parque reforça a hipótese de que a falta de mecanismos de **vigilância ativa** pode estar relacionada à sensação de segurança.

Na análise do parque, observou-se que não há câmeras de vigilância e que a presença de vigilantes se concentra apenas nos setores com maior quantidade de equipamentos.

Os setores restantes, sem vigilância, foram apontados como os mais inseguros tanto por mulheres quanto por homens entrevistados. Além disso, nos registros do Capítulo 2 Processo Participativo, a circulação limitada dos vigilantes foi destacada como um ponto negativo.

Embora a observação no local não tenha identificado atos de vandalismo em equipamentos, os processos participativos indicaram a ocorrência desse problema.

Outro fator relevante para a segurança é a presença de acessos informais. Durante as atividades participativas descritas no *Capítulo 2*

Processo participativo, destacou-se a falta de consolidação dos limites do parque, que sofre pressão de ocupações irregulares e entradas não planejadas.

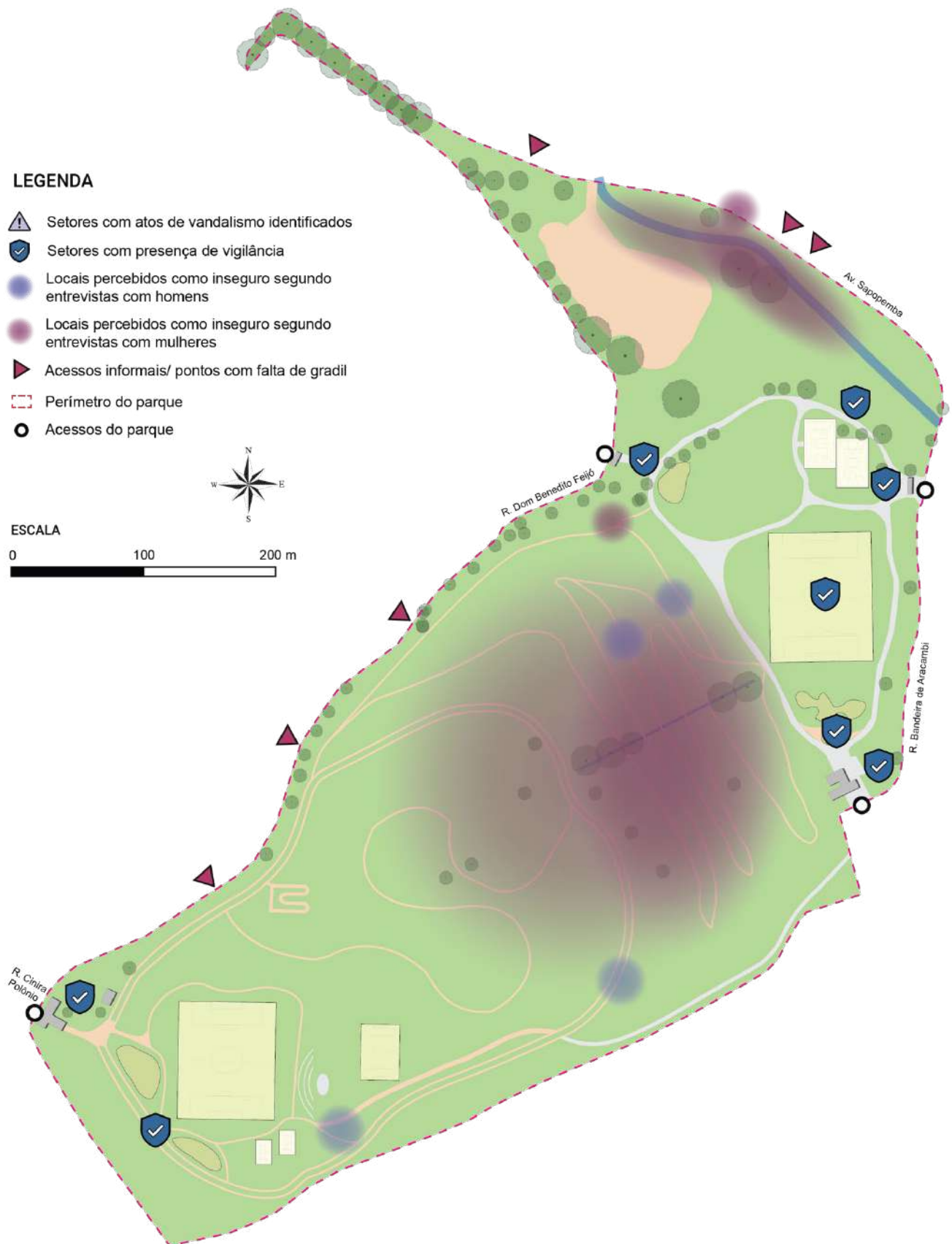
Segundo a gestão do parque, esses acessos informais existem e estão representados na *Figura 76*. Alguns estão localizados na Avenida Sapopemba, próximos às áreas consideradas inseguras pelas mulheres, o que sugere que sua presença pode influenciar essa percepção, já que permitem a entrada em locais sem vigilância e infraestrutura adequada, como pavimentação segura e sinalização. Outros acessos informais também foram identificados ao longo da Rua Dom Benedito Freijó.

Vale destacar que essa identificação foi realizada em 2024, ano em que reformas começaram a ser implementadas no parque, com previsão de regularização desses acessos informais.

O que se descobriu?

1. A área de influência do parque apresenta diversos pontos de concentração de ocorrências criminais, especialmente ao leste e oeste.
2. A proximidade de registros criminais em dois dos acessos ao parque pode representar um risco para quem utiliza essas entradas ou circula na região.
3. Os homens se sentem mais seguros no parque em comparação às mulheres.
4. Há uma alta concentração de ocorrências ao norte do parque, justamente em uma das áreas apontadas como mais inseguras pelas mulheres entrevistadas.
5. Setores sem vigilância foram considerados os mais inseguros tanto por mulheres quanto por homens.
6. Alguns acessos informais estão localizados na Avenida Sapopemba, próximos a áreas percebidas como inseguras pelas mulheres.

Figura 76: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3.5 Conforto e ambiente

A sensação de bem-estar que as pessoas desfrutam dentro dos parques está associada a diversos fatores relacionados à qualidade do ambiente, tais como atenuação da sensação de calor, redução do ruído urbano excessivo e aproximação com a natureza (Semeia, 2021a). Dessa forma, o conceito de conforto ambiental relaciona como os aspectos, acústicos, térmicos e naturais interagem com as pessoas em determinado meio.

Com o objetivo de identificar os possíveis elementos que possam comprometer a sensação de bem-estar promovida pelo conforto ambiental, foram realizadas entrevistas para compreender a percepção que as pessoas possuem do Parque Sapopemba.

Os baixos níveis de ruído contribuem com a sensação de bem-estar no espaço público e ainda favorecem as interações sociais através de conversas (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque qual a percepção em relação à presença de sons agradáveis.

Metade das pessoas concordam predominam sons agradáveis e baixo nível de ruído no parque, enquanto 31% se declaram indiferentes a essa percepção e 19% discordam desse atributo no espaço.

Gráfico 45: Percepção da qualidade sonora pelas pessoas que frequentam o parque

Percepção de sons agradáveis e sem ruído no parque pelas pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

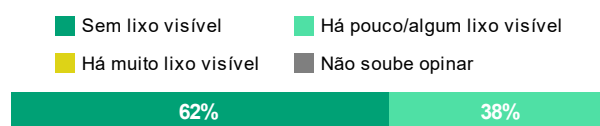
A qualidade da limpeza do espaço também pode afetar a sensação de conforto ambiental, além de ser importante na preservação dos parques. Em levantamento técnico em campo, foram identificados nove pontos de descarte irregular de lixo (*Figura 77*). O descarte acontece em locais onde foram identificados acessos irregulares caracterizados pela ausência de fechamento no trecho (ver *Figura 76: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque*). Três dos locais de descarte estão às

margens do córrego Caguaçu, resultando em uma pressão sob esse atributo natural.

Em entrevista realizada com as pessoas frequentam o parque, mais da metade (62%) afirma identificar a presença de descarte irregular de lixo visível, em pouca ou muita quantidade. A ausência de lixeiras em grande parte dos setores do parque (ver *Seção 3.3 Instalações e mobiliário*) pode ser um dos fatores que contribuem com essa percepção.

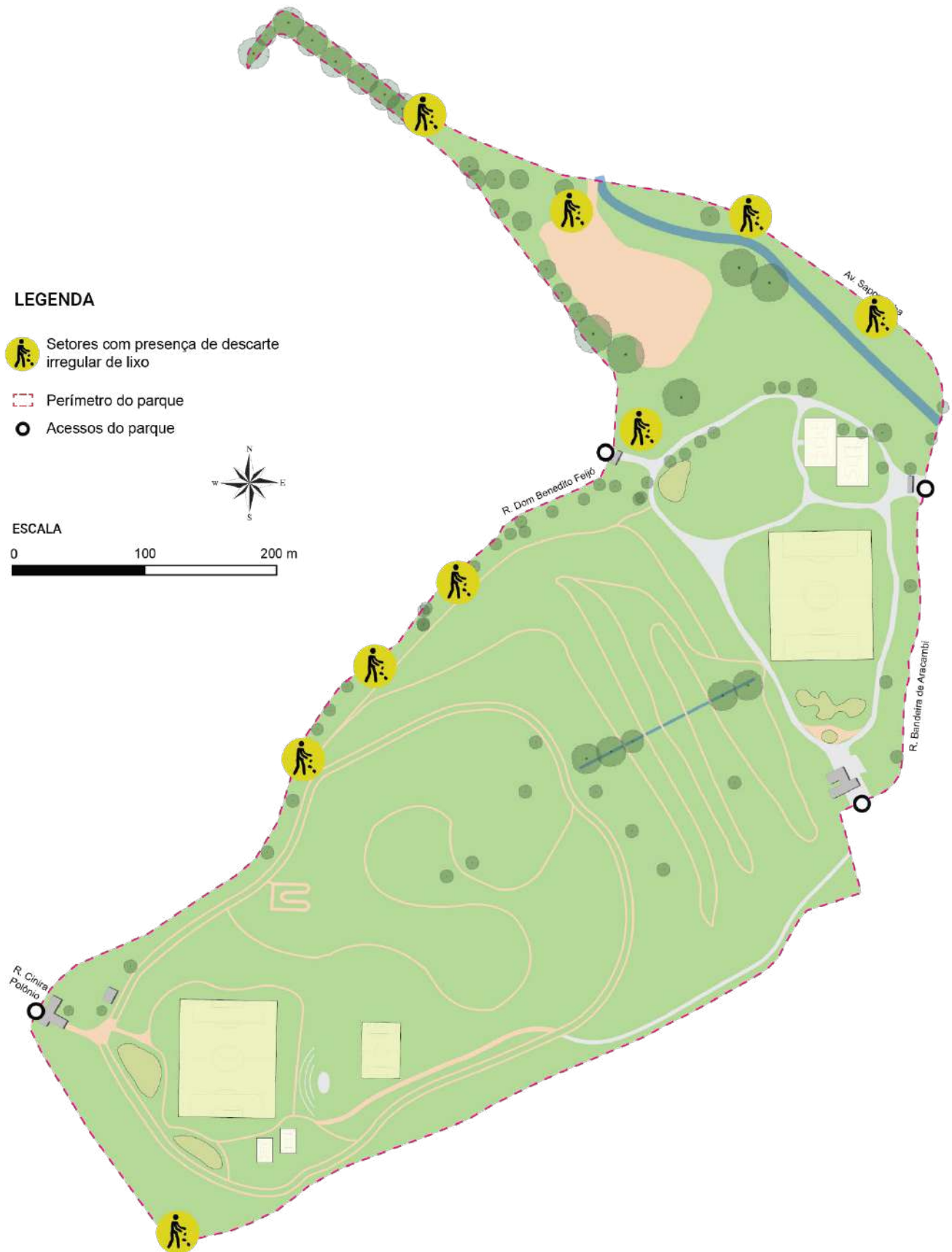
Gráfico 46: Percepção da existência de descarte irregular de lixo pelas pessoas que frequentam o parque

Proporção da percepção de lixo espalhado no parque pelos entrevistados



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 77: Locais com descarte irregular de lixo identificado



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O conforto térmico foi avaliado pela presença de elementos de sombreamento, naturais ou artificiais, para proteção do calor extremo e da insolação.

No período da coleta de dados, foi identificado somente um setor, dos 13 avaliados, que conta com proteção solar (ver **Tabela 12**). Nenhum dos setores de Espaço para crianças e bebês possui proteção solar.

A carência de arborização e infraestruturas como quiosques, para proteção contra intempéries foram temas apresentados pela população durante às atividades de participação social (ver *Capítulo 2 Processo participativo*).

Tabela 12: Presença de estruturas de sombreamento nos setores

Nome do setor		Sombras
	Espaço de esporte e lazer 1	
	Espaço de esporte e lazer 2	
	Espaço de esporte e lazer 3	
	Espaço de esporte e lazer 4	
	Espaço de esporte e lazer 5	
	Espaço de esporte e lazer 6	
	Espaço de esporte e lazer 7	
	Espaço de esporte e lazer 8	
	Espaço de esporte e lazer 9	
	Espaço para crianças e bebês 1	
	Espaço para crianças e bebês 2	
	Espaço para crianças e bebês 3	
	Espaço para crianças e bebês 4	

Legenda : ausent e  presente 

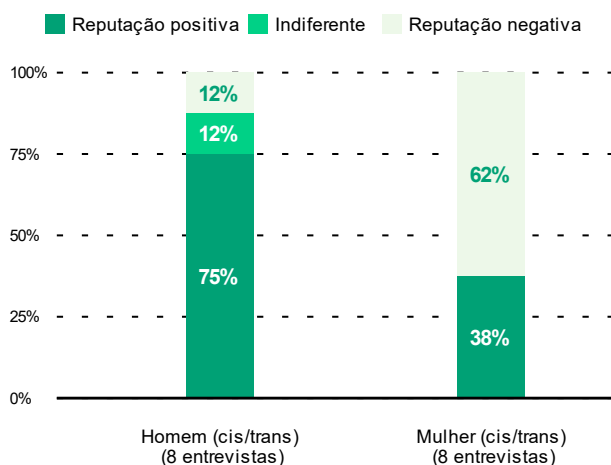
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos elementos físicos que possam comprometer a sensação de bem-estar no parque, a reputação que o espaço possui na comunidade onde está inserido é fundamental para a garantia de uma devida apropriação social. O conhecimento da percepção das pessoas sobre o espaço também permite ao poder público conhecer as diferentes visões de mundo em relação ao parque e aos territórios em questão, criando a oportunidade de considerar essas contribuições sempre que houver viabilidade para implementá-las (Semeia, 2023).

Dessa forma, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque se já ouviram notícias ou relatos de situações de insegurança que aconteceram no parque (*Gráfico 47*). Foram entrevistados o mesmo número de homens e mulheres, sendo que 75% afirmam que desconhecem notícias que possam atribuir a uma reputação negativa do parque. Esse percentual reduz para quase a metade quando consultado às mulheres, uma vez que somente 38% percebe uma reputação positiva do parque, enquanto 62% relatam já haver ouvido notícias ou relatos relacionados à casos de violência dentro do parque.

Gráfico 47: Reputação do parque por gênero

Percepção de casos de violência das pessoas entrevistadas sobre o parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

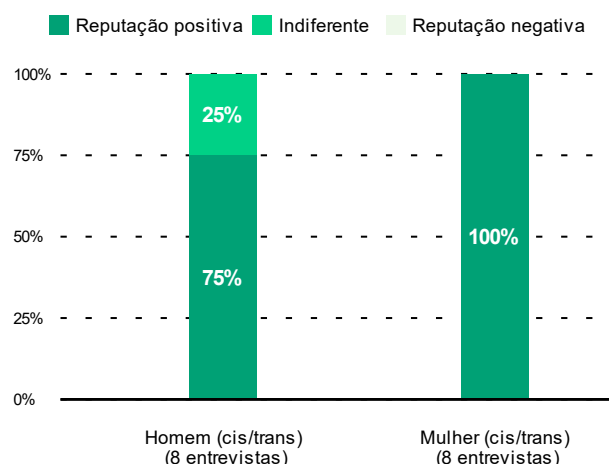
Também foi perguntado às pessoas se elas recomendariam o parque enquanto opção de lazer do bairro. Apesar da maioria dos homens terem afirmado desconhecer situações relacionadas à casos de violência, 25% se posicionaram como indiferente quanto à possibilidade de recomendar o parque como opção de lazer na comunidade. Enquanto as mulheres, apesar de terem a ciência de casos de

violência no parque, todas recomendam o local como uma opção de lazer do bairro.

O resultado sugere que pode existir uma carência na oferta de espaços dessa natureza na região, e assim as mulheres reconhecem o parque como uma referência no entorno, apesar das fragilidades relacionadas à percepção de insegurança.

Gráfico 48: Recomendação do parque por gênero

Proporções de pessoas que recomendariam o parque como opção de lazer do bairro



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. Há grande incidência de descarte irregular de lixo, sendo que muitos dos pontos mapeados coincidem com locais onde há acessos irregulares do parque, caracterizados pela ausência de elementos de fechamento. Há também pontos nas margens no córrego, resultando em pressão sobre esse atributo natural;
2. Somente um setor do parque oferece proteção solar, sendo que nenhum dos *Espaços para crianças e bebês* conta com essa infraestrutura;
3. A maioria das mulheres entrevistadas afirmam ter ouvido notícias ou relatos relacionados à casos de violência no parque. Apesar disso, todas recomendam o local como uma opção de lazer no bairro, fato que pode estar relacionado à carência de outras opções no entorno.

3.6 Verde e Azul

Conforme apresentado no *Capítulo 2 Proposta metodológica*, a avaliação na escala da bacia hidrográfica é fundamental para a compreensão da dinâmica ecológica e conectividade do parque com seu entorno. O Parque Sapopemba está inserido na bacia do Córrego Aricanduva, sendo a bacia principal a do Rio Tietê. A bacia do Rio Aricanduva abrange uma área de 103,9 km², que corresponde a 6,8% da área total da cidade de São Paulo.

Os cadernos de bacia hidrográfica são documentos elaborados pela Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB), que fornecem subsídios à Prefeitura para o planejamento e gestão das bacias relacionado ao controle de cheias e permitem a observação de algumas informações importantes sobre o contexto do parque. Segundo o Caderno de Bacia Hidrográfica do Córrego Aricanduva (São Paulo, 2022a), o Córrego Caguaçu é afluente expressivo do Rio Aricanduva e o mesmo percorre o trecho norte do parque, canalizado a céu aberto.

Conforme pode ser observado no *Mapa 18*, há duas ramificações do córrego presentes no parque: uma a céu aberto e outra com um trecho a céu aberto e outro canalizado e subterrâneo. Também é possível observar no mapa a presença de uma nascente, provavelmente subterrânea, a qual recomenda-se a verificação de sua situação.

É importante destacar que, devido à sua configuração anterior como aterro sanitário, o território é classificado como área contaminada reabilitada, constante no Relatório de Áreas Contaminadas do Município de São Paulo (São Paulo, 2020), cujos contaminantes são listados como gases e metais e as restrições listadas são o uso da água subterrânea, o plantio e consumo de alimentos e o solo.

O Caderno de Bacia Hidrográfica do Rio Aricanduva (São Paulo, 2022a) apresenta que, do total de 47 sub-bacias, 44 delas apresentam taxa de impermeabilidade menor que a máxima permitida. Contudo, o valor médio da impermeabilização atual é de 74%, diante de uma média permitida de 80% – portanto, é necessária atenção a esses dados, uma vez que a bacia do Rio Aricanduva apresenta questões históricas de inundações devido aos impactos

decorrentes do processo de urbanização sobre o sistema de drenagem.

Embora o Parque Sapopemba não conste diretamente nos projetos e alternativas propostas no Caderno de Bacia Hidrográfica, é fundamental destacar sua importância para a rede de drenagem. Além do próprio parque ser relevante para aumentar a capacidade de infiltração das águas pluviais no solo, nota-se a importância do Córrego Caguaçu como afluente do Rio Aricanduva e parte essencial do sistema, contribuindo para a biodiversidade, o abastecimento de água e a conexão com outros cursos d'água.

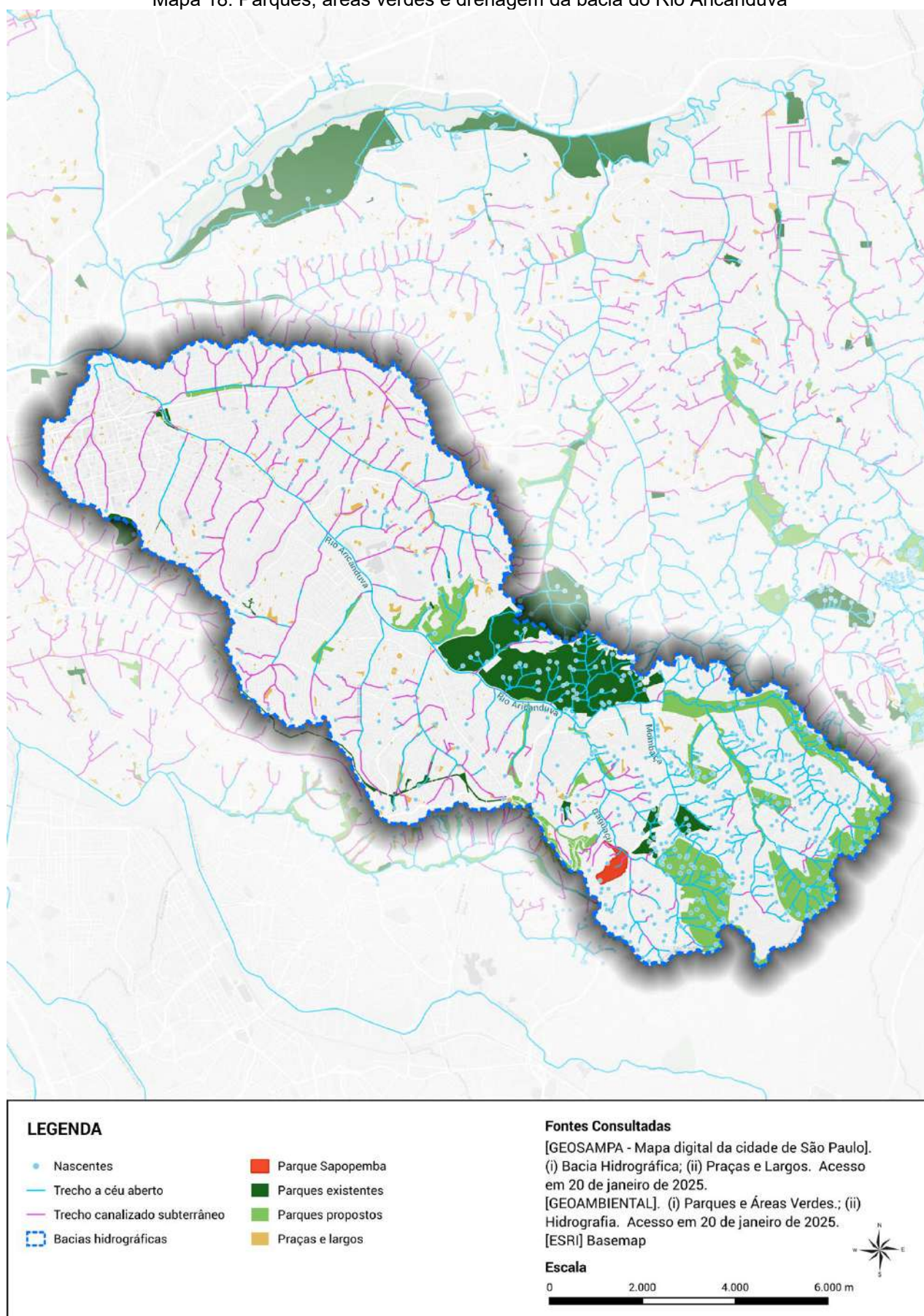
Por isso, é vital adotar medidas de proteção e manejo do córrego dentro do parque, garantindo a saúde e o equilíbrio ambiental da região.

A análise da conectividade do parque também passa pela identificação de projetos e recomendações relacionados com o parque e seu entorno. O parque consta em um dos Perímetros de Ação do Plano Regional da Prefeitura de São Mateus (São Paulo, 2016a): ID 211 – Caguaçu, cujas recomendações não afetam diretamente o parque, mas sim o seu entorno e seus atributos verdes e azuis. Aponta, dentre os objetivos e diretrizes, a promoção da recuperação e conservação dos cursos d'água, a implantação de parques previstos, a melhoria da acessibilidade e mobilidade, a qualificação dos espaços livres públicos e a melhoria da conexão entre as duas margens do Córrego Caguaçu.

Identificar projetos em curso de outras secretarias e instituições é uma oportunidade para potencializar a implantação de recomendações em comum e intervenções para melhoria do parque.

No *Mapa 18* é possível observar a proximidade com parques vizinhos, como os parques Jardim da Conquista, Linear da Integração Zilda Arns (o qual também faz parte da Avaliação Específica), Nebulosas, Guabirobeira, Linear Caguaçu (proposto), Linear São Mateus (proposto) e Monumento Natural Pico do Votussununga – Morro do Cruzeiro (proposto). Ao mesmo tempo, nota-se que na porção oeste da bacia há menor presença de parques, tanto existentes como propostos.

Mapa 18: Parques, áreas verdes e drenagem da bacia do Rio Aricanduva



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Já o *Mapa 19* apresenta o potencial de conectividade do parque, na escala da bacia hidrográfica. A avaliação pautou-se nos indicadores do BIOSAMPA (São Paulo, 2023), índice desenvolvido a partir da metodologia do “Índice de Biodiversidade da Cidade” - IBC (*City Biodiversity Index*, em inglês), também conhecida como *Singapore Index on Cities’ Biodiversity*, principal estudo de biodiversidade na cidade de São Paulo.

Nota-se que o parque apresenta a classificação mais baixa de conectividade. No entanto, nas adjacências do Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo e na região da bacia em que o Parque Sapopemba está inserido, observa-se maior potencial de conectividade e uma concentração de parques com um grau médio de conectividade (em laranja).

Portanto, há potencial para, por meio de projetos específicos, fomentar a biodiversidade a partir da rede de conexão entre os parques e áreas verdes.

O parque está próximo de dois corredores verdes previstos pelo PLANPAVEL (São Paulo, 2022c): o Corredor Verde Parque Guabirobeira - Conquista – Sapopemba - Av. Jacú-Pêssego e o Corredor Verde Av. Jacu-Pêssego - Parque. Jardim da Conquista - Ecológico Tietê, ambos a nordeste de seu perímetro. Além disso, o parque está inserido no perímetro do Corredor Ecológico da Mata Atlântica Leste, Trecho 1 e observa-se a presença de remanescentes de Mata Atlântica em seu entorno, bem como a Área de Proteção Ambiental Parque e Fazenda do Carmo (APA do Carmo), na porção norte da bacia.

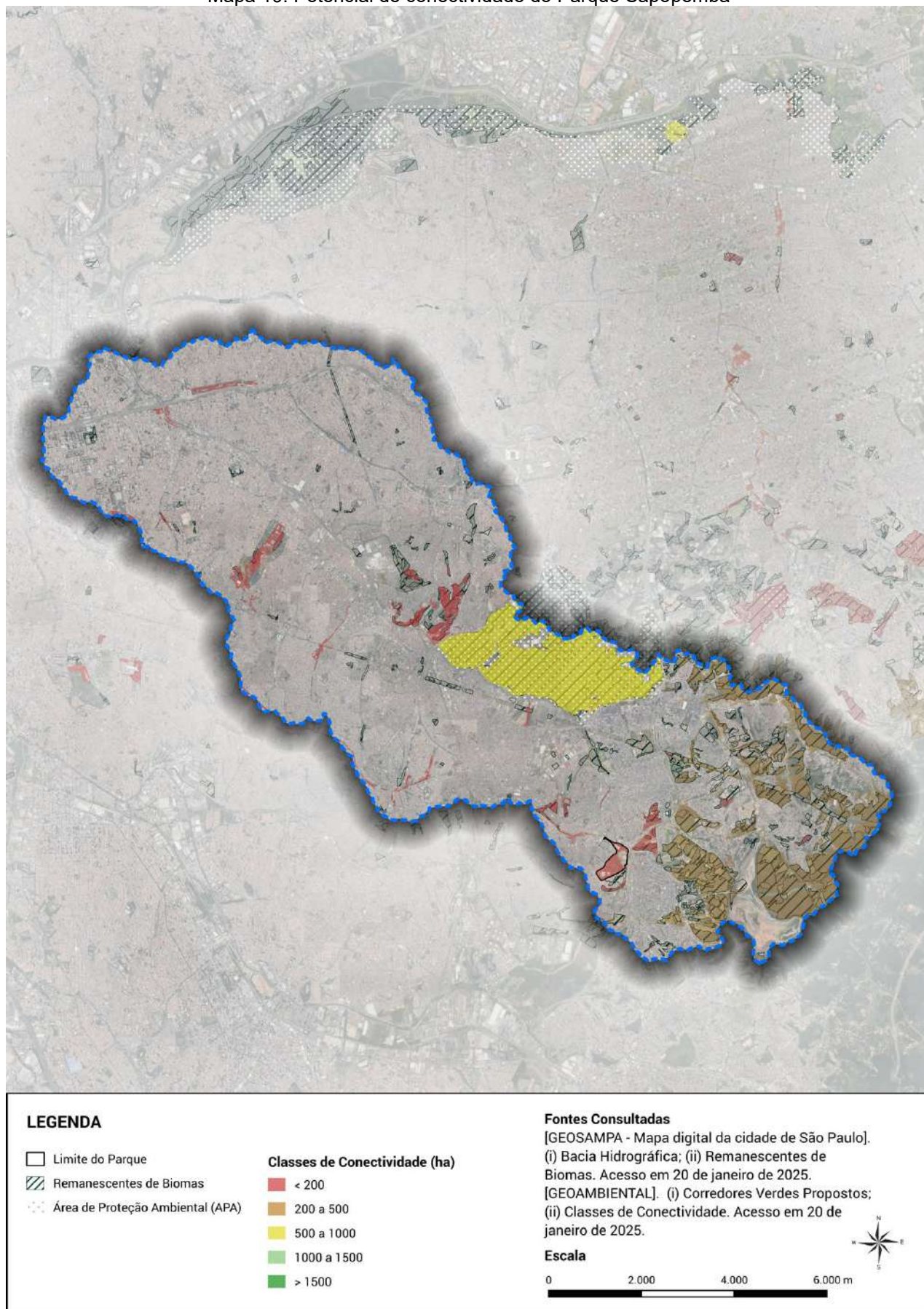
A proximidade com parques vizinhos e corredores verdes, o grau de conectividade dos parques do entorno, a proximidade com remanescentes de Mata Atlântica, a inserção no perímetro do corredor ecológico e proximidade com a APA do Carmo, permite constatar o papel fundamental do Parque Sapopemba para promover a conexão dos diferentes componentes do Sistema de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (SAPAVEL), configurando um equipamento relevante dessa rede. Dessa forma, observa-se a necessidade de implementar estratégias no entorno desses espaços verdes que garantam recursos e conectividade e seu uso pela fauna silvestre.

Figura 78: Corredores verdes e ecológicos no entorno do parque



Os registros de fauna nativa e a mudança no número de espécies de plantas vasculares são um dos indicadores principais do BIOSAMPA para avaliar a biodiversidade no território. Os dados da última publicação do índice são de 2023 e apresentam que o Parque Sapopemba possui 54 espécies vasculares de flora catalogadas, correspondendo a 1,47% do total de espécies catalogadas em São Paulo (São Paulo, 2024). Já o Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo indica 18 espécies de fauna nativa autóctone / nativa do Brasil catalogadas, correspondendo a 1,40% do total catalogado no município (São Paulo, 2024). Para que o índice se mantenha alto, é essencial o trabalho de controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação e do levantamento e registro das espécies no parque. Vale apontar que a coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*), embora não seja espécie endêmica da mata-atlântica, tornou-se um símbolo recorrente nos processos participativos, cuja presença no parque é vista de forma positiva pela comunidade do entorno, uma vez que representa a luta das pessoas pela transformação do território em parque.

Mapa 19: Potencial de conectividade do Parque Sapopemba



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Outro importante aspecto de análise trazido pelo BIOSAMPA são os indicadores relacionados aos serviços ecossistêmicos. Áreas verdes, como o Parque Sapopemba, são prestadoras de inúmeros serviços ecossistêmicos, por vezes desconhecidos e subvalorizados. De acordo com a Avaliação Ecossistêmica do Milênio (MEA, 2005), são considerados fundamentais para o enfrentamento do impacto das mudanças climáticas. Dentre os benefícios estão a melhoria do clima, da qualidade do ar, controle das enchentes e oferta de lugares para lazer e contato com a natureza.

Os indicadores de serviços ecossistêmicos providos pela biodiversidade avaliados pelo BIOSAMPA são: controle da água, impacto das plantas no clima e no frescor, além de atividades educativas e recreativas em parques naturais. Conforme o relatório de *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo*, a região Leste apresenta o pior resultado referente aos serviços ecossistêmicos prestados pelos parques da região (ONU-Habitat, 2024).

Em entrevistas às pessoas frequentadoras do parque durante a oficina aberta, das 16 pessoas entrevistadas, 13 consideram o ar do parque limpo e agradável (81,25%), sendo citado como principal motivo a sensação de menos poluição ou ar mais saudável (46%), seguido de frescor (38%). Os dados indicam que o parque tem potencial para melhorar a percepção da qualidade do ar entre as pessoas frequentadoras e se consolidar como refúgio climático em áreas urbanas vulneráveis.

Na escala de análise mais ampla, segundo dados do GeoSampa, é possível observar algumas áreas de risco geológico e hidrológico na área de influência do parque, conforme indicado no *Mapa 20*. Nota-se que há áreas de risco hidrológico R2 e R3 (médio e alto), associadas a alagamento e enchente/inundação, próximo do perímetro norte do parque, nas margens do Córrego Caguaçu. Também na mesma região, encontra-se uma área de risco geológico R3 (alto), associada a solapamento (processo erosivo ao longo das margens). Em demais regiões da área de influência é possível observar áreas de risco geológico R2, R3 e R4 (médio, alto e muito alto, respectivamente).

É importante compreender estas dinâmicas e os pontos de fragilidade do entorno, demonstrando a necessidade de maior integração entre as

políticas de ordenamento territorial e com planos municipais. Essa coordenação é importante para consolidar o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana frente às mudanças do clima, além de garantir a oferta de um equipamento público qualificado para um entorno com alta e muito alta vulnerabilidade socioambiental, conforme apresentado no *Capítulo 1 Sobre o parque*.

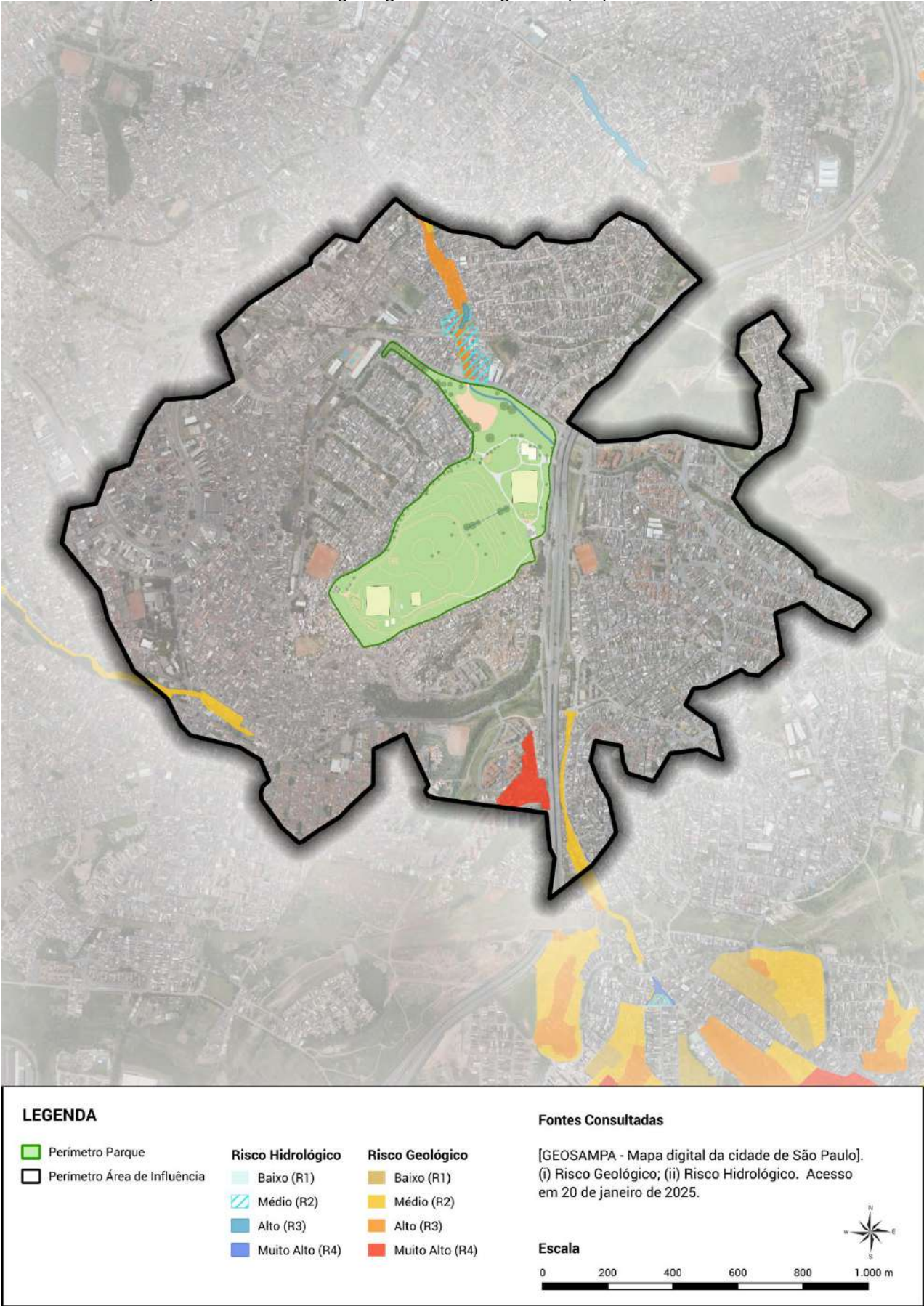
Já na escala do parque, existem estratégias que podem aumentar sua sustentabilidade e sua capacidade de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Foram mapeadas as seguintes medidas incorporadas nos espaços construídos do parque: presença de elementos de energia solar ou censória (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, entre outros); presença de coleta seletiva; presença de compostagem; presença de coletor de água pluvial ou sistema de filtragem de água; presença de estratégias relacionadas à agricultura urbana (como banco de sementes, horta comunitária, viveiros, estufas, meliponia, aproveitamento de resíduos de poda).

A *Figura 79* apresenta os resultados para o Parque Sapopemba, onde é possível verificar que o parque possui uma composteira, mantida pela equipe do parque, além de realizar o aproveitamento de resíduos de poda para construção de mobiliário e outros elementos para uso no parque. Conforme mencionado, a implementação de hortas associadas a projetos educativos foi apontada nos processos participativos, no entanto é necessário o estudo de alternativas para sua implantação, uma vez que se trata de área contaminada e com restrição para plantio e consumo de alimentos. *Figura 80* indica a localização da composteira.

Figura 79 - Estratégias de mitigação no Parque Sapopemba

Tabela ilustrada indicando presença ou ausência das 5 medidas citadas acima

Mapa 20: Áreas de risco geológico e hidrológico no parque e área de influência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 80: Localização das estratégias sustentáveis adotadas



Adotar tecnologias sustentáveis pode reforçar a relevância do parque na mitigação dos riscos naturais e climáticos e fazer com que se tornem modelos de referência e ofereçam suporte às comunidades do entorno, servindo como exemplos de boas práticas e refúgios climáticos. Além disso, a adoção de práticas e estratégias sustentáveis podem dar suporte às medidas de conservação e manejo de seus atributos naturais.

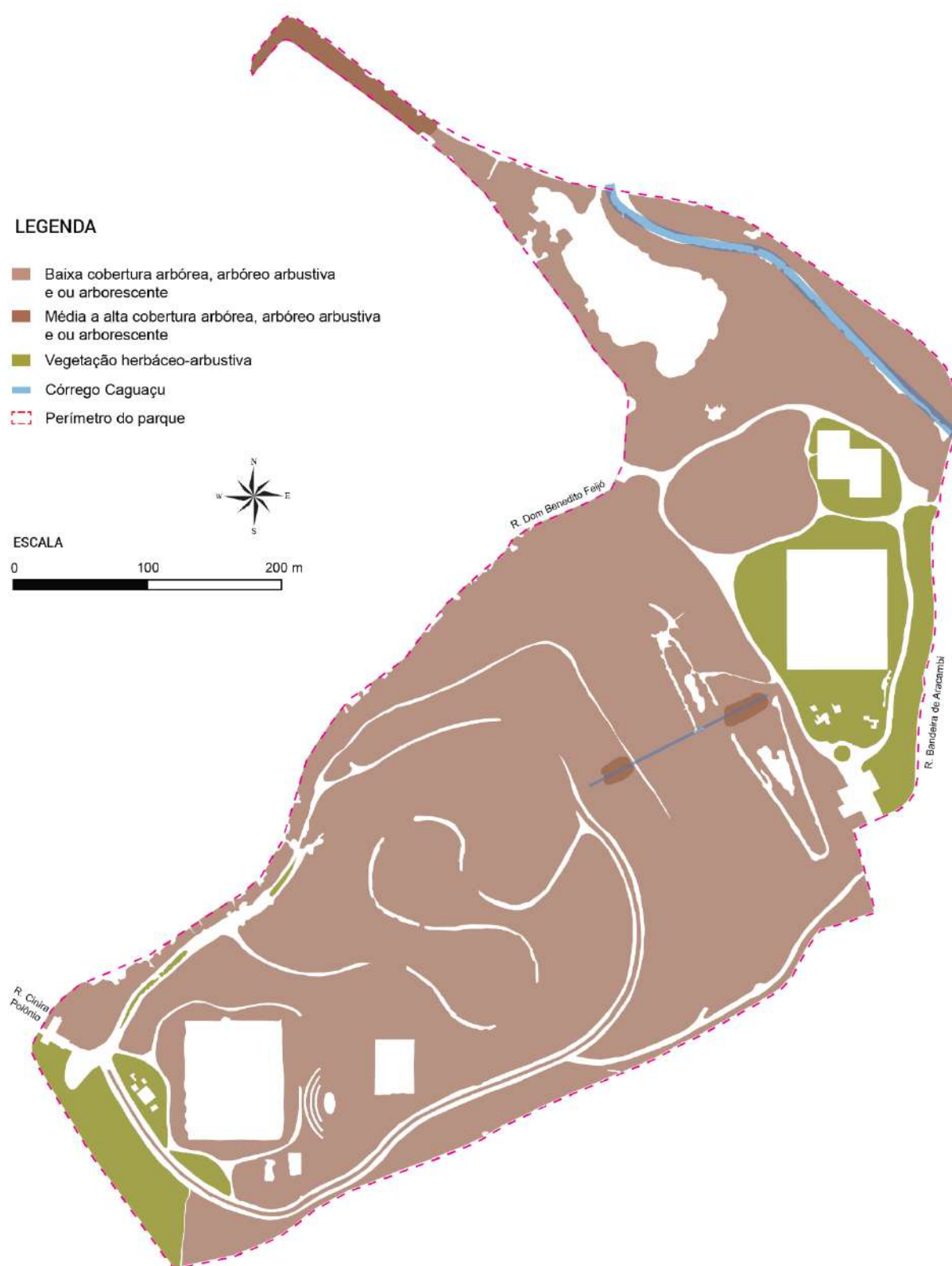
Na **Figura 81** é possível verificar a relação entre as áreas impermeáveis ou sem vegetação significativa e as áreas verdes do parque, sobrepostas aos elementos hídricos (córrego). A taxa de cobertura verde do parque é de 81,50%, o que significa que grande parte de sua área é ocupada por vegetação, em sua maioria de baixa cobertura arbórea. Esse índice é considerável, especialmente diante de um entorno imediato adensado. Nos processos participativos, foi valorizada a extensa área verde e a existência dos jardins com flores, bem como o potencial

para implementação de vegetação mais abundante, com mais espaços sombreados e a implementação de jardins de chuva que possam contribuir com a drenagem e com a paisagem do local. Inclusive, foi apontado que já existe uma articulação para atividades de plantio com grupos e equipamentos externos ao parque. Foi identificado que a manutenção da vegetação é realizada todos os dias da semana.

O que se descobriu?

1. O parque abriga parte do Córrego Caguaçu, importante afluente da bacia. O trecho que atravessa o parque encontra-se canalizado a céu aberto. Há necessidade de estudar possíveis SBN para renaturalizar o córrego e verificar situação da nascente identificada;
2. O parque tem relevância na rede de drenagem, além de potencial para melhorar a conectividade do entorno e reforçar seu papel na integração de corredores verdes e fomento da biodiversidade.
3. Há potencial de articulação com ações da Subprefeitura de São Mateus para melhorias do entorno e acesso ao parque;
4. Das 16 pessoas entrevistadas, 13 consideram o ar do parque limpo e agradável (81,25%), sendo citado como principal motivo a sensação de menos poluição ou ar mais saudável (46%), seguido de frescor (38%);
5. Há presença de áreas de risco geológico (R2, R3 e R4) e áreas de risco hidrológico (R2 e R3) na área de influência;
6. O parque adota medidas como aproveitamento de resíduos de poda e composteira e há potencial para implementar outras estratégias, como horta educativa (desde que verificadas alternativas para sua implantação frente à contaminação do solo);
7. O parque tem potencial e espaço para plantio de mais árvores e flores, inclusive em parceria já existente com grupos e equipamentos externos ao parque.

Figura 81 - Vegetação significativa presente no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3.7 Governança

Dentro da análise de governança que compreende os usos parque e sua área de influência, a tabela abaixo sistematiza os dados obtidos através da investigação dos seus indicadores.

Usos do parque e área de influência	
Indicador	Dado
Distribuição dos equipamentos públicos na área de influência.	Assistência social: 9 Cultura: 0 Saúde: 3 Educação: 21 Esportes: 1
Presença de atividades inclusivas no espaço em parceria com o poder público	Não existem
Presença de atividades organizadas pela governança local e pela comunidade	Escolinha de futebol Bigelow; Jogos de futebol aos domingos nos quatro campos do parque
Presença de atividades econômicas formais e informais	Não existem

A distribuição de equipamentos públicos na área de influência do Parque Sapopemba (ver *Mapa 21*) evidencia a escassez de equipamentos culturais e a presença de apenas um equipamento esportivo na área de influência.

Diante dessa carência, o parque se configura como um espaço estratégico para o fomento de atividades culturais e esportivas, além de apresentar potencial para a articulação com as escolas próximas, possibilitando a realização de atividades educativas em seu espaço.

A ampliação da oferta de atividades culturais, como oficinas, apresentações e eventos é uma demanda comunitária destacada no *Capítulo 2 Processo Participativo*.

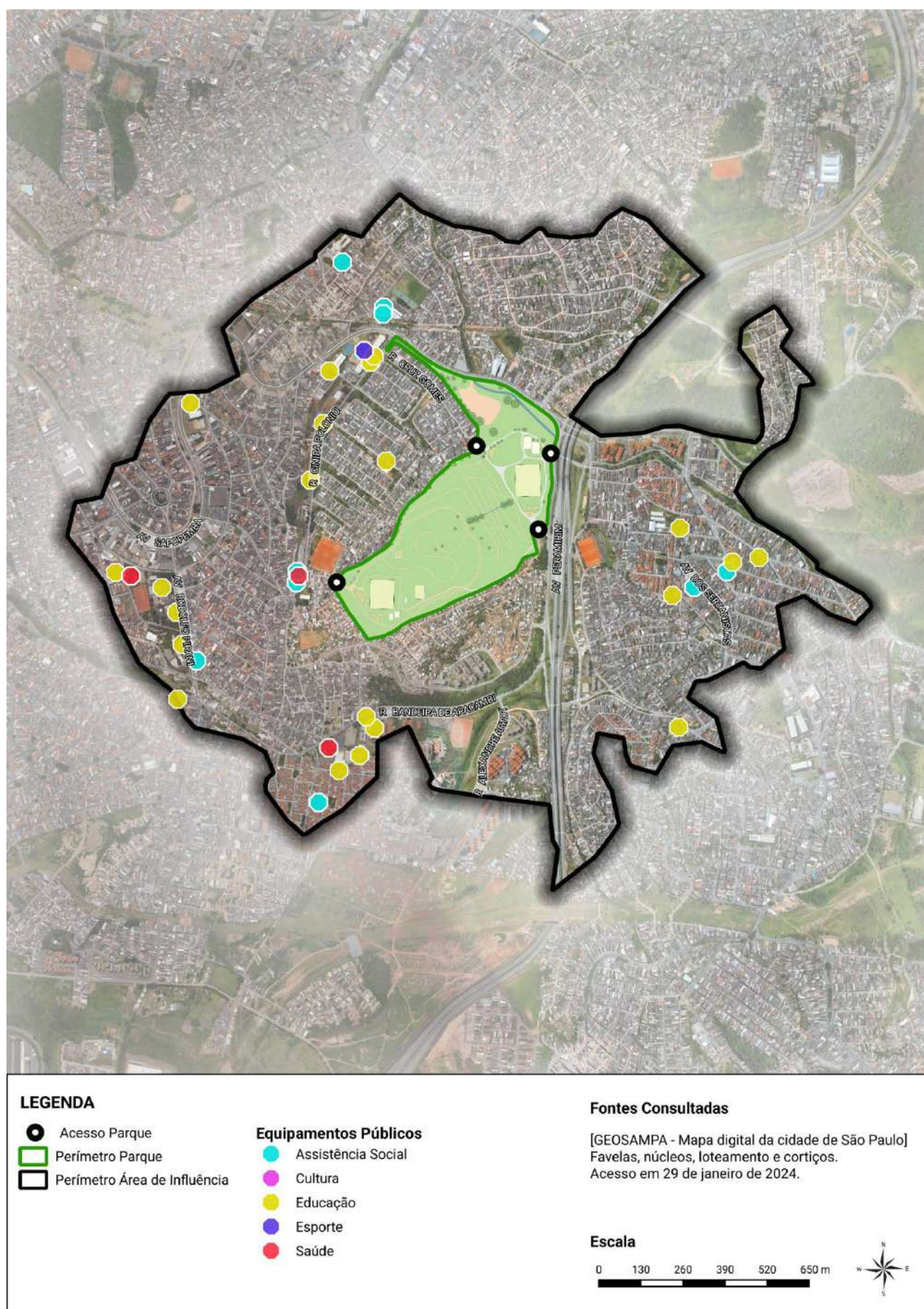
No período da Avaliação (outubro de 2024), a gestão do Parque Sapopemba informou que não há atividades desenvolvidas em parceria com outras secretarias. Essa ausência de articulação ressalta a importância de estabelecer colaborações com as Secretarias de Cultura, Esportes e Educação, possibilitando a implementação de programas que respondam à carência local e às demandas comunitárias.

Atualmente, algumas atividades comunitárias foram identificadas no parque, como treinos de futebol aos domingos e grupos de corrida. Segundo os relatos dos processos participativos apresentados no *Capítulo 2 Processo participativo*, os times de futebol demonstram grande envolvimento com o parque, chegando a contribuir com a manutenção das quadras.

No entanto, a falta de uma divulgação efetiva dessas iniciativas limita a participação da comunidade. Além disso, a falta de incentivo para outras atividades concentra o uso do espaço principalmente no futebol.

Considerando a amplitude do parque e seu potencial para diferentes usos, a diversificação e a promoção de atividades mais inclusivas poderiam ampliar o engajamento comunitário e fortalecer a apropriação do espaço público.

Mapa 21: Equipamentos públicos da área de influência do Parque Sapopemba



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A avaliação dos aspectos de governança do Parque Sapopemba incluiu a análise de indicadores relacionados à governança comunitária, com o objetivo de compreender se e como pessoas que moram no entorno se envolvem na gestão do parque, a existência de associações ou grupos representativos no bairro e região, e a realização de atividades promovidas pela comunidade no local.

Governança comunitária	
Indicador	Dado
Mapeamento das associações e organizações do entorno	Comissão de Festejo do Jardim Santo André e São Francisco; Rotary; Associações do entorno; Grupo de escoteiros desbravadores
Existência e funcionamento do conselho gestor	Não há conselho gestor eleito.
Nível de conhecimento comunitário sobre o conselho gestor e mecanismos participativos.	81% das pessoas entrevistadas não sabem da existência do conselho gestor 38% das pessoas entrevistadas sentem falta de ter um canal para debater sobre o parque

Segundo relatos das participantes do grupo de capacitação da sociedade civil que representam o parque, há diversas associações e entidades atuando em seu entorno. No mapeamento das partes interessadas, apresentado no *Capítulo 2 Processo Participativo*, foram identificadas sete. Além disso, foram mencionadas a Comissão de Festejo do Jardim Santo André e São Francisco, que organiza eventos no parque, e o grupo de escoteiros Desbravadores, que realiza atividades no local.

Apesar da significativa presença de articulações comunitárias na região, nenhuma delas participa ativamente da governança do parque, que não conta com um conselho gestor eleito.

A ausência desse conselho pode estar relacionada à falta de informação sobre sua existência, sua importância e as formas de participação – tanto para associações e entidades quanto para as pessoas moradoras e frequentadoras do parque.

Esse cenário é reforçado pelos dados obtidos em entrevistas realizadas durante uma oficina aberta

no Parque Sapopemba, onde 81% das pessoas entrevistadas afirmaram desconhecer o conselho gestor.

Em consulta à equipe da CGC da SVMA, foi informado que a pessoa gestora do parque, por estar mais próxima das questões locais, deveria ser responsável por divulgar o conselho e promover espaços de debate público. No entanto, como as gestões locais respondem à Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU) e não diretamente à CGC, essa atuação acaba sendo limitada por outras demandas urgentes.

Esse contexto sugere uma possível lacuna entre a gestão e a comunidade, contribuindo para a falta de informação sobre o conselho gestor e até mesmo para um desinteresse na participação na governança do parque.

Essa hipótese é reforçada pelo fato de que apenas 38% das pessoas entrevistadas manifestaram sentir falta de um canal para debater sobre o parque, indicando que grande parte da comunidade não percebe necessidade ou não tem interesse em se envolver na governança comunitária.

Ainda no que diz respeito à atuação de associações no parque, em 2022, durante a Virada Sustentável, o Rotary International apadrinhou o Parque Sapopemba, reconhecendo seu alto potencial para ações voltadas ao meio ambiente e à inclusão social, segundo relatos de representantes da sociedade civil.

O apadrinhamento previa a realização de iniciativas coordenadas por meio de parcerias público-privadas para a melhoria do parque. No entanto, a gestão atual, diferente daquela vigente no momento da parceria, não informou se e quais programas de melhorias foram implementados nesse período.

Equipe operacional		
Indicador		Dado
Dados sobre o gestor	Perfil	Gênero: homem; Escolaridade: Ensino médio técnico ou profissionalizante; Início de gestão: 6/1/2023
	Número de parques que administra	Apenas o Sapopemba
	Presença de administração no parque	Sim
Número de pessoas funcionárias dedicadas à segurança, desagregado por gênero.		48, sendo 2 moto-ronda e 12 mulheres
Número de pessoas funcionárias de manutenção desagregado por gênero		23, sendo 5 mulheres

Com relação à equipe operacional, o gestor é apenas administrador do Parque Sapopemba, e o parque contém uma sede administrativa.

No que se refere à equipe de segurança, das 48 pessoas, apenas 12 são mulheres. Nessa equipe, duas pessoas trabalham com moto-ronda. Já na equipe de manutenção, composta por 23 funcionários, cinco são mulheres.

Esses dados demonstram uma baixa representatividade das mulheres no quadro de pessoas funcionárias.

O que se descobriu?

1. Há poucos equipamentos culturais e apenas um esportivo na área de influência do parque;
2. O parque tem potencial para atividades culturais, esportivas e parcerias com escolas próximas;
3. Não há atividades em parceria com outras secretarias;
4. Apesar das articulações comunitárias, nenhuma delas participa da governança do parque, que não tem conselho gestor eleito;
5. A gestão e a comunidade estão desconectadas, o que resulta na falta de informações sobre o conselho gestor e desinteresse pela governança;
6. A representatividade feminina no quadro de funcionárias é baixa.

4. Diagnóstico das dimensões

Com base na avaliação do Parque Sapopemba, realizada por meio da investigação de sete dimensões, o diagnóstico apresenta a sistematização das principais descobertas em cada dimensão. Esse processo visa:

Principais descobertas do Parque Sapopemba	
Pessoas no parque e área de influência	Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Sapopemba se caracteriza pela situação de alta vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (72% da população).
	Do total de pessoas entrevistadas no parque, houve predomínio de adultos entre 30 e 49 anos.
	Predominam crianças e jovens entre 0 e 29 anos vivendo na área de influência do parque.
Acessibilidade	A área de influência do parque tem opções limitadas de transporte público.
	Não há ciclovias ou ciclofaixas na área de influência, restringindo o acesso de ciclistas.
	62% das calçadas no entorno não atendem à legislação de acessibilidade, impactando a maioria das pessoas que acessam o parque a pé.
	A maioria das portarias de acesso do Parque Sapopemba apresenta desafios de acessibilidade e segurança para pedestres, tornando o acesso menos inclusivo.
	84% dos setores possuem problemas de pavimentação e inclinação, dificultando a acessibilidade universal.
Instalações e mobiliário	Foram identificadas diferenças acentuadas na qualidade da sinalização de comunicação e informações gerais nos diferentes acessos do parque.
	Há uma carência generalizada de mobiliário urbano nos setores do parque e inexistência de bebedouros.
	Há necessidade de incremento e manutenção em equipamentos de esporte, lazer e infantis.
	Nenhum dos três conjuntos de sanitários possuem acessibilidade universal e trocador infantil.
Segurança	A área de influência do parque apresenta diversos pontos de concentração de ocorrências criminais, especialmente ao leste e oeste.
	A proximidade de registros criminais em dois dos acessos ao parque pode representar um risco para quem utiliza essas entradas ou circula na região.
	Os homens se sentem mais seguros no parque em comparação às mulheres.
	Há uma alta concentração de ocorrências ao norte do parque, justamente em uma das áreas apontadas como mais inseguras pelas mulheres entrevistadas.
	Setores sem vigilância foram considerados os mais inseguros tanto por mulheres quanto por homens.
	Alguns acessos informais estão localizados na Avenida Sapopemba, próximos a áreas percebidas como inseguras pelas mulheres.
Conforto e ambiente	Há grande incidência de descarte irregular de lixo, sendo que muitos dos pontos mapeados coincidem com locais onde há acessos irregulares do parque, caracterizados pela ausência de elementos de fechamento. Há também pontos nas margens no córrego, resultando em pressão sobre esse atributo natural.
	Somente um setor do parque oferece proteção solar, sendo que nenhum dos <i>Espaços para crianças e bebês</i> conta com essa infraestrutura.
	A maioria das mulheres entrevistadas afirmam ter ouvido notícias ou relatos relacionados a casos de violência no parque. Apesar disso, todas recomendam o local como uma opção de lazer no bairro, fato que pode estar relacionado à carência de outras opções no entorno.
Ambiente verde e azul	O parque abriga parte do Córrego Caguaçu, importante afluente da bacia. O trecho que atravessa o parque encontra-se canalizado a céu aberto. Há necessidade de estudar possíveis SBN para renaturalizar o córrego e verificar situação da nascente identificada.
	O parque tem relevância na rede de drenagem, além de potencial para melhorar a conectividade do entorno e reforçar seu papel na integração de corredores verdes e fomento da biodiversidade.
	Há potencial de articulação com ações da Subprefeitura de São Mateus para melhorias do entorno e acesso ao parque.
	É necessário ampliar o potencial de serviços ecossistêmicos prestados pelo parque, melhorar seus índices de biodiversidade e potencializar o local como refúgio climático.
	Há presença de áreas de risco geológico (R2, R3 e R4) e áreas de risco hidrológico (R2 e R3) na área de influência.

	O parque adota medidas como aproveitamento de resíduos de poda e composteira e há potencial para implementar outras estratégias, como horta educativa (desde que verificadas alternativas para sua implantação frente à contaminação do solo).
	O parque tem potencial e espaço para plantio de mais árvores e flores, inclusive em parceria já existente com grupos e equipamentos externos ao parque.
Governança	Há poucos equipamentos culturais e apenas um esportivo na área de influência do parque.
	O parque tem potencial para atividades culturais, esportivas e parcerias com escolas próximas.
	Não há atividades em parceria com outras secretarias.
	Apesar das articulações comunitárias, nenhuma delas participa da governança do parque, que não tem conselho gestor eleito.
	A gestão e a comunidade estão desconectadas, o que resulta na falta de informações sobre o conselho gestor e desinteresse pela governança.
	A representatividade feminina no quadro de funcionárias é baixa.

5. Recomendações

Para a definição das recomendações para o Parque Sapopemba, foram compilados todos os elementos de diagnóstico obtidos via processos participativos, incluindo os quatro grupos (ver *Capítulo 2: Processo participativo*), junto com o diagnóstico das dimensões (ver *Capítulo 4: Diagnóstico das dimensões*), resultado da aplicação dos indicadores da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*.

Em algumas das recomendações também foram inseridos os **desejos de futuro**, que se referem a ações, propostas ou aspirações advindas do processo participativo (ver *Seção 2.2 Principais Contribuições*) e que demandam um estudo de viabilidade. Os desejos de futuro também contemplam recomendações de projeto em parques que já estão em fase de execução de seus projetos e que não possuem previsão de novo investimento, implicando, portanto, em mudanças significativas no planejamento existente.

As recomendações foram organizadas em três eixos, relacionados à natureza da ação necessária: **gestão do parque, projeto de intervenção e articulação institucional**, definido da seguinte forma:

- **Gestão do parque:** apresenta os elementos de diagnóstico e recomendações específicas para o parque avaliado e que são de responsabilidade ou deverão ser articuladas pela pessoa gestora do parque. Estão relacionadas, sobretudo, ao manejo e atividades cotidianas do parque;

- **Projeto de intervenção:** relacionado ao diagnóstico e recomendações que demandam a adequação da infraestrutura existente ou a criação de novas instalações e que requerem, portanto, recursos para o desenvolvimento de projeto e implementação;
- **Articulação institucional:** engloba o diagnóstico e recomendações que demandam ações intersecretariais ou de responsabilidade de outro setor externo à SVMMA. Também apresenta recomendações na escala da cidade, **algumas das quais são aplicáveis a todos os parques**. As ações necessárias para implementação das recomendações do eixo de *Articulação Institucional* serão apresentadas em relatório específico de *Estratégias e Recomendações Políticas para a Cidade*.

Em cada eixo, os elementos do diagnóstico foram classificados dentro das sete dimensões da Avaliação e aborda tanto aspectos referentes ao interior do parque, quanto à área de influência e à bacia hidrográfica na qual o parque está inserido. É importante ressaltar que, tão importante quanto a realização de melhorias no interior do parque, é a adequação de sua área de influência, que deve ser entendida como uma extensão do parque e que é fundamental para a garantia de maior acessibilidade e vitalidade urbana no espaço público.

Descrição	Fonte	Recorte Espacial	Atendido no projeto existente ? sim/não/parc.	Código rec.	Diretriz
GESTÃO DO PARQUE					
O parque é pouco frequentado por mulheres.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R01	Estabelecer uma grade semanal de atividades regulares organizada pela gestão do parque, em conjunto com o conselho gestor, que inclua a contratação de profissionais qualificados e a articulação de parcerias com programas oferecidos por outras secretarias, garantindo a oferta de atividades voltadas para mulheres e meninas. Estudar a viabilidade de promover eventos no parque como feiras de artesanato e outras atividades similares, compatíveis com o parque.
As entrevistas apontaram para o perfil predominante de pessoas adultas frequentando o parque.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R02	Desenvolver atividades periódicas, em parceria com outras Secretarias e organizações, com o objetivo de atender à diversidade de perfis no parque, fomentando atividades já existentes e aproveitando a infraestrutura construída para abrigar novas atividades.
A faixa etária predominante na área de influência do parque é de crianças e jovens.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
Articulação com programa “Sampa em Movimento”.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
População engajada com o parque, principalmente pessoas e grupos envolvidos com futebol os quais, inclusive, cuidam dos campos.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R03	Incentivar a presença de atletas no parque por meio de eventos esportivos e atividades regulares de corrida, em parceria com a gestão, tornando-o uma referência esportiva.
Uso frequente para fazer corridas e caminhadas.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Vários atletas utilizam o parque contribuem para divulgação e sentimento de pertencimento do local (repercussão negativa do nome “aterro”).	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Existe a escolinha de futebol para crianças aos sábados.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R04	Sistematizar e divulgar as atividades existentes para ampliar o número de pessoas atendidas.
Falta jardim no entorno da composteira.	Participativo		N/a	R05	Desenvolver atividades de educação ambiental junto à comunidade para a manutenção da composteira e plantio do entorno.
Depredação por atos de vandalismo.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R06	Ampliar a vigilância ativa – com presença de vigilantes, atividades que garantam circulação contínua e equipamentos inclusivos que favoreçam a visibilidade mútua – priorizando áreas com maior incidência criminal e sensação de insegurança.
Falta uma distribuição da equipe de segurança que contemple todos os setores do parque em todo o seu horário de funcionamento.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Os setores sem vigilância foram considerados os mais inseguros tanto por mulheres quanto por homens.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
As mulheres relatam se sentir mais inseguras no parque em comparação aos homens.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R01	Implementar recomendação R01.
				R07	Implementar políticas de igualdade de gênero na composição dos quadros de pessoas funcionárias do parque, e capacitar o pessoal para promover um ambiente seguro e acolhedor para as mulheres.
A maioria das mulheres entrevistadas afirmam ter ouvido notícias ou relatos relacionados à	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R08	Incentivar a igualdade de gênero nos espaços oficiais de governança, possibilitando que as mulheres que identifiquem e informem os aspectos que tornam o espaço mais inseguro.

casos de violência no parque. Apesar disso, todas recomendam o local como uma opção de lazer no bairro, fato que pode estar relacionado à carência de outras opções no entorno.					
Faltam medidas de fiscalização e comunicação para prevenir o abandono de animais no parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R09	Implementar recomendação R28 junto a uma articulação da gestão do parque com a zoonoses, em relação aos cachorros abandonados.
Existem córregos, nascentes e outros corpos hídricos, que em sua maioria se encontram poluídos e apresentam relevância para o sistema de drenagem da região.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R10	Monitorar os corpos hídricos, incluso subterrâneos, com relação à qualidade de suas águas, seja para aproveitamento, seja para indicação de medidas mitigatórias visando sua recuperação. Se necessário, realizar plantio de enriquecimento com espécies nativas na área da nascente para contenção das margens e redução dos riscos de erosão, deslizamento e assoreamento, visando a conservação dos recursos hídricos. Estudar possíveis SBN para renaturalizar o córrego.
			N/a	R11	Realizar atividades regulares de conservação, limpeza e manejo do córrego para o equilíbrio ambiental da região, incluindo a verificação da qualidade da água e medidas de educação ambiental junto à população.
É necessário melhorar os índices de biodiversidade para que o parque possa desempenhar plenamente seu papel como área de conservação ecológica.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	N/a	R12	Aumentar os índices de biodiversidade, através do controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação dos atributos naturais e do levantamento e registro das espécies no parque.
Faltam estratégias de gestão voltadas ao engajamento da comunidade do entorno do parque, o que compromete o fortalecimento comunitário e enfraquece a governança participativa.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Área de influência	N/a	R13	Fortalecer o vínculo entre a gestão do parque e a comunidade por meio da implementação de estratégias de comunicação e integração comunitária. Essas ações incluem a organização de encontros, cursos e capacitações promovidos em parceria com a CGC e a gestão do parque, com o objetivo de incentivar a articulação comunitária, apropriação comunitária do espaço e a participação ativa no conselho gestor.
A gestão e a comunidade estão desconectadas, o que resulta na falta de informações sobre o conselho gestor e desinteresse pela governança.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
Há uma deficiência nos mecanismos de divulgação, tanto interna quanto externamente ao parque, no que se refere à comunicação dos eventos e atividades realizadas em seu interior.	Participativo	Área de influência	N/a	R14	Instalar quadros de avisos e divulgação de eventos atualizados em todos os acessos, na subprefeitura e em equipamentos do entorno, e avaliar viabilidade de criação de mídias sociais do parque para a divulgação de eventos, com gestão realizada por pessoa representante do conselho gestor.
Falta igualdade de gênero na composição do quadro de equipe de pessoas funcionárias.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R15	Implementar políticas de igualdade de gênero na composição dos quadros de pessoas funcionárias do parque.
PROJETO DE INTERVENÇÃO					
A maioria das portarias de acesso do Parque Sapopemba apresenta desafios de acessibilidade e segurança para pedestres, tornando o acesso menos inclusivo.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente	R16	Requalificar todos os acessos do parque e seu perímetro adjacente, para que atendam as normas de acessibilidade universal.
Em 84% dos setores há problemas de pavimentação e inclinação, dificultando a acessibilidade universal.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Parcialmente	R17	Requalificar os caminhos principais que conectam os diferentes setores do parque, garantindo sua integração ao longo de toda a extensão do parque e sua conformidade com as normas de acessibilidade universal.

De acordo com as pessoas frequentadoras, a pista de caminhada precisa de pavimentação.	Participativo	Perímetro do parque	Sim	R18	Adequação da pista de caminhada, incluindo pavimentação e promoção de acessibilidade universal.
Há uma carência generalizada de mobiliário urbano nos setores do parque e inexistência de bebedouros.	Participativo/ Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente	R19	Instalar bancos, lixeiras de coleta seletiva e postes de iluminação nos setores do parque em que não foi previsto em seu projeto de requalificação.
Nenhum dos três conjuntos de sanitários possuem acessibilidade universal e trocador infantil.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente	R20	Adequar os sanitários para promover acessibilidade universal e estruturas de suporte a pessoas com bebês.
Faltam espaços cobertos para a realização de atividades nos dias de sol intenso ou chuvas.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R21	Desenvolver projeto de incremento de arborização entorno aos setores do parque e implantar elementos artificiais de proteção solar próximos aos setores.
Somente um setor do parque oferece proteção solar, sendo que nenhum dos espaços para crianças e bebês conta com essa infraestrutura.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente		
De acordo com as pessoas frequentadoras, falta uma quadra que seja coberta no parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R22	Estudar viabilidade de instalação de cobertura em uma das quadras.
As pessoas frequentadoras afirmam que falta infraestrutura multiuso para acomodar atividades culturais e educativas.	Participativo	Perímetro do parque	Sim	R23	Criar espaço multifuncional para a promoção de atividades culturais.
As pessoas frequentadoras afirmam que faltam lugares onde se valorize a história, fauna e flora do parque (museu/área de exposição, por exemplo).	Participativo	Perímetro do parque	Não		
Há uma fragilidade nos procedimentos de manutenção preventiva e corretiva dos equipamentos do parque.	Participativo/ Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Sim	R24	Realizar manutenção dos equipamentos existentes e instalar novos equipamentos de esportes, lazer e infantis.
Faltam elementos de proteção contra quedas no córrego.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R25	Desenvolver plano de comunicação visual para o parque, que deverá conter: sinalização nos setores, advertências e restrições de uso (Ex.: risco de queda no córrego), sinalização de atributos naturais (Ex.: nascente existente no parque), informações de conscientização e educação ambiental (Ex.: identificação das árvores).
Faltam elementos de sinalização e comunicação no parque, como placas de indicação dos acessos e setores, mapeamento e quadro de avisos, alertas e informações úteis.	Participativo/ Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente		
Faltam medidas de fiscalização e comunicação para prevenir o abandono de animais no parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R26	Implementar cachorródromo no parque.
Alguns acessos informais estão localizados na Avenida Sapopemba, próximos a áreas percebidas como inseguras pelas mulheres.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Sim	R27	Avaliar a regularização e integração do acesso informal ao parque, garantindo acessibilidade universal e vigilância adequada, caso atendam a uma demanda real da comunidade.
Há grande incidência de descarte irregular de lixo, sendo que muitos dos pontos mapeados coincidem com locais onde há acessos irregulares do parque, caracterizados pela ausência de elementos de fechamento. Há também pontos nas margens no córrego, resultando em pressão sobre esse atributo natural.	Diagnóstico técnico/ participativo		Parcialmente	R28	Aumentar o número de lixeiras de coleta seletiva e incluir placas de conscientização dentro do plano de comunicação visual. Desenvolver ações de educação e conscientização ambiental junto à comunidade.
Há problemas de drenagem no parque de acordo com as pessoas frequentadoras.	Participativo		Sim	R29	Implantar elementos de infraestrutura de drenagem de águas pluviais (vide recomendação R34).
O parque tem potencial e espaço para plantio de mais árvores e		Perímetro do parque	Não	R30	Elaborar estudo para realização de plantio de árvores com espécies nativas, em áreas

flores, inclusive em parceria já existente com grupos e equipamentos externos ao parque, além do incremento de mais áreas sombreadas e espaços de contemplação.	Diagnóstico técnico / participativo				destinadas ao estar e atividades. Elaborar projeto de paisagismo para ampliação de jardins com flores e jardins sensoriais.
			Sim	R31	Implementar estratégia R34, complementando as estratégias de drenagem já previstas no projeto de requalificação do parque.
			Não	R32	Inserir atividades de plantio na programação de atividades do parque, em parceria com grupos e equipamentos do entorno.
			Não	R33	Incorporar ao projeto de requalificação do parque, se possível, espaços de interação com a água e os elementos hídricos do parque.
O parque conta com poucas estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas relacionadas a sua infraestrutura.	Diagnóstico técnico / participativo	Perímetro do parque	Não	R34	Adotar Soluções Baseadas na Natureza (SBN) na resolução de demandas e instalações no parque; além de manter a composteira ativa, implementar medidas para gestão hídrica (reaproveitamento de água da chuva, mecanismo de economia de água, reuso de águas, filtragem de água); eficiência energética (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, dentre outros mecanismos de economia de energia); gestão de resíduos (coleta seletiva, separação de resíduos orgânicos); agricultura urbana e drenagem (hortas educativas, viveiros, jardins de chuva, pavimentos permeáveis, etc).
			Não	R35	Para estratégias relacionadas à agricultura urbana e produção de alimentos associados a um programa educativo, é necessário o estudo de alternativas para sua implantação (como hortas suspensas ou outros), devido à área contaminada.
Faltam elementos de sinalização e comunicação no parque, como placas de indicação dos acessos e setores, mapeamento e quadro de avisos, alertas e informações úteis.	Participativo	Perímetro do parque	não	R25	Implementar recomendação R25.
ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL					
Consolidação do Território-Parque - área de influência como limite administrativo para governança compartilhada.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R36	Elaborar e instituir, por meio de portaria intersecretarial da Prefeitura de São Paulo, o Território-Parque como escala operativa de governança para a articulação intersetorial entre equipamentos públicos e subprefeituras nas áreas de influência dos parques, integrando, inclusive, ações de segurança urbana, acessibilidade e mobilidade ativa, entre outras.
Não há atividades em parceria com outras secretarias.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
Uma grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Sapopemba se caracteriza por alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (72% da população).	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R37	Articular com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social com o objetivo de identificar quais programas e projetos podem ser implementados no parque para atendimento à população em situação de vulnerabilidade.
Há presença de pessoas usuárias de drogas no interior do parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
As ocupações no entorno exercem pressão sobre os limites do parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R38	Verificar processos e solicitações protocoladas relacionadas ao tema e identificar o status dessas solicitações. Realizar articulações com a SEHAB para avançar nas tratativas.
Existência de escolas próximas e grupos culturais como bandas que poderiam ser agregados ao	Participativo	Área de influência	N/a	R36	Implementar recomendação R36.

parque, através de oficinas e eventos.					
Articulação com outras secretarias, como a de cultura e esporte (campanhas de vacinação, por exemplo).	Participativo	Área de influência	N/a		
A oferta de transporte público ao parque é limitada.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R39	Promover a ampliação da oferta de transporte público na área de influência do parque, conectando as regiões que não possuem paradas de ônibus.
Faltam ciclovias ou ciclofaixas conectadas aos principais equipamentos e eixos de transporte na área de influência do parque.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R40	Integrar e ampliar a malha cicloviária do bairro, priorizando os equipamentos de conexão com o parque como escolas, praças, equipamentos esportivos e principais avenidas
Da extensão total das calçadas adjacentes ao parque, 62% não atendem à legislação de acessibilidade, impactando a maioria das pessoas que acessam o parque a pé.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R41	Promover a acessibilidade universal das calçadas no entorno do parque.
A área de influência do parque apresenta diversos pontos de concentração de ocorrências criminais, especialmente ao leste e oeste.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R42	Reforçar os mecanismos de vigilância e patrulhamento nas áreas adjacentes ao parque, principalmente nas que foram diagnosticadas com uma maior concentração de ocorrências criminais.
A proximidade de registros criminais em dois dos acessos ao parque pode representar um risco para quem utiliza essas entradas ou circula na região.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
É necessário integrar o parque à infraestrutura verde do entorno, visando fortalecer sua função ambiental, conter a expansão urbana e aprimorar a rede de drenagem.	Diagnóstico técnico	Bacia hidrográfica	N/a	R43	Implementar estratégias no parque e entorno para garantir conectividade entre as áreas para circulação da fauna silvestre, tais como arborização urbana com espécies nativas, incentivo a iniciativas de reflorestamento, implantação de jardins polinizadores e jardins de chuva e infraestrutura amiga da fauna (como adequação da iluminação urbana, passagem de fauna, redução da emissão de ruídos, entre outros).
Potencial de articulação com Subprefeitura de São Mateus para melhorias no entorno.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R44	Observar projetos existentes para a área de influência do parque e solicitar, junto à subprefeitura, as ações de melhorias no entorno e acesso do parque, previstas no Perímetro de Ação.
Há áreas de risco hidrológico médio e alto e risco geológico médio, alto e muito alto, respectivamente, no entorno próximo.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R45	Promover maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e com planos municipais, consolidando o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana. Apoiar políticas para fomentar educação climática em escolas do entorno.
Há poucas atividades regulares no parque, especialmente direcionadas a grupos específicos, como idosos. Além disso, há desafios no acesso à informação das atividades em desenvolvimento.	Participativo	Área de influência	N/a	R46	Implementar recomendação R05 em parceria com a Secretaria de Educação.

Dentre as recomendações de **gestão do parque**, destacam-se aquelas relacionadas à acessibilidade, governança, e verde e azul. É necessário garantir a acessibilidade nos acessos do parque e aos setores, elementos parcialmente incorporados no projeto de reforma que tem a previsão de conclusão em 2025.

Em relação à governança é necessário fortalecer o vínculo entre a gestão do parque e a comunidade por meio da implementação de estratégias de comunicação e integração comunitária. Em verde e azul, é importante manter práticas de conservação, limpeza e manejo do córrego para o equilíbrio ambiental da região, incluindo a verificação da qualidade da água e medidas de educação ambiental junto à população.

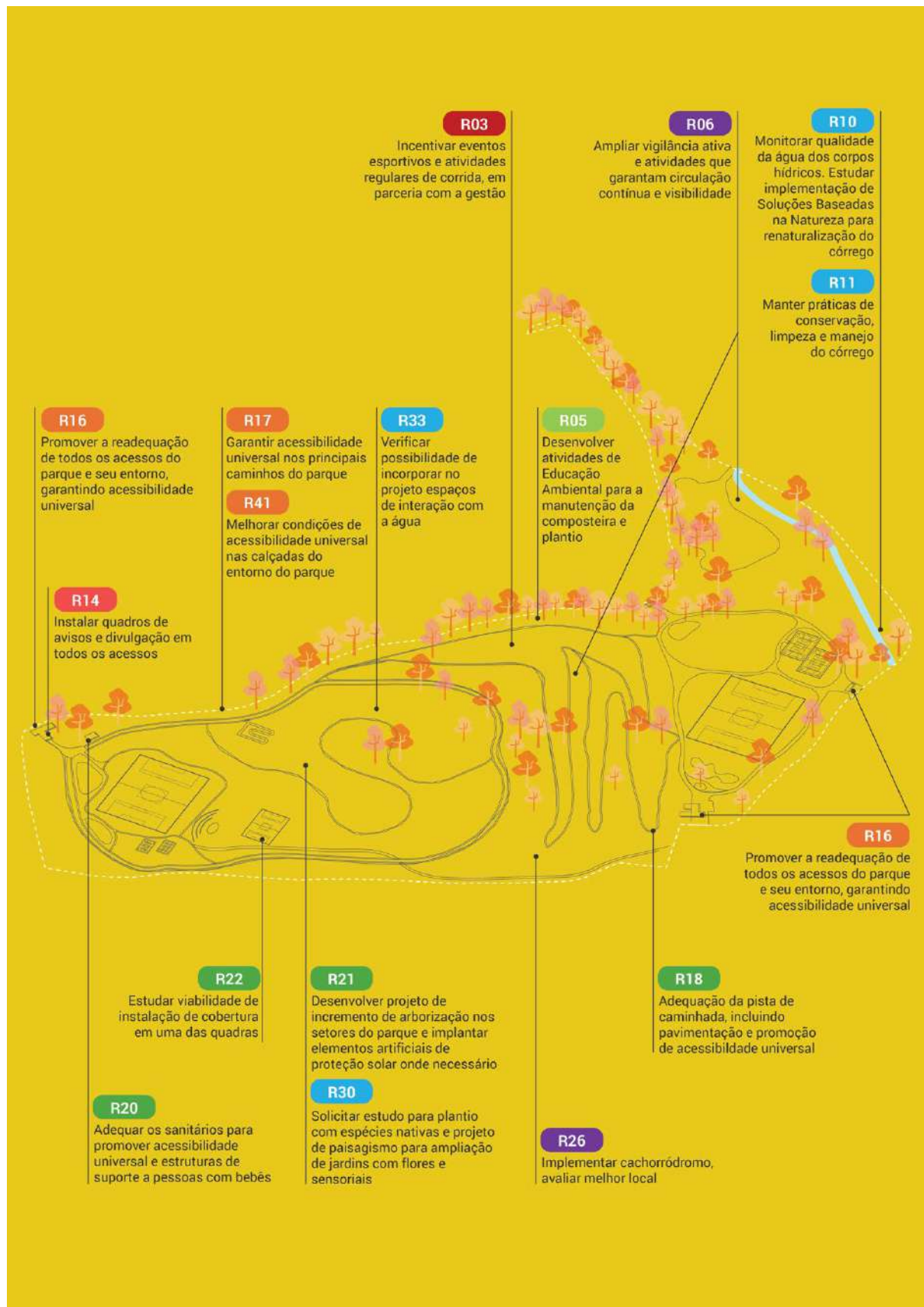
As diretrizes para **projeto de intervenção** estão em grande parte previstas na reforma do parque, como melhorias na drenagem, instalação de equipamentos e incremento de mobiliário urbano. Contudo, ainda é necessário o incremento dos elementos de sombreamento de forma a garantir que todos os setores tenham essa proteção, a instalação de elementos de suporte a crianças e bebês em sanitários e a instalação de elementos de sinalização.

Por último, as recomendações do eixo de **articulação institucional** apontam para diversas ações que devem ser articuladas com outras secretarias e órgãos, sobretudo em intervenções dentro da área de influência do parque. Para isso, é necessário que a área de influência passe a ser também um limite administrativo, além de um limite físico. A exemplo dos Territórios CEUs - programa que visa articular intervenções urbanas baseadas na integração com demais equipamentos públicos de relevância local e regional, buscando a qualificação do espaço livre público no entorno dos CEUs ao formar uma rede de percursos entre os equipamentos- pode-se aplicar o conceito de Território-Parque, sendo, portanto, uma unidade de governança compartilhada e planejamento territorial em escala local com o objetivo de estabelecer uma agenda comum de parcerias, atividades, ações e intervenções.

A criação do território possibilitará o desenvolvimento de diretrizes para melhoria da segurança e da percepção de segurança no

trajeto ao parque, além da promoção de acessibilidade, sobretudo à pedestres e ciclistas.

Figura 82: Mapeamento das recomendações do Parque Sapopemba



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Parque Linear da Integração Zilda Arns

Figura 83: Registro do Parque da Integração Zilda Arns



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Entrevista

Figura 84: Josefa Vieira dos Santos, 63 anos, fundadora do projeto Bike Favela e membra do Movimento Defesa de Favelas (MDF)



Fonte: Acervo ONU-Habitat

“O parque (Zilda Arns) representa uma vida saudável para nós aqui do bairro. Porque é um espaço que você está sem fazer nada e fala: vamos lá no parque, vamos lá fazer uma caminhada, levar as crianças para andar de bicicleta, de carrinho”.

Josefa Vieira dos Santos, 63 anos, fundadora do projeto Bike Favela e membra do Movimento Defesa de Favelas (MDF)

Para Josefa Vieira dos Santos, de 63 anos, que vive a apenas cinco minutos de distância do Parque Zilda Arns, o local é mais do que um espaço para o lazer: é uma oportunidade de compartilhar conhecimento através do esporte. “Todos os domingos, eu venho aqui ensinar as pessoas a pedalar, e também pedalo. Já faz três anos que faço isso, todo domingo”, conta. Essa prática, que começou com ela aprendendo sozinha durante suas férias, hoje é um projeto comunitário chamado Bike Favela, com cerca de 40 mulheres inscritas. No total, 28 pessoas que já aprenderam a pedalar graças a seu esforço.

Josefa vê o parque Zilda Arns como um local de “liberdade e saúde” para a comunidade do entorno, justamente por estar permeando tantas casas em sua configuração linear. “Esse parque representa um espaço livre que a gente não tinha. Ele veio agregar muito para nós, que antes não tínhamos um lugar para fazer atividade física ou mesmo para respirar ar puro”, explica. Ela observa que o parque virou um ponto de encontro onde as pessoas caminham, pedalam e socializam. “Todos os dias é uma multidão de pessoas caminhando. Isso é muito importante para nossa saúde e bem-estar”.

Josefa reflete sobre como o verde e o ambiente aberto têm impacto na vida das pessoas: “Não é ficar dentro de quatro paredes que faz a gente feliz. É poder sair de casa, levar as crianças para brincar, respirar melhor, e se sentir parte de um grupo”. Além disso, ela se orgulha de ver a participação ativa dos moradores como pessoas frequentadoras do Zilda Arns. “Eu moro aqui perto e vejo todo dia as pessoas passando com

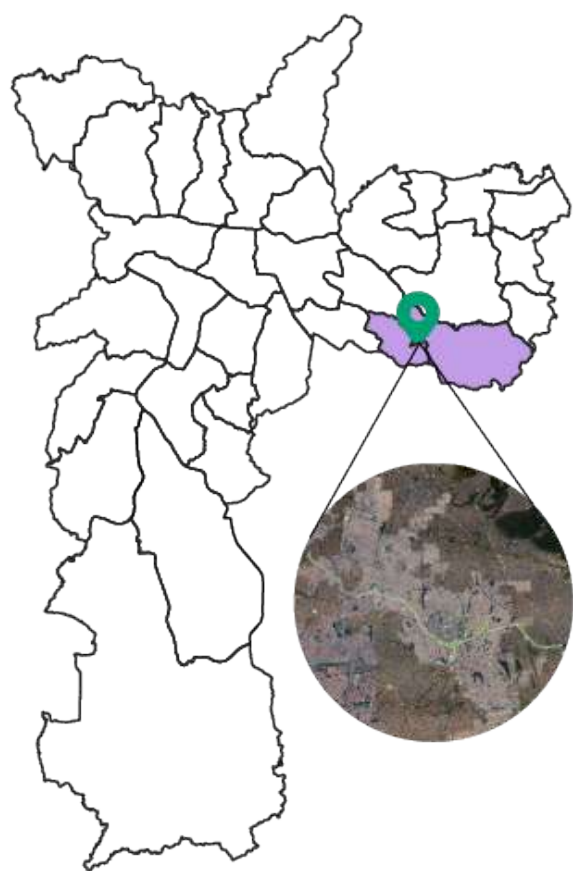
garrafinhas d’água, bicicletas infantis, bolas. É um parque muito participativo”.

Quanto aos desejos para o futuro, Josefa destaca a necessidade de maior cuidado e investimento. “Meu desejo é que o parque tenha mais segurança, porque isso nos faz sentir mais tranquilos. E que tenha manutenção, que a prefeitura cuide dele, porque isso é essencial para o parque continuar bonito e funcional”. Ela enfatiza a importância de profissionais capacitados para manter o espaço em boas condições. “Esse parque é tudo para a gente. É o lugar onde a gente encontra felicidade, saúde e convivência. Com mais cuidado, ele pode ser ainda melhor para todos nós”.

1 Sobre o Parque

O Parque Linear da Integração Zilda Arns está localizado entre os distritos Sapopemba e São Mateus, contemplado nas duas subprefeituras do mesmo nome. A região é caracterizada por níveis de vulnerabilidade muito baixa e média, com um recorte específico de vulnerabilidade muito alta do lado oeste da Avenida Arq. Vilanova Artigas, conforme o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) (São Paulo, 2025).

Figura 85: Mapa de localização do Parque Linear da Integração Zilda Arns em relação ao município e região



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A área do entorno ao parque é caracterizada pela carência de equipamentos de lazer e cultura e pouca presença de equipamentos públicos de esporte. Em termos de população, a região é majoritariamente composta por mulheres, quase 40% de pessoas pretas e pardas, e alta concentração de jovens (Rede Nossa São Paulo, 2023).

Tabela 13: Ficha introdutória do parque

Nome	Parque Linear da Integração Zilda Arns
Área total	251.322,32 m²
Ano de inauguração	2010
Categoria	Linear
IP 2022	1.67/5
Nota no Quadro de Priorização	1.78/10
Endereço	R. Manoel Quirino de Matos, 1895
Horário de funcionamento	Aberto 24h
Distritos	Sapopemba e São Mateus
Subprefeituras	Sapopemba e São Mateus

O parque linear, com 7,5 km de extensão, se desenvolve sobre uma área onde estão aterradas as tubulações da adutora Rio Claro, da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP), que abastece 1,4 milhão de pessoas. O seu extremo oeste começa na Rua Juiz de Fora, e limita com a Subprefeitura Vila Prudente; o seu extremo leste finaliza na estação de metrô e terminal de ônibus São Mateus. Sua declividade é baixa no sentido longitudinal, e possui alguns trechos íngremes no sentido transversal, especialmente nos locais onde o parque amplia seu formato linear.

Dentro do perímetro do parque existe uma ocupação de uso habitacional, que tangencia uma nascente, e cujo acesso acontece pela Rua Manoel Pedro de Souza, ao norte do terminal de ônibus Sapopemba. Na área do parque também está alocada uma saída da estação de monotrilho do metrô Jardim Planalto (São Paulo, 2025).

Os principais equipamentos que o parque oferece são campos de futebol, quadras poliesportivas, pista de skate, pista de caminhada, ciclovia, parquinhos infantis, aparelhos de ginástica, praças, quiosques, arenas para eventos, postos policiais e de vigilância, sede administrativa e módulos sanitários. Por ser um parque linear, ele não é gradeado e, em consequência, não tem acessos definidos.

Para a Avaliação Específica, foi definido um recorte representativo do parque de 71.195 m² e 1,8 km de extensão, aproximadamente 28% do seu território. O trecho selecionado está localizado no extremo leste do parque, cujo início é no terminal São Mateus e fim na Rua Manoel João da Silva, com um alongamento central até a Avenida Sapopemba, a avenida mais extensa da cidade de São Paulo.

1.1 Histórico

A partir de 1988, a SABESP tinha no seu planejamento o aproveitamento do espaço acima da adutora, ação que era uma reivindicação da comunidade envolta com a duplicação dessa infraestrutura. Mas foi no ano 2000, com estudos técnicos e a criação do Programa Ações Integradas por parte do governo estadual, que foi determinada a criação do parque linear, cujo projeto foi elaborado pela Faculdade Escola da Cidade, com participação das comunidades do entorno (Nambu; Braga, 2012; São Paulo, 2010).

No ano 2008, iniciou-se a construção dos 7,5km de parque, com investimento inicial de R\$ 22 milhões e a estimativa de beneficiar diretamente a 300 mil pessoas. As instalações do parque contariam com praças, quadras, anfiteatros, viveiros e hortas, e o compromisso de preservar a vegetação existente (Brasil, 2024; São Paulo, 2010).

O parque foi inaugurado em 2010, e apresentado como resultado de uma parceria entre a SABESP

e a Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) – transferido para a SVMA, se convertendo num dos dois parques lineares que foram implantados fora do Programa de Parques Lineares (Nagano, Gonçalves, 2018).

Em 2014, no parque foi realizado um projeto de revitalização, cuja primeira etapa contemplou a reforma das quadras poliesportivas, campos de futebol, reposição das tabelas de basquete e pintura geral dos espaços (São Paulo, 2014).

O Parque Linear da Integração Zilda Arns acompanha quase toda a Avenida Sapopemba e, quando se distanciam, o parque continua se adentrando pelos bairros alcançando alguns importantes equipamentos públicos como o CEU Sapopemba e o Hospital Estadual Sapopemba. Mesmo que o parque seja um importante espaço público na região, quando se distancia das vias públicas, o seu uso diminui significativamente por dificuldades no acesso e questões de segurança (São Paulo, 2016).

Figura 86. Imagem do Parque Linear da Integração Zilda Arns.



Fonte: Acervo ONU-Habitat

1.2 Projeto do parque

O projeto de requalificação do Parque Linear da Integração Zilda Arns, implementado entre 2022 e 2024 pela SVMA, contempla a renovação, em escala arquitetônica, de equipamentos coletivos, edificações e ciclovia existentes ao longo do parque, o que implicou num volume de obras bastante significativo devido à extensão do espaço público.

Tabela 14. Situação do andamento do projeto ou obra para janeiro, 2025

Parque Linear da Integração Zilda Arns	
Situação	* Projeto finalizado * Obra finalizada: Fase 01: concluída em julho de 2022 Fase 02: concluída em outubro de 2024
Custo (valores estimados)	Fase 01: R\$ 628.120,47 Fase 02: R\$ 6.902.722,40
Responsável do Estudo Preliminar	Divisão de Implantação, Projetos e Obras (DIPO-SVMA)

O escopo do projeto das edificações (guaritas, sede administrativa e módulos sanitários) contemplou a substituição de todos os acabamentos de pisos e paredes, pinturas, louças, metais, elétrica e substituição de cobertura por problemas de drenagem. Em relação às quadras e ciclovia, foram projetados e construídos novos pisos, alambrados, portões, marcação e sinalização.

No trecho do parque próximo ao Terminal de Ônibus Sapopemba / Tetônio Vilela está em desenvolvimento outra intervenção, o projeto-piloto “Bairro Conectado: Terminal Sapopemba”, uma parceria entre a Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), através da Coordenadoria de Planejamento Urbano (PLANURB), e a Rede Global C40 Cities.

Através do programa global “Bairros Verdes e Saudáveis” a C40 buscar promover a aplicação de conceitos como a “Cidade de 15 minutos” e de abordagens que reduzam significativamente as emissões de gases do efeito estufa em territórios piloto, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas. Já o projeto específico em Sapopemba, se propõe como ações possíveis a ampliação e qualificação de calçadas, travessias e conexões entre os espaços livres públicos, áreas verdes e equipamentos sociais, na busca de articular e qualificar os percursos urbanos cotidianos em termos de acessibilidade e mobilidade local.

O projeto Bairro Conectado: Terminal Sapopemba contemplou processos participativos através de consultas públicas, oficinas participativas e reuniões com conselhos cidadãos. Desses encontros, surgiram contribuições que foram consolidadas em três rotas prioritárias para intervenção, das quais duas o Parque Linear da Integração Zilda Arns é transpassado. As propostas que intervêm no parque contemplaram a requalificação de três escadarias e a melhoria na cobertura vegetal, mobiliário urbano, iluminação e calçadas em seções do parque dentro das rotas. A acessibilidade e requalificação urbanística das vielas com acesso ao parque nesses perímetros foram também demandas da população nessas atividades participativas (São Paulo, s/d; São Paulo, 2024).

Figura 87. Imagem no Parque Linear da Integração Zilda Arns durante caminhada exploratória da Avaliação Específica.



Fonte: Acervo ONU-Habitat

2 Processo participativo

Na Avaliação Específica de cada parque, os quatro grupos-alvo mencionados na [Seção 2.4](#) *Participação das partes interessadas* fizeram parte das diversas atividades participativas propostas. Estas ações foram baseadas nas metodologias ONU-Habitat *Bloco a Bloco* (UM-Habitat, 2021) e *Cidade Delas* (UM-Habitat, 2022), somadas às ferramentas disponíveis na guia de Avaliação Específica de Espaços Públicos, adaptadas ao contexto e características da cidade de São Paulo.

2.1 Partes interessadas envolvidas

No caso do Parque Linear da Integração Zilda Arns, a busca por grupos que fizessem vida no parque e lideranças da região para contribuir com a Avaliação foi articulada, no início, com a gestora do parque.

O **primeiro grupo** alcançado foram duas **lideranças femininas** convidadas a fazer parte do grupo de capacitação da sociedade civil sobre metodologias do ONU-Habitat, formado por apenas público do gênero feminino e com mais de 18 anos.

O **segundo grupo** alcançado foram **pessoas funcionárias** da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), principalmente da SVMA, que estivessem envolvidas com algum dos 10 parques priorizados, seja na gestão dos parques ou na área de projetos e obras. No caso específico do Parque Linear da Integração Zilda Arns, participaram da Avaliação a gestora do parque e uma pessoa da Divisão de Implantação, Obras e Projetos (DIPO).

O **terceiro grupo** participante da Avaliação foram **29 meninas adolescentes, entre 12 e 14 anos de idade**, estudantes do CEU Sapopemba, as quais participaram na oficina *Bloco a Bloco*, dirigida exclusivamente a esse público escolar.

O último e **quarto grupo** convocado a participar foram **pessoas frequentadoras** que se aproximaram à oficina aberta realizada no parque. Nessa atividade, foi aplicada a ferramenta de matriz Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) com mais de 20 pessoas de diferentes idades e gêneros, sendo a maioria delas membros de organizações que atuam na região. Este grupo também participou de entrevistas estruturadas, nas quais contribuíram 16 pessoas no total.

Figura 88. Pessoas participantes da oficina bloco a bloco no Parque da Integração Zilda Arns realizando a caminhada exploratória.



Figura 89. Oficina técnica sobre o Parque Linear da Integração Zilda Arns



Figura 90. Oficina bloco a bloco do Parque Linear da Integração Zilda Arns



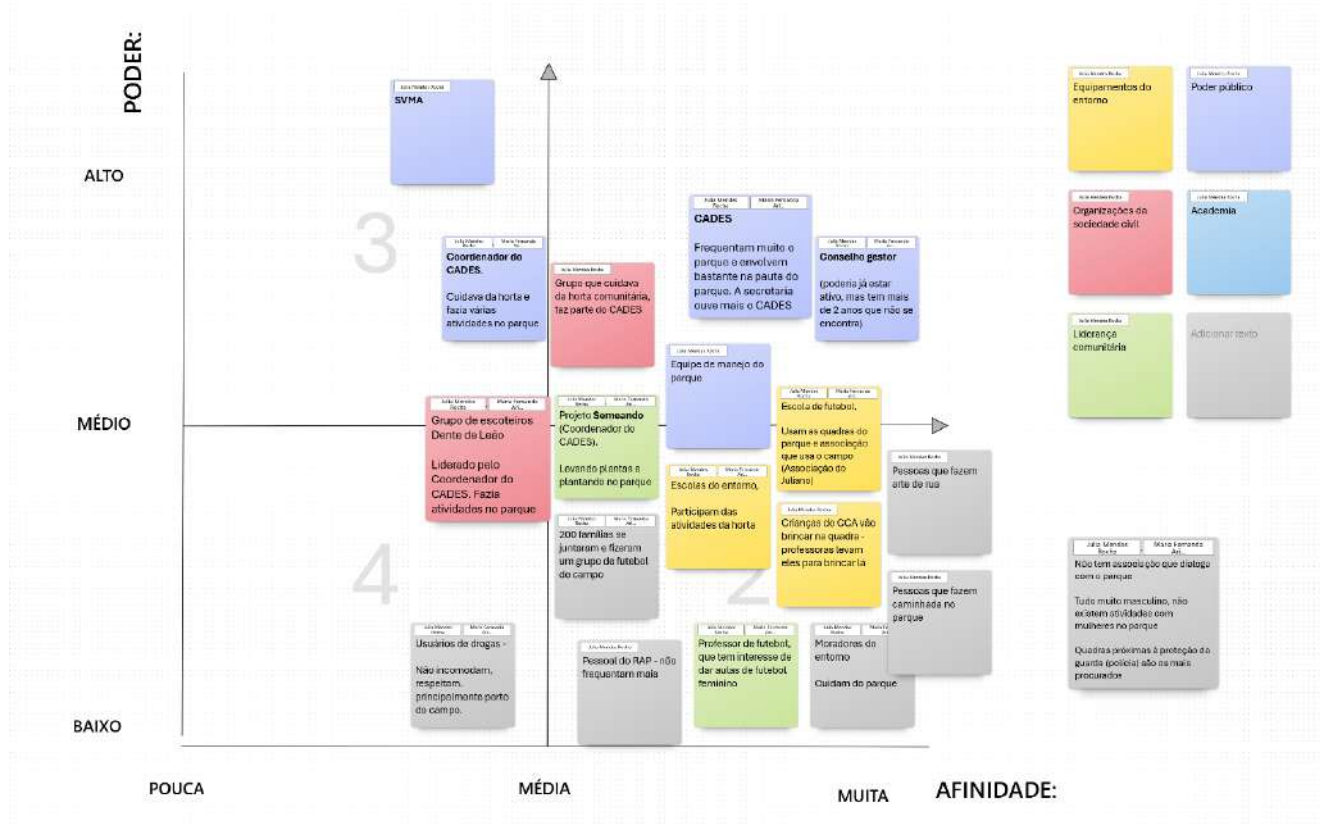
Fonte: Acervo ONU-Habitat

2.2 Principais contribuições

O primeiro grupo, constituído por lideranças femininas, contribuiu com a facilitação dos exercícios práticos e com a divulgação das atividades abertas ao público geral. Foram também estas lideranças que forneceram as informações para a construção do mapeamento das partes interessadas do parque, a partir do seu olhar comunitário e conhecimentos das redes e grupos existentes que fazem vida no

espaço público avaliado. Segundo as lideranças consultadas, os principais grupos afetados pelo deterioro ou que seriam beneficiados com a requalificação do parque são pessoas frequentadoras, que realizam atividades coletivas ou individuais, e alguns grupos organizados pelo Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES).

Figura 91. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Linear da Integração Zilda Arns, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O segundo grupo, o das pessoas funcionárias municipais, forneceu informações técnicas e de gestão do parque ao longo das atividades participativas da Avaliação. Elas apoiaram na recepção no parque das atividades com os diversos grupos participantes e validaram, preliminarmente, algumas das recomendações propostas no processo. Alguns técnicos da DIPO participaram da Avaliação pontualmente, fazendo contribuições relevantes nas oficinas técnicas.

Dos últimos dois grupos, foram coletadas e sistematizadas contribuições de viés qualitativo, categorizadas em **sentimentos** suscitados pelo parque, **problemas**, **potencialidades**, **soluções** e **desejos** para ele. Também foram priorizadas as principais ações necessárias para sua requalificação e ativação em termos de usos e gestão.

Figura 92. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Insegurança, cheiro ruim e nojo foram os principais sentimentos destacados pelas pessoas participantes das atividades de percepção no parque. Contudo, foi valorizada a existência de muitas quadras e campos de futebol, da ciclovia, da vegetação e da pista de caminhada sinalizada. Ter lixeiras e postes de luz, assim como a manutenção e limpeza dos pavimentos, da vegetação e da ciclovia foi também apreciado. No trecho avaliado e horário de visita, foi destacada a alta presença de guardas e seguranças.

A vista e os amplos lugares disponíveis no parque, para brincar, para plantar mais árvores, para atividades físicas e de lazer, as quais poderiam ser noturnas se tiver segurança garantida, foi apontado pelas pessoas participantes como elementos positivos. A presença de grupos que fazem vida e de muitos jovens, foi também destacado. A utilização do parque como passagem para equipamentos coletivos, é apontado também como potencial, dinâmica que poderia trazer novas atividades e usos complementares para o parque através de parcerias com esses locais da saúde, religiosos, esportivos e comerciais.

Outros aspectos destacados nas percepções das pessoas participantes das dinâmicas da Avaliação foi a falta atividades diversas “além do

futebol”, a baixa presença de frequentadores, e a sensação de insegurança em locais específicos, agravada no período noturno. A presença de tráfico de drogas, depredação dos equipamentos por vandalismo, passagem de motoqueiros pelo parque – que as vezes realizam assaltos, baixa frequência de policiamento e a inexistência de câmeras foram também questões levantadas.

Foi apontada a falta de manutenção dos brinquedos, equipamentos esportivos e da pista de skate, e a presença de muito descarte irregular de lixo e dejetos de animais. Para as pessoas participantes da Avaliação tem poucos locais para sentar-se, lixeiras, elementos de iluminação, sombra nos locais descampados, bebedouros e pontos para se refrescar. Também apontaram a carência de elementos de proteção nos locais com risco de quedas, aparelhos de ginástica, brinquedos e espaços de brincar, placas informativas e educativas e o fechamento dos módulos sanitários existentes.

Figura 93. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação

Problemas – Pontos Negativos
• Faltam outras atividades no parque, além do futebol, e para todas as faixas etárias • Maior presença masculina, que feminina • Pontos isolados e com falta de iluminação causam sensação de insegurança, evitados principalmente por mulheres quando anoitece • Não existe segurança noturna, falta policiamento e câmeras de segurança • Usuários e tráfico de drogas em alguns pontos • Depredação de equipamentos por atos de vandalismo • Passagem de motoqueiros, que realizam assaltos às vezes • Brinquedos quebrados, pista de skate com acumulação de água e entorno dos banheiros descuidados, usados para descarte irregular • Pavimentação com pontos rachados e buracos, se tornando inacessível e perigosa para PcD • Incidência de descarte irregular de resíduos sólidos, dejetos de animais e pontos de queimada • Não há ecoponto próximo, o parque não é percebido como tal • Presença de cachorros soltos • Faltam mesas, locais para sentar-se, bebedouros, pontos para se refrescar, aparelhos de ginástica e sombra de forma geral • Faltam brinquedos e espaços para brincar, especialmente para crianças pequenas • Pista de skate com poucos obstáculos • Quadras sem grama e cobertura • Faltam elementos de proteção contra quedas • Banheiros trancados • Falta apropriação do parque pela comunidade: pessoas não percebem a existência dele na sua totalidade • Trechos com desafios devido à configuração urbana • Áreas com ocupação habitacional dentro do parque, e com falta de saneamento básico • Mudanças nos quadros de funcionários • Equipe e estrutura para a gestão é pouca para a extensão do parque
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A partir desses sentimentos, problemas e potencialidades detectadas pelas pessoas participantes das atividades da Avaliação Específica, foram propostos por elas mesmas **soluções e desejos para o Parque Linear da Integração Zilda Arns**. Como o parque teve uma requalificação recente, foi perguntado “**o que poderia acontecer no parque para ficar melhor**”.

Potencialidades – Pontos Positivos
• Existir pista de caminhada e de bicicleta, que estimula o ciclismo, a caminhada e a corrida • Existir áreas verdes, com arborização • Presença de guardas em locais específicos, levando a uma boa conservação e sensação de segurança • Espaço amplo para mais árvores e flores, e para acolher muitas atividades diversas • Existir uma escola de futebol atuando no parque • Centro de acolhimento para crianças e adolescentes – CCA próximo e coletivo de mulheres em bicicletas (Bike Favela) fazem atividades no parque • Presença de jovens • Potencial para atividades noturnas: muitas pessoas moradoras do entorno só podem frequentar o parque à noite, mas não sentem segurança • Existe apropriação do parque por parte de pessoas que fazem vida nele: graffiti do grupo de futebol na guarita • Existência de hortas e articulação com Sampa+Rural (em baixo da linha de energia) • Existe uma igreja próxima, e muitas pessoas que vão à missa usam o parque como passagem • Potencial de parceria com a Secretaria de Saúde, entre outras, para atividades esportivas, culturais e outras compatíveis com o parque • Potencial de parcerias com comércios do entorno para promover feiras de comida e artesanato, a implementação de parklets e práticas de atividades físicas diversas • Potencial de integração do território das duas subprefeituras pela ciclovia e espaço público • Relação próxima da gestão do parque com parte da comunidade • Relação próxima com casas do entorno (o parque vira um “quintal”) por não ser gradeado, o que gera sensação de pertencimento • Potencial para implementar uma fase 3 do projeto recém implantado, voltada à integração urbanística do parque e da ciclovia e promovendo maior conexão com transporte público (monotrilho e terminais de ônibus)

Sobre a **infraestrutura do parque** foram propostos elementos de comunicação visual (painéis interativos e acessíveis), mobiliários e elementos lúdicos (fontes interativas ou espaços de interação com a água, mesas de ping-pong, brinquedos sensoriais e não estruturados, parques naturalizados, brincadeiras de piso e espaços para brincar para pessoas de todas as idades), e locais para descanso e outras atividades de lazer (espaços de contemplação, hortas acessíveis e redários “para as pessoas idosas descansarem”). Foram também solicitados equipamentos e tratamentos relacionados ao funcionamento do parque como mais bebedouros, banheiros, contentores e latas de lixo reciclável e acessibilidade para carrinhos de bebê e cadeirantes. Para diversificar os

esportes oferecidos pelo parque, foram propostas quadras de vôlei, de basquete e pista de patins.

Sobre os **usos e a gestão** do parque, foi mencionada a importância de oferecer aulas e

atividades de lazer, como sessões de cinema ao ar livre “pelo menos uma vez por mês” e piqueniques coletivos. A disponibilidade de bicicletas para alugar e a manutenção frequente da vegetação foram também desejos apontados pelas pessoas participantes.

Figura 94: Oficina no Parque Linear da Integração Zilda Arns



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3 Avaliação

As Seções 3.1 a 3.7 apresentam os principais resultados obtidos com a aplicação da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*, sendo cada Seção correspondente a uma dimensão de análise.

3.7 Caracterização urbana da área de influência

Dentro da área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns predomina o padrão residencial unifamiliar horizontal, caracterizado por moradias de um a dois pavimentos. Há também alguns pontos com concentração de empreendimentos residenciais multifamiliares verticais, ainda que no trecho escolhido para aprofundamento da Avaliação prevaleça o padrão horizontal.

Há comércio esparsos de caráter local, porém há vias onde se concentra uma maior diversidade de comércio e serviços, como é o caso da Avenida Sapopemba, que permeia e cruza o parque a depender do trecho, considerando sua extensão de 7,5km.

Ao longo de sua extensão, há uma grande incidência de núcleos urbanos informais e favelas (ver *Mapa 22*), ainda que em menor concentração nos extremos leste do parque, trecho de aprofundamento da Avaliação.

Seguindo a tipologia urbana predominante da área de influência, os lotes que estão situados em frente ao parque são majoritariamente residenciais unifamiliares. Há residências que possuem seus fundos voltados ao parque, o que resulta em grandes áreas muradas no interior do parque, e traz como consequência a diminuição de visibilidade entre o interior e exterior do parque. Essa redução da vigilância natural – ser visto por outras pessoas – é considerado um fator muito importante para promover a sensação de segurança (Safer Parks Consortium, 2023).

Esse padrão predomina no extremo leste do parque, objeto de aprofundamento da Avaliação.

Figura 95: Tipologia urbana predominante

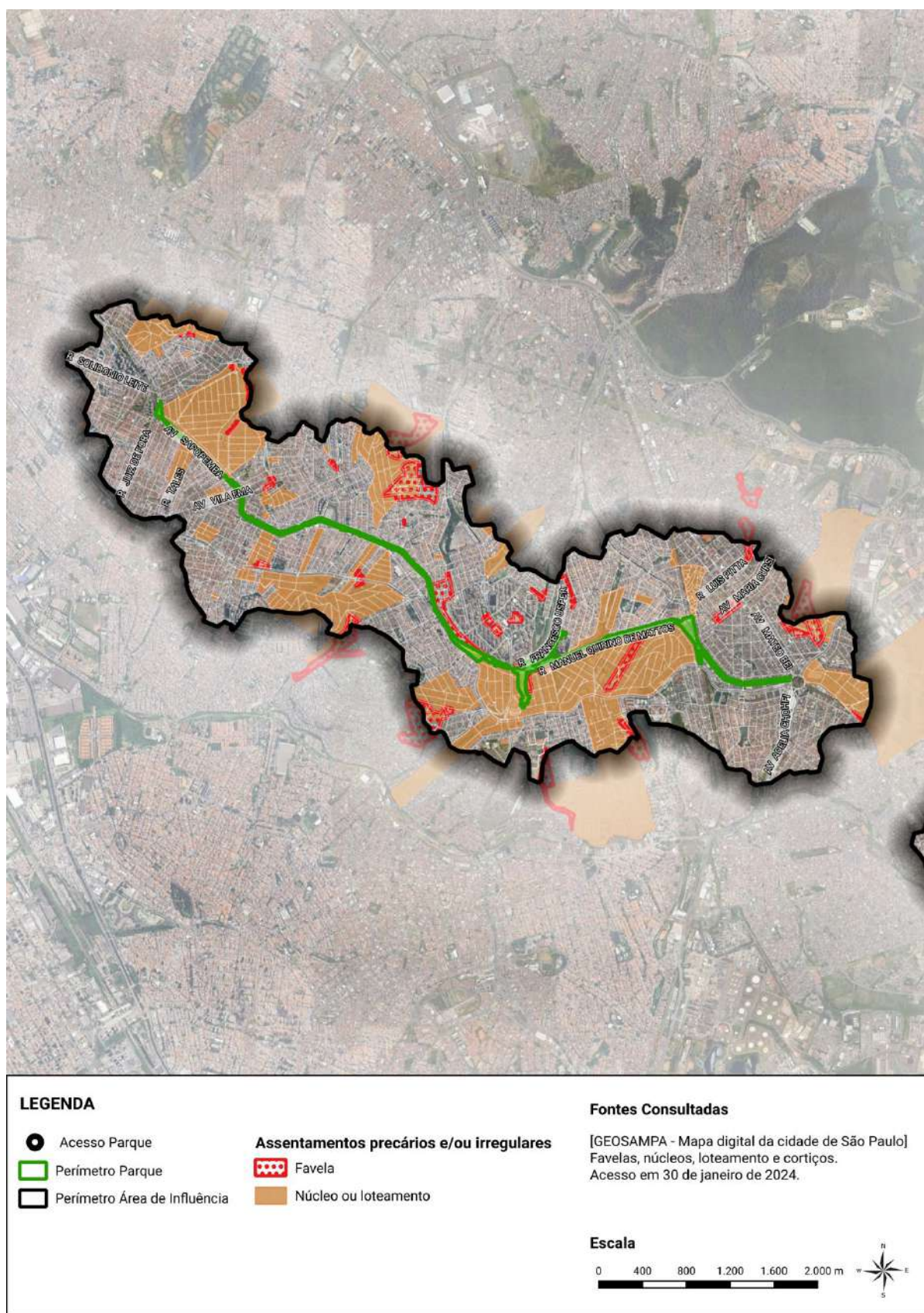


EM PRODUÇÃO

Figurinha representando um bairro com residências de até 2 pavimentos em autoconstrução, "núcleos" com habitação vertical e lotes dando fundo para o parque.

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 96: Núcleos urbanos informais na área de influência



Fonte: Adaptado de GeoSampa, 2024. Elaboração própria, ONU-Habitat

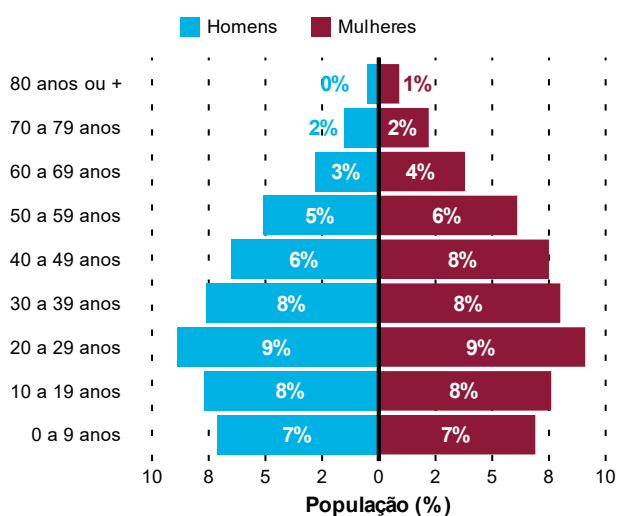
3.7.1 Pessoas no parque e área de influência

A caracterização das pessoas que vivem na área de influência e frequentam o parque é fundamental para compreender quais os perfis predominantes e como o parque pode atender às necessidades específicas destes grupos.

De acordo com dados do Censo 2010, a faixa etária predominante das pessoas na área de influência é de jovens e adultos entre 20 e 29 anos.

Gráfico 49: Faixa etária das pessoas na área de influência

Proporção de faixa etária das pessoas na área de influência

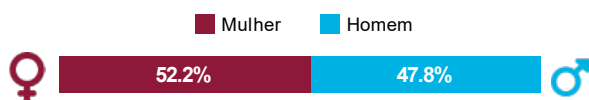


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Das 199.930 pessoas que vivem dentro da área de influência do parque, predominam as mulheres, com 53% do sexo feminino e 47% masculino.

Gráfico 50: Gênero das pessoas na área de influência

Proporção de identificação de gênero das pessoas na área de influência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça das pessoas que vivem na área de influência, a maioria se autodeclara branca (62%), enquanto 36% pretas e pardas.

Gráfico 51: Perfil de cor ou raça das pessoas na área de influência

Proporção de raça e cor na área de influência

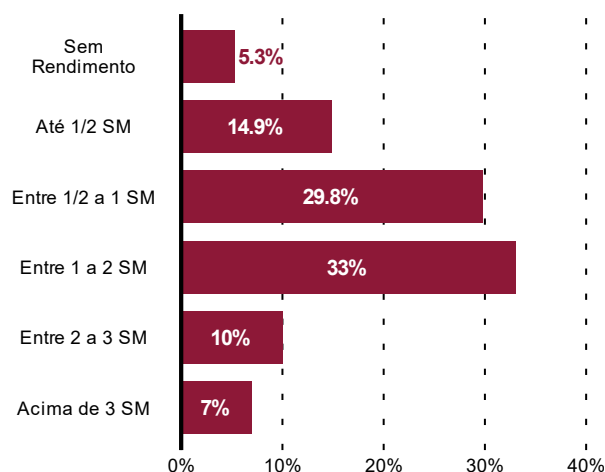


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos marcadores de vulnerabilidade socioeconômica apresentados anteriormente, metade da população que vive na área de influência tem o rendimento per capita inferior a um salário-mínimo, caracterizando situação de pobreza (The World Bank, 2025).

Gráfico 52: Perfil de renda das pessoas na área de influência

Distribuição de domicílios por faixa de rendimento per capita em salários-mínimo (SM)



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

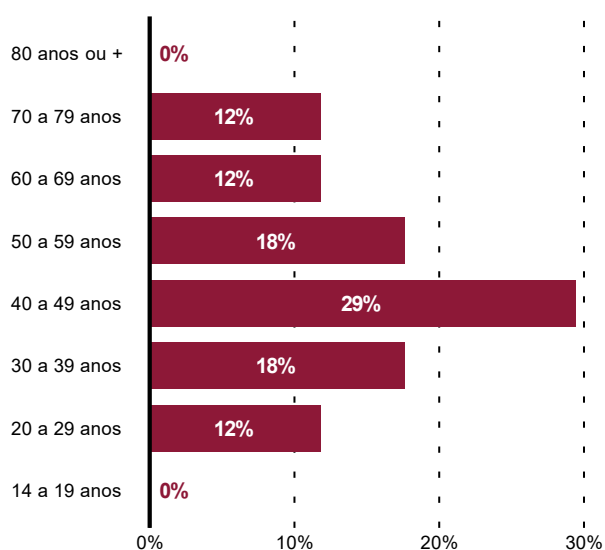
No ano de 2021, foram registradas 402.634 pessoas frequentando o Parque Linear da Integração Zilda Arns
Em 2022, foram registradas 725.665 pessoas

Apesar do desafio em registrar a frequência de pessoas em parques lineares, o levantamento realizado no Parque Zilda Arns apontou para um aumento expressivo de pessoas no ano de 2022, o que pode estar relacionado às restrições de utilização dos espaços públicos no ano anterior devido à pandemia do COVID19.

Dentre as pessoas entrevistadas que frequentam o parque, houve predomínio de adultos de 40 a 49 anos.

Gráfico 53: Faixa etária das pessoas que frequentam o parque

Proporção de faixa etária das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Apesar da população na área de influência ser predominantemente feminina, foram entrevistados mais homens que frequentam o parque.

Tal fato pode estar associado ao predomínio de equipamentos esportivos como quadras e campos de futebol, atividades que tendem a atrair um maior público masculino.

Gráfico 54: Gênero das pessoas que frequentam o parque

Proporção de identificação de gênero das pessoas entrevistadas

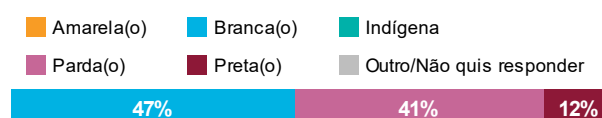


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Em relação ao perfil de cor e raça, 47% das pessoas entrevistadas se declararam brancas, percentual inferior ao perfil da população que vive na área de influência (62%).

Gráfico 55: Perfil de cor ou raça das pessoas que frequentam o parque

Proporção de raça e cor das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. Apesar da grande diversidade de contextos socioeconômicos, existe grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns que se caracteriza pela situação de alta vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (50% da população);
2. Do total de pessoas entrevistadas no parque, houve predomínio de adultos entre 40 e 49 anos;
3. Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 47%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 53%.

3.8 Acessibilidade

O primeiro indicador analisado para avaliar a acessibilidade do Parque Linear da Integração Zilda Arns refere-se às infraestruturas de deslocamento em sua área de influência, incluindo o mapeamento do sistema cicloviário e a cobertura do transporte público, que abrange estações de metrô, terminais de trem e de ônibus, além de pontos de ônibus (veja o *Mapa 22*).

Quanto ao transporte público, o parque é bem servido ao longo de toda sua extensão. Com exceção do extremo oeste, existem estações de metrô em toda sua extensão. Além disso, há uma boa distribuição de pontos de ônibus, com 98 linhas atendendo a área.

Em relação ao sistema cicloviário, o parque conta com ciclovias em toda sua extensão, conectadas a ciclofaixas transversais em avenidas importantes, como a Engenheiro Feijó Bitencourt ao oeste, a Avenida Arquiteto Vilanova Artigas no centro, e a Avenida Ragueb Chohfi a leste. Além disso, a Avenida Sapopemba, que acompanha o parque ao sul, possui ciclovia em todo seu perímetro, dentro da área de influência do parque.

Essa infraestrutura cicloviária robusta facilita o acesso ao Parque Linear da Integração Zilda Arns para ciclistas e faz do parque uma importante conexão cicloviária na zona leste.

Ainda no âmbito das infraestruturas de deslocamento, realizou-se uma análise das calçadas dentro do perímetro da área de influência, considerando a largura adequada para o deslocamento a pé. Considera-se como padrão uma largura mínima de 1,90 m, conforme a legislação, que prevê uma faixa livre de circulação de 1,20 m e uma faixa de serviço de 0,70 m, destinada à instalação de mobiliário urbano, como árvores e postes de iluminação

A área de influência do parque possui 46% das suas calçadas com larguras adequadas à caminhabilidade.

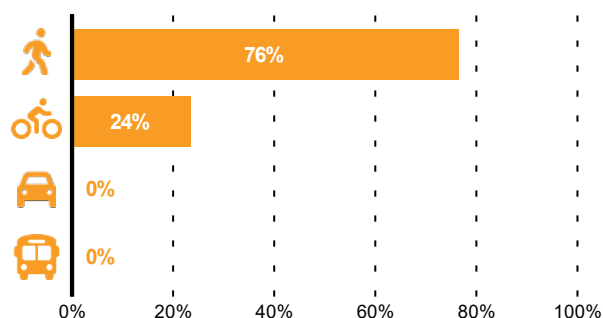
Os dados revelam que 54% das calçadas no entorno do parque não atendem à largura mínima exigida por legislação, representando

uma limitação para o acesso seguro e inclusivo ao local pelos pedestres. Essa deficiência impacta especialmente pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, que dependem de condições adequadas para se deslocar de maneira segura.

Conforme levantado em entrevistas realizadas durante a oficina aberta em outubro de 2024, a grande maioria das pessoas que acessam o parque (76%) chegam a pé. Esse dado reforça a importância de calçadas adequadas para garantir condições de acesso seguras e confortáveis.

Gráfico 56: meio de locomoção das pessoas usuárias do parque

Proporção das respostas das pessoas entrevistadas:

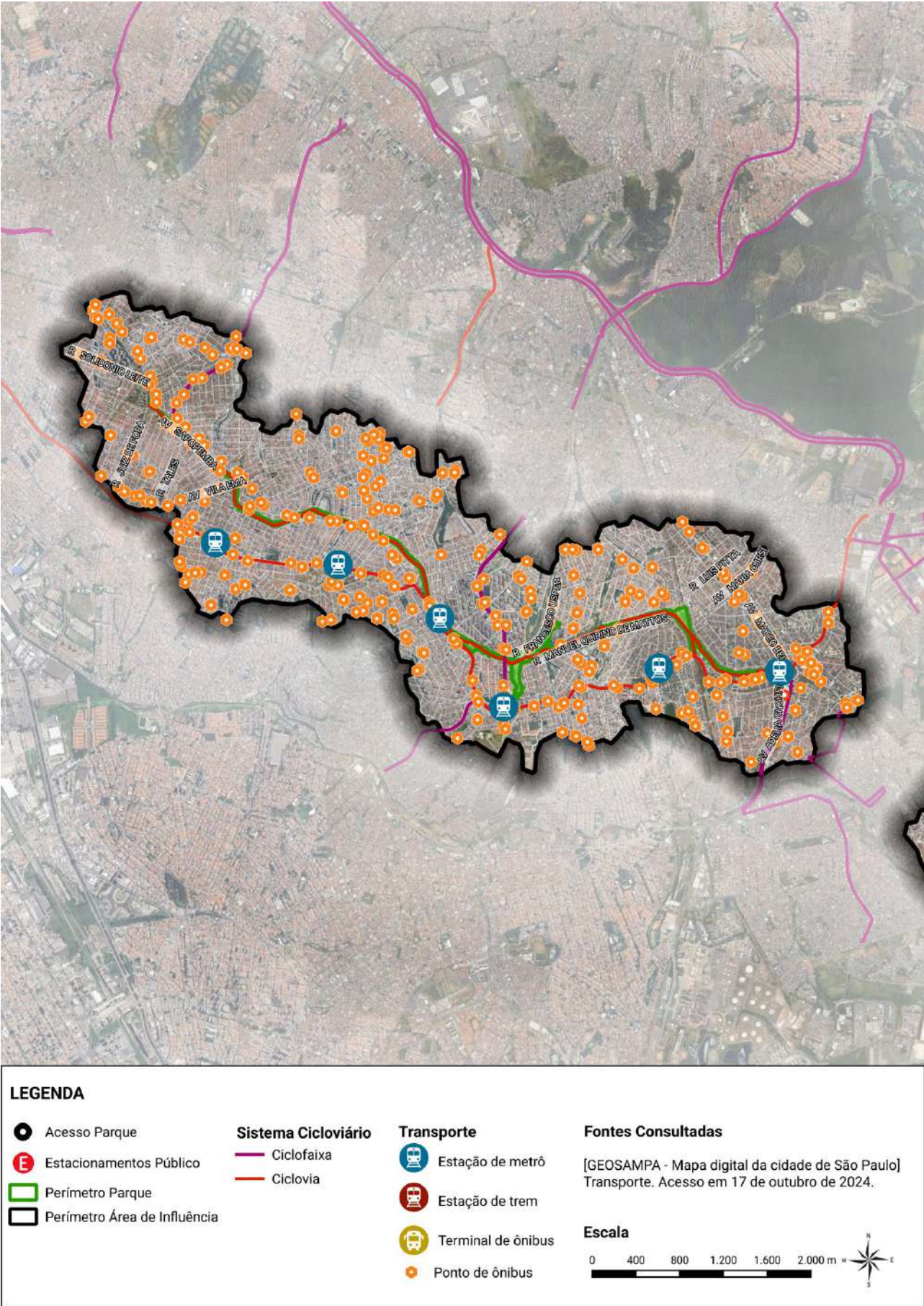


Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A bicicleta é o segundo meio de locomoção mais utilizado para acessar o parque, com 24% das pessoas entrevistadas optando por esse modal. Esse número elevado pode ser atribuído à qualidade da infraestrutura cicloviária, conforme analisado anteriormente.

Por outro lado, o transporte público e o transporte individual não são utilizados para chegar ao parque pelos entrevistados. Embora haja uma grande oferta de transporte público, essa escolha pode ser explicada pelo papel local do parque, sendo utilizado principalmente por moradores da região.

Mapa 22: Mapa de identificação dos modelos de deslocamento



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A presença de equipamentos que incentivem meios de deslocamento específicos, como estacionamentos para bicicletas e veículos privados, é fundamental para compreender os incentivos e limitações ao uso desses modais.

No caso do Parque Linear da Integração Zilda Arns, apesar de sua extensão ser acompanhada por ciclovia, não há equipamentos para o estacionamento seguro de bicicletas, como paraciclos ou bicicletários em seus principais setores.

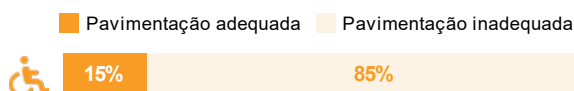
Esse dado indica que a falta dessa infraestrutura pode afetar os ciclistas que desejam usar o parque não só como passagem.

Já em relação ao estacionamento de veículos, por se tratar de um parque linear, não há uma entrada centralizada ou formal que concentre o acesso de pessoas, permitindo que estes estacionem ao longo de boa parte do perímetro. No entanto, conforme observado no *Gráfico 58*, o acesso por transporte individual motorizado não apresenta relevância significativa.

Outro aspecto essencial na análise de acessibilidade do Parque Linear da Integração Zilda Arns é sua adequação à acessibilidade universal no perímetro interno. Um parque acessível garante que pessoas com deficiência e mobilidade reduzida possam usufruir plenamente do espaço, promovendo a inclusão. Além disso, a acessibilidade impacta diretamente a apropriação por mulheres, que, devido ao papel de cuidadoras socialmente atribuído, frequentemente acompanham pessoas idosas e crianças (Sampapé, 2019). Esses grupos dependem de uma pavimentação segura e adequada, que permita também o uso de equipamentos como carrinhos de bebê.

Gráfico 57: Acessibilidade nos setores do parque

Setores por adequação de pavimentação e inclinação para pessoas com deficiência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Diante do que foi observado no parque, em 85% dos setores existem problemas de pavimentação e inclinação que limitam a acessibilidade universal.

Apesar da identificação de muitos problemas associados a falta de acessibilidade universal no parque, 47% das pessoas entrevistadas percebem a acessibilidade do parque como boa (41%) ou muito boa (6%). Contudo, dentre as contribuições no *Capítulo 2 Processos participativos*, foi reportado que a pavimentação de pontos do parque está rachada e com buracos, se tornando perigosa para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Gráfico 58: Percepção de acessibilidade pelo público

Percepção das pessoas entrevistadas sobre a acessibilidade do parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. O transporte público atende bem ao longo de toda a extensão do parque;
2. O parque possui ciclovias em toda sua extensão, interligadas à rede cicloviária do bairro;
3. 54% das calçadas ao redor do parque não atendem à largura mínima exigida pela legislação, impactando 76% das pessoas que acessam o parque a pé;
4. Embora o Parque Linear da Integração Zilda Arns tenha ciclovias ao longo de sua extensão, não há equipamentos para o estacionamento seguro de bicicletas;
5. Em 85% dos setores do parque, há problemas de pavimentação e inclinação que comprometem a acessibilidade universal.

Figura 97: Registros do Parque Linear da Integração Zilda Arns em visita técnica.



Fonte: Acervo ONU-Habitat

3.9 Instalações e mobiliário

Assim como espaços urbanos podem convidar as pessoas para uma vida na cidade, há muitos exemplos de como a renovação de um único espaço, ou mesmo a mudança no mobiliário urbano e outros detalhes podem convidar as pessoas a desenvolver um padrão de uso totalmente novo (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi realizado o levantamento em campo para analisar a condição dos principais elementos que compõem a infraestrutura do parque.

Conforme a *Tabela 16*, o trecho avaliado do Parque Linear da Integração Zilda Arns (ver *Capítulo 1 Sobre o parque*) conta com 13 setores, dos quais nove são dedicados à prática esportiva, dois para crianças e bebês, além de dois sanitários. Em nenhum dos setores há equipamentos adaptados a pessoas com deficiência.

Durante o período de coleta, este trecho do parque estava em reforma, sendo que muitos setores estavam em manutenção, o que dificultou o processamento das informações coletadas em campo. A reforma do parque foi concluída em outubro de 2024 (ver *Seção 1.3 Projeto do parque*). No *Capítulo 4 Diagnóstico das dimensões* serão tratadas as alterações após a reforma.

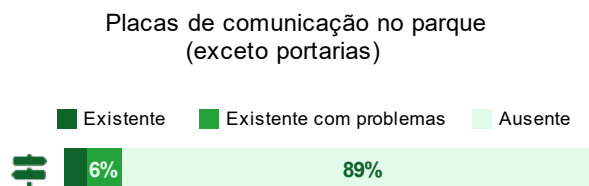
Dentro do que foi possível observar, o trecho do parque apresenta uma carência generalizada de elementos de mobiliário urbano, tais como postes de iluminação, bancos, lixeiras, bebedouros e placas de sinalização.

Por se tratar de parque linear, a ausência de elementos de iluminação após o anoitecer compromete significativamente a segurança e a percepção de segurança no espaço, especialmente de meninas e mulheres (Safer Parks Consortium, 2023). Na *Seção 3.4 Segurança*, são apresentados os resultados, que apontam para uma grande percepção de insegurança das pessoas que frequentam o parque, além de alto número de ocorrências criminais em sua área de influência.

A ausência de elementos de mobiliário urbano, como bancos e bebedouros, resulta em menor inclusão pode ser um fator de desincentivo para frequentar ou permanecer por maiores períodos no parque (Safer Parks Consortium, 2023).

A presença de placas de sinalização foi identificada somente no *Espaço de esporte e lazer 6*, uma vez que comumente são instaladas placas de recomendações no momento de implantação das academias ao ar livre. Conforme apresentado no *Gráfico 59*, praticamente não há placas de sinalização ao longo do parque, sendo que mais da metade daquelas existentes (6%) se encontram em condições inadequadas de manutenção.

Gráfico 59: Caracterização da sinalização no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Conforme mencionado, os equipamentos esportivos presentes nos setores do parque estavam, em sua maioria, em manutenção durante o período de coleta de dados.

Contudo, o processo participativo apontou como uma demanda a necessidade de manutenção geral nos setores do parque (ver *Capítulo 2 Processo participativo*).

Foi observado que os equipamentos dos *Espaços para crianças e bebês 1 e 2* não foram objeto da reforma, apesar de demandarem manutenção. Além disso, há pouca oferta e diversidade de brinquedos, além da ausência de elementos fundamentais nestes locais, tais como iluminação, bancos e lixeiras. A necessidade de espaços para crianças e bebês melhor qualificados foi outro ponto apresentado pela população durante as atividades de participação social.

Tabela 15: Avaliação dos setores do parque- Equipamentos e mobiliário

Nome do setor		Equipamento	Necessita manutenção	Mobiliário				
	Espaço de esporte e lazer 1	Quadra de futebol	Manutenção em curso no período de coleta					
	Espaço de esporte e lazer 2	Campo de futebol	Manutenção em curso no período de coleta					
	Espaço de esporte e lazer 3	Pista de skate	Manutenção em curso no período de coleta					
	Espaço de esporte e lazer 4	Quadra poliesportiva	Manutenção em curso no período de coleta					
	Espaço de esporte e lazer 5	Quadra poliesportiva	Manutenção em curso no período de coleta					
	Espaço de esporte e lazer 6	Academia	Sim					
	Espaço de esporte e lazer 7	Campo de futebol	Não					
	Espaço de esporte e lazer 8	Quadra de futebol	Sim					
	Espaço de esporte e lazer 9	Quadra poliesportiva	Manutenção em curso no período de coleta					
	Espaço para crianças e bebês 1	Parquinho	Sim					
	Espaço para crianças e bebês 2	Parquinho	Sim					
Legenda:		Iluminação	Banco	Lixeira	Bebedouro	Sinalização	Presente	Ausente
								

Figura 98: Localização dos setores do Parque Linear da Integração Zilda Arns



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Dentre os setores de sanitários do trecho avaliado, os dois conjuntos de sanitários existentes não possuem acessibilidade universal, chuveiros, vestiários, sinalização ou trocador infantil. A existência destes elementos entendida como fundamental para a promoção de inclusão e segurança nos espaços públicos.

O parque também não dispõe de elementos de combate a incêndio e equipamentos de primeiros socorros, apesar de contar infraestrutura de suporte e administrativa capaz de armazenar estes insumos.

Tabela 16: Avaliação dos sanitários do parque

Nome do setor	Acessibilidade 	Diferenciação de gênero 	Chuveiro 	Vestiário público 	Sinalização 	Trocador infantil 
Sanitário 1						
Sanitário 2						

Legenda:

Presente 

Ausente 

O que se descobriu?

1. É necessário qualificar os espaços para crianças e bebês;
2. O parque possui ciclovias em toda sua extensão, interligadas à rede cicloviária do bairro;
3. Há uma carência generalizada de mobiliário urbano, caracterizado pela inexistência de lixeiras e bebedouros nos setores, e a falta de postes de iluminação em mais da metade dos setores avaliados;
4. Os sanitários não possuem acessibilidade universal, chuveiros, vestiários, sinalização ou trocador infantil.

Figura 99: Registros do Parque Linear da Integração Zilda Arns em visita técnica.



Fonte: Acervo ONU-Habitat

Entre os fatores que influenciam a percepção de segurança, os índices de criminalidade no entorno destacam-se como um elemento de importante análise. Regiões com altos índices de ocorrências frequentemente estigmatizam o local como inseguro, o que reduz o uso do espaço e dificulta a implementação de programas e atividades (Caldeira, 2011). Esse ciclo perpetua a imagem de abandono e risco associada ao parque, reforçando a sensação de insegurança. Assim, ações de segurança pública combinadas com estratégias que ampliem os usos do espaço são essenciais para aumentar a vitalidade e a atratividade desses locais.

A análise da criminalidade do entorno foi realizada por meio de um indicador baseado no registro de ocorrências, desagregadas por tipo: roubos, furtos, outros crimes e violência física. O *Mapa 23* apresenta a localização e distribuição das classificações de ocorrências registradas em 2023, contribuindo para o entendimento das dinâmicas de segurança na área.

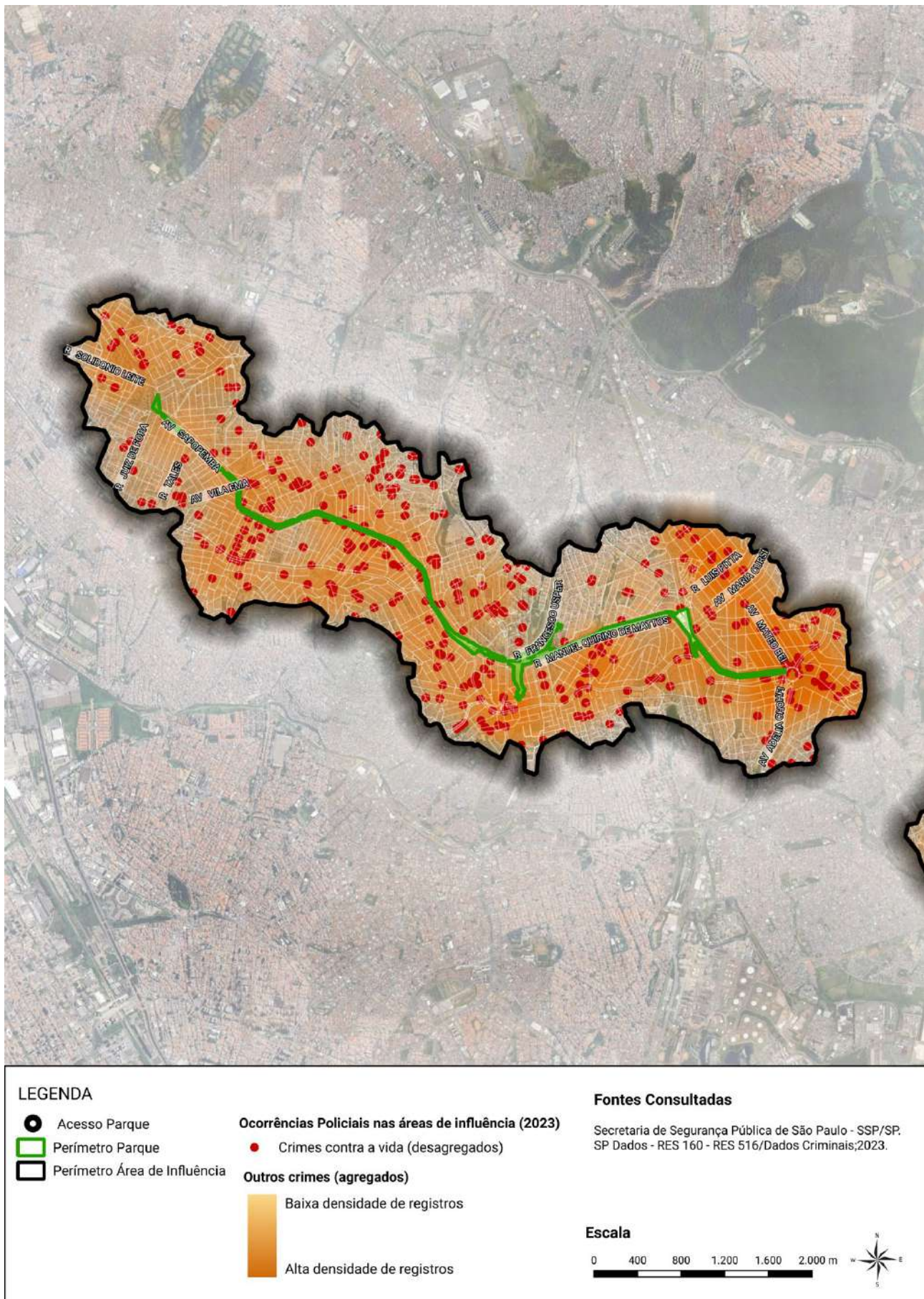
Ao longo da área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns, observa-se que a mancha de ocorrências criminais é constante, tendo alguns pontos com mais intensidade e outros menos.

Importante destacar que não só a intensidade de “outros crimes” é constante como também a de crimes contra a vida, que se apresenta de forma expressiva em toda a área de influência.

Um local com destaque de alta densidade de registros é o extremo leste do parque, indicando um risco para as pessoas que frequentam essa porção do parque, ou o acessam desde essa região.

A porção ao redor do terminal Sapopemba, mais ao sul do parque, também consta com uma alta densidade de registros.

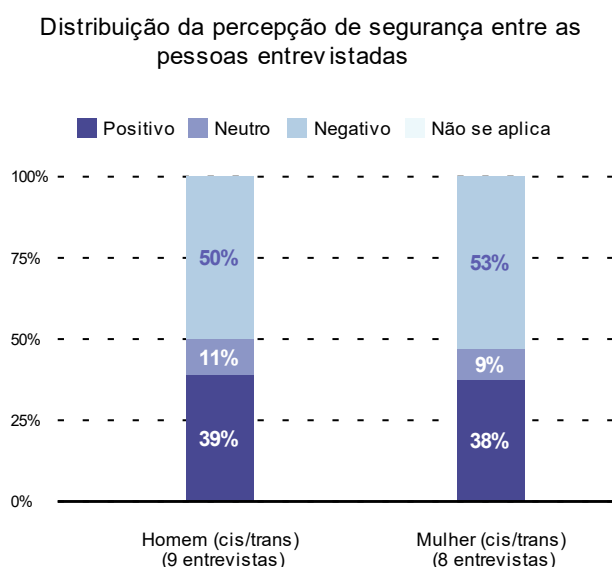
Mapa 23: Registro de ocorrências desagregado por tipo



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Ao abordar as pessoas frequentadoras do Parque Linear da Integração Zilda Arns sobre sua percepção de segurança em relação ao uso e permanência no espaço, não houve muita diferença entre as pessoas entrevistadas nos dados desagregados por gênero, como pode-se observar no *Gráfico 60*.

Gráfico 60: Nível de segurança percebido pela comunidade por gênero



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Tanto mulheres quanto homens percebem a sensação de segurança no parque como negativa, com cerca de 50% das pessoas entrevistadas relatando insegurança.

A percepção de insegurança em espaços públicos, como parques, pode estar relacionada a diversos fatores. Um deles é a alta incidência de ocorrências criminais (Caldeira, 2011), conforme observado no *Mapa 23*, com maior concentração de registros ao leste e em pontos ao sul do parque. No extremo leste, a região com mais crimes coincide com uma das áreas consideradas mais inseguras tanto por mulheres quanto por homens entrevistados, conforme indicado na *Figura 100*.

A sensação de insegurança é um problema generalizado ao longo do parque, com diferentes pontos sendo apontados como inseguros pelas pessoas entrevistadas.

Além da criminalidade, outros fatores contribuem para essa percepção, como vandalismo, incluindo furtos e depredação de equipamentos,

e a distribuição irregular de elementos de vigilância (Safer Parks Consortium, 2023).

A *Figura 100* ilustra as áreas afetadas e a localização desses recursos. Observou-se a ausência de câmeras de vigilância ao longo do parque e a presença de vigilantes restrita à área administrativa, que não foi apontada como insegura.

A equipe de segurança, localizada de forma fixa e limitada, faz com que essa área seja percebida como mais segura, enquanto o restante do parque apresenta diversos pontos de insegurança.

Um exemplo disso, segundo representantes da sociedade civil, é a alta demanda pelas quadras próximas à administração, justamente por estarem mais protegidas pela presença da equipe de segurança.

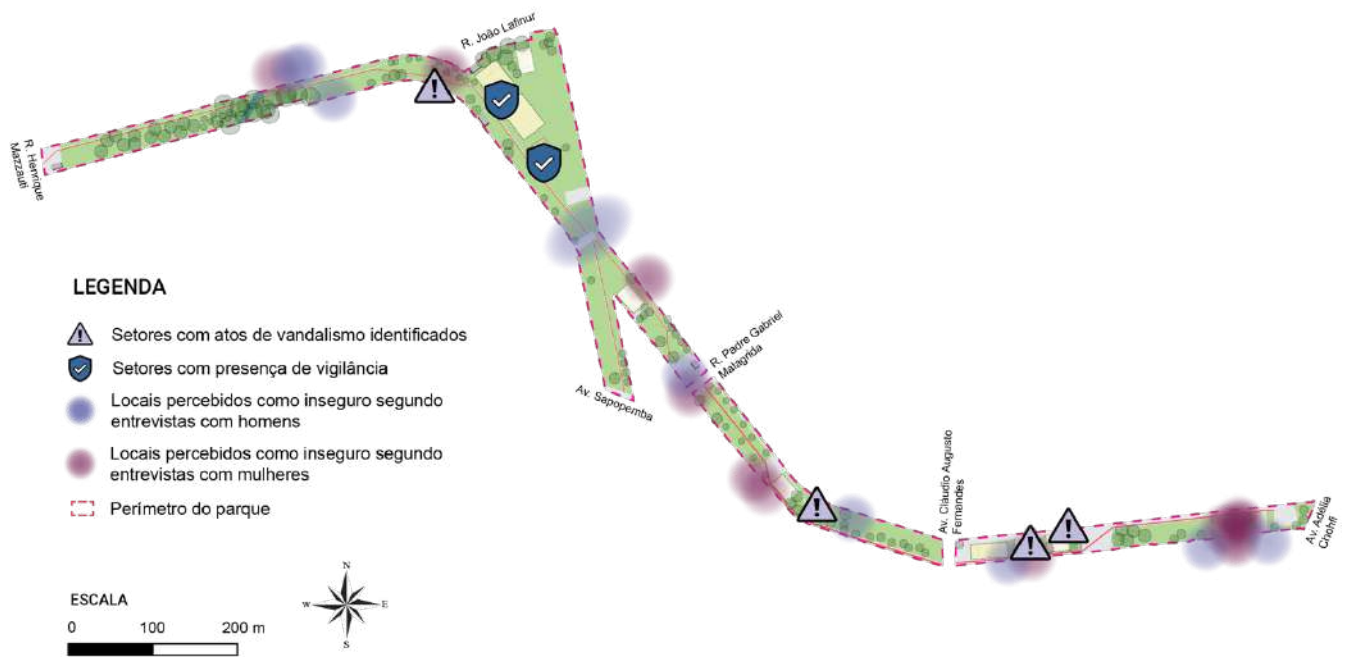
Além disso, a comunidade destacou que, por ser um parque linear utilizado como passagem, a insegurança aumenta à noite, pois não há presença de pessoas que atuam como seguranças no período noturno.

Também foram identificados atos de vandalismo em alguns equipamentos, aspecto mencionado negativamente nos processos participativos descritos no *Capítulo 2 Processo participativo*.

O que se descobriu?

1. A ocorrência de crimes é constante na área de influência do parque, com maior concentração no extremo leste e próximo ao Terminal Sapopemba;
2. Crimes contra a vida ocorrem de forma expressiva em toda a área de influência;
3. Cerca de 50% das pessoas entrevistadas percebem o parque como um espaço inseguro;
4. A insegurança é generalizada na extensão do parque, com destaque para o extremo leste, apontado como a área mais crítica;
5. A equipe de segurança tem presença fixa e limitada, sem cobertura no restante do parque, o que agrava a sensação de insegurança, além de uma falta de vigilância noturna;
6. Foram identificados atos de vandalismo em alguns equipamentos.

Figura 100: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

3.9 Conforto e ambiente

A sensação de bem-estar que as pessoas desfrutam dentro dos parques está associada a diversos fatores relacionados à qualidade do ambiente, tais como atenuação da sensação de calor, redução do ruído urbano excessivo e aproximação com a natureza (Semeia 2021^a). Dessa forma, o conceito de conforto ambiental relaciona como os aspectos, acústicos, térmicos e naturais interagem com as pessoas em determinado meio.

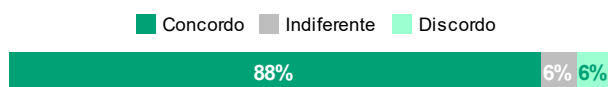
Com o objetivo de identificar os possíveis elementos que possam comprometer a sensação de bem-estar promovida pelo conforto ambiental, foram realizadas entrevistas para compreender a percepção que as pessoas possuem do Parque Linear da Integração Zilda Arns.

Os baixos níveis de ruído contribuem com a sensação de bem-estar no espaço público e ainda favorecem as interações sociais através de conversas (Gehl, 2010). Nesse sentido, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque qual a percepção em relação à presença de sons agradáveis.

A maioria das pessoas (88%) concordam que predominam sons agradáveis e baixo nível de ruído no parque, enquanto somente 6% das entrevistadas discordam dessa condição.

Gráfico 61: Percepção da qualidade sonora pelas pessoas que frequentam o parque

Percepção de sons agradáveis e sem ruído no parque pelas pessoas entrevistadas



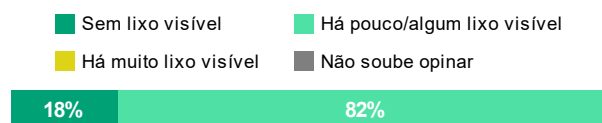
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A qualidade da limpeza do espaço também pode afetar a sensação de conforto ambiental, além de ser importante na preservação dos parques. Em levantamento técnico em campo, foi identificado um ponto de descarte irregular de lixo no trecho avaliado (*Figura 101*). O ponto corresponde como um local percebido como inseguro por homens e mulheres que frequentam o parque (ver *Item 3.4 Segurança*) e não possui setor com equipamentos (ver *Seção 3.3 Instalações e mobiliário*).

Em entrevista realizada com as pessoas frequentam o parque, a maioria (82%) afirma identificar a presença de descarte irregular de lixo visível, ainda que em pouca quantidade, apesar da ausência generalizada de lixeiras no trecho avaliado (ver *Seção 3.3 Instalações e mobiliário*).

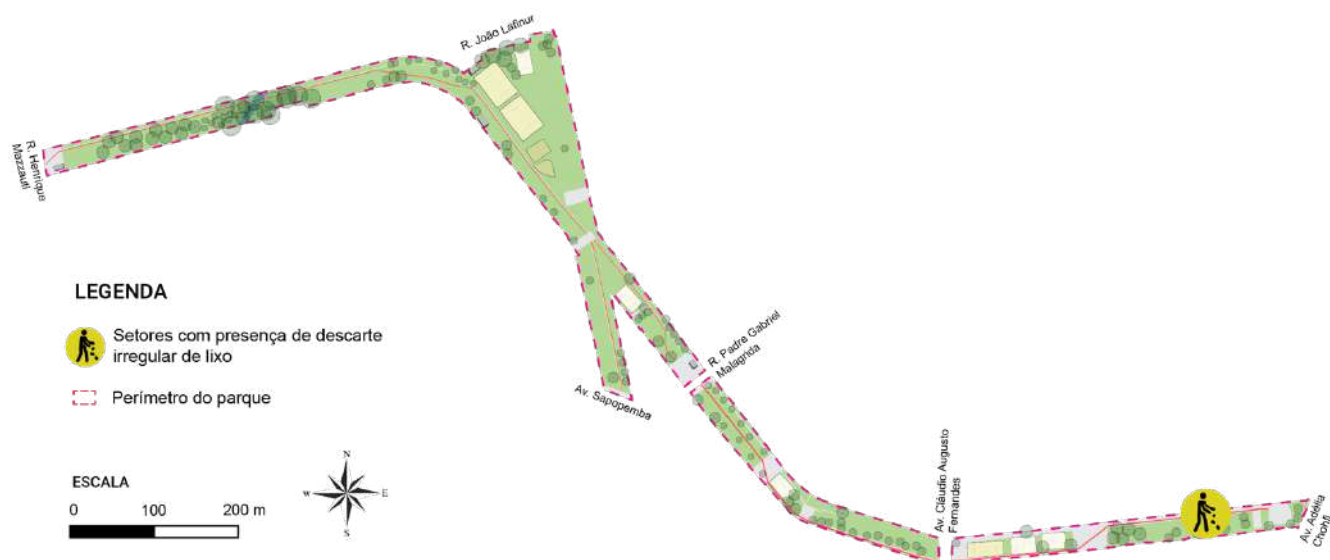
Gráfico 62: Percepção da existência de descarte irregular de lixo pelas pessoas que frequentam o parque

Proporção da percepção de lixo espalhado no parque pelos entrevistados



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Figura 101: Locais com descarte irregular de lixo identificado



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O conforto térmico foi avaliado pela presença de elementos de sombreamento, naturais ou artificiais, para proteção do calor extremo e da insolação.

Somente um setor, dos 11 avaliados, possui estrutura de proteção solar. O desafio para incremento de arborização se justifica pela existência das tubulações adutoras da SABESP na extensão do parque (ver *Capítulo 1 Sobre o parque*).

Tabela 17: Presença de estruturas de sombreamento nos setores

Nome do setor		Sombras
	Espaço de esporte e lazer 1	
	Espaço de esporte e lazer 2	
	Espaço de esporte e lazer 3	
	Espaço de esporte e lazer 4	
	Espaço de esporte e lazer 5	
	Espaço de esporte e lazer 6	
	Espaço de esporte e lazer 7	
	Espaço de esporte e lazer 8	
	Espaço de esporte e lazer 9	
	Espaço para crianças e bebês 1	
	Espaço para crianças e bebês 2	
ausent e		
presente		

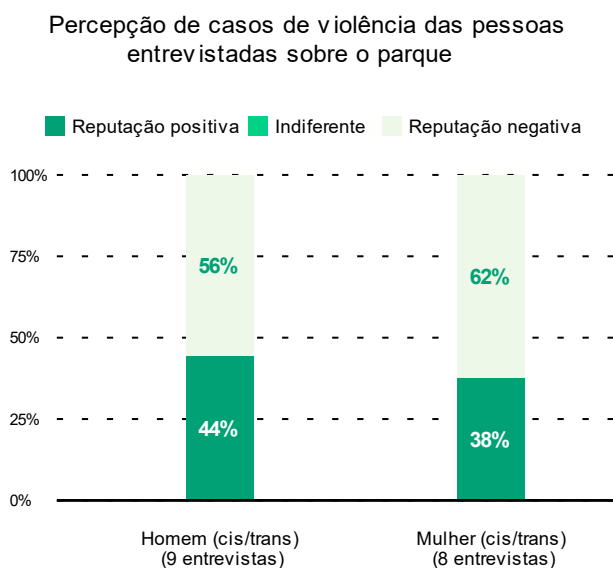
Legenda
:

Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Além dos elementos físicos que possam comprometer a sensação de bem-estar no parque, a reputação que o espaço possui na comunidade onde está inserido é fundamental para a garantia de uma devida apropriação social. O conhecimento da percepção das pessoas sobre o espaço também permite ao poder público conhecer as diferentes visões de mundo em relação ao parque e aos territórios em questão, criando a oportunidade de considerar essas contribuições sempre que houver viabilidade para implementá-las (Semeia, 2023).

Dessa forma, foi perguntado às pessoas que frequentam o parque se já ouviram notícias ou relatos de situações de insegurança que aconteceram no parque (*Gráfico 62*). Do total de pessoas entrevistadas, a maioria, tanto dos homens (56%) quanto das mulheres (62%) relatam ter ouvido histórias relacionadas a casos de violência no parque. Ainda assim, esse percentual é maior quando relacionado à opinião das mulheres.

Gráfico 63: Reputação do parque por gênero



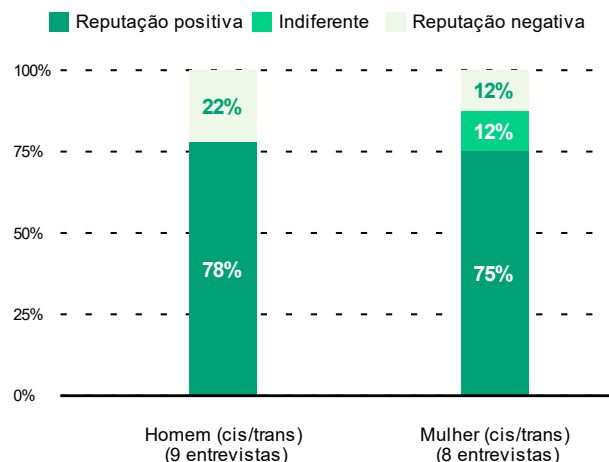
Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Também foi perguntado às pessoas se elas recomendariam o parque enquanto opção de lazer do bairro. Mesmo tendo conhecimento de casos de violência no parque, a maioria das pessoas o recomendariam como uma opção de lazer do bairro.

Essa divergência de resultado sugere que pode existir uma carência na oferta de espaços dessa natureza na região, sendo o parque uma referência no entorno, apesar das fragilidades relacionadas à percepção de insegurança.

Gráfico 64: Recomendação do parque por gênero

Proporções de pessoas que recomendariam o parque como opção de lazer do bairro



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

O que se descobriu?

1. Apesar da identificação de somente um ponto de descarte de lixo, o local também é percebido como inseguro pelas pessoas que frequentam o parque. Além disso, a percepção das pessoas quanto à existência de descarte irregular de lixo é alta;
2. Somente um setor do parque oferece proteção solar, dos 11 avaliados. A existência das tubulações adutoras da SABESP se apresenta como um desafio para o incremento da arborização ou execução de obras de infraestrutura;
3. A maioria das pessoas entrevistadas relatam ter ouvido histórias relacionadas a casos de violência no parque, o que representa uma reputação negativa do espaço.

3.6 Verde e Azul

Conforme apresentado no *Capítulo 2 Proposta metodológica*, a avaliação na escala da bacia hidrográfica é fundamental para a compreensão da dinâmica ecológica e conectividade do parque com seu entorno. O Parque Linear da Integração Zilda Arns abrange parte das bacias do Córrego da Mooca e do Rio Aricanduva, sendo a bacia principal do Rio Tamanduateí e do Rio Tietê, respectivamente. A bacia do Rio Aricanduva abrange uma área de 103,9 km², que corresponde a 6,8% da área total da cidade de São Paulo. Já a bacia do Córrego da Mooca abrange uma área de 22 km², correspondente a 1,4% da área total do município.

Os cadernos de bacia hidrográfica são documentos elaborados pela Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB), que fornecem subsídios à Prefeitura para o planejamento e gestão das bacias relacionado ao controle de cheias e permitem a observação de algumas informações importantes sobre o contexto do parque. Apesar de sua inserção em bacia hidrográfica abundante e de sua grande extensão, o parque é atravessado por cursos hídricos em apenas três pontos, sendo que dois deles estão canalizados e subterrâneos (Córrego Inhumas e um canal do Córrego dos Machados), enquanto o terceiro é parcialmente canalizado e subterrâneo, com um trecho a céu aberto. Foram identificados lagos e duas nascentes no parque: uma próxima ao perímetro leste, canalizada junto ao curso d'água em galeria subterrânea e outra situada também no trecho leste do parque, mais próxima ao trecho central, conforme observado no *Mapa 24*.

Parques, áreas protegidas e áreas verdes fazem parte do sistema de drenagem do município, especialmente os parques lineares. Além da sua capacidade de aumentar a infiltração das águas pluviais no solo, os parques lineares objetivam a proteção e recuperação das áreas de preservação permanente e ecossistemas ligados aos cursos d'água, a conexão das áreas verdes e espaços públicos, o controle de enchentes e oferta de espaços de lazer, fruição, atividades culturais e conservação ambiental, além da ampliação da percepção dos cidadãos sobre o meio físico (São Paulo, 2014).

O Caderno de Bacia Hidrográfica do Rio Aricanduva (São Paulo, 2022^a), onde a maior parte do parque está inserida, apresenta que, do total de 47 sub-bacias, 44 delas apresentam taxa de impermeabilidade menor que a máxima permitida. Contudo, o valor médio da

impermeabilização atual é de 74%, diante de uma média permitida de 80% – portanto, é necessário atenção a esses dados, uma vez que a bacia do Rio Aricanduva apresenta questões históricas de inundações devido aos impactos decorrentes do processo de urbanização sobre o sistema de drenagem. O mesmo ocorre na Bacia do Córrego da Mooca, na qual é possível verificar, conforme indicado no *Mapa 24*, que os córregos se encontram totalmente canalizados em galerias, sob o viário e suprimidos da paisagem. Neste caso, das 41 sub-bacias, 36 apresentam taxa de impermeabilidade maior do que a máxima permitida e o valor médio de área impermeável existente é de 87,3%, e a permitida é de 84,2%, de acordo com o Caderno de Bacia Hidrográfica do Córrego da Mooca (São Paulo, 2024).

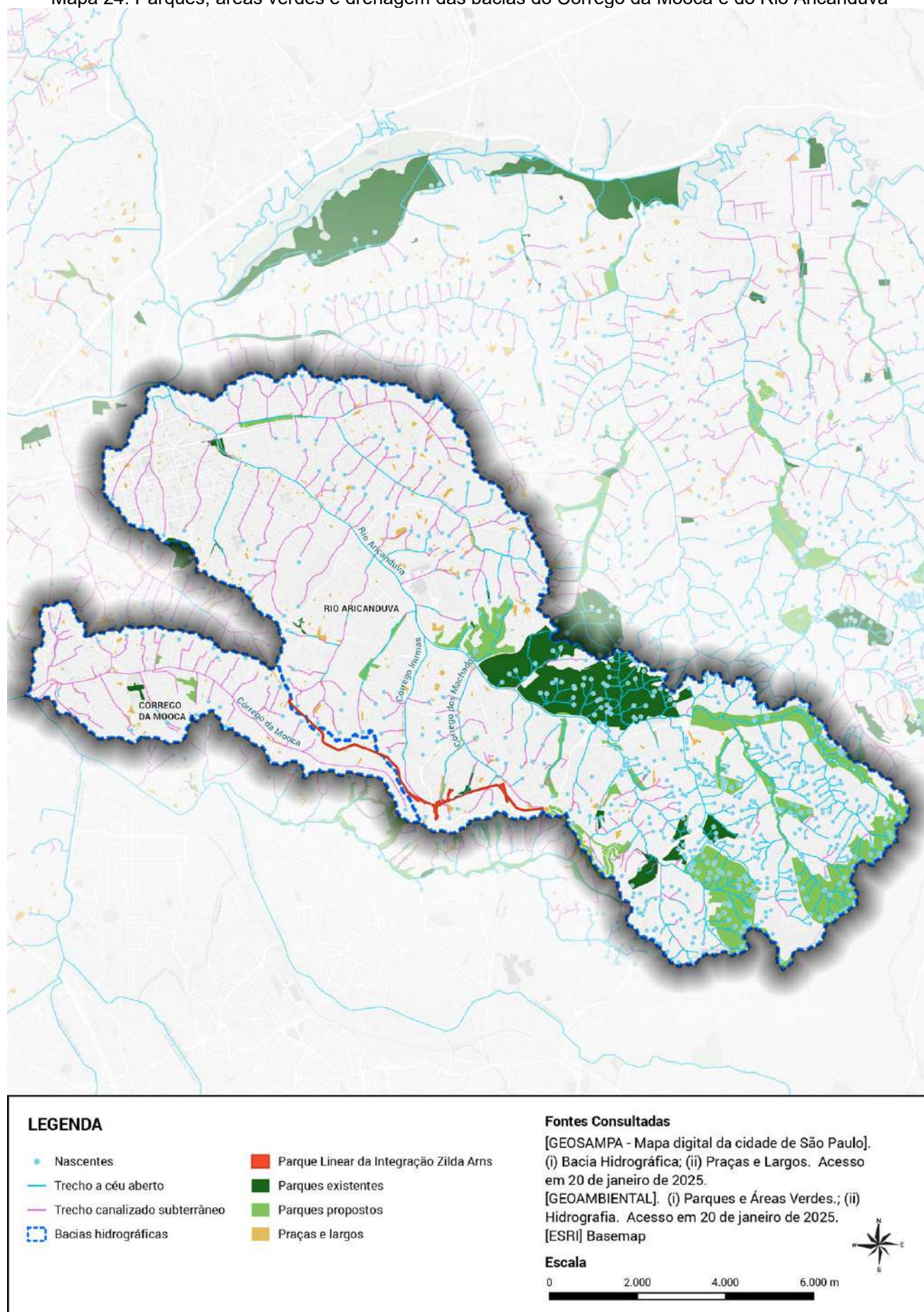
Conforme mencionado na *Seção 1.1 Histórico do parque*, a origem deste parque difere da maioria dos parques lineares da cidade, pois não foi criado a partir de um curso natural de água e sim sobre as tubulações da adutora Rio Claro da SABESP e transcorre, em boa parte, sobre o cume que divide as duas bacias hidrográficas.

Apesar do Parque Linear da Integração Zilda Arns não constar diretamente nas alternativas propostas de ambos os cadernos como medida de controle, é possível aferir sua relevância no sistema de drenagem das duas bacias, devido à sua extensão e abrangência no território, oportunizando a melhoria de estratégias relacionadas à drenagem e conectividade com o entorno.

Dentre as medidas propostas pelo Caderno de Bacia Hidrográfica do Córrego da Mooca (São Paulo, 2024), está a implementação de jardins de chuva em pontos estratégicos do território, incluindo o Parque Linear da Integração Zilda Arns.

A análise da conectividade do parque também passa pela identificação de projetos e recomendações relacionados com o parque e seu entorno. O projeto “Bairro Conectado: Terminal Sapopemba”, citado na *Seção 1.3 Projeto do parque*, tem potencial de sinergia com as ações da SVMA no parque, uma vez que prevê melhorias em seus acessos e entorno. Também foi identificado que o parque consta em um dos Perímetros de Ação do Plano Regional da Prefeitura de Sapopemba (São Paulo, 2016b): ID 312 – Av. Sapopemba – Parque Zilda Arns.

Mapa 24: Parques, áreas verdes e drenagem das bacias do Córrego da Mooca e do Rio Aricanduva



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Dentre as principais recomendações do Perímetro de Ação que se relacionam com o parque, estão a promoção de acessibilidade universal com a qualificação de calçadas, vias de pedestre, sinalização específica e iluminação; garantir a zeladoria, segurança e qualificação dos espaços públicos; melhorar a arborização e implantar equipamentos de ginástica e brinquedos no parque; garantir melhores acessos ao parque e melhor iluminação; qualificar a conectividade dos bairros, garantindo a conexão entre modais.

Identificar projetos em curso de outras secretarias e instituições é uma oportunidade para potencializar a implantação de recomendações em comum e intervenções para melhoria do parque.

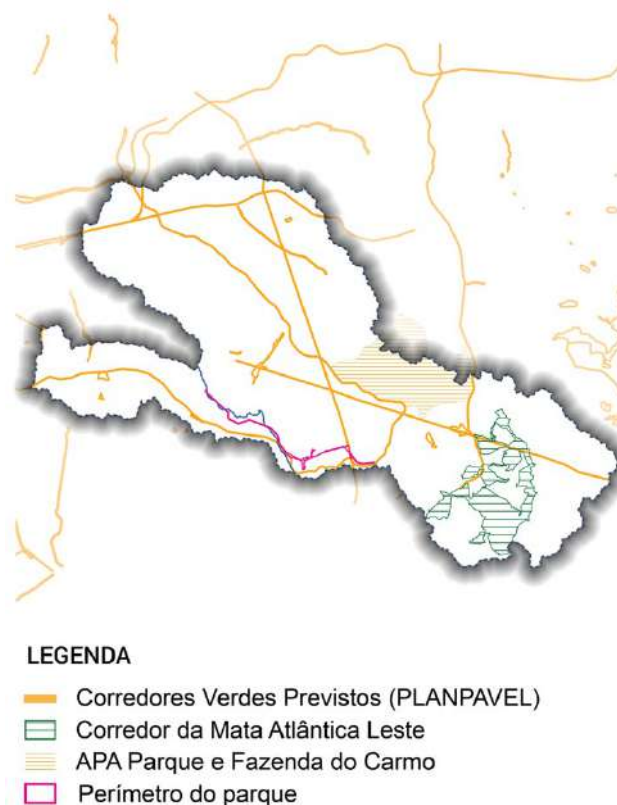
No *Mapa 24* é possível observar a proximidade com parques vizinhos, como os parques Jardim Sapopemba Maria de Fátima Diniz Carrera, Sapopemba (o qual também faz parte da Avaliação Específica), Nebulosas, Linear Colonial (proposto) e Linear São Mateus (proposto). Ao mesmo tempo, nota-se que na porção oeste das bacias há menor presença de parques, tanto existentes como propostos. Já o *Mapa 25* apresenta o potencial de conectividade do parque, na escala das bacias hidrográficas em que está inserido. A avaliação pautou-se nos indicadores do BIOSAMPA (São Paulo, 2023), índice desenvolvido a partir da metodologia do “Índice de Biodiversidade da Cidade” – IBC (*City Biodiversity Index*, em inglês), também conhecida como *Singapore Index on Cities’ Biodiversity*, principal estudo de biodiversidade na cidade de São Paulo. Nota-se que o parque apresenta a classificação mais baixa de conectividade. No entanto, nas adjacências do Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo e em direção ao extremo leste da bacia do Rio Aricanduva, observa-se maior potencial de conectividade e uma concentração de parques com um grau médio de conectividade (em laranja).

Portanto, há potencial para, por meio de projetos específicos, fomentar a biodiversidade a partir da rede de conexão entre os parques e áreas verdes.

O parque está próximo de dois corredores verdes previstos pelo PLANPAVEL (São Paulo, 2022c): o Corredor Verde Av. Anhaia Melo/Sapopemba – Parque Independência-Carmo, que acompanha a extensão do parque e o Corredor de

Polinizadores: Linhão da Fazenda da Juta, que atravessa um dos trechos do extremo leste do parque. Também se observa a proximidade com o Corredor Ecológico da Mata Atlântica Leste e presença de remanescentes de Mata Atlântica, além da Área de Proteção Ambiental Parque e Fazenda do Carmo (APA do Carmo).

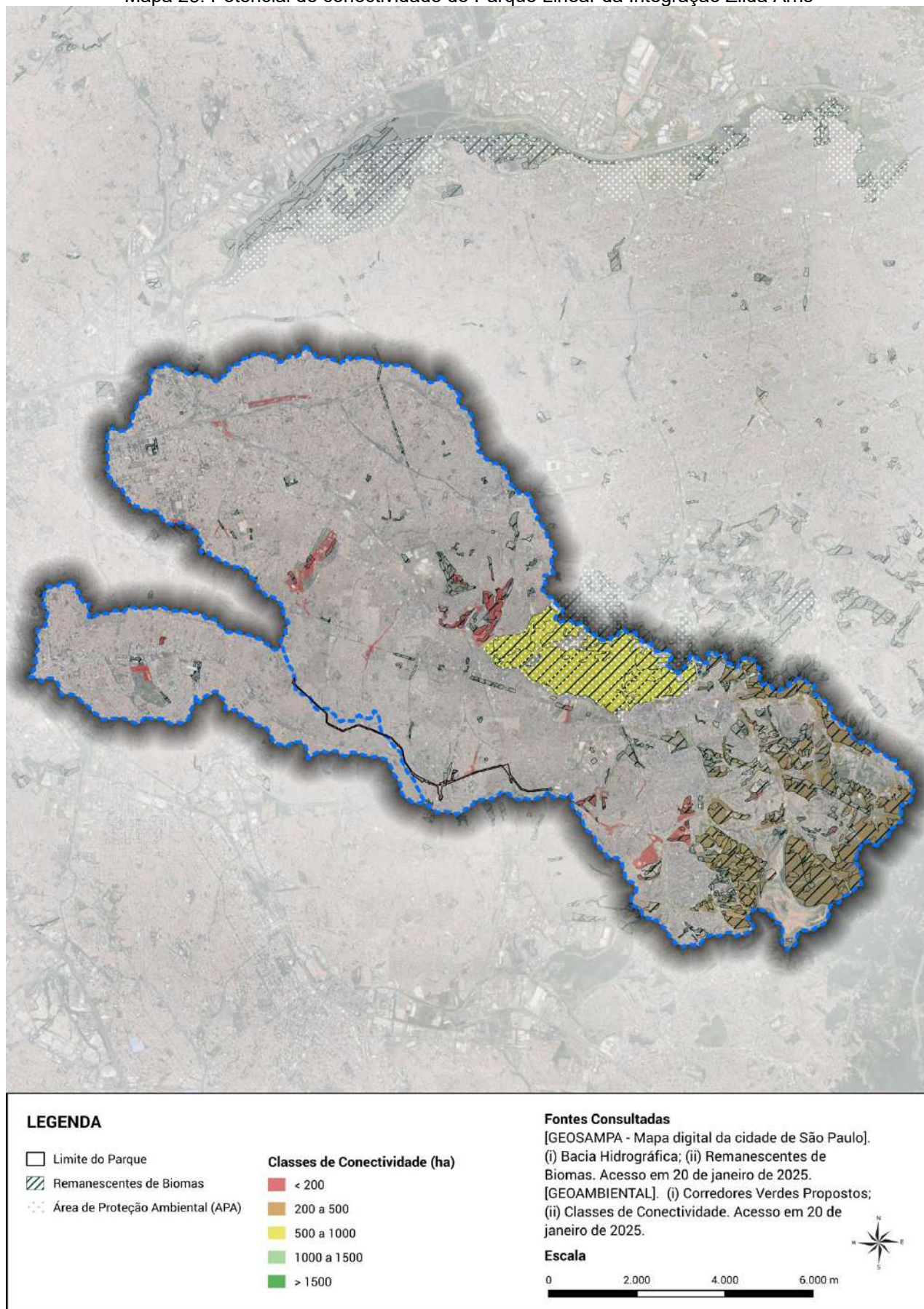
Figura 102: Corredores verdes e ecológicos no entorno do parque



Fonte: Adaptado de GeoSampa, 2025. Elaboração própria, ONU-Habitat

A proximidade com parques vizinhos e corredores verdes, o grau de conectividade dos parques do entorno na porção leste da bacia, a proximidade com remanescentes de Mata Atlântica, com o corredor ecológico e a APA do Carmo, bem como a abrangência do parque no território e sua grande extensão, permite constatar o papel fundamental do Parque Linear da Integração Zilda Arns para promover a conexão dos diferentes componentes do Sistema de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (SAPAVEL), configurando um equipamento relevante dessa rede. Dessa forma, observa-se a necessidade de implementar estratégias no entorno desses espaços verdes que garantam recursos e conectividade e seu uso pela fauna silvestre.

Mapa 25: Potencial de conectividade do Parque Linear da Integração Zilda Arns



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Os registros de fauna nativa e a mudança no número de espécies de plantas vasculares são um dos indicadores principais do BIOSAMPA para avaliar a biodiversidade no território. Os dados da última publicação do índice são de 2023 e apresentam que o Parque Linear da Integração Zilda Arns possui 112 espécies vasculares de flora catalogadas, incluindo o cedro (*Cedrela fissilis*) e o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*), ameaçados de extinção, correspondendo a 3,05% do total de espécies catalogadas em São Paulo (São Paulo, 2024). Para que o índice se mantenha alto, é essencial o trabalho de controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação e do levantamento e registro das espécies no parque. Não foram encontrados dados relacionados à fauna nativa para esse parque.

Outro importante aspecto de análise trazido pelo BIOSAMPA são os indicadores relacionados aos serviços ecossistêmicos. Áreas verdes, como o Parque Linear da Integração Zilda Arns, são prestadoras de inúmeros serviços ecossistêmicos, por vezes desconhecidos e subvalorizados. De acordo com a Avaliação Ecossistêmica do Milênio (MEA, 2005), são considerados fundamentais para o enfrentamento do impacto das mudanças climáticas. Dentre os benefícios estão a melhoria do clima, da qualidade do ar, controle das enchentes e oferta de lugares para lazer e contato com a natureza.

Os indicadores de serviços ecossistêmicos providos pela biodiversidade avaliados pelo BIOSAMPA são: controle da água, impacto das plantas no clima e no frescor, além de atividades educativas e recreativas em parques naturais. Conforme o relatório de *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo*, a região Leste apresenta o pior resultado referente aos serviços ecossistêmicos prestados pelos parques da região (ONU-Habitat, 2024).

Em entrevistas às pessoas frequentadoras do parque durante a *oficina aberta*, das 17 pessoas entrevistadas, 15 consideram o ar do parque limpo e agradável (88,24%), sendo citado como principal motivo a sensação de menos poluição ou ar mais saudável (67%), seguido de frescor (27%).

Esses dados reforçam a necessidade de ações para melhoria dos serviços

ecossistêmicos prestados pelo parque frente a seu potencial como área verde e demandas da população frequentadora.

Na escala de análise mais ampla, segundo dados do GeoSampa, é possível observar algumas áreas de risco geológico e hidrológico na área de influência do parque e dentro de seu perímetro, inclusive, conforme indicado no *Mapa 26*. Nota-se que há áreas de risco hidrológico R2 e R3 (médio e alto), associadas a alagamento e enxurrada e enchente/inundação.

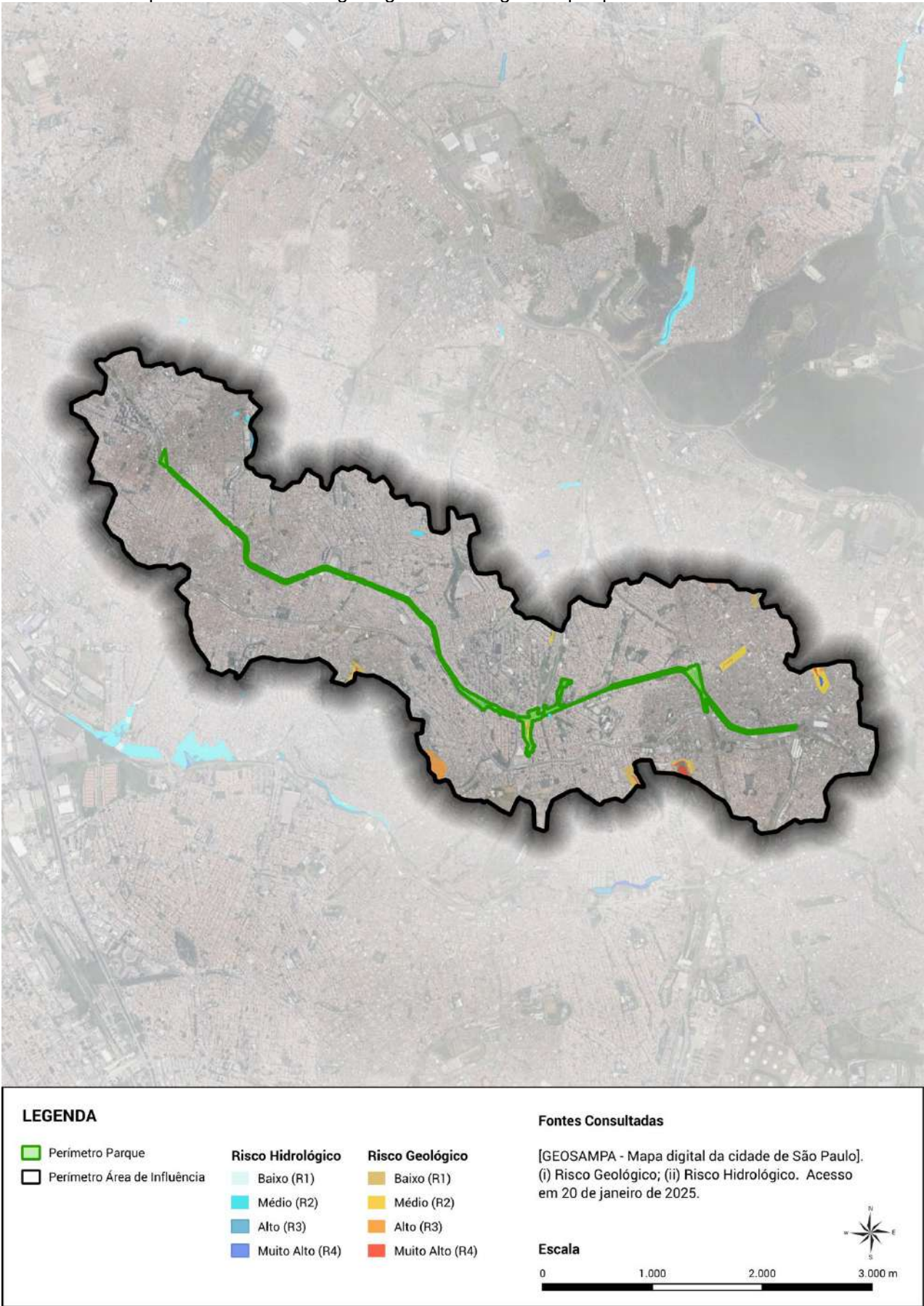
É relevante observar que uma das áreas de risco hidrológico (R2) está localizada no limite do parque, a nordeste do Terminal Sapopemba. Das áreas relacionadas a risco geológico, há R1, R2 e R3 (riscos baixo, médio e alto) no trecho onde há uma ocupação de uso habitacional dentro do parque.

Tais áreas estão relacionadas ao risco de escorregamento e solapamento (processo erosivo ao longo das margens). Quanto às áreas que se encontram fora do parque e em sua área de influência, nota-se R1, R2, R3 e R4, também relacionadas a escorregamento e solapamento.

É importante compreender estas dinâmicas e os pontos de fragilidade do entorno, demonstrando a necessidade de maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e com planos municipais. Essa coordenação é importante para consolidar o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana frente às mudanças do clima, além de garantir a oferta de um equipamento público qualificado para a região.

Já na escala do parque, existem estratégias que podem aumentar sua sustentabilidade e sua capacidade de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Foram mapeadas as seguintes medidas incorporadas nos espaços construídos do parque: presença de elementos de energia solar ou censória (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, entre outros); presença de coleta seletiva; presença de compostagem; presença de coletor de água pluvial ou sistema de filtragem de água; presença de estratégias relacionadas à agricultura urbana (como banco de sementes, horta comunitária, viveiros, estufas, melípona, aproveitamento de resíduos de poda).

Mapa 26: Áreas de risco geológico e hidrológico no parque e área de influência



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A *Figura 103* apresenta os resultados para o Parque Linear da Integração Zilda Arns, onde é possível verificar que o parque possui uma horta, que hoje está desativada para uso da comunidade e é mantida pela equipe do parque, para uso interno. A *Figura 104* indica a sua localização.

Figura 103 – Estratégias de mitigação no Parque Linear da Integração Zilda Arns

Tabela ilustrada indicando presença ou ausência das 5 medidas citadas acima

Figura 104: Localização das estratégias sustentáveis adotadas



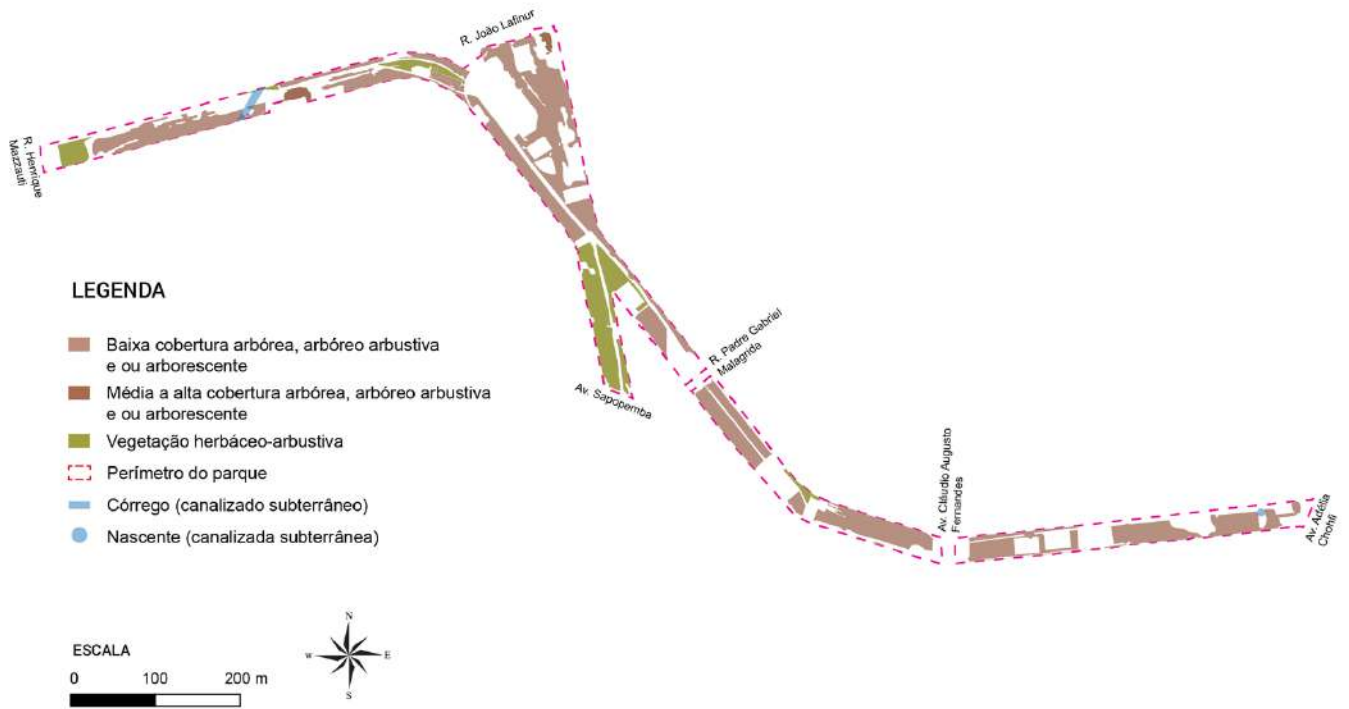
Adotar tecnologias sustentáveis pode reforçar a relevância do parque na mitigação dos riscos naturais e climáticos e fazer com que se tornem modelos de referência e ofereçam suporte às comunidades do entorno, servindo como exemplos de boas práticas e refúgios climáticos. Além disso, a adoção de práticas e estratégias sustentáveis podem dar suporte às medidas de conservação e manejo de seus atributos naturais. A presença da horta foi valorizada nos processos participativos como potencial para integração com a iniciativa Sampa Mais Rural, programa da SVMA que incentiva a agricultura urbana, valorizando a produção local e sustentável.

Na *Figura 105* é possível verificar a relação entre as áreas impermeáveis ou sem vegetação significativa e as áreas verdes do parque, sobrepostas aos elementos hídricos (córrego e nascentes). Esta análise considera o recorte representativo do parque, objeto desta Avaliação Específica. A taxa de cobertura verde do trecho é de 53,86%, o que significa que mais da metade de sua área é ocupada por vegetação, em sua maioria de baixa cobertura arbórea. Esse índice é considerável, especialmente diante de um entorno imediato adensado. Nos processos participativos, foi valorizada a presença das áreas verdes com arborização – com potencial para plantio de flores e mais árvores-, os espaços livres do parque e a manutenção da vegetação, a qual é feita cinco vezes por semana.

O que se descobriu?

1. O parque abriga duas nascentes, sendo uma delas canalizada e subterrânea. Além disso, é atravessado em apenas três trechos por córregos canalizados e subterrâneos, sendo uma das partes a céu aberto;
2. Devido à sua extensão e abrangência no território, o parque tem relevância na rede de drenagem, além de potencial para melhorar a conectividade do entorno e reforçar seu papel na integração de corredores verdes e fomento da biodiversidade;
3. O projeto “Bairro Conectado: Terminal Sapopemba” oportuniza o fortalecimento das relações intersecretariais para potencializar a implantação de recomendações em comum e intervenções para melhoria do parque.
4. É necessário ampliar o potencial de serviços ecossistêmicos prestados pelo parque, melhorar seus índices de biodiversidade e potencializar o local como refúgio climático;
5. Presença de áreas de risco geológico (R1, R2 e R3) dentro do parque e áreas de risco geológico e hidrológico (R1, R2, R3 e R4) no entorno próximo;
6. Não foram identificadas estratégias direcionadas à mitigação e adaptação às mudanças climáticas, além da horta;
7. O parque tem potencial e espaço para plantio de mais árvores e flores (com atenção às recomendações considerando a presença da Adutora Rio Claro).

Figura 105: Vegetação significativa presente no parque



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

Dentro da análise de governança que compreende os usos parque e sua área de influência, a tabela abaixo sistematiza os dados obtidos através da investigação dos seus indicadores.

Usos do parque e área de influência	
Indicador	Dado
Distribuição dos equipamentos públicos na área de influência.	Assistência social: 29 Cultura: 3 Saúde: 13 Educação: 87 Esporte: 6
Presença de atividades inclusivas no espaço em parceria com o poder público	Não existem
Presença de atividades organizadas pela governança local e pela comunidade	Ligação master projeto buquelo futebol campo para crianças de 07 até 14 anos; Escolinha de futebol quadra projeto real esperança; Bike favela; Projeto Semeando
Presença de atividades econômicas formais e informais	Não existe

A área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns conta com boa oferta de equipamentos educacionais e de assistência social. No entanto, considerando sua ampla extensão, há uma carência de equipamentos culturais e esportivos (3 e 6, respectivamente).

Diante dessa lacuna, o parque poderia atuar como articulador de projetos e iniciativas com as secretarias de Cultura e Esporte, para ampliar a oferta de incentivos e programas comunitários.

No período da avaliação (outubro de 2024), a gestão do parque informou que não há atividades ou equipamentos administrados em parceria com outras secretarias.

Esse fato evidencia um baixo envolvimento de outras secretarias municipais, apesar do potencial do parque para atender um grande público.

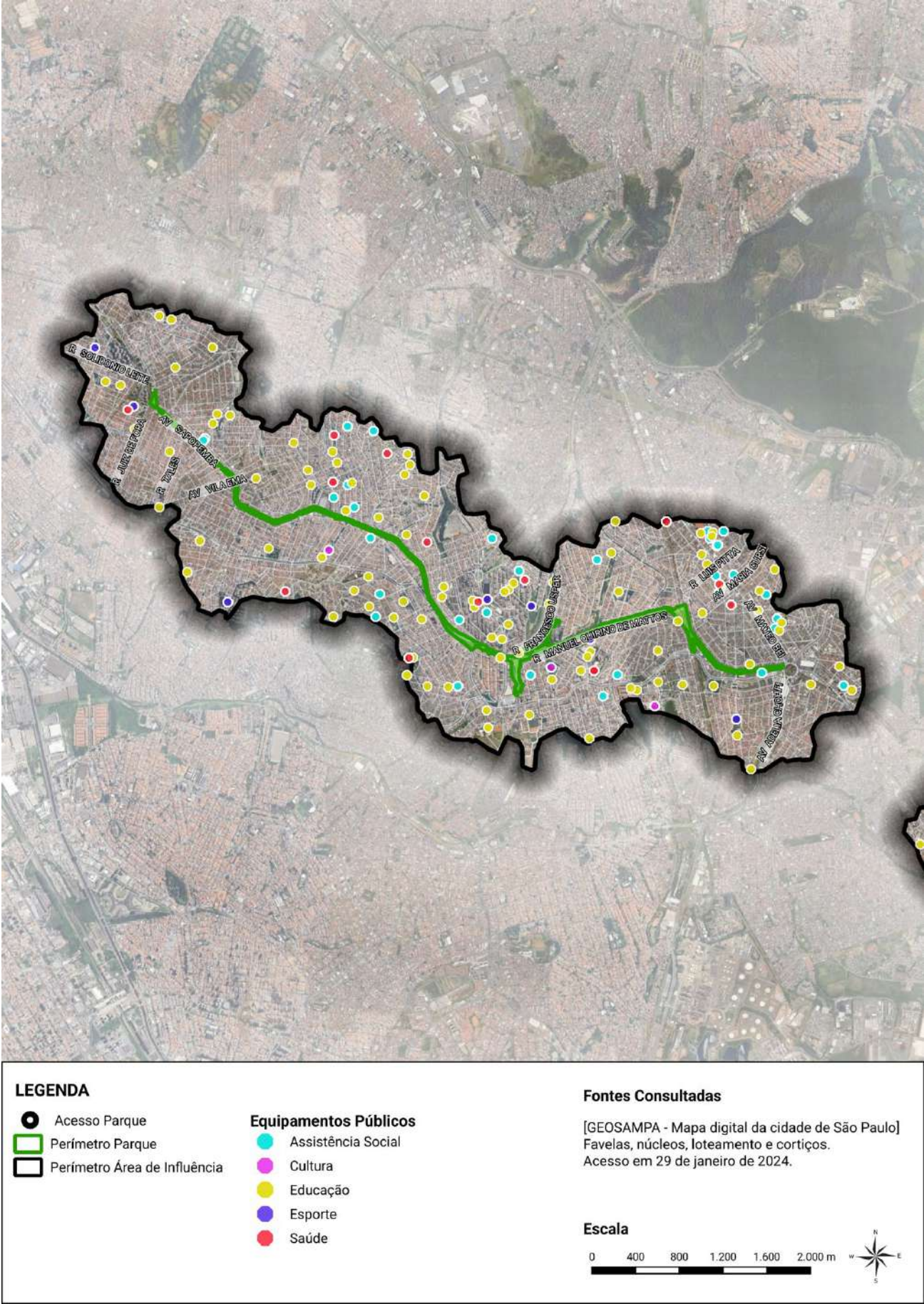
Além disso, conforme relatos obtidos nos processos participativos descritos no *Capítulo 2 Processo participativo*, a comunidade manifesta o desejo de estabelecer parcerias com outras secretarias para ampliar a oferta de atividades e

programas, especialmente nas áreas de saúde e esportes.

Essa demanda surge da necessidade de diversificar as iniciativas atualmente disponíveis no parque, que são exclusivamente organizadas pela própria comunidade.

Atualmente, segundo a gestão do parque, as atividades comunitárias incluem a Liga Master, um torneio que reúne diferentes times de futebol amadores da região; as escolinhas de futebol, que utilizam as quadras próximas à administração; o Projeto Bike Favela, que promove encontros aos domingos para ensinar mulheres de diversas idades a andar de bicicleta; e o Projeto Semeando, que realiza atividades esporádicas de plantio.

Mapa 27: Equipamentos públicos da área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

A avaliação da governança do Parque Linear da Integração Zilda Arns analisou o envolvimento da comunidade na gestão, a presença de associações locais e a realização de atividades comunitárias. A apropriação local fortalece o uso, o cuidado e a vitalidade do parque, além de contribuir para a gestão e a reivindicação de demandas coletivas, promovendo um espaço público mais acessível e inclusivo.

Governança comunitária	
Indicador	Dado
Mapeamento das associações e organizações do entorno	Projeto semeando; Liga master; Grupo de escoteiros dente de leão; Movimento Defesa de Favelas (MDF)
Existência e funcionamento do conselho gestor	Conselho gestor inativo.
Nível de conhecimento comunitário sobre o conselho gestor e mecanismos participativos.	65% das pessoas entrevistadas não sabem da existência do conselho gestor 94% das pessoas entrevistadas sentem falta de ter um canal para debater sobre o parque

Tanto a gestão do parque quanto representantes da sociedade civil indicaram a presença de algumas organizações atuantes no entorno, como o Projeto Semeando, a Liga Master, o grupo de escoteiros Dente de Leão e o Movimento Defesa de Favelas, responsável pela iniciativa Bike Favela.

Apesar de existirem essas iniciativas que inclusive já atuam no parque, não há integração dessas organizações com a governança comunitária.

Segundo a gestão, a articulação comunitária sempre foi um desafio, especialmente devido à dimensão do parque. Esse cenário contribuiu para a inatividade do conselho gestor, eleito, mas sem adesão suficiente.

Inicialmente, suas atividades foram interrompidas pela reforma do parque e a falta de espaço para reuniões. No entanto, relatos de membros do conselho indicam que o grupo já enfrentava sinais de enfraquecimento antes disso.

Embora os processos participativos apontem a gestão como próxima e acessível, ainda não se consolidou uma rede comunitária que acompanhe sua atuação. Isso pode estar ligado à falta de conhecimento sobre o conselho gestor, sua importância e formas de participação.

A equipe de CGC da SVMA destacou que cabe à administração local divulgar o conselho e promover debates públicos. No entanto, como a gestão do parque responde à Divisão de Gestão e não diretamente à equipe de colegiados, sua atuação é limitada por outras demandas urgentes.

A própria administração do parque reconhece as dificuldades de mobilização comunitária diante da complexidade de gerir um espaço da dimensão do Parque Linear da Integração Zilda Arns.

Esse cenário se reflete nos dados coletados: 65% das pessoas entrevistadas desconhecem o que é um conselho gestor.

No entanto, 94% sentem falta de um canal para debater sobre o parque, demonstrando um interesse comunitário latente na governança do espaço.

Equipe operacional		
Indicador		Dado
Dados sobre o gestor	Perfil	Gênero: mulher; Escolaridade: Ensino médio completo; Início de gestão: 2024
	Número de parques que administra	Apenas o Zilda Arns
	Presença de administração no parque	Sim
Número de pessoas funcionárias dedicadas à segurança, desagregado por gênero.		84 vigilantes (foram alocados segurança dos 2 parques em implantação), sendo 4 moto-ronda, Presença de 14 mulheres.
Número de pessoas funcionárias de manutenção desagregado por gênero		16 zeladoras mulheres e 26 pessoas de manejo, sendo 4 mulheres.

A gestão do Parque Linear da Integração Zilda Arns conta com uma administradora exclusiva para o parque e uma sede administrativa.

Na equipe de segurança, das 84 pessoas no quadro de vigilantes — incluindo aquelas temporariamente alocadas devido à reforma de outros dois parques — apenas 14 são mulheres. Além disso, apenas duas pessoas atuam na moto-ronda.

Apesar do número expressivo de vigilantes, conforme analisado no item 3.4 Segurança, a distribuição desigual da equipe resulta em pontos com maior sensação de insegurança.

A equipe de manutenção é composta por 16 zeladoras e 26 pessoas na equipe de manejo, das quais apenas quatro são mulheres.

Esses dados evidenciam a baixa representatividade feminina entre as pessoas funcionárias do parque.

O que se descobriu?

1. Há uma carência de equipamentos culturais e esportivos na área de influência, tornando o parque um local estratégico para parcerias com as secretarias responsáveis;
2. O envolvimento de outras secretarias municipais no parque é baixo, apesar do seu potencial para atender um grande público;
3. Apesar da presença de associações comunitárias atuantes no parque, elas não estão integradas à governança comunitária;
4. A articulação comunitária sempre foi um desafio, especialmente devido à dimensão do parque, o que contribuiu para a inatividade do conselho gestor, eleito, mas sem adesão suficiente;
5. 94% das pessoas entrevistadas sentem falta de um canal para debater sobre o parque, demonstrando um interesse comunitário latente na governança do espaço;
6. Há uma baixa representatividade feminina entre as pessoas funcionárias do parque.

4 Diagnóstico das dimensões

Com base na avaliação do Parque Linear da Integração Zilda Arns, realizada por meio da investigação de sete dimensões, o diagnóstico apresenta a sistematização das principais descobertas em cada dimensão.

Principais descobertas do Parque Linear da Integração Zilda Arns	
Pessoas no parque e área de influência	Apesar da grande diversidade de contextos socioeconômicos, existe grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns que se caracteriza pela situação de alta vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (50% da população).
	Do total de pessoas entrevistadas no parque, houve predomínio de adultos entre 40 e 49 anos.
	Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 47%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 53%.
Acessibilidade	O transporte público atende bem ao longo de toda a extensão do parque.
	O parque possui ciclovias em toda sua extensão, interligadas à rede cicloviária do bairro.
	54% das calçadas ao redor do parque não atendem à largura mínima exigida pela legislação, impactando 76% das pessoas que acessam o parque a pé.
	Embora o Parque Linear da Integração Zilda Arns tenha ciclovias ao longo de sua extensão, não há equipamentos para o estacionamento seguro de bicicletas.
	Em 85% dos setores do parque, há problemas de pavimentação e inclinação que comprometem a acessibilidade universal.
Instalações e mobiliário	É necessário qualificar os espaços para crianças e bebês.
	Há uma carência generalizada de mobiliário urbano, caracterizado pela inexistência de lixeiras e bebedouros nos setores, e a falta de postes de iluminação em mais da metade dos setores avaliados.
	Os sanitários não possuem acessibilidade universal, chuveiros, vestiários, sinalização ou trocador infantil.
Segurança	A ocorrência de crimes é constante na área de influência do parque, com maior concentração no extremo leste e próximo ao Terminal Sapopemba.
	Crimes contra a vida ocorrem de forma expressiva em toda a área de influência.
	Cerca de 50% das pessoas entrevistadas percebem o parque como um espaço inseguro.
	A insegurança é generalizada na extensão do parque, com destaque para o extremo leste, apontado como a área mais crítica.
	A equipe de segurança tem presença fixa e limitada, sem cobertura no restante do parque, o que agrava a sensação de insegurança, além de uma falta de vigilância noturna.
	Foram identificados atos de vandalismo em alguns equipamentos.
Conforto e ambiente	Apesar da identificação de somente um ponto de descarte de lixo, o local também é percebido como inseguro pelas pessoas que frequentam o parque. Além disso, a percepção das pessoas quanto à existência de descarte irregular de lixo é alta.
	Somente um setor do parque oferece proteção solar dos 11 avaliados. A existência das tubulações adutoras da SABESP se apresenta como um desafio para o incremento da arborização ou execução de obras de infraestrutura.
	A maioria das pessoas entrevistadas relatam ter ouvido histórias relacionadas a casos de violência no parque, o que representa uma reputação negativa do espaço.
Ambiente verde e azul	O parque abriga duas nascentes, sendo uma delas canalizada e subterrânea. Além disso, é atravessado em apenas três trechos por córregos canalizados e subterrâneos, sendo uma das partes a céu aberto.
	O parque tem relevância na rede de drenagem, além de potencial para melhorar a conectividade do entorno e reforçar seu papel na integração de corredores verdes e fomento da biodiversidade.
	O projeto “Bairro Conectado: Terminal Sapopemba” oportuniza o fortalecimento das relações intersecretariais para potencializar a implantação de recomendações em comum e intervenções para melhoria do parque.
	É necessário ampliar o potencial de serviços ecossistêmicos prestados pelo parque, melhorar seus índices de biodiversidade e potencializar o local como refúgio climático.
	Presença de áreas de risco geológico (R1, R2 e R3) dentro do parque e áreas de risco geológico e hidrológico (R1, R2, R3 e R4) no entorno próximo.
	Não foram identificadas estratégias direcionadas à mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Governança	Há uma carência de equipamentos culturais e esportivos na área de influência, tornando o parque um local estratégico para parcerias com as secretarias responsáveis.
	O envolvimento de outras secretarias municipais no parque é baixo, apesar do seu potencial para atender um grande público.
	Apesar da presença de associações comunitárias atuantes no parque, elas não estão integradas à governança comunitária.
	A articulação comunitária sempre foi um desafio, especialmente devido à dimensão do parque, o que contribuiu para a inatividade do conselho gestor, eleito, mas sem adesão suficiente.
	94% das pessoas entrevistadas sentem falta de um canal para debater sobre o parque, demonstrando um interesse comunitário latente na governança do espaço.
	Há uma baixa representatividade feminina entre as pessoas funcionárias do parque.

5 Recomendações

Para a definição das recomendações para o Parque Linear de Integração Zilda Arns, foram compilados todos os elementos de diagnóstico obtidos via processos participativos, incluindo os quatro grupos (ver *Capítulo 2: Processo participativo*), junto com o diagnóstico das dimensões (ver *Capítulo 4: Diagnóstico das dimensões*), resultado da aplicação dos indicadores da *Avaliação Específica de Espaços Públicos*.

Em algumas das recomendações também foram inseridos os **desejos de futuro**, que se referem a ações, propostas ou aspirações advindas do processo participativo (ver *Seção 2.2 Principais Contribuições*) e que demandam um estudo de viabilidade. Os desejos de futuro também contemplam recomendações de projeto em parques que já estão em fase de execução de seus projetos e que não possuem previsão de novo investimento, implicando, portanto, em mudanças significativas no planejamento existente.

As recomendações foram organizadas em três eixos, relacionados à natureza da ação necessária: **gestão do parque, projeto de intervenção e articulação institucional**, definido da seguinte forma:

- **Gestão do parque:** apresenta os elementos de diagnóstico e recomendações específicas para o parque avaliado e que são de responsabilidade ou deverão ser articuladas pela pessoa gestora do parque. Estão relacionadas, sobretudo, ao manejo e atividades cotidianas do parque;
- **Projeto de intervenção:** relacionado ao diagnóstico e recomendações que demandam a adequação da infraestrutura existente ou a criação de novas instalações e que requerem, portanto, recursos para o desenvolvimento de projeto e implementação;
- **Articulação institucional:** engloba o diagnóstico e recomendações que demandam ações intersecretariais ou de responsabilidade de outro setor externo à SVMMA. Também apresenta recomendações na escala da cidade, **algumas das quais são aplicáveis a todos os parques**. As ações necessárias para implementação das recomendações do eixo de *Articulação Institucional* serão apresentadas em relatório específico de *Estratégias e Recomendações Políticas para a Cidade*.

Em cada eixo, os elementos do diagnóstico foram classificados dentro das sete dimensões da Avaliação e aborda tanto aspectos referentes ao interior do parque, quanto à área de influência e à bacia hidrográfica na qual o parque está inserido. É importante ressaltar que, tão importante quanto a realização de melhorias no interior do parque, é a adequação de sua área de influência, que deve ser entendida como uma extensão do parque e que é fundamental para a garantia de maior acessibilidade e vitalidade urbana no espaço público.

Descrição	Fonte	Recorte Espacial	Atendido no projeto existente? sim/não/ parc.	Cód. rec.	Recomendações
GESTÃO DO PARQUE					
Foi registrado um baixo percentual de mulheres que frequentam o parque e que responderam à entrevista, apenas 47%, o que diverge com o percentual de mulheres registrado na área de influência de 53%.	Participativo/ diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R01	Estabelecer uma grade semanal de atividades regulares organizada pela gestão do parque, em conjunto com o conselho gestor, que inclua a contratação de profissionais qualificados e a articulação de parcerias com programas oferecidos por outras secretarias, garantindo a oferta de atividades voltadas para mulheres e meninas. Estudar a viabilidade de promover eventos no parque como feiras de artesanato e outras atividades similares, compatíveis com o parque.
Espaço amplo para acolher muitas atividades diversas.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R02	Desenvolver atividades periódicas, em parcerias com outras secretarias e organizações, com o objetivo de atender à diversidade de perfis no parque, fomentando atividades já existentes e aproveitando a infraestrutura construída para abrigar novas atividades.
Existe uma escola de futebol atuando no parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Centro de acolhimento para crianças e adolescentes – CCA próximo e coletivo de mulheres em bicicletas (Bike Favela) fazem atividades no parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
De acordo com as pessoas frequentadoras, há muitos jovens frequentando o local.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Do total de pessoas entrevistadas no parque, houve predomínio de adultos entre 40 e 49 anos.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
Existe apropriação do parque por parte de pessoas que fazem vida nele: grafite do grupo de futebol na guarita.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Existência de hortas e articulação com Sampa+Rural (embaixo da linha de energia).	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R03	Destinar funcionários para vigilância dos sanitários.
De acordo com as pessoas frequentadoras, os banheiros se encontram trancados.	Participativo	Perímetro do parque	Sim		
Apesar da identificação de somente um ponto de descarte de lixo, o local também é percebido como inseguro pelas pessoas que frequentam o parque. Além disso, a percepção das pessoas quanto à existência de descarte irregular de lixo é alta.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R04	Implementar rondas de vigilância noturna, priorizando áreas com maior incidência criminal e sensação de insegurança levantadas em mapa.
Não existe segurança noturna, falta policiamento e câmeras de segurança.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Foram identificados atos de vandalismo em alguns equipamentos.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	N/a	R05	Ampliar a vigilância ativa – com presença de vigilantes, atividades que garantam circulação contínua e equipamentos inclusivos que favoreçam a visibilidade mútua – para além do posto administrativo, priorizando áreas com maior incidência criminal e sensação de insegurança.
A equipe de segurança tem presença fixa e limitada, sem cobertura no restante do parque, o que agrava a sensação de insegurança, além de uma falta de vigilância noturna.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
A insegurança é generalizada na extensão do parque, com destaque para o extremo leste,	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		

apontado como a área mais crítica.					
Cerca de 50% das pessoas entrevistadas percebem o parque como um espaço inseguro.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
A maioria das pessoas entrevistadas relatam ter ouvido histórias relacionadas a casos de violência no parque, o que representa uma reputação negativa do espaço.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
Faltam medidas de fiscalização e comunicação para impedir a presença de animais soltos no parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R06	Desenvolver plano de comunicação visual para o parque, que deverá conter: sinalização nos setores, advertências e restrições de uso (Ex.: uso obrigatório de coleiras), sinalização de atributos naturais (Ex.: nascente existente no parque), informações de conscientização e educação ambiental (Ex.: identificação das árvores alerta de descarte de lixo), alerta de risco de queda no córrego.
Existem córregos, nascentes e outros corpos hídricos, que em sua maioria se encontram poluídos e apresentam relevância para o sistema de drenagem da região.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R07	Os corpos hídricos, incluso subterrâneos, deverão ser monitorados com relação à qualidade de suas águas, seja para aproveitamento, seja para indicação de medidas mitigatórias visando sua recuperação. Se necessário, realizar plantio de enriquecimento com espécies nativas na área da nascente para contenção das margens e redução dos riscos de erosão, deslizamento e assoreamento, visando a conservação dos recursos hídricos.
				R08	Implementar recomendação R06, visando a delimitação e sinalização da nascente presente no parque.
				R09	Realizar atividades regulares de conservação, limpeza e manejo do córrego para o equilíbrio ambiental da região, incluindo a verificação da qualidade da água e medidas de educação ambiental junto à população.
É necessário melhorar os índices de biodiversidade para que o parque possa desempenhar plenamente seu papel como área de conservação ecológica.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	N/a	R10	Aumentar os índices de biodiversidade, através do controle e monitoramento, bem como melhoria das práticas de conservação dos atributos naturais e do levantamento e registro das espécies no parque.
O parque conta com poucas estratégias de mitigação e adaptação às mudanças climáticas relacionadas à sua infraestrutura.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	N/a	R11	Integrar horta existente em programa de educação ambiental. Estudar a possibilidade de integração com iniciativa Sampa Mais Rural (vide recomendação R02).
Há uma instabilidade no quadro de funcionários e na gestão, impactando na continuidade das ações e fortalecimento do envolvimento comunitário.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R12	Ampliar a equipe e subdividir a gestão do parque para garantir continuidade administrativa e evitar trocas frequentes.
Equipe e estrutura para a gestão é pouca para a extensão do parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Falta apropriação do parque pela comunidade: pessoas não percebem a existência dele na sua totalidade.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R13	Fortalecer o vínculo entre a gestão do parque e a comunidade por meio da implementação de estratégias de comunicação e integração comunitária. Essas ações incluem a organização de encontros, cursos e capacitações promovidos em parceria com a CGC e a
Relação próxima da gestão do parque com parte da comunidade.	Participativo	Área de influência	N/a		

Relação próxima com casas do entorno (o parque vira um "quintal") por não ser gradeado, o que gera sensação de pertencimento.	Participativo	Área de influência	N/a		gestão do parque, com o objetivo de incentivar a articulação comunitária e formação de associações de bairro, apropriação comunitária do espaço e a participação ativa no conselho gestor.
Faltam estratégias de gestão voltadas ao engajamento da comunidade do entorno do parque, o que compromete o fortalecimento comunitário e enfraquece a governança participativa.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
Dentre as pessoas entrevistadas, 94% sentem falta de um canal para debater sobre o parque, demonstrando um interesse comunitário na governança do espaço.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a		
Falta igualdade de gênero na composição do quadro de equipe de pessoas funcionárias.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	N/a	R14	Implementar políticas de igualdade de gênero na composição dos quadros de pessoas funcionárias do parque.
PROJETO DE INTERVENÇÃO					
Em 85% dos setores do parque, há problemas de pavimentação e inclinação que comprometem a acessibilidade universal.	Diagnóstico técnico/ Participativo	Perímetro do parque	Não	R15	Requalificar os caminhos principais que conectam os diferentes setores do parque, garantindo sua integração ao longo de toda a extensão do parque e sua conformidade com as normas de acessibilidade universal.
É limitada a presença de infraestruturas para ciclistas no interior do parque, como paraciclos, via de bicicletas e/ou trilhas para ciclistas.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R16	Instalar paraciclos estrategicamente ao longo de todo o parque.
Fragilidade nos procedimentos de manutenção preventiva e corretiva dos equipamentos do parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R17	Desenvolver projeto de requalificação dos equipamentos identificados com problemas de manutenção.
			Não	R18	Reforma da pista de skate para garantir a ativação e maior frequência no espaço.
De acordo com as pessoas frequentadoras, a pista de skate conta com poucos obstáculos.	Participativo	Perímetro do parque	Não		
Há incidência de descarte irregular de resíduos sólidos, dejetos de animais, além de pontos de queimada.	Participativo	Perímetro do parque	Parcialmente	R19	Aumentar o número de lixeiras de coleta seletiva e incluir placas de conscientização dentro do plano de comunicação visual. Desenvolver ações de educação e conscientização ambiental junto à comunidade.
Os espaços de brincar necessitam manutenção e diversificação dos equipamentos, sobretudo para atender a todas as faixas etárias e promover acessibilidade universal.	Participativo/ Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R20	Elaborar projeto de parquinho, com novos brinquedos, incluindo pessoas com deficiência, crianças pequenas e pessoas de todas as idades.
De acordo com as pessoas frequentadoras, faltam elementos de proteção contra quedas em determinados trechos do parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R21	Instalação de guarda-corpo nos locais com desníveis acentuados.
Há uma carência generalizada de mobiliário urbano, caracterizado pela inexistência de lixeiras e bebedouros nos setores, e a falta de postes de iluminação em mais da metade dos setores avaliados.	Participativo/ diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R22	Instalação de mobiliário urbano como postes de iluminação, lixeiras de coleta seletiva e bancos em todos os setores do trecho avaliado.

Os sanitários não possuem acessibilidade universal, chuveiros, vestiários, sinalização ou trocador infantil.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Parcialmente	R23	Requalificar os sanitários para que cumpram as normas de acessibilidade universal e implantar infraestrutura para pessoas com bebês.
Faltam medidas de fiscalização e comunicação para impedir a presença de animais soltos no parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R24	Implementar cachorródromos no parque, com estudo prévio de localização para atender demandas ao longo da extensão do parque.
Faltam elementos de iluminação mais bem distribuídos pelo parque.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R25	Realizar adequação ou implementação de iluminação em toda a extensão do parque.
Não há ecoponto próximo e a falta de pertencimento e percepção do local como um parque estimula o descarte irregular.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R06	Implementar recomendação R06.
Somente um setor do parque oferece proteção solar, dentre os 11 avaliados. A existência das tubulações adutoras da SABESP se apresenta como um desafio para o incremento da arborização ou execução de obras de infraestrutura.	Diagnóstico técnico	Perímetro do parque	Não	R26	Desenvolver estudos para arborização com espécies nativas considerando as limitações para desenvolvimento das raízes devido à existência das tubulações. Incluir em projeto de melhorias futuras do parque, a instalação de elementos artificiais de proteção solar, incluindo quadra coberta.
Implementação de estratégias direcionadas à mitigação e adaptação às mudanças climáticas.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque	Não	R27	Priorizar técnicas de Soluções Baseadas na Natureza (SBN) na resolução de demandas e instalações no parque; implementar medidas para gestão hídrica (reaproveitamento de água da chuva, mecanismo de economia de água, reuso de águas, filtragem de água); eficiência energética (como painéis fotovoltaicos, coletores solares, sensores, irrigação automatizada, dentre outros mecanismos de economia de energia); gestão de resíduos (coleta seletiva, separação de resíduos orgânicos, sistema de compostagem); agricultura urbana e drenagem (hortas educativas, viveiros, jardins de chuva, pavimentos permeáveis, etc).
Há poucas atividades regulares no parque, especialmente direcionadas a grupos específicos, como idosos, crianças e mulheres. Além disso, há desafios no acesso à informação das atividades em desenvolvimento.	Participativo	Perímetro do parque	Não	R02	Implementar recomendação R02.
ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL					
Consolidação do Território-Parque - área de influência como limite administrativo para governança compartilhada.	Diagnóstico técnico	Área de influência		R28	Elaborar e instituir, por meio de portaria intersecretarial da Prefeitura de São Paulo, o Território-Parque como escala operativa de governança para a articulação intersetorial entre equipamentos públicos e subprefeituras nas áreas de influência dos parques, integrando, inclusive, ações de segurança urbana, acessibilidade e mobilidade ativa, entre outras.
Não existem ações intersecretariais no parque, apesar do seu potencial para atender um grande público.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
Trechos com desafios devido à configuração urbana.	Participativo	Área de influência	N/a	R29	Desenvolver proposta de intervenção urbana considerando toda a extensão do parque e sua área de influência correspondente. Articular proposta com políticas de mobilidade urbana.
Potencial para implementar uma fase 3 do projeto recém implantado, voltada à integração urbanística do parque e da ciclovía e promovendo maior conexão com transporte público	Participativo	Área de influência	N/a		

(monotrilho e terminais de ônibus).					
Existe uma igreja próxima, e muitas pessoas que vão à missa usam o parque como passagem.	Participativo	Área de influência	N/a	R28	Implementar recomendação R28.
Potencial de parceria com a Secretaria de Saúde, entre outras, para atividades esportivas, culturais e outras compatíveis com o parque.	Participativo	Área de influência	N/a		
Potencial de parcerias com comércios do entorno para promover feiras de comida e artesanato, a implementação de parklets e práticas de atividades físicas diversas.	Participativo	Área de influência	N/a		
Potencial de integração do território das duas subprefeituras pela ciclovias e espaço público.	Participativo	Área de influência	N/a		
Apesar da grande diversidade de contextos socioeconômicos, existe grande parcela da população que vive na área de influência do Parque Linear da Integração Zilda Arns que se caracteriza por alta situação de vulnerabilidade, marcado pela presença de núcleos informais, favelas e por pessoas vivendo em situação de pobreza (50% da população).	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R30	Articular com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social com o objetivo de identificar quais programas e projetos podem ser implementados no parque para atendimento à população em situação de vulnerabilidade.
Há presença de pessoas usuárias de drogas no interior do parque.	Participativo	Perímetro do parque	N/a		
Considerando a extensão total das calçadas adjacentes ao parque, 54% não atendem à largura mínima exigida pela legislação, impactando 76% das pessoas que acessam o parque a pé.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R31	Promover a acessibilidade universal das calçadas no entorno do parque.
De acordo com as pessoas frequentadoras, existe a incidência de passagem de motoqueiros no parque, que realizam assaltos às vezes.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R32	Solicitar ao Detran mecanismos de vigilância para ciclovias no interior do parque, para que se cumpra o Artigo 193 do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) que impede a circulação de motocicletas em calçadas, ciclovias, entre outros.
A ocorrência de crimes é alta na área de influência do parque, com maior concentração no extremo leste e próximo ao Terminal Sapopemba.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R33	Reforçar os mecanismos de vigilância e patrulhamento nas áreas adjacentes ao parque, principalmente nas que foram diagnosticadas com uma maior concentração de ocorrências criminais.
Crimes contra a vida ocorrem de forma expressiva em toda a área de influência.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a		
Considerando as dimensões do parque, é de grande importância a sua conectividade e integração com corredores verdes, parques e outras áreas verdes do entorno, além de melhorias na rede de drenagem.	Diagnóstico técnico	Bacia hidrográfica	N/a	R34	Implementar estratégias no parque e entorno para garantir conectividade entre as áreas para circulação da fauna silvestre, tais como arborização urbana com espécies nativas, incentivo a iniciativas de reflorestamento, implantação de jardins polinizadores e jardins de chuva

					e infraestrutura amigável da fauna (como adequação da iluminação urbana, passagens de fauna, redução da emissão de ruídos, entre outros).
Há áreas de risco hidrológico médio e alto, e geológico baixo, médio, alto e muito alto, respectivamente, no parque e entorno próximo.	Diagnóstico técnico / Participativo	Perímetro do parque / Área de influência	N/a	R35	Acompanhar situação da ocupação de uso habitacional junto à SEHAB e SIURB para as áreas de risco geológico dentro do parque, próximas do curso d'água e nascente. Promover maior integração entre as políticas de ordenamento territorial e com planos municipais, consolidando o papel do parque como um elemento estratégico na promoção da resiliência urbana. Apoiar políticas para fomentar educação climática em escolas do entorno.
				R36	Acompanhar processo de regularização / implementação de saneamento básico na área.
Há outros projetos em desenvolvimento no local, como por exemplo o "Bairro Conectado: Terminal Sapopemba". Contudo, não há uma integração de propostas melhorias no parques associadas no âmbito do projeto.	Técnico	Área de influência	N/a	R37	Acompanhar andamento e ações do projeto "Bairro Conectado: Terminal Sapopemba" visando a sinergia do projeto com a implementação das diretrizes e recomendações para melhorias no parque e seu entorno. Apoiar a relação entre as instituições envolvidas (SMUL, PLANURB, Rede Global C40 Cities, SVMA, Subprefeitura de Sapopemba) para integração e articulação das ações.
Muitas pessoas moradoras do entorno só podem frequentar o parque à noite, mas não sentem segurança e não existem atividades ofertadas.	Participativo	Perímetro do parque	N/a	R38	Incentivar parcerias com as Secretarias de Cultura e Esporte para promover programas noturnos regulares, como cinema ao ar livre, corridas, ciclismo e outras atividades culturais e esportivas.
Há uma carência de equipamentos culturais e esportivos na área de influência.	Diagnóstico técnico	Área de influência	N/a	R39	A partir de parcerias com a Secretaria de Cultura e de Esporte, desenvolver atividades e programas regulares no parque, para que ele se torne um centro de referência cultural e esportivo nos bairros que está inserido.

Figura 106: Registros de coleta de dados no Parque Linear da Integração Zilda Arns



Fonte: Acervo ONU-Habitat

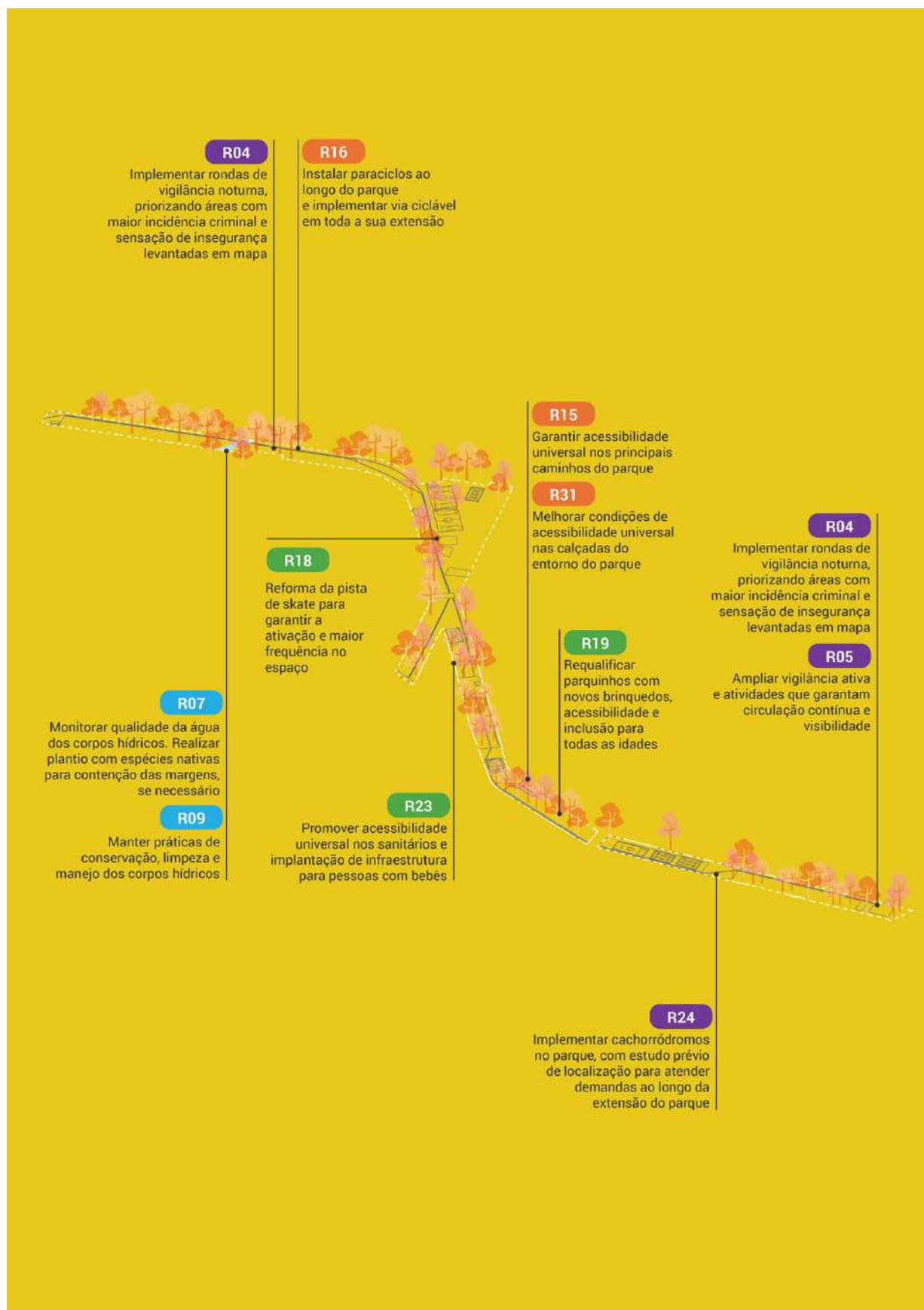
Dentre as recomendações de **gestão do parque**, destacam-se aquelas relacionadas à segurança e governança. O parque conta com questões generalizadas de segurança, portanto é necessário ampliar a vigilância ativa – com presença de vigilantes, atividades que garantam circulação contínua e equipamentos inclusivos que favoreçam a visibilidade mútua – para além do posto administrativo, priorizando áreas com maior incidência criminal e sensação de insegurança. Com o objetivo de aumentar a percepção de segurança, sobretudo de mulheres, é necessário aumentar a representatividade feminina na equipe de segurança. Em relação à governança, é necessário fortalecer o vínculo entre a gestão do parque e a comunicação e fomentar as iniciativas comunitárias que já acontecem no local.

As recomendações para **projeto de intervenção** se relacionam a melhorias em elementos de infraestrutura, tais como pavimentação, acessibilidade, manutenção em geral, e incremento de mobiliário urbano como bancos, lixeiras, bebedouros. Alguns setores também não contam com postes de iluminação, sendo fundamental, sobretudo em parques sem horário de fechamento. Muitos dos pontos relativos à equipamentos e mobiliário não foram contemplados em reforma concluída em 2024.

Por último, as recomendações do eixo de **articulação institucional** apontam para diversas ações que devem ser articuladas com outras secretarias e órgãos, sobretudo em intervenções dentro da área de influência do parque. Para isso, é necessário que a área de influência passe a ser também um limite administrativo, além de um limite físico. A exemplo dos Territórios CEUs - programa que visa articular intervenções urbanas baseadas na integração com demais equipamentos públicos de relevância local e regional, buscando a qualificação do espaço livre público no entorno dos CEUs ao formar uma rede de percursos entre os equipamentos- pode-se aplicar o conceito de Território-Parque, sendo, portanto, uma unidade de governança compartilhada e planejamento territorial em escala local com o objetivo de estabelecer uma agenda comum de parcerias, atividades, ações e intervenções.

A criação do território possibilitará o desenvolvimento de recomendações para a criação entre equipamentos públicos e com associações comunitárias. Considerando as dimensões do parque, é fundamental o fortalecimento de relação com as subprefeituras de São Mateus e Sapopemba para que a tomada de decisão se realize em contexto urbano.

Figura 107: Mapeamento das recomendações do Parque da Integração Zilda Arns



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

5 Conclusão

A Avaliação permitiu estabelecer pontos comuns entre o diagnóstico regional e o diagnóstico específico dos quatro parques avaliados na Região Leste. Também houve convergências entre o diagnóstico técnico, representado pelas sete dimensões, com o diagnóstico obtido via processos participativos.

Dentre os elementos desta Avaliação que coincidem o diagnóstico regional apresentando na *It 3.1 Diagnóstico regional- Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo*, destacam-se:

Acessibilidade: assim como diagnosticado na Região Leste, as calçadas das áreas de influência dos quatro parques avaliados possuem condições inadequadas para garantia de acessibilidade. Em relação à oferta ciclovária, à exceção do Parque Linear da Integração Zilda Arns, a infraestrutura é inexistente ou fragmentada dentro das áreas de influência.

Conforto ambiental: os quatro parques avaliados apresentaram carência de elementos de proteção solar em seus setores, com destaque para a ausência de elementos de sombreamento em parquinhos, o que compromete gravemente sua utilização. Há grande demanda popular para o incremento de elementos de sombreamento nos parques e a implantação de espaços cobertos para atividades.

Apropriação social: dos quatro parques avaliados, três não possuem conselho gestor eleito, sendo que o Parque Linear da Integração Zilda Arns teve seu conselho eleito, porém se encontra inativo;

Segurança: assim como na Região Leste, que lidera os índices de ocorrências criminais envolvendo atentado contra a vida, foram identificados altos índices de ocorrências criminais e sensação de insegurança nos quatro parques, sendo que em todos eles, menos da metade das mulheres entrevistadas relataram sentir-se seguras.

Quanto à biodiversidade, ainda que o resultado regional e o da avaliação dos quatro parques tenha indicado a baixa conectividade ecológica, foi observado que os parques Água Vermelha, Sapopemba e Linear da Integração Zilda Arns apresentam um alto potencial para promoção de conectividade com áreas verdes contíguas e parques próximos.

Apesar do diagnóstico regional ser fundamental para o estabelecimento de parâmetros em larga escala, há especificidades que só podem ser identificadas através de avaliações específicas.

O diagnóstico obtido com a aplicação da *Avaliação Específica de Espaços Públicos* apontou para elementos específicos, sobretudo relacionados à infraestrutura, que irão resultar em recomendações de gestão e intervenções futuras para os parques Sapopemba, Vila do Rodeio e Zilda Arns, além do desenvolvimento de projeto (a nível de Estudo Preliminar) para Parque Linear Água Vermelha.

6 Etapas seguintes

A integração das metodologias de *Avaliação de Espaços Públicos da Cidade* (ONU-Habitat, 2024) com a *Avaliação Específica de Espaços Públicos* (UN-Habitat, 2020) permitiu a identificação de tendências regionais na caracterização dos parques municipais e de, posteriormente, aprofundar em aspectos particulares a cada localidade. Ambas as abordagens são fundamentais para a elaboração de estratégias e políticas públicas.

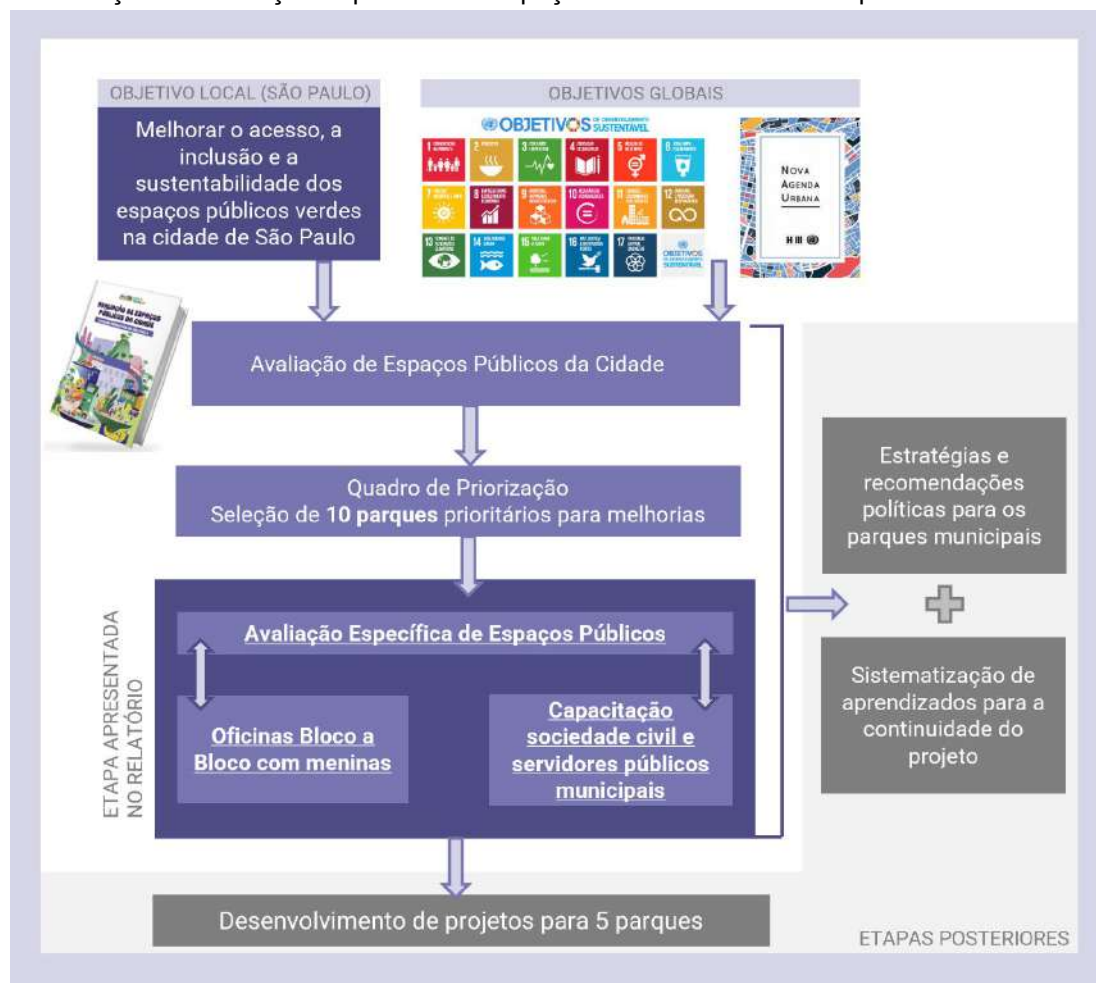
Enquanto a análise em escala regional irá subsidiar a elaboração de estratégias políticas, a análise em escala local orientará a elaboração de projetos urbanísticos para os parques. Junto com os resultados obtidos nos processos participativos conduzidos nesta etapa, fornecerá subsídios para o desenvolvimento de projetos para cinco parques, etapa prevista no cronograma do Viva o Verde SP.

A sistematização das etapas, materiais e métodos aplicados para a condução das Avaliações permitirá ao município aplicar periodicamente a ferramenta para o monitoramento acerca da situação de seus parques. Isso possibilita a continuidade do projeto dentro da esfera municipal.

Dessa forma, as etapas futuras consistem na elaboração de projetos à nível de Estudo Preliminar para cinco dos 10 parques avaliados, paralelamente ao desenvolvimento de estratégias e recomendações políticas, e reporte dos aprendizados coletados.

A relação entre esta *Avaliação Específica de Espaços Públicos* com as demais etapas da iniciativa Viva o Verde está ilustrada no diagrama abaixo.

Figura 108: Relação da Avaliação Específica de Espaços Públicos com demais produtos do Viva o Verde SP



Fonte: Elaboração própria, ONU-Habitat

7. Glossário

Área verde: Conjunto de áreas urbanas ou rurais, públicas ou privadas, que apresentam cobertura vegetal, arbórea, arbustiva ou rasteira e que desempenham função ecológica, paisagística e recreativa, são prestadoras de serviços ecossistêmicos e propiciam a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade (SVMA, 2022).

Acessibilidade: Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (ABNT, 2020, p. 2).

Adaptação: Em sistemas humanos, o processo de ajuste ao clima real ou esperado e seus efeitos, a fim de moderar danos ou explorar oportunidades benéficas (IPCC, 2024).

Assentamentos humanos: Conceito integrador que compreende componentes físicos de abrigo e infraestrutura, bem como serviços, como educação, saúde, cultura, bem-estar, lazer e nutrição (PNUD, 2018).

Biodiversidade: Biodiversidade ou diversidade biológica significa a variabilidade entre organismos vivos de todas as fontes, incluindo, entre outras coisas, ecossistemas terrestres, marinhos e aquáticos, bem como os complexos ecológicos dos quais fazem parte; isso inclui a diversidade dentro das espécies, entre espécies e dos ecossistemas (IPCC, 2024).

Caminhabilidade: Medida que avalia a qualidade dos espaços públicos para o deslocamento a pé. Desde a concepção do termo, em 1993, foram desenvolvidas inúmeras metodologias adaptadas ao contexto local para avaliar quão agradáveis, acolhedoras e seguras podem ser as ruas, os bairros e as cidades a partir da perspectiva de uma pessoa que se desloca a pé (SAMPAPÉ!, 2019)

Conforto térmico: Satisfação física, fisiológica e psicológica de um indivíduo com as condições térmicas do ambiente. Os fatores físicos determinam as trocas de calor do corpo com o meio; os fisiológicos referem-se a alterações na resposta fisiológica do organismo e os fatores psicológicos, que são aqueles que se relacionam às diferenças na percepção e na resposta a estímulos sensoriais, frutos da experiência passada e da expectativa do indivíduo (SVMA, 2021)

Corredor Verde: Área destinada a conexão de fragmentos da paisagem, inclusive ao longo dos cursos hídricos, para conservação e recuperação de habitats da fauna e flora e a manutenção da biodiversidade, por meio da preservação e recuperação da cobertura vegetal arbórea e não arbórea (PLANPAVEL) (São Paulo, 2022c).

Distribuição espacial igualitária: A disposição dos espaços públicos em toda a extensão da cidade. Um sistema bem distribuído e hierarquizado de espaços públicos abertos que podem ser acessados por todos, independentemente de renda, gênero, raça ou condição de deficiência (UN-HABITAT, 2020).

Equidade de gênero: Equivalência nos resultados na vida para mulheres e homens, reconhecendo suas diferentes necessidades e interesses, o que pode exigir uma redistribuição justa de poder, recursos, oportunidades e responsabilidades (BID; CAF; UN-HABITAT, 2020).

Equipamentos públicos: Infraestruturas urbanas destinadas a serviços essenciais, como saneamento, transporte, energia, comunicação, educação, saúde, cultura, assistência social, segurança, esportes, lazer e abastecimento (BRASIL, 2023).

Espaço público: Todos os lugares de propriedade pública ou de uso público, acessíveis e desfrutáveis por todas as pessoas sem necessidade de pagamento e sem fins lucrativos. Isso inclui ruas, espaços abertos e instalações públicas (ONU-Habitat, 2015).

Gênero: Papéis, deveres e responsabilidades atribuídos cultural ou socialmente a mulheres, homens, meninas e meninos (BID; CAF; UN-HABITAT, 2020).

Igualdade: Envolve a (re)distribuição sistemática dos benefícios do crescimento ou do desenvolvimento, com estruturas legais que garantam “condições de igualdade” e instituições que protejam os direitos dos pobres, das minorias e dos grupos vulneráveis (ONU-Habitat, 2015).

Inclusão: O conceito de inclusão, no planejamento, reconhece que todas as pessoas têm o direito a participar na elaboração do ambiente construído e de se beneficiar do desenvolvimento urbano. Em termos de processo, promove a participação no planejamento e a diversidade de representação. Em termos de resultados, promove o acesso de todas as pessoas a serviços, empregos e oportunidades, e à vida cívica e política da cidade (PNUD, 2018).

Infraestrutura urbana: Conjunto de instalações físicas e serviços essenciais que sustentam o funcionamento das cidades, incluindo sistemas de transporte, abastecimento de água, rede de esgoto, energia elétrica, telecomunicações, entre outros (IBGE, 2021).

Infraestrutura verde-azul: Nome dado ao conjunto de sistemas naturais da cidade, relacionados às áreas verdes e às águas urbanas, integrando funções ambientais, hidráulicas, paisagísticas e sociais. Quando conectadas entre si, como parte de uma rede, essas infraestruturas podem promover a conservação de funções ecossistêmicas, gerando benefícios ao meio ambiente natural e urbano, assim como diversos ganhos sociais (São Paulo, 2022).

Mitigação (das mudanças climáticas): Uma intervenção humana para reduzir emissões ou aumentar os sumidouros de gases de efeito estufa (IPCC, 2024).

Mobilidade urbana: Característica das cidades que engloba elementos que promovem deslocamentos mais qualificados e eficientes, como transporte de alta capacidade, acessibilidade universal, prioridade ao transporte coletivo, terminais intermodais, redes cicloviárias, infraestrutura para bicicletas, comunicação eficiente com usuários, tarifas acessíveis e logística eficiente para transporte de cargas (São Paulo, 2016).

Mobilidade ativa/ modos ativos de deslocamento: Refere-se ao deslocamento de pessoas utilizando modos de transporte não motorizados, como caminhada e bicicleta, com o objetivo de promover um estilo de vida mais saudável e sustentável (ITDP, 2021).

Mudanças climáticas: Mudança do clima: direta ou indiretamente atribuída à atividade humana que altera a composição da atmosfera mundial, e se soma àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis (São Paulo, 2009).

Partes interessadas: Pessoas ou organizações que podem afetar, ser afetadas ou perceber-se afetadas por uma decisão ou atividade (ABNT, 2018).

Papéis de gênero: Atividades, tarefas e responsabilidades consideradas pela sociedade como “naturais” para mulheres ou homens (BID; CAF; UN-Habitat, 2020).

Parque de conservação: Parque dotado de atributos naturais relevantes, podendo ou não comportar estruturas e equipamentos voltados ao lazer e à fruição pública (SVMA, 2022).

Parque linear: Parque associado aos cursos d'água com a finalidade de conservar e recuperar atributos naturais, de prover serviços ecossistêmicos, de proteger e recuperar Áreas de Preservação Permanente, de promover a drenagem sustentável, de melhorar as condições de saneamento e de incentivar a fruição pública (SVMA, 2022).

Parque Natural Municipal: Unidade de Conservação de Proteção Integral criada pelo município, correspondente ao Parque Nacional, que tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, vedado o uso direto dos recursos naturais e

permitida a realização de pesquisas científicas, o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico (SVMA, 2022).

Parque de orla: Parque localizado na orla das represas Billings ou Guarapiranga com funções de preservação das margens, de controle da poluição difusa, de lazer, recreação e prática de esportes náuticos (PLANPAVEL) (São Paulo, 2022c).

Parque urbano: Parque localizado na zona urbana, com a finalidade de conservar e recuperar atributos naturais, de prover serviços ecossistêmicos e de oferecer equipamentos de lazer à população (SVMA, 2022).

Pessoas com deficiência: De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, e a Lei de nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a qual institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual Pessoas afetadas por catástrofes ou pessoas com deficiência ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (PNUD, 2018).

Resiliência: A capacidade de um sistema social ou ecológico de absorver distúrbios, mantendo a mesma estrutura básica e modos de funcionamento, a capacidade de auto-organização e a capacidade de se adaptar ao estresse e mudança, voltando rapidamente ao estado de normalidade (PNUD, 2018).

Áreas de risco ambiental: regiões habitadas com pessoas expostas a desastres naturais, como deslizamentos de terra e inundações (PLANPAVEL) (São Paulo, 2022c).

Saúde urbana: Efeito das condições urbanas no bem-estar físico, mental e social dos habitantes das cidades, incluindo aspectos ambientais, sociais e comportamentais que determinam a saúde (OMS, 2021).

Serviços ecossistêmicos: Processos ou funções ecológicas que possuem valor monetário ou não monetário para indivíduos ou para a sociedade em geral. Estes são frequentemente classificados como (1) serviços de suporte, como produtividade ou manutenção da biodiversidade, (2) serviços de provisão, como alimentos ou fibras, (3) serviços de regulação, como regulação do clima ou sequestro de carbono, e (4) serviços culturais, como turismo ou apreciação espiritual e estética (IPCC, 2024).

Soluções Baseadas na Natureza: ações para proteger, conservar, restaurar, utilizar de forma sustentável e gerir ecossistemas naturais ou modificados, que abordam de forma eficaz e adaptativa os desafios sociais, econômicos e ambientais, ao mesmo tempo em que proporcionam bem-estar humano, serviços ecossistêmicos, resiliência e benefícios para a biodiversidade (UNEA, 2022).

Vulnerabilidade: Conjunto de condições físicas, sociais, econômicas e ambientais que aumentam a suscetibilidade de indivíduos, comunidades ou sistemas aos impactos de desastres. Pessoas em situação de pobreza e insegurança são as mais afetadas, enfrentando maior risco de remoção, perda de subsistência e dificuldades na recuperação. (PNUD, 2018).

8. Anexos

Lista de figuras

Figura 1: Caminhada exploratória no Parque Anhanguera	10
Figura 2: Acesso Avaliação Específica de Espaços Públicos: Parques Municipais de São Paulo	13
Figura 3: Agente de coleta de dados fazendo a observação do Parque M'Boi Mirim para a Avaliação dos Espaços Públicos da Cidade	14
Figura 4: Diagrama com descrição das fases da Avaliação Específica de Espaços Públicos	15
Figura 5: Caminhada exploratória feita com meninas no Parque Nascentes do Ribeirão Colônia	16
Figura 6: Definição do perímetro da área de influência dos parques	17
Figura 7: Exemplo de representação dos setores no Parque Linear Sapé	18
Figura 8: Grupos alvos participantes da Avaliação Específica de Espaços Públicos	19
Figura 9: Painel feito junto às mulheres lideranças que participaram da capacitação "Metodologias ONU-Habitat"	20
Figura 10: Registro do Parque Água Vermelha.....	23
Figura 11: Susicleide Cardoso de Aguiar, 54 anos, moradora do bairro há 40 anos	24
Figura 12: Mapa de localização do Parque Linear Água Vermelha em relação ao município e região....	26
Figura 13: Imagem do Parque Linear Água Vermelha.	27
Figura 14: Pessoas participantes da oficina bloco a bloco no Parque Linear Água Vermelha realizando a caminhada exploratória.	28
Figura 15: Pessoa funcionária da PMSP no Parque Linear Água Vermelha utilizando a ferramenta de observação para a Avaliação.....	28
Figura 16: Oficina bloco a bloco do Parque Linear Água Vermelha.	29
Figura 17: Mapeamentos das partes interessadas do Parque Linear Água Vermelha, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação	30
Figura 18: Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória	31
Figura 19: Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação.....	32
Figura 20: Oficina no Parque Linear Água Vermelha.	33
Figura 21: Tipologia urbana predominante	34
Figura 22: Registros do Parque Linear Água Vermelha do dia da visita técnica com servidores	41
Figura 23: Localização dos setores do Parque Linear Água Vermelha	43
Figura 24: Área infantil e edificação sem uso (antigo vestiário) no parque	45
Figura 25: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque	49
Figura 26: Locais com descarte irregular de lixo identificado.....	51
Figura 27: Registros do Parque Linear Água Vermelha do dia da visita técnica com servidores	53
Figura 28: Medidas previstas no Caderno de Bacia Hidrográfica	54
Figura 29 – Estratégias de mitigação no Parque Linear da Integração Zilda Arns	58
Figura 30: Localização das estratégias sustentáveis adotadas	60
Figura 31: Vegetação significativa presente no parque.....	61
Figura 32: Localização dos equipamentos externos	62
Figura 33: Registros de coleta de dados no Parque Linear Água Vermelha	73
Figura 34: Mapa de recomendações do Parque Linear Água Vermelha	75
Figura 35: Registro do Parque Vila do Rodeio em dia de oficina bloco a bloco	76
Figura 36: Francisca Ribeiro da Silva, 56 anos, Líder comunitária e Presidente da Associação Beneficente Comunitária Bem Querer	77
Figura 37. Mapa de localização do Parque Vila do Rodeio em relação ao município e região.....	79
Figura 38. Imagem do Parque Vila do Rodeio.	80
Figura 39. Oficina aberta no Parque Vila do Rodeio	81
Figura 40. Oficina bloco a bloco do Parque Vila do Rodeio	81

Figura 41: Pessoas participantes da oficina bloco a bloco no Parque Vila do Rodeio realizando a caminhada exploratória	82
Figura 42. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Vila do Rodeio, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação.	83
Figura 43. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória	83
Figura 44. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação.....	84
Figura 45. Oficina no Parque Vila do Rodeio	86
Figura 46: Tipologia urbana predominante	87
Figura 47: Muros das residências visualizados do parque.....	87
Figura 48: Ilustração dos acessos do Parque Vila do Rodeio	94
Figura 49: Localização dos setores do Parque Vila do Rodeio	96
Figura 50: Registros do Parque Vila do Rodeio	98
Figura 51: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque	102
Figura 52: Locais com descarte irregular de lixo identificado.....	104
Figura 53: Registro do Parque Vila do Rodeio.....	106
Figura 54: Corredores verdes e ecológicos no entorno do parque.....	110
Figura 55: Estratégias de mitigação no Parque Vila do Rodeio	112
Figura 56: Vegetação significativa presente no parque.....	115
Figura 57: Localização do ponto de leitura no parque	116
Figura 58: Mapeamento das recomendações do Parque Vila do Rodeio.....	129
Figura 59: Registro do Parque Sapopemba.....	130
Figura 60: Fátima Magalhães, 56 anos, Professora e diretora do Instituto Magalhães	131
Figura 61: Mapa de localização do Parque Sapopemba em relação ao município e região	133
Figura 62: Imagem do Parque Sapopemba	134
Figura 63. Mulheres lideranças e Conselheiras na oficina bloco a bloco do Parque Sapopemba.	135
Figura 64. Oficina aberta no Parque Sapopemba.....	135
Figura 65. Oficina bloco a bloco do Parque Sapopemba	135
Figura 66: Oficina técnica com pessoas funcionárias da SVMA no Parque Sapopemba	136
Figura 67. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Sapopemba, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação	137
Figura 68. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória	138
Figura 69. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação.....	139
Figura 70: Oficina no Parque Sapopemba.....	140
Figura 71: Tipologia urbana predominante	141
Figura 72: Núcleos urbanos informais na área de influência.....	142
Figura 73: Ilustrações dos acessos do Parque Sapopemba	148
Figura 74: Localização dos setores do Parque Sapopemba	150
Figura 75: Oficina bloco a bloco no Parque Sapopemba	152
Figura 76: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque	156
Figura 77: Locais com descarte irregular de lixo identificado.....	158
Figura 78: Corredores verdes e ecológicos no entorno do parque.....	163
Figura 79 - Estratégias de mitigação no Parque Sapopemba	165
Figura 80: Localização das estratégias sustentáveis adotadas	167
Figura 81 - Vegetação significativa presente no parque	168
Figura 82: Mapeamento das recomendações do Parque Sapopemba	182
Figura 83: Registro do Parque da Integração Zilda Arns	183
Figura 84: Josefa Vieira dos Santos, 63 anos, fundadora do projeto Bike Favela e membra do Movimento Defesa de Favelas (MDF)	184

Figura 85: Mapa de localização do Parque Linear da Integração Zilda Arns em relação ao município e região	186
Figura 86. Imagem do Parque Linear da Integração Zilda Arns.	187
Figura 87. Imagem no Parque Linear da Integração Zilda Arns durante caminhada exploratória da Avaliação Específica.	188
Figura 88. Pessoas participantes da oficina bloco a bloco no Parque da Integração Zilda Arns realizando a caminhada exploratória.	189
Figura 89. Oficina técnica sobre o Parque Linear da Integração Zilda Arns.....	189
Figura 90. Oficina bloco a bloco do Parque Linear da Integração Zilda Arns	189
Figura 91. Mapeamentos das partes interessadas do Parque Linear da Integração Zilda Arns, a partir das perspectivas das lideranças femininas participantes da Avaliação	190
Figura 92. Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados pelo parque para as participantes da caminhada exploratória	191
Figura 93. Principais problemas e potencialidades expressados pelas pessoas participantes da Avaliação.....	192
Figura 94: Oficina no Parque Linear da Integração Zilda Arns	193
Figura 95: Tipologia urbana predominante	194
Figura 96: Núcleos urbanos informais na área de influência.....	195
Figura 97: Registros do Parque Linear da Integração Zilda Arns em visita técnica.	201
Figura 98: Localização dos setores do Parque Linear da Integração Zilda Arns	204
Figura 99: Registros do Parque Linear da Integração Zilda Arns em visita técnica.....	206
Figura 100: Distribuição dos elementos de insegurança e vigilância no parque	210
Figura 101: Locais com descarte irregular de lixo identificado.....	212
Figura 102: Corredores verdes e ecológicos no entorno do parque.....	217
Figura 103 – Estratégias de mitigação no Parque Linear da Integração Zilda Arns	221
Figura 104: Localização das estratégias sustentáveis adotadas	221
Figura 105: Vegetação significativa presente no parque.....	222
Figura 106: Registros de coleta de dados no Parque Linear da Integração Zilda Arns	236
Figura 107: Mapeamento das recomendações do Parque da Integração Zilda Arns	238
Figura 108: Relação da Avaliação Específica de Espaços Públicos com demais produtos do Viva o Verde SP	240

Lista de mapas

Mapa 1: Localização dos parques objeto da Avaliação Específica de Espaços Públicos.....	12
Mapa 2: Núcleos urbanos informais na área de influência.....	35
Mapa 3: Mapa de identificação dos modelos de deslocamento	39
Mapa 4: Registro de ocorrências desagregado por tipo.....	47
Mapa 5: Parques, áreas verdes e hidrografia principal da bacia hidrográfica do Córrego Jaguaré	55
Mapa 6: Potencial de conectividade do Parque Linear Sapé e entorno	Erro! Indicador não definido.
Mapa 7: Equipamentos públicos da área de influência do Parque Sapé.....	63

Lista de gráficos

Gráfico 1: Faixa etária das pessoas na área de influência.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 2: Perfil de cor ou raça das pessoas na área de influência.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 3: Perfil de renda das pessoas na área de influência	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 4: Faixa etária das pessoas que frequentam o parque.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 5: Gênero das pessoas que frequentam o parque	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 6: Perfil de cor ou raça das pessoas que frequentam o parque.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 7: meio de locomoção das pessoas usuárias do parque	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 8: Acessibilidade nos setores do parque	40
Gráfico 9: Percepção de acessibilidade pelo público	40
Gráfico : Caracterização da sinalização no parque.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 11: Nível de segurança percebido pela comunidade por gênero	48
Gráfico 12: Percepção da qualidade sonora pelas pessoas que frequentam o parque.....	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 13: Percepção da existência de descarte irregular de lixo pelas pessoas que frequentam o parque	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 14: Reputação do parque por gênero.....	Erro! Indicador não definido.

Quadro de Priorização

Parque	Subprefeitura	Categoria	Região	Nota	Prioridade
1. Zilda Arns Neumann	Sapopemba	Linear	Leste	1.78	Muito alta
2. Vila do Rodeio	Cidade Tiradentes	Urbano	Leste	2.08	Muito alta
3. Sapopemba	São Mateus	Urbano	Leste	2.14	Muito alta
4. Sete Campos	Cidade Ademar	Urbano	Sul	2.3	Muito alta
5. Córrego Água Vermelha	Itaim Paulista	Linear	Leste	2.47	Muito alta
6. Sape	Butantã	Linear	Centro-Oeste	2.5	Muito alta
7. Raposo Tavares	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	2.56	Muito alta
8. Bananal - Canivete	Freguesia do O/Brasilândia	Linear	Norte	2.61	Muito alta
9. Consciência Negra	Cidade Tiradentes	Urbano	Leste	2.64	Muito alta
10. Anhanguera	Perus	Urbano	Norte	2.68	Muito alta
11. Itaim Paulista	Itaim Paulista	Linear	Leste	2.69	Muito alta
12. Nascentes do Ribeirão Colônia	Parelheiros	Urbano	Sul	2.69	Muito alta
13. São Domingos	Pirituba/Jaraguá	Urbano	Norte	2.69	Muito alta
14. Santa Amélia	Itaim Paulista	Urbano	Leste	2.85	Muito alta
15. Guanhembu	Capela do Socorro	Urbano	Sul	2.9	Muito alta
16. Ciência	Cidade Tiradentes	Urbano	Leste	2.94	Muito alta
17. Jardim Prainha	Capela do Socorro	Orla	Sul	3.03	Muito alta
18. Nove de Julho	Capela do Socorro	Orla	Sul	3.03	Muito alta
19. Ribeirão Caulim	Parelheiros	Linear	Sul	3.03	Muito alta
20. Chico Mendes	Itaim Paulista	Urbano	Leste	3.04	Alta
21. Águas	Itaim Paulista	Urbano	Leste	3.11	Alta
22. Parelheiros	Parelheiros	Linear	Sul	3.16	Alta
23. Aricanduva - Viaduto Badra	Aricanduva/ Formosa/Carrão	Linear	Leste	3.18	Alta
24. Jardim da Conquista	São Mateus	Urbano	Leste	3.2	Alta
25. Jardim Sapopemba - Maria de Fátima Diniz Carrera	São Mateus	Urbano	Leste	3.22	Alta
26. Piqueri	Mooca	Urbano	Leste	3.27	Alta
27. Mongaguá - Francisco Menegolo	Ermelino Matarazzo	Linear	Leste	3.32	Alta
28. Luz	Sé	Urbano	Centro-Oeste	3.34	Alta
29. Guarapiranga	M'boi Mirim	Orla	Sul	3.35	Alta
30. Paraisópolis	Campo Limpo	Urbano	Sul	3.35	Alta
31. Ribeirão Oratório	Sapopemba	Linear	Leste	3.36	Alta
32. Ipiranguinha	Aricanduva/Formosa/Carrão	Linear	Leste	3.41	Alta
33. Tatuapé	Mooca	Urbano	Leste	3.49	Alta
34. M'boi Mirim	M'boi Mirim	Urbano	Sul	3.54	Alta
35. Casa Modernista	Vila Mariana	Urbano	Sul	3.62	Alta
36. Vila dos Remédios	Lapa	Urbano	Centro-Oeste	3.67	Alta
37. Jardim Herculano	M'boi Mirim	Urbano	Sul	3.7	Alta
38. Sena	Jaçanã/Tremembé	Urbano	Norte	3.7	Alta
39. Tiquatira - Engenheiro Werner Zulauf	Penha	Linear	Leste	3.7	Alta

40. Ribeirão Cocaia - Op. Brasil	Cap. do Socorro	Linear	Sul	3.76	Média
41. Castelo (Orla do Guarapiranga)	Capela do Socorro	Orla	Sul	3.82	Média
42. Raul Seixas	Itaquera	Urbano	Leste	3.88	Média
43. Lina e Paulo Raia	Jabaquara	Urbano	Sul	3.89	Média
44. Nabuco	Jabaquara	Urbano	Sul	3.93	Média
45. Tenente Siqueira Campos - Trianon	Pinheiros	Urbano	Centro-Oeste	4.03	Média
46. Eucaliptos	Campo Limpo	Urbano	Sul	4.07	Média
47. Central do Itaim Paulista	Itaim Paulista	Urbano	Leste	4.1	Média
48. Ribeirão Cocaia - Chácara Tanay	Capela do Socorro	Linear	Sul	4.18	Média
49. Guabirobeira	São Mateus	Urbano	Leste	4.21	Média
50. Jardim Felicidade	Pirituba/Jaraguá	Urbano	Norte	4.21	Média
51. Juliana de Carvalho Torres - COHAB Raposo Tavares	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	4.22	Média
52. Praia de São Paulo - Praia do Sol	Capela do Socorro	Orla	Sul	4.23	Média
53. São José	Capela do Socorro	Orla	Sul	4.26	Média
54. Ecológico Profa Lydia Natalizio Diogo	Vila Prudente	Urbano	Leste	4.27	Média
55. Rio Verde	Itaquera	Linear	Leste	4.33	Média
56. Previdência	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	4.34	Média
57. Cidade de Toronto	Pirituba/Jaraguá	Urbano	Norte	4.39	Baixa
58. Guaratiba	Guaianases	Linear	Leste	4.39	Baixa
59. Lions Club Tucuruvi	Santana/Tucuruvi	Urbano	Norte	4.43	Baixa
60. Santo Dias	Campo Limpo	Urbano	Sul	4.47	Baixa
61. Chácara do Jockey	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	4.49	Baixa
62. Trote/Vila Guilherme ²	Vila Maria/Vila Guilherme	Urbano	Norte	4.49	Baixa
63. Ermelino Matarazzo - Dom Paulo Evaristo Arns	Ermelino Matarazzo	Urbano	Leste	4.53	Baixa
64. Shangrilá	Capela do Socorro	Urbano	Sul	4.54	Baixa
65. Chuvisco - Paulo Nogueira Neto	Santo Amaro	Urbano	Sul	4.58	Baixa
66. Severo Gomes	Santo Amaro	Urbano	Sul	4.64	Baixa
67. Benemérito José Brás	Mooca	Urbano	Leste	4.65	Baixa
68. Cantinho do Céu - Adolfo Duarte 'Ferruge'	Capela do Socorro	Linear	Sul	4.76	Baixa
69. Prefeito Mário Covas	Pinheiros	Urbano	Centro-Oeste	4.76	Baixa
70. Zilda Natel	Lapa	Urbano	Centro-Oeste	4.83	Baixa
71. Barragem de Guarapiranga	Cap. do Socorro	Orla	Sul	4.84	Baixa
72. Córrego Rapadura	Aricanduva/ Formosa/Carrão	Linear	Leste	4.86	Baixa
73. Senhor do Vale	Pirituba/Jaraguá	Urbano	Norte	4.87	Baixa
74. Buenos Aires	Sé	Urbano	Centro-Oeste	4.91	Baixa
75. Nebulosas	São Mateus	Urbano	Leste	4.98	Baixa
76. Colina de São Francisco	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	4.99	Muito baixa

77. Cordeiro - Martin Luther King	Santo Amaro	Urbano	Sul	5.06	Muito baixa
78. Vila Silvia - Izaías Wingter	Penha	Urbano	Leste	5.12	Muito baixa
79. Carmo - Olavo Egídio Setubal	Itaquera	Urbano	Leste	5.16	Muito baixa
80. Chácara das Flores	Itaim Paulista	Urbano	Leste	5.17	Muito baixa
81. Luiz Carlos Prestes	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	5.18	Muito baixa
82. Augusta Pref. Bruno Covas	Sé	Urbano	Centro-Oeste	5.21	Muito baixa
83. Aclimação	Sé	Urbano	Centro-Oeste	5.27	Muito baixa
84. Nair Bello	Itaquera	Linear	Leste	5.29	Muito baixa
85. Jacinto Alberto	Pirituba/Jaraguá	Urbano	Norte	5.44	Muito baixa
86. Alto da Boa Vista	Santo Amaro	Urbano	Sul	5.5	Muito baixa
87. Burle Marx	Campo Limpo	Urbano	Sul	5.52	Muito baixa
88. Lajeado - Izaura Pereira de Souza Franzolin	Guaianases	Urbano	Leste	5.55	Muito baixa
89. Alfredo Volpi	Butantã	Urbano	Centro-Oeste	5.58	Muito baixa
90. Ibirapuera	Vila Mariana	Urbano	Sul	5.63	Muito baixa
91. Tenente Brigadeiro Roberto Faria Lima	Vila Maria/Vila Guilherme	Urbano	Norte	5.8	Muito baixa
92. Jardim das Perdizes	Lapa	Urbano	Centro-Oeste	6.2	Muito baixa
93. Independência	Ipiranga	Urbano	Sul	6.41	Muito baixa
94. Povo - Mário Pimenta Camargo	Pinheiros	Urbano	Centro-Oeste	6.87	Muito baixa

9 Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS -ABNT. **NBR ISO 31000:2018 - Gestão de riscos – Diretrizes**. Rio de Janeiro, 2018.

BRASIL. Ministério das Cidades. **O que são equipamentos públicos**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/desenvolvimento-regional/reabilitacaode-areas-urbanas/5-o-que-sao-equipamentos>. Publicado em 2023. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRASIL, M. **Prefeitura retoma obra de requalificação do Parque Linear Zilda Arns**. Reportagem. Central de Notícias da Rádio Everest. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://everestfm.com.br/index.php/2024/04/07/prefeitura-retoma-obra-de-requalificacao-do-parque-linear-zilda-arns/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2011.

CIOCOLETTO, A. et al. Urbanismo feminista: por una transformación radical **de los espacios de vida**. Primera edición ed. Barcelona: Virus, 2019.

FUNDAÇÃO ARON BIRMANN. **Indicador de Parques de São Paulo**. São Paulo, 2022.

GOOGLE EARTH. **Imagens do Parque Sapopemba e entorno, São Paulo – SP**. Versão Pro. Google, 2025. Acesso em: 29 jan. 2025.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2021. **Infraestrutura urbana**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

INSTITUTO DE POLÍTICAS DE TRANSPORTE E DESENVOLVIMENTO (ITDP). 2021. **Mobilidade ativa**. Disponível em: <https://www.itdp.org/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Glossary**. Disponível em: <https://apps.ipcc.ch/glossary/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

INSTITUTO SEMEIA. **Parques urbanos e mudanças climáticas: impactos do Parque del Retiro para o conforto térmico da população de Madrid**. São Paulo: Instituto Semeia, 2021. Disponível em: <https://semeia.org.br/biblioteca/publicacoes/parquessociedade-16-eixo-saude-e-bem-estar/>. Acesso em 08 mar. 2025.

INSTITUTO SEMEIA. **Diálogos com a Sociedade: contribuições para fomentar a participação social em projetos de parcerias em parques**. São Paulo: Instituto Semeia, 2023. Disponível em: <https://semeia.org.br/biblioteca/publicacoes/dialogos-com-a-sociedade/>. Acesso em 02 fev. 2025.

INSTITUTO SEMEIA. **Parques Tamanho Família: um novo olhar sobre a infância nas unidades de conservação do Brasil**. São Paulo: Instituto Semeia, 2021. Disponível em: <https://semeia.org.br/biblioteca/publicacoes/parques-tamanho-familia-um-novo-olhar-sobre-a-infancia-nas-unidades-de-conservacao-do-brasil-2021/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LABORATÓRIO ARQ.FUTURO DE CIDADES DO INSUPER; DIAGONAL. **Guia de Urbanismo Social**. São Paulo: BEÍ Editora, 2023. Disponível em: https://arquivos.insper.edu.br/2023/Urbanismosocial/Guia%20de%20Urbanismo%20Social_2023.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

MEA. **Avaliação do Ecossistema do Milênio - Ecossistemas e bem-estar humano: síntese.** Washington, D.C.: Island Press, 2005.

NAGANO, W.; GONÇALVES, F. A experiência paulistana em parques lineares. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 42, p. 99–115, 2018.

NAMBU, L.; BRAGA, M. **Parque Zilda Arns: a ciclovía como meio de transporte intermodal e como espaço de entretenimento.** Trabalho Final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS (ONU-HABITAT). **Relatório de Avaliação de Espaços Públicos da Cidade: Parques Municipais de São Paulo.** São Paulo: ONU-Habitat, 2024. Disponível em: <https://onu-habitat.org/index.php/avaliacao-de-espacos-publicos-da-cidade-parques-municipais-de-sao-paulo>. Acesso em: 14 jan. 2025.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Glossário ODS 11.** 2018. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/glossario-ods-11>. Acesso em: 15 jan. 2025.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2023.** São Paulo, 2023. Disponível em: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>. Acesso em: 23 jan. 2025

SAMPAPÉ!. **Índice técnico de caminhabilidade sensível a gênero.** [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: https://issuu.com/sampape/docs/20191025_curitiba_apostila_ic. Acesso em: 11 mar. 2024.

SAFER PARKS CONSORTIUM. Safer Parks: improving access for women and girls. Leeds: The Safer Parks Consortium, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.48785/100/151>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SÃO PAULO (Cidade). **GeoSampa: Mapa Digital da Cidade de São Paulo.** São Paulo, 2025. Disponível em: <https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx#>. Acesso em: 10 jan. 2025.

_____. Lei Municipal nº 16.402. Atualizada pela Lei nº 18.081 de 19 de janeiro de 2024. **Disciplina o parcelamento, o uso e a ocupação no Município de São Paulo – LPUOS.**

_____. Lei Municipal nº 14.933, de 5 de junho de 2009. **Institui a Política de Mudança do Clima no Município de São Paulo.**

_____. Lei Municipal nº 16.050, de 31 de julho de 2014. Atualizada pela Lei nº 17.968, de 20 de junho de 2023. **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo – PDE.**

_____. Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. **Relatório de Áreas Contaminadas e Reabilitadas no Município de São Paulo.** São Paulo, 2020.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Perímetros de Ação – São Mateus.** São Paulo, 2016a.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras Perímetros de Ação – Sapopemba.** São Paulo, 2016b.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. Coordenadoria de Planejamento Urbano. Assessoria de Imprensa e Comunicação. **Bairro Conectado: Terminal Sapopemba - Relatório da Etapa 02 do processo participativo.** São Paulo, 2025. Disponível em: https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2024/06/20241011_Sistematiza%C3%A7%C3%A3o_Etapa02_ProcessoParticipativo.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. Gestão Urbana. Projetos Urbanos. **Bairro Conectado: Terminal Sapopemba**. São Paulo, s/d. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/projetos-urbanos/bairro-conectado-terminal-sapopemba/>. Acesso em: 23 jan. 2025

_____. Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras / Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (Organizador). **Caderno de bacia hidrográfica: bacia do córrego Aricanduva**. 2ª edição - São Paulo: SIURB/FCTH, 2022a.

_____. Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras / Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (Organizador). **Caderno de bacia hidrográfica: bacia do córrego Itaquera**. São Paulo: SIURB/FCTH, 2022b.

_____. Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras / Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (Organizador). **Caderno de bacia hidrográfica: bacia do córrego da Mooca**. São Paulo: SIURB/FCTH, 2024.

_____. Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras / Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (Organizador). **Caderno de bacia hidrográfica: bacias dos ribeirões Água Vermelha e Lajeado e do córrego São Martinho**. São Paulo: SIURB/FCTH, 2024.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente / Coordenação de Planejamento Ambiental. **Índice BIOSAMPA 2022: 23 indicadores da biodiversidade paulistana, serviços ecossistêmicos e governança relacionada**. Coordenação: SANTOS, Rodrigo Martins dos; OLIVEIRA, Patricia do Prado. São Paulo: SVMA, 2023.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente / Coordenação de Planejamento Ambiental. **Índice BIOSAMPA 2023: 28 indicadores da biodiversidade paulistana, serviços ecossistêmicos e governança relacionada**. Coordenação: SANTOS, Rodrigo Martins dos; OLIVEIRA, Patricia do Prado; SAMPAIO, Mateus de Almeida Prado. São Paulo: SVMA, 2024a.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Guia dos parques municipais de São Paulo - Flora e vegetação**. SVMA, 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/arquivos/FloraVegeta%C3%A7ao.pdf . Acesso em 10 jan. 2025

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo**. SVMA, 2024. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/documents/d/meio_ambiente/inventario-da-fauna-silvestre-sp-2024-xlsx. Acesso em 30 jan. 2025

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Linear Água Vermelha**. SVMA, 2024b. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente/w/parques/regiao_leste/46666. Acesso em 29 jan. 2025.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Linear da Integração Zilda Arns**. SVMA, 2024c. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente/w/parques/regiao_leste/143068. Acesso em 23 jan. 2025.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Nosso Parque Zilda Arns (Linear da Integração)**. São Paulo, Ano 1, n. 6, 2014. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/Zilda%20Arns%20-%20fevereiro.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Plano Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (PLANPAVEL)**. São Paulo: SVMA, 2022c.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Sapopemba**. SVMA, 2024d. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente/w/parques/regiao_leste/142855. Acesso em 29 jan. 2025.

_____. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Vila do Rodeio**. SVMA, 2024e. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente/w/parques/regiao_leste/5775. Acesso em 29 jan. 2025.

_____. Subprefeitura São Mateus. **Parque da Integração Zilda Arns é inaugurado**. São Paulo, 2010. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/sao_mateus/w/noticias/6575#:~:text=Parque%20da%20Integra%C3%A7%C3%A3o%20Zilda%20Arns%20%C3%A9%20uma%20homenagem%20justa%20a,harmonia%20com%20a%20natureza%E2%80%9D%20afirma. Acesso em: 23 jan. 2025.

THE WORLD BANK. **Poverty and Inequality Plataform- PIP**. Disponível em: <https://pip.worldbank.org/home> . Acesso em 02 fev 2025.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. **Nature-based solutions for supporting sustainable development – Resolution 5/5**. Nairobi: 2022. Disponível em: <https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/39864/NATURE-BASED%20SOLUTIONS%20FOR%20SUPPORTING%20SUSTAINABLE%20DEVELOPMENT.%20English.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 jan. 2024

UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENT PROGRAMME (UN-HABITAT). **Her City: A Guide for Cities to Sustainable and Inclusive Urban Planning and Design together with Girls**. 2022. Disponível em: https://unhabitat.org/sites/default/files/2021/03/02032021_her_city_publication_low.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

_____. **Public Space Site-Specific Assessment: Guidelines to Achieve Quality Public Spaces at Neighbourhood Level**. 2020. Disponível em: [Public Space Site-Specific Assessment: Guidelines to Achieve Quality Public Spaces at Neighbourhood Level | UN-Habitat](#). Acesso em: 15 jan. 2025.

_____. **The Block by Block Playbook: Using Minecraft as a participatory design tool in urban design and governance**. Nairóbi: UN-Habitat, 2021. 94 p. Disponível em: <https://unhabitat.org/the-block-by-block-playbook-using-minecraft-as-a-participatory-design-tool-in-urban-design-and>. Acesso em: 18 jun. 2024.

VOLPE-FILIK, A. *et al*. Criação de parques urbanos em aterros sanitários desativados, estudo do Aterro Sapopemba, São Paulo, SP. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. 2, n. 3, p. 80-87, 2007.